



**Aloisio Said Bacelar**

**Por um Aconselhamento Pastoral Integral a partir do  
diálogo entre Teologia e demais Ciências Humanas**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Teologia.

Orientador: Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro  
Maio de 2018



**Aloisio Said Bacelar**

**Por um aconselhamento pastoral integral a partir  
do diálogo entre teologia e demais Ciências  
humanas**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Abimar Oliveira de Moraes**  
Orientador  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Joel Portella Amado**  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana**  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Simone de Oliveira Goncalves Bondarczuk**  
UFRJ

**Prof. Francisco de Assis Souza dos Santos**  
Faculdade Unida de Vitória

**Prof<sup>a</sup>. Monah Winograd**  
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro  
de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 26 de julho de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Aloisio Said Bacelar**

Graduou-se em teologia na FLAM (Faculdade Latino-Americana) em 1989. Cursou mestrado profissional em Ciências da Religião na Faculdade UNIDA- ES, em 2014. É professor visitante de Aconselhamento Pastoral na FLAM-Arujá- SP.

#### Ficha Catalográfica

Bacelar, Aloisio Said

Por um aconselhamento pastoral integral a partir do diálogo entre teologia e demais ciências humanas / Aloisio Said Bacelar; orientador: Abimar Oliveira de Moraes – 2018.

235 f.; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Aconselhamento pastoral. 3. Conselheiros e conselheiras. 4. Sofrimento. 5. Teologia. 6. Ciências humanas. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

A minha família amada, pelo  
encorajamento decisivo para a  
realização deste trabalho.

## Agradecimentos

Ao meu orientador Professor Abimar Oliveira de Moraes pelo estímulo, orientações e amizade ao longo desta rica e desafiadora jornada.

A todos os professores do departamento de teologia da PUC-Rio, pelos preciosos ensinamentos, sem os quais este trabalho não seria realizado.

Ao Sérgio Albuquerque, secretário da pós-graduação do departamento de teologia, pelo atendimento sempre solícito e eficiente.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelo auxílio e incentivo à pesquisa.

Aos professores doutores que compõe a banca examinadora

Às professoras Dra Aline Dib e Andréa Peixoto pelo companheirismo e generosidade.

Ao conselho da Igreja Presbiteriana da Barra, juntamente com toda Igreja, pelo apoio e solidariedade.

A todos os familiares e amigos que das mais variadas formas me auxiliaram na realização deste sonho.

À minha querida mãe que sempre envidou esforços para promover meu desenvolvimento.

## Resumo

Bacelar, Aloisio Said; Moraes, Abimar Oliveira de. **Por um aconselhamento pastoral integral a partir do diálogo entre teologia e demais Ciências humanas**, 2018. 235p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A tese trata do aconselhamento pastoral em perspectiva integral. Dessa forma, apresenta tanto uma breve análise dos traços característicos deste tempo e suas influências sobre os sujeitos humanos, com ênfase nos aspectos que tendem a desestabilizar a experiência existencial, quanto discorre sobre as mais destacadas escolas de aconselhamento pastoral, suas intuições e estratégias de acolhimento das inquietudes e angústias dos que demandam apoio e cuidado. Evidencia a relevância da elaboração de novo modelo de aconselhamento capaz de lidar com a intrincada gramática do sofrimento em nossos dias. Para tanto, destaca a necessidade vital da renovação de esforços que visem superar os dualismos que empobrecem as ações curativas da Igreja Cristã, bem como ultrapassar as barreiras que impedem a enriquecedora troca conversacional entre os diversos saberes e entre as variadas comunidades de fé. A pesquisa aponta ainda para Cristo, maravilhoso conselheiro, como modelo por excelência da atividade e ação dos eclesianos e das eclesianas engajados na promoção do bem-estar integral da família humana. Além disso, reflete sobre a tradição do povo de Deus e a natureza terapêutica da igreja como fontes de inspiração e motivação para a prática do cuidado interpessoal. Conclui que o aconselhamento pastoral integral, por consequência, dialógico, ecumênico, honestamente aberto para interações francas, respeitosas e enriquecedoras, consiste na expressão mais eficaz e abrangente dessa modalidade de ajuda oferecida pela comunidade Cristã. Este trabalho busca dar contribuição singular para o desenvolvimento deste modelo de aconselhamento.

## Palavras-chave

Aconselhamento pastoral; conselheiros e conselheiras; sofrimento; teologia; ciências humanas.

## Abstract

Bacelar, Aloisio Said; Moraes, Abimar Oliveira de (Advisor). **For a rounded pastoral counselling arising from the dialogue among Theology and other Humanities**, Rio de Janeiro, 2018. 235p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The thesis deals with pastoral counselling from a rounded perspective. Therefore it presents both a brief analysis of the characteristic traces of this time and its influences on human subjects, with emphasis on the aspects that tend to destabilize the existential experience, while it describes the most outstanding schools of pastoral counselling, its intuitions and strategies to accommodate the concerns and anxieties of those who require support and care. It shows the relevance of the elaboration of a new model of counselling, capable of dealing with the intricate grammar of suffering in our days. With views to this, we underline the vital necessity of renewing efforts to surpass the dualisms that impoverish the healing actions of the Christian Church, as well as overcoming the barriers that hinder the enriching conversational exchange among the different fields of knowledge and diverse faith communities. The research still points to Christ, marvelous counsellor, as a model par excellence for church members' activity and action for the full well-being of the human family. In addition to this, it reflects on the tradition of God's people and the therapeutic nature of the church as sources of inspiration and motivation for the practice of interpersonal care. We conclude that rounded pastoral counselling, and consequently, dialogical, ecumenical, honestly open to frank, respectful and enriching interactions, consists in the most effective and encompassing expression of this type of help offered by the Christian community. This paper strives to give a simple contribution to the development of this counselling model.

## Keywords

Pastoral counselling; counsellors; suffering; theology; humanities.

## Sumário

<b>1. Introdução</b> .....	<b>10</b>
<b>2. A realidade psicossocial e os modelos de aconselhamento pastoral</b> .....	<b>15</b>
2.1 Traços constitutivos de nosso <i>ethos</i> cultural .....	15
2.1.1. Incertezas .....	17
2.1.2. Vacuidade .....	24
2.1.3. Pobreza .....	32
2.2. Aconselhamento pastoral e seus principais modelos de exclusão e assimilação.....	42
2.2.1. O modelo nouatéico .....	51
2.2.2. Jay Adams.....	52
2.2.3. MacArthur .....	60
2.2.4. O Modelo integracionista .....	66
2.2.5. Howard Clinebell .....	69
2.2.6. Gary Collins .....	74
2.2.7. Desafios para o aconselhamento integral .....	80
<b>3. O aconselhamento pastoral em sua relação com o diálogo-confronto entre teologia e ciência e a realidade humana</b> .....	<b>85</b>
3.1 O aconselhamento pastoral perante o desafio da superação do dualismo ciência e teologia .....	85
3.2. Noções sumarizadas de teologia, religião e ciência.....	95
3.2.1. Teologia.....	95
3.2.2. Religião .....	98
3.2.3. Ciência .....	101
3.3. Religião, teologia e ciências: afastamento que demanda reflexão ...	104
3.4. Teologia e Ciências: comunicação e mútuo enriquecimento.....	110
3.5. O aconselhamento pastoral, algumas dimensões do humano e a problemática do dualismo antropológico .....	118



3.5.1.O aconselhamento pastoral e o ser humano.....	119
3.5.2.O enigma ontológico e a dinâmica da intersignificação.....	122
3.6.Desvelando o humano: contribuições sumarizadas da natureza humana à luz das reflexões freudiana, rogeriana e junguiana .....	128
3.6.1.O ser humano na perspectiva freudiana.....	129
3.6.2.O ser humano na perspectiva rogeriana .....	133
3.6.3.O ser humano na perspectiva junguiana.....	137
3.7.O ser humano e a liberdade .....	143
3.8.O aconselhamento pastoral e o dualismo antropológico.....	146
<b>4. O aconselhamento de natureza integral: a comunidade dos batizados expressando o cuidado de Deus .....</b>	<b>154</b>
4.1.O cuidado como um dos aspectos essenciais da comunidade cristã .....	154
4.1.2.Eclesialidade terapêutica.....	158
4.1.3.Espiritualidade engajada, espiritualidade solidária.....	165
4.1.4.Recursos terapêuticos das comunidades cristãs .....	169
4.2. Jesus, o modelo para o aconselhamento pastoral integral .....	175
4.2.1.A natureza agápica do aconselhamento pastoral integral .....	184
4.2.2.Ética do cuidado.....	191
4.3.Dimensões do aconselhamento pastoral de natureza integral .....	198
4.3.1.Dimensão ecumênica .....	199
4.3.2.Dimensão interdisciplinar .....	206
<b>5.Conclusão.....</b>	<b>215</b>
<b>6.Referências bibliográficas .....</b>	<b>220</b>

# 1

## Introdução

O interesse pela temática desta tese surgiu a partir de longos anos de trabalho no campo do aconselhamento pastoral tanto em grandes centros urbanos quanto em regiões interioranas. O contato com homens e mulheres sofrentes das mais diversas classes sociais e segmentos religiosos distintos impulsionou o desenvolvimento desta pesquisa e sugeriu a necessidade do aprofundamento da reflexão acerca da ação dos conselheiros e conselheiras pastorais na esfera do sofrimento humano e suas inquietudes.

Além disso, tal convívio ressaltou a importância de melhor discernimento relativo à atividade destes cuidadores face ao desafio da construção de abordagens mais amplas e eficientes de acolhimento amoroso daqueles que se encontram confusos e abatidos em função dos rigores da vida cotidiana.

De fato, este assunto não pode ser esquecido por aqueles que compõem o seguimento de Jesus de Nazaré, comprometidos, portanto, com a promoção integral do bem-estar da totalidade dos membros da família humana.

Num momento histórico em que inúmeros fatores militam constantemente contra a plena manifestação da vida, o aconselhamento pastoral, com suas pressuposições referentes à experiência existencial, metodologias e, sobretudo, por meio da ação dos conselheiros e conselheiras – representantes tanto do amor de Deus quanto dos valores compassivos das comunidades de fé –, mantém-se como importante abordagem de cuidado inter-humano.

Na relação com todos os seguimentos sociais, os eclesianos são muitas vezes procurados por indivíduos atônitos, desesperançados; alguns, inclusive, tomados pela convicção de que a vida é uma experiência sem sentido e desalentadora. São pessoas que demandam solidariedade ativa.

Em que pese todos os relevantes e importantes esforços feitos até os nossos dias por parte de tantos pesquisadores e pesquisadoras, conselheiros e conselheiras, irmãos e irmãs em Cristo, como, por exemplo, no âmbito do Departamento de Teologia desta Instituição - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, objetivando desenvolver e fortalecer o campo do aconselhamento pastoral – dignos de nossa profunda gratidão –, as exigências de nosso tempo e

as múltiplas adversidades que tendem a desestabilizar o eu interior, tornam esse momento propício para uma reflexão sobre a natureza e possibilidades dessa prática de ajuda.

Neste contexto, percebemos a urgente necessidade de compreender melhor, mais profunda e amplamente as causas do sofrimento humano e identificar as formas mais eficientes de enfrentá-las, num movimento decisivo de acolhimento dessas demandas a partir da utilização de outras intuições e abordagens de apaziguamento da alma e suas angústias.

Que prática de aconselhamento pode contribuir de modo mais eficaz para o desfazimento das amarras que bloqueiam o pleno florescimento da vida, respondendo, desta forma, aos desafios de nossos dias? A recepção por parte dos conselheiros e conselheiras de intuições, e metodologias de outras áreas de conhecimento desfigura a prática do aconselhamento pastoral? A dimensão intraeclesial é a única na qual devem trabalhar conselheiros e conselheiras? Quais barreiras precisam ser superadas a fim de que a atuação terapêutica da Comunidade de Cristo torne-se mais ampla e profunda nestes dias de subjetividades sombrias? Tais inquietações nos desafiaram a fazer essa jornada de reflexão e aprendizagem.

Do ponto de vista teológico e à luz da salvação cristã, é absolutamente essencial refletir sobre o ser humano, numa perspectiva integrada, e as formas mais adequadas de acolhimento de suas lutas e inquietudes, na medida em que este ocupar lugar preponderante no campo reflexivo da teologia.

Do ponto de vista pastoral, a importância da temática deste trabalho é evidente. É imprescindível viver e pensar a fé cristã a partir das preocupações deste tempo. Salta aos olhos a necessidade do desenvolvimento de uma prática de cuidado integral do ser humano que esteja em sintonia com as aflições que caracterizam o momento histórico atual. O amor e cuidado de Deus se concretizam na história.

Esta pesquisa tem por objetivo principal demonstrar que, conquanto existam poderosos obstáculos no caminho da formulação de uma abordagem mais efetiva e integral do aconselhamento pastoral, a complexidade destes dias e as desconcertantes mazelas que acometem o ser humano requerem de todos os conselheiros e conselheiras renovados esforços na construção de caminhos que

oportunizem o enriquecimento da ação da Igreja em sua missão de atuar na cena contemporânea como Comunidade curativa.

Quanto à metodologia utilizada na tese, seguimos o procedimento da pesquisa bibliográfica e estruturamos o presente trabalho em três capítulos, dos quais o primeiro descreverá a realidade na qual estão inseridos conselheiro e aconselhando. O aconselhamento pastoral está associado ao contexto em que vivem e atuam seus principais atores. É importante, dessa forma, a compreensão dos traços culturais de hoje, tais como, as mudanças céleres e constantes, os desertos do abandono a si mesmo, às ameaças a vida, as incertezas e insegurança, e ainda a pobreza com suas consequências nefastas na esfera da vida humana.

Descreverá também algumas das principais escolas de exclusão e assimilação no campo do aconselhamento pastoral, a partir da apresentação de seus principais teóricos com seus pressupostos; basicamente teológicos, antropológicos, e psicológicos, suas metodologias e abordagens e os conflitos observados entre essas variadas formas de aconselhamento. Por fim, neste primeiro capítulo, serão abordadas as profundas divergências entre as escolas de aconselhamento relativas à utilização dos recursos provindos das ciências humanas, principalmente das psicologias, que se não forem superadas, comprometerão tanto a abrangência quanto à eficácia do trabalho daqueles que atuam na cena contemporânea como representantes do amor de Deus revelado plena e perfeitamente em Cristo.

O segundo capítulo analisará o aconselhamento pastoral em sua relação com o amplo campo do diálogo-confronto entre teologia e ciências humanas, marcadamente as psicológicas e sociais. Perante o desafio de acolher homens e mulheres em estado de sofrimento e abatimento, inúmeros conselheiros e conselheiras pastorais valem-se de pressupostos e metodologias de outras áreas de conhecimento, na esfera do trabalho que realizam. Todavia, outros há que rejeitam incisivamente tal prática. Estes são aqueles que defendem tão somente a utilização de meios considerados bíblicos para a prática do aconselhamento pastoral, e desprezam quaisquer iniciativas de diálogo com outros saberes.

Essa postura refratária à integração entre religião e ciência, precipuamente o cristianismo, é notória, está distante de encerrar-se e perpassa a área do aconselhamento pastoral. No entanto, isto não impede a necessidade de restabelecer as relações entre esses campos, colocando-os todos a serviço dos

sujeitos humanos. Trata-se aqui de superar os fundamentalismos bíblico e também científico, capazes de bloquear o caminho do enriquecimento mútuo.

Na sequência, analisará introdutoriamente o fenômeno humano, figura central na dinâmica do aconselhamento, à luz tanto da teologia, em primeiro lugar, assim como, na perspectiva de outros saberes, ocupados com o desvelamento do ser. Com efeito, tanto Deus quanto os seres humanos estão no campo reflexivo da teologia. Logo, esta ocupa lugar específico e de enorme relevância entre as diversas disciplinas que se ocupam do estudo destes assuntos. Diante da pluralidade de discursos sobre o ser humano, a teologia procura explicitar a palavra cristã relativa aos membros da família humana.

A parte final do capítulo ressaltará a necessidade do enfrentamento do dualismo antropológico, de fato, uma barreira para ações efetivas de entreatada. A teologia cristã enfatiza o conceito de unidade fundamental do ser humano. A ausência dessa percepção por parte dos conselheiros e conselheiras produzirá uma prática de aconselhamento compartimentalizada, portanto, desconectada de uma ação que contemple o indivíduo como um todo.

O terceiro e último capítulo refletirá acerca da natureza curativa da comunidade dos batizados e a respeito do ministério de Jesus Cristo como fontes de inspiração e modelo para o trabalho daqueles que militam no campo da compaixão inter-humana. O cuidado mútuo, a atenção ao próximo, particularmente, aos negligenciados pela sociedade, fazem parte da tradição do povo de Deus, e apresentam-se como elementos de iluminação do trabalho dos conselheiros pastorais. Uma das especificidades ontológicas da Igreja consiste em sua vocação para ser reduto de promoção e fortalecimento da vida.

De igual modo, a práxis de Jesus, fundamento decisivo para uma eclesialidade terapêutica, oferece diretriz e motivação para os cristãos no exercício do aconselhamento. As ações agápicas de Cristo, caracterizadas pela aceitação sem preconceitos, pelo amplo atendimento das demandas humanas e pela disposição ativa de auxiliar pessoas em sofrimento, comunicam a ideia de um Deus presente, solidário, que atua na história em favor da humanidade. Além disso, ressaltam diretrizes éticas questionadoras do egoísmo e do individualismo exacerbado.

Em meio a esses conceitos, são destacadas duas dimensões alimentadoras e identificadoras do aconselhamento pastoral de natureza integral, quais sejam:

interdisciplinar e ecumênica. Ambas podem ser descritas como pistas para a construção de um caminho de enriquecimento do trabalho dos conselheiros pastorais, uma verdadeira jornada rumo ao desenvolvimento deste ministério.

Quanto às citações, pode-se dizer que, eventualmente, considerou-se importante fazer alguns registros mais longos com o objetivo de explicitar com clareza as opiniões e posicionamentos dos autores e teóricos pesquisados. Em relação às notas de rodapé, há algumas mais extensas. São dados e informações que foram avaliados como dignos de registro tanto pelo fato de contribuírem para o esclarecimento de alguma controvérsia ou ponto obscuro quanto para a indicação de pesquisas posteriores.

Este trabalho está voltado para a investigação dos caminhos que precisam ser percorridos para a superação dos bloqueios que enfraquecem a ação dos conselheiros e conselheiras pastorais. Os modelos noutético e integracionista, apenas para citar dois dos mais conhecidos, não se mostraram totalmente eficazes para lidar com a complexidade das demandas humanas, assim novo passo precisa ser dado.

No entanto, sabe-se que esse assunto é demasiadamente extenso e diversificado para ser esgotado num só estudo, porque é atravessado por inúmeras questões, tais como, as divergências entre as escolas de aconselhamento pastoral, o diálogo entre fé e ciência, a superação dos dualismos, a natureza da Igreja Cristã e a ética de Cristo, entre outros.

Em vista disso, o que se encontra aqui é tão somente um pequeno esforço que visa comprovar que o intercâmbio entre os saberes e a solidariedade entre as diferentes denominações eclesiais, na esfera do cuidado, particularmente do aconselhamento pastoral, resultam numa prática mais efetiva e integral desta atividade e, por conseguinte, levam a resultados mais eficientes no trabalho de promover o bem-estar de homens e mulheres, que todos os dias lidam com os duros desafios da vida moderna. Esta tese almeja ainda, constituir-se em uma ferramenta singela, todavia, útil para conselheiros e conselheiras que se sentem desafiados e apaixonados pelo exercício do aconselhamento pastoral, e que, portanto, buscam tanto compreender um pouco melhor o campo reflexivo do aconselhamento pastoral quanto aperfeiçoar a sua prática do cuidado integral, nas dimensões do amor e da compaixão presentes na vida do querido mestre de Nazaré.

## 2

### A realidade psicossocial e os modelos de aconselhamento pastoral

Este primeiro capítulo aborda, em linhas modestas, alguns dos traços marcantes que modelam o contexto no qual vivem os seres humanos e, por conseguinte, atuam os conselheiros e as conselheiras pastorais<sup>1</sup>. As inúmeras culturas entrecruzadas, nas quais trabalham esses cuidadores, apontam para as mais variadas características deste tempo e, ainda, para a forma como repercutem sobre os indivíduos, aturdindo, desestabilizando e enfraquecendo a experiência humana. A partir dessa percepção, este capítulo também apresentará algumas das respostas oferecidas pelo aconselhamento pastoral a essa realidade no esforço decisivo, solidário e amoroso de minimizar o sofrimento humano.

#### 2.1.

##### Traços constitutivos de nosso *ethos* cultural

As características deste momento histórico, tais como, fluidez, relativização, provisoriidade, secularização, consumismo, egocentrismo, hedonismo, dentre outras, influem sobre o indivíduo gerando diversos tipos de padecimento - haja vista o aumento alarmante de pessoas abatidas e deprimidas. Os cidadãos contemporâneos estão atônitos, perplexos com as inúmeras enfermidades físicas e psicológicas com as quais são acometidos<sup>2</sup>.

A certeza e a dúvida, o relativismo e o dogmatismo, precipuamente o fundamentalismo, compõe a cultura em que se encontram inseridos os membros de nossas sociedades e parecem influir de modo constante e decisivo sobre as diversas dimensões constitutivas dos seres humanos<sup>3</sup>.

Nos grandes centros urbanos, bairros e comunidades, pessoas enclausuram-se nas casas e condomínios em busca de segurança, enquanto nas ruas convivem com a violência no trânsito, áreas de exclusão social e metrópoles densamente povoadas. Interpelado pelas lutas cotidianas e incertezas, o ser humano encontra-

---

<sup>1</sup> Com o intuito de utilizar uma linguagem inclusiva. Qual seja, que privilegie ambos os sexos, serão usadas, às vezes, as formas masculina e feminina – conselheiro e conselheira. De igual modo, convém esclarecer que a utilização do termo “homem” ocorrerá, via de regra, para designar o ser humano, homens e mulheres sem nenhuma distinção.

<sup>2</sup> Cf. KOHL, M. W; BARRO, A. C. ; SILVÉRIO; L. G. Introdução. In KOHL, M. W. ; BARRO, A. C. (Org). **Aconselhamento transformador**, p. 10.

<sup>3</sup> PASSOS, J. D. **Teologia e outros saberes**: uma introdução ao pensamento teológico, p. 17.

se num cenário que lhe causa insegurança e perplexidade. De acordo com Tournier: “Não é preciso ser muito perspicaz para perceber que o mundo moderno não goza de boa saúde. Seus males são inumeráveis; ele está em convulsões”<sup>4</sup>.

Nossas cidades, por exemplo, fortemente atingidas pelo fenômeno da globalização<sup>5</sup>, transformaram-se em redutos de conflitos e contradições que desestabilizam a experiência humana. Zygmunt Bauman oferece-nos uma leitura perspicaz da situação em que se encontram as nossas áreas urbanizadas bem como outras localidades.

Ele analisa os traços do mundo e das cidades em que vivemos e chega à seguinte conclusão:

Em poucas palavras: as cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização. Os cidadãos e aqueles que foram eleitos como seus representantes estão diante de uma tarefa que não podem nem sonhar em resolver: a tarefa de encontrar soluções para as contradições globais<sup>6</sup>.

Tal descrição é relevante porque sublinha o fato de que as culturas, notadamente no mundo ocidental, estão interligadas num processo contínuo de interferência mútua.

Cabe ressaltar que o teórico polonês (conquanto preserve um tom pessimista na linha de suas reflexões) também assinala a realidade positiva dos espaços em que habitamos, afirmando que: “é nos lugares que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado”<sup>7</sup>.

Este cenário requer dos conselheiros pastorais um profundo conhecimento dos dias que vivemos e amplo preparo para enfrentar o quadro atual de padecimentos que perturbam os membros das comunidades humanas. Jorge Maldonado, sociólogo e terapeuta, ao destacar cinco desafios para os conselheiros pastorais e terapeutas familiares no século XXI, põe em evidência a necessidade

---

<sup>4</sup> TOURNIER, P., **Mitos e neuroses**: desarmonia da vida moderna, p. 12.

<sup>5</sup> O Termo refere-se ao processo de integração internacional econômico, político, multicultural, social. O fenômeno da globalização continua suscitando debates e controvérsias sobre sua origem, malefícios e benefícios. Hoje também se discute a “desocidentalização” da globalização na medida em que alguns países do oriente e a China ocupam um lugar de protagonismo neste processo de aproximação entre as nações. Para melhor entendimento do surgimento desse fenômeno e de sua evolução, é interessante a leitura do livro de Mario Murteira, economista português. Cf. MURTEIRA, M. **O que é globalização**.

<sup>6</sup> BAUMAN, Z., **Confiança e medo na cidade**, p. 32.

<sup>7</sup> Ibid., p.35.



do conselheiro de “conhecer o novo clima mundial, no qual se sente chamado a trabalhar”<sup>8</sup>.

O aconselhamento pastoral consiste em uma atividade indissociavelmente ligada ao contexto no qual seus principais atores estão inseridos. Conselheiro e aconselhando empreendem uma jornada – caracterizada pela troca conversacional e pelo cuidado –, tendo como cenário o período histórico em que se situam. Dessa forma, cabe ao conselheiro pastoral, na compreensão de Bessa, “estar atento às demandas que se levantam em cada época e aos temores que se apresentam”<sup>9</sup>.

Salta aos olhos a importância do desenvolvimento de uma prática de aconselhamento pastoral que leve em consideração as angústias dos dias atuais. Por certo, a história é o palco do cuidado inter-humano, como indica Satlher-Rosa:

Os processos envolvidos na vida humana criam a pauta que motiva agentes pastorais a facilitar, por meio de ações de cuidado, o crescimento humano na busca da vida plena. Os dramas e alegrias, as contradições próprias de seres finitos, a civilização marcada por grandes realizações da inteligência humana e, simultaneamente, por violências, guerras e aviltantes desníveis sociais desenham os grandes traços do contexto em que atuam homens e mulheres que tentam caminhar nas pegadas do Pastor Maior, Jesus Cristo<sup>10</sup>.

Inúmeras são as marcas distintivas de nosso tempo, que caracterizam e influenciam a experiência humana. Todavia, algumas são descritas por sociólogos e demais clínicos da cultura como mais assertivas e determinantes, causando assim, grande impacto na busca pelo bem viver e no correspondente exercício do aconselhamento pastoral.

### 2.1.1. Incertezas

Mudanças constantes em todas as áreas da vida perturbam o estado interior do ser humano e contribuem para a formação de uma cultura de incertezas e desassossego. Isto faz de nosso tempo o lugar, por excelência, do efêmero, provisório, transitório, portanto, daquilo que é incerto, impreciso, indecível,

<sup>8</sup> MALDONADO, apud ROSELI, M. K. O., Cuidando do ser na família: reflexões. In HOCH, L. C.; Noé, S. V. (Org). **Comunidade Terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**, p. 30.

<sup>9</sup> BESSA, D. B., **Aconselhamento pastoral: desafio para a igreja local**. In: Via teológica.v.14, n.28, p.62.

<sup>10</sup>SATHLER- ROSA, R., **Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica contemporânea**, p.18.

duvidoso. Nossa cultura está diferente, as dramáticas e céleres modificações que ocorreram na sociedade tocam dimensões profundas da vida humana e seguem causando transformações, como afirma Castilho:

Vivemos em uma sociedade que está sempre em processo de mudança, uma mudança constante, rápida, acelerada e profunda. Nossa sociedade está mudando com uma velocidade que nos surpreende a cada dia e com frequência nos desconcerta. E o que chama mais atenção não é o fato de que cada dia nos inteiramos de novas descobertas e avanços na ciência e na técnica, o mais desconcertante é que nós mesmos estamos mudando [...]. Eis por que, com tamanha frequência, levamos as mãos à cabeça pelas coisas que ouvimos e vemos. As pessoas não são como eram até pouco tempo há poucos anos<sup>11</sup>.

Bauman, por sua vez, salienta que vivemos dias de liquidez<sup>12</sup>, volatilidade, e inquietações. De acordo com sua compreensão, esse quadro produz indivíduos atravessados pela sensação de insegurança e provisoriedade. Para ele, “a vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo”<sup>13</sup>.

Certo pensamento de Marx acerca dos efeitos desintegradores do lucro monetário sobre os preceitos, valores e crenças que nortearam várias gerações, corroboram as intuições de Bauman e lhe serve de inspiração. Para Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”<sup>14</sup>.

Nessa conhecida citação, o filósofo e criador das bases doutrinárias do comunismo aponta para as relações frágeis da sociedade moderna; bem como para a força da natureza fluída dos deslocamentos do capital, culminado com novos modelos de produção, que, por sua vez, impulsionam mudanças cruciais no campo das realidades quotidianas e das interações sociais. De igual modo, Giddens observa essa influência do sistema financeiro na construção da modernidade, segundo suas palavras:

<sup>11</sup> CASTILLO, J. M., **A ética de Cristo**, p. 15-16.

<sup>12</sup> Modernidade Líquida é o conceito principal de Bauman. À luz desta metáfora, presume-se que toda a sociedade esteja inserida em um processo incontível de derretimento dos sólidos, daquilo que parecia firme, estável e perene. A flexibilidade, a maleabilidade e a fluidez são, portanto, marcas distintivas desta nova era. Bauman parece compreender esse tempo como continuidade da modernidade, uma espécie de intensificação. Logo, o conceito baumaniano “modernidade-líquida”, fruto de sua pesquisa, não é análogo ao de pós-modernidade. Trata-se, de fato, de abordagem crítica. Acerca da construção histórica da ideia de liquefação dos sólidos, além de Marx, citado no âmbito deste trabalho, cabe mencionar a contribuições de Marshall Berman, escritor e filósofo estadunidense, cujos escritos, marcadamente influenciados pelo pensamento marxista, refletem acerca da vida no mundo moderno. Cf. BERMAN, Marschall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: As aventuras da modernidade. São Paulo: Cia das letras, 1986.

<sup>13</sup> BAUMAN, Z., **Vida Líquida**, p. 7.

<sup>14</sup> MARX, K., ENGELS, F., **O manifesto Comunista**, p. 14.

A ordem social emergente da modernidade é capitalista tanto em seu sistema econômico como em suas outras instituições. O Caráter móvel, inquieto da modernidade é explicado como um resultado do ciclo investimento-lucro-investimento que, combinado com a tendência geral da taxa de lucro a declinar, ocasiona uma disposição constante para o sistema se expandir<sup>15</sup>.

As muitas esferas da coletividade, tais como, a vida pública, privada e institucional, para citar somente algumas, estão em constante transformação. Tais mudanças esgarçam o tecido social produzindo incerteza e grande instabilidade.

Segundo Julien:

Antes do surgimento da modernidade, ao topar com uma causa de angústia e de incerteza, o sujeito humano costumava ter referências que lhe permitiam achar uma resposta. De fato, identidades culturais ou comunidades religiosas forneciam-lhe coordenadas claras e estáveis. Hoje, porém, sobretudo no ocidente, a globalização, a economia de mercado [...] o desenraizamento generalizado e o declínio das autoridades familiares e públicas deixam o indivíduo perturbado e confuso<sup>16</sup>.

Trata-se, portanto, de alterações que interpelam os referenciais estabelecidos, de formas variadas e firmes, transformando-os ou meramente apequenando-os. A respeito dessas transformações que marcam a nossa sociedade, Kuzma afirma:

Percebe-se, nesta nova concepção da sociedade, que as mudanças se apresentam rapidamente [...]. O fácil acesso às mídias e às múltiplas informações que se reproduzem a cada instante fazem deste momento da história algo inusitado, que surpreende a cada olhar, pois em questão de segundos as coisas e o contexto se transformam e o foco de compreensão se modifica<sup>17</sup>.

Como se verifica, há, no âmbito desta sociedade (compreendida como moderna por uns, bem como pós-moderna por outros, para citarmos somente alguns termos frequentemente usados para descrevê-la)<sup>18</sup>, número incontável de fatores que debilitam o desenvolvimento de uma jornada inspirada pela esperança.

<sup>15</sup> GIDDENS, A., **Consequências da Modernidade**, p. 20.

<sup>16</sup> JULIEN, P., **A Psicanálise e o Religioso**- Freud, Jung, Lacan, p. 9.

<sup>17</sup> KUZMA, C., **A sociedade que somos e que nos desafia enquanto igreja**: algumas questões, p.1.

<sup>18</sup> Como pano de fundo desta reflexão coloca-se a questão da modernidade e pós-modernidade, com suas derivações, discussões e variações amplíssimas. Outras designações são: neomodernidade, transmodernidade, supermodernidade, ultramodernidade, para citar apenas algumas. Todas essas nomenclaturas inserem-se num grande esforço de descrever o mundo em que estamos com o fito de melhor compreendê-lo. No âmbito desta pesquisa, optaremos pela utilização do termo modernidade, precipuamente ocidental, tanto para designar o tempo presente (hodierno) quanto para identificar certa cosmovisão. Ou por outra, determinada chave de leitura e interpretação da realidade. Para maior aprofundamento do assunto sugere-se a leitura do livro ROCHA, Abdruschin Schaeffer. **Hermenêutica do cuidado pastoral**: lendo textos e pessoas num mundo paradoxal. São Leopoldo; Sinodal / EST, 2012, p. 17-53.

Certos contornos dos dias que vivemos tendem a sufocar a capacidade do ser humano de olhar para o horizonte e vislumbrar possibilidades futuras. Isto, inapelavelmente compromete as iniciativas promotoras de um futuro alternativo.

Além disso, na esfera familiar, no âmbito da educação, como em tantas outras áreas, questões inéditas não conseguem ser assimiladas e devidamente respondidas<sup>19</sup>. Não há estabilidade profissional, a empregabilidade está em crise, provas empíricas apontam para a desintegração das relações sociais. As conhecidas redes de segurança carecem de confiabilidade. Os governos, por sua vez, lutam contra a própria incapacidade de contribuir para a fomentação de uma cultura de valorização da vida.

Esses são apenas alguns aspectos destes dias de temores e insegurança, cujos efeitos psicológicos manifestam-se fortemente no âmbito das relações sociais. Essas marcas ressaltam um mundo em constante transformação; descrevem um contexto no qual ecoa uma mensagem desestruturadora e sombria de incerteza e desconfiança. Citando novamente Bauman:

Na verdade, a mensagem hoje carregada de grande poder de persuasão pelos mais ubiquamente eficazes meios de comunicação cultural [...] é uma mensagem da indeterminação e maleabilidade do mundo: neste mundo, tudo pode acontecer e tudo pode ser feito, mas nada pode ser feito uma vez por todas – e o que quer que aconteça chegar sem anunciar e vai-se embora sem aviso. [...]. Desse modo, há pouca coisa, no mundo, que se possa considerar sólida e digna de confiança, nada que lembre uma vigorosa tela em que se pudesse tecer a vida de uma pessoa<sup>20</sup>.

Percebe-se, grosso modo, que a sociedade não é capaz de garantir a manutenção do sujeito em sua posição na teia social, não garante seu sustento, não afiança sua realização pessoal e, por fim, não assegura sua integridade física. Essa mesma realidade indica, na perspectiva baumaniana, que no campo das relações interpessoais, predominam as conexões frágeis e instáveis. Cabe dizer que conexão é um dos termos prediletos do teórico polonês para descrever a natureza líquida das relações travadas na atualidade.

Os vínculos sociais sofrem de superficialidade, fluidez e volatilidade. O vocábulo conexão, no âmbito das intuições de Bauman, corresponde ao entendimento de que, em uma conexão, os contatos são múltiplos, e podem ser desconectados sem grandes traumas.

---

<sup>19</sup> MIRANDA, M. F., **A igreja que somos nós**, p.5.

<sup>20</sup> BAUMAN, Z., **O mal-estar da pós-modernidade**, p. 36.

Sob este prisma, deduz-se que as relações são modeladas pelo pressuposto de que as pessoas são mercadorias que podem ser consumidas e descartadas. Trata-se aqui da incerteza assolando e enfraquecendo os vínculos sociais, o que resulta em uma rede de laços humanos frágeis e pouco confiáveis.

A vasta obra desse arguto observador da cultura humana não deixa dúvidas de que os relacionamentos são tecidos e desenvolvidos sob a influência de engajamentos momentâneos, sazonais, episódicos. Daí resulta a emergência de uma nova ética<sup>21</sup> relacional, caracterizada pela descartabilidade do outro, pelas relações frouxas, pela impermanência. Segundo Sathler-Rosa, essa cultura de relacionamentos cambiantes revela tanto a incapacidade dos indivíduos de construir laços sociais pautados em compromisso e cuidado como atesta uma postura de indiferença relativa ao sofrimento provindo das rupturas relacionais, em suas palavras:

Relações afetivas são rompidas como se os seres humanos não tivessem a capacidade de cuidar das dificuldades próprias de qualquer relacionamento próximo. O quadro se agrava com a ausência de processo para pensar a ferida da perda, quando inevitável, de vínculos que fizeram parte da trajetória pessoal. Padrões passageiros, sem compromissos duradouros, que ‘ficam’ mas não permanecem, substituem as metas de longo alcance. Privam os seres humanos de aprenderem com seu amadurecimento e sua descoberta progressiva de valores essenciais. Impedem, também, muitas vezes, as futuras gerações de conhecerem suas raízes, a história e as narrativas que as precederam e formaram<sup>22</sup>.

Bem a propósito, Bauman, ao refletir acerca dos vínculos sociais na atualidade, aplica o conceito de liquidez às relações humanas e aos riscos dos envolvimento. Ele assevera que o sujeito inserido (nesse quadro instável), é alguém desprovido de laços sociais baseados em comprometimento ou obrigações que visem a manutenção da relação.

Nesta perspectiva, seguindo a lógica de mercado, os compromissos são compreendidos como cadeias que impedem diferentes, por assim dizer, consumos. Logo, ocorre um movimento no sentido de relativizar-se os vínculos como forma de libertação de uma situação opressora, de uma realidade tendente a impedir o indivíduo de fazer escolhas sucessivas procurando a plena satisfação: Bauman esclarece:

---

<sup>21</sup> Nova ética no sentido de um novo conjunto de critérios e pressupostos que orientam as interações humanas, promovendo, por conseguinte, uma nova modelagem relacional. No âmbito deste trabalho, em capítulo subsequente, analisaremos a ética de Cristo, isto é, as interpelações de Jesus de Nazaré, a vivência de uma vida baseada em sua conduta.

<sup>22</sup> SATHLER, R., **Cuidado pastoral em tempos de insegurança**, p. 18.

Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais. Eles não têm necessidade ou uso que possam ser justificados pela líquida racionalidade moderna dos consumidores. Vínculos e liames tornam "impuras" as relações humanas — como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido<sup>23</sup>.

Conforme explicitado, as relações flexíveis produzem níveis cada vez mais intensos de insegurança e incertezas. Dessa forma, verifica-se que, atualmente, a relativização das alianças e a incerteza dão sinais de que caminharão por muito tempo juntas contrariando, curiosamente, a natureza líquida deste tempo. Bauman esforça-se para desvelar "a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos"<sup>24</sup>. Ele também compreende que a incerteza e a insegurança estão conectadas tanto a um mundo desorganizado quanto ao processo acelerado de desregulamentação e privatização.

Depreende-se daí que, na atualidade, o que se vê é a força de mercado ganhando espaço e ocupando o lugar de condutora dos processos de ordenamento social. No entanto, como se sabe, o conceito ordem indica certa inflexibilidade, algum tipo de estabelecimento de regras que vise nortear as relações. Ocorre, porém, que as forças de mercado estão em constante transformação, desregulamentação, mudanças. Em razão de sua natureza volátil, esses poderes não contribuem para a promoção de um estado emocional de segurança supostamente presente perante realidades mais constantes, previsíveis e estáveis.

Para Ricardo Barbosa de Souza, importante teólogo do protestantismo brasileiro, o processo de enfraquecimento das relações, a presença desconcertante da tecnologia na vivência cotidiana, a relativização dos valores e costumes, o fortalecimento do individualismo e a quebra dos acordos sociais criam uma "nova agenda para a sociedade"<sup>25</sup>.

Pelo que se vê, os muitos avanços no campo da comunicação, bem como na área da genética "escancaram as portas de uma nova realidade, cujas perspectivas

<sup>23</sup> BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos, p. 31.

<sup>24</sup> Ibid., p. 8.

<sup>25</sup> SOUZA, R. B., **O desafio bíblico da espiritualidade cristã**, In Nelson Bomilcar. (Org). O melhor da espiritualidade brasileira, p.14.

fogem ao controle da ética, colocando o ser humano diante de um novo tempo de incertezas”<sup>26</sup>, ressalta Barbosa.

A partir dos últimos anos do século XX, instaurou-se um ciclo de mudanças significativas, o comércio tornou-se internacional, a tecnologia<sup>27</sup>, por seu turno, aprimorou-se gerando, segundo Baudrillard, “uma grande velocidade que leva a uma aceleração contínua, gerando um novo tempo cuja densidade reduz o espaço [...]. Nesse caminho, o que aqui se coloca é uma nova convenção, a da incerteza”<sup>28</sup>. Trata-se, inequivocamente, de uma nova realidade. Em outras palavras, da emergência de um novo período da história. Neste novo momento, em que a sociedade tem experimentado mudanças vertiginosas e constantes, as dúvidas e ambivalências incidem sobre o senso de realidade fazendo surgir uma nova concepção de tempo.

Ademais, as características marcantes desse período transformam-se em condições de sentido de existência, repercutindo sobre a maneira como homens e mulheres tendem a viver e influenciando sobre os campos da afetividade e intersubjetividade. De igual modo, conduzindo a uma nova forma como são entendidas as ações individuais e coletivas diante das circunstâncias que se colocam ao longo da trajetória humana. Como se pode observar, as sociedades estão presenciando o surgimento e consolidação de inúmeros fatores<sup>29</sup> que afetam

<sup>26</sup> SOUZA, R. B. de. In Nelson B. (Org). **O desafio bíblico da espiritualidade cristã**, p. 15 et seq.

<sup>27</sup> Por outro lado, convém destacar que as novas tecnologias também trazem benefícios para a sociedade, embora possuam um lado perverso. Como explica o economista e diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Clemente Ganz Lúcio, “A tecnologia gera crescimento, produtividade, produtos mais baratos e amplia o mercado, o que gera mais empregos, mas ela é perversa quando tem a intenção de substituir o trabalho e o objetivo é puramente aumentar o lucro e excluir o trabalho do processo”. Disponível em: <http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia2010-05-01/avanco-tecnologico-trouxe-beneficios-e-prejuizos-ao-trabalhador>. Acesso em: 30 abr.2016.

<sup>28</sup> BAUDRILLARD, J., **As estratégias fatais**, p. 69-71. Baudrillard revela em seus escritos uma ampla e bem - sucedida integração entre os saberes. Na esfera de suas reflexões, está a análise das transformações de nosso tempo e o esvaziamento de sentido da realidade.

<sup>29</sup> Cabe ressaltar que no livro “Tempos Líquidos”, Bauman sublinha cinco elementos que interpelam o sujeito humano contemporâneo; influenciando, dessa maneira, para o cenário de incerteza com o qual a humanidade lida na atualidade. A saber: a) A passagem do estado “sólido” para o ‘líquido’, fomentando um estado de instabilidade e insegurança. b) A perda da capacidade, por parte do estado, de atender as demandas provindas de uma sociedade globalizada. c) A fragilidade crescente dos laços humanos reconhecidamente temporários. d) A desestruturação do pensamento, e da concepção de projetos pessoais de longo prazo, criando uma cultura de experiências sazonais e episódicas que enfraquecem o processo de maturação. e) O indivíduo passa a ser responsável pela administração e resolução provindos desse ambiente social mutante. Logo, deve contar, precipuamente com seus próprios recursos na dinâmica de planejar e cuidar de sua vida. Cf. BAUMAN, Z., **Tempos líquidos**: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 7-10.

o comportamento dos indivíduos e causam o empobrecimento tanto da alteridade como da compreensão dos fenômenos que ultrapassam a experiência pessoal, resultando em uma acentuada dinâmica solipsista<sup>30</sup>, que alimenta exponencialmente a sensação de efemeridade e incerteza.

### 2.1.2. Vacuidade

Nos dias atuais, a subjetividade, atravessada pelos desatinos, pelas vicissitudes de toda ordem, e por uma profunda sensação de vacuidade, interpela os modelos de solidariedade e apoio. Além disso, as patologias psíquicas<sup>31</sup> desafiam o aconselhamento tradicional, de cunho diretivo<sup>32</sup>. O sofrimento que emana das compulsões, inquietudes existenciais, perdas e das novas relações afetivas, deve ser objeto de investigação e cuidado.

Trata-se de um quadro amplo, vez que estes estados emocionais desestabilizadores do sujeito humano podem ser percebidos tanto em sessões de aconselhamento pastoral quanto no *setting* dos psicanalistas. De acordo com as palavras de Zimerman, médico psiquiatra e analista didata, “o que hoje constatamos é que a queixa inicial dos pacientes postulantes à análise recai frequentemente em uma angústia existencial”<sup>33</sup>.

Este tipo de aflição é um dos principais problemas que a prática do aconselhamento pastoral enfrenta. O indivíduo, inscrito em um quadro de desintegração e inquietude, esforça-se para lidar com os vazios de sentido sem ressecar na desesperança. Zimerman ressalta que:

---

<sup>30</sup> O termo *solipsismo* é derivado do latim e corresponde à doutrina segundo a qual o sujeito pensante seria a única realidade. Do ponto de vista da ontologia, trata-se da compreensão de que somente a realidade do sujeito pensante e suas experiências são reais. Por conseguinte, aquilo que está para além da realidade do indivíduo é negado. Vê-se, portanto, que as intuições solipsistas fortalecem a subjetividade individual. Disso decorre a sua associação com a ideia de um sujeito ensimesmado, recolhido, voltado para si mesmo, pouco afeito a compromissos solidários e duradouros.

<sup>31</sup> Neste caso, trata-se de uma abordagem complementar, por parte do conselheiro pastoral, visando tanto o encaminhamento para um profissional especializado quanto o atendimento colaborativo, de natureza interdisciplinar.

<sup>32</sup> Do ponto de vista técnico, a atividade do aconselhamento pastoral pode ser classificada como diretiva, quando se fechou um diagnóstico e há possíveis intervenções a serem avaliadas com o aconselhando, e não diretiva, caracterizada pela interação do conselheiro com o aconselhando, estimulando-o a refletir sobre as possíveis causas de seu sofrimento, visando a valorização de suas percepções relacionadas à melhor solução para o enfrentamento do problema.

<sup>33</sup> ZIMERMAN, D., **Manual de técnica psicanalítica - uma revisão**, p.21.



Na atualidade, as pessoas que procuram tratamento analítico fazem-no principalmente com queixas de problemas relativos a algum transtorno do sentimento de identidade, assim como também há uma alta incidência de pacientes com um sentimento de baixa autoestima, o que, por sua vez, gera em escalada crescente o surgimento de quadros depressivos [...] e, significativamente, daqueles casos que a psicanálise contemporânea está denominando Patologia do vazio<sup>34</sup>.

De acordo com essa linha de pensamento, as afecções que acometem os pacientes tributários da psicanálise, particularmente em nossos dias, estão mais relacionadas às carências afetivas do que aos habituais problemas descritos pela psicologia do inconsciente, que, via de regra, apontavam para conflitos que resultavam do embate entre as pulsões e as defesas psíquicas, ou por outra, a luta interior entre instâncias psicológicas regidas por princípios divergentes<sup>35</sup>.

O vazio decorrente das carências que sufocam o campo egóico, bem como a impossibilidade de perceber um sentido na vida são aspectos difíceis de serem aceitos.

Há quem se recuse a lidar com a angústia causada pelo enfrentamento dessa realidade. De mais a mais, rotinas inflacionadas de afazeres enfraquecem a reflexão acerca dos significados da vida e das realidades decisivas da existência. Essa sensação caracteriza-se por um estado de tédio, desmotivação e abatimento. Não se trata da depressão causada pela desestruturação neuroquímica. Tampouco diz respeito à prostração provocada pelos enfrentamentos próprios da jornada de torna-se sujeito social.

Este senso de vacuidade resulta da incapacidade que se manifesta no ser humano de encontrar possibilidades de sentido em sua própria trajetória existencial. Não raro, essa condição psicológica perturbadora evolui de certo desconforto difícil de ser descrito, para uma sensação de desespero e angústia. Rollo May, eminente psicólogo existencialista, geralmente associado à psicologia humanista, detectou e descreveu, em meados do século passado, este problema:

Pode surpreender que eu diga, baseado em minha prática profissional, assim como na de meus colegas psicólogos e psiquiatras, que o problema fundamental do homem, em meados do século XX, é o vazio. Com isso quero dizer não só que muita gente ignora o que quer, mas também que frequentemente não tem uma ideia nítida do que sente. [...]. Oscilam desse modo para aqui e para ali, sentindo-se dolorosamente impotentes porque são ocas, vazias<sup>36</sup>.

<sup>34</sup> ZIMERMAN, D., **Manual de técnica psicanalítica - uma revisão**, p.21.

<sup>35</sup> ZIMERMAN, D., **Manual de técnica psicanalítica - uma revisão**, p. 22 et. seq.

<sup>36</sup> MAY, R., **O homem à procura de si mesmo**, p.14.

May reflete sobre o vazio existencial em sua relação com a dificuldade do indivíduo de conhecer a si mesmo. Diante de tal impossibilidade, o ser humano sente-se destituído de significado e valor. Rollo May, influenciado por Alfred Adler, terapeuta Austríaco e fundador da psicologia do desenvolvimento individual, firmou a convicção de que o ser humano envida esforços contínuos visando estabelecer-se como sujeito dotado de autonomia na esfera da sociedade.

Essa ação humana almeja conceder ao sujeito a condição necessária para superar a sensação de vazio. No entanto, esse autor ressalva que este sentimento de vacuidade – que pode ser observado no ser humano –, não deve levar à falsa compreensão de que o indivíduo seja destituído de capacidades e qualidades interiores, isto é, ontologicamente oco, sem nada a constitui-lo internamente.

Ele esclarece este ponto afirmando que:

Essa sensação de vácuo que observamos ao nível social e individual não deve ser tomada no sentido de que as pessoas são vazias, desprovidas de potencialidade emocional. Um ser humano não é oco no sentido estático, como se fosse uma bateria precisada de carga. A sensação de vazio provém, em geral, da ideia de incapacidade para fazer algo eficaz a respeito da própria vida<sup>37</sup>.

Quanto à causa psíquica central dessa situação de vazio que acomete o sujeito, May sustenta que se trata de um estado emocional que advém, geralmente, do adensamento das frustrações relativas à incapacidade de gerir a história pessoal, e ainda da dificuldade, por parte do indivíduo, de perceber-se como um ator social expressivo; competente, portanto, apto para influir com autonomia sobre seus pares sociais e na realidade em que está inserido. A prevalência dessa vida vazia resulta em um quadro de total declínio da experiência humana. Segundo suas palavras:

O grande perigo desta situação de vácuo e impotência é conduzir, mais cedo ou mais tarde, à ansiedade e ao desespero e finalmente, se não corrigida, ao desperdício e ao bloqueio das mais preciosas qualidades do ser humano. Os resultados finais serão a redução e o empobrecimento psicológico, ou então a sujeição a uma autoridade destrutiva<sup>38</sup>.

João Ferreira dos Santos, por seu turno, citado por Sathler, corrobora com o pensamento de May, ao descrever o indivíduo nos seguintes termos:

Sua sensibilidade é frágil, sua identidade, evanescente. Na pós-modernidade, matéria e espírito se esfumam em imagens, em dígitos, num fluxo acelerado. A isso os filósofos estão chamando de desreferencialização do real e

<sup>37</sup> MAY, R., **O homem à procura de si mesmo**, p. 22

<sup>38</sup> MAY, R., **O homem à procura de si mesmo**, p. 23 et. seq.

dessubstancialização do sujeito, ou seja, o referente (a realidade) se degrada em fantasmagoria e o sujeito (o indivíduo) perde a substância interior, sente-se vazio<sup>39</sup>.

Tais pronunciamentos indicam que o vazio existencial se encontra presente como um traço constitutivo e aflitivo da vivência humana, em maior ou menor intensidade. Sua emergência está conectada às circunstâncias que causam sensação de perda, às situações de luto, aos desencaixes sociais e ao senso de insignificância e inutilidade.

Decerto, a cultura vigente tem contribuído para a fomentação dessa sensação de irrelevância que atinge o indivíduo e desemboca na experiência emocional de uma realidade vazia. A crescente desvalorização da vida e os problemas interiores têm lançado sombras sobre a alma humana. As pessoas estão aturdidas e não sabem mais onde se apoiar<sup>40</sup>.

Resta claro que se trata de uma realidade tensa, confusa, caracterizada por inúmeros aspectos que tendem a abater o ânimo humano. Questões que se colocam ao longo da vida, desafiam os limites das sociedades estabelecidas e alagam o coração dos indivíduos de preocupações e inquietudes. Podendo, inclusive, empalidecer a face humana da existência, bem como enfraquecer as interações sociais. Libânio diz: “A sociedade moderna ameaça nossa humanidade pelo desfazimento da vida comunitária, pela destruição da consciência histórica, transformando o tempo em falta de tempo, o espaço real em virtual”<sup>41</sup>.

Diante disso, infere-se que as fontes que ameaçam as pessoas de sofrimento continuam ativas e, por conseguinte, atuando contra o bem-estar do indivíduo. Freud, o pai da psicanálise, assegura-nos dessa questão:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens<sup>42</sup>.

Essas matrizes, que impingem dor e descontrolam o ser, persistem em atentar contra o vigor da vida. Em conexão a isso, circunstâncias que parecem não

<sup>39</sup> SANTOS, J. F., apud SATHLER, R., **Cuidado pastoral em tempos de insegurança**, p. 21.

<sup>40</sup> SLAVUTZKY, A., **O desamparo dos depressivos**, In KARIN, H. K; Wondracek, L., C. H.; HEIMAN, T. (Org) **Sombras da alma: Tramas e tempos da depressão**, p. 9.

<sup>41</sup> LIBÂNIO, J. B., **Apresentação** in: CHRISTOPH S. H. ZWETSCH, R. E. (org), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 14.

<sup>42</sup> FREUD, S., **O Mal-estar na Civilização**, p.25.

fazer sentido, e o agravamento das tensões sociais afetam o estado psicoemocional do indivíduo, resultando no surgimento desse estado de esvaziamento do ser.

Do ponto de vista da análise existencial concebida por Viktor Emil Frankl, médico e psicólogo – fundador da logoterapia, também conhecida como a psicologia do sentido da vida –, o vazio existencial deriva, entre outras razões, da falta de posicionamento perante a vida. Foi isso que esse teórico da vida interior percebeu quando, ainda jovem, sofreu por três anos no campo de concentração de Auschwitz.

Em condições extremas, Frankl descobriu que os prisioneiros que mais chances tinham de sobreviver eram aqueles que possuíam a compreensão de que havia para eles um trabalho a ser realizado. Segundo Stott, “ele desenvolveu aquilo que ele chamou de ‘logoterapia’, usando *logos* para significar, não ‘palavra’ nem ‘razão’, mas ‘significado’”<sup>43</sup>.

A dificuldade de entender a própria natureza da existência e a experiência social contribui para a produção de um estado de desconforto interior. Para o criador da logoterapia, a busca de sentido não provém da cultura, tampouco está associada às necessidades instintuais do ser humano, ao contrário, evidencia-se como uma demanda ontológica. Segundo ele:

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma ‘racionalização secundária’ de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido. Alguns autores sustentam que sentidos e valores são ‘nada mais que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações’. Mas, pelo que toca a mim, eu não estaria disposto a viver em função dos meus “mecanismos de defesa”. Nem tampouco estaria pronto a morrer simplesmente por amor às minhas “formações reativas”. O que acontece, porém, é que o ser humano é capaz de viver e até de morrer por seus ideais e valores!<sup>44</sup>

Assim, sob este prisma, compreende-se que a busca pelo sentido é a força decisiva que impulsiona o indivíduo a encontrar algo que lhe traga uma justificativa plausível para a vida e que lhe forneça nutrientes que alimentem a esperança. Em vista disso, verifica-se certo distanciamento da concepção freudiana concernente à exclusividade das pulsões sexuais e destrutivas como

---

<sup>43</sup> STOTT, J. **Ouçã o Espírito, ouçã o mundo**: como ser um cristão contemporâneo, p. 256.

<sup>44</sup> FRANKL, V. E., **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. S. e Carlos C. A., p.70. Neste livro, Viktor Frankl relata sua experiência no campo de concentração nazista, que o levou a elaboração da logoterapia.

fontes motivadoras das intenções e ações do sujeito. O próprio Viktor Frankl<sup>45</sup> descreve essa discordância conceitual entre a logoterapia e a psicanálise freudiana:

A logoterapia considera sua tarefa ajudar o paciente a encontrar sentido em sua vida. Na medida em que a logoterapia o conscientize do logos oculto de sua existência, trata-se de um processo analítico. Até esse ponto a logoterapia se assemelha à psicanálise. Entretanto, quando a logoterapia procura tornar algo novamente consciente, ela não restringe sua atividade a fatos instintivos dentro do inconsciente do indivíduo, mas se preocupa também com realidades existenciais, tais como o sentido em potencial de sua existência a ser cumprido, bem como a sua vontade de sentido. [...]. A logoterapia diverge da psicanálise na medida em que considera o ser humano um ente cuja preocupação principal consiste em cumprir um sentido, e não na mera gratificação e satisfação de impulsos e instintos”<sup>46</sup>.

Para o autor, o ser humano não enfrenta uma frustração sexual capaz de avassalá-lo do ponto de vista psicológico, mas sim, uma frustração existencial, que encontra na experiência da sexualidade uma de suas faces mais evidentes. Rollo May lança luz sobre essa questão, ao afirmar:

Oportunidades de satisfação sexual podem ser encontradas sem grande dificuldade por pessoas que não manifestam outros problemas. Os conflitos sexuais que hoje em dia as pessoas levam ao terapeuta são, além disso, raramente lutas contra proibições sociais, mas com muita mais frequência deficiências que encontram em si mesmas [...]. Em outras palavras, o problema mais comum não são os tabus sociais relativos à atividade sexual ou sentimento de culpa referentes ao sexo em si, mas ao fato de que este para tanta gente é uma experiência mecânica e vazia<sup>47</sup>.

Viktor Frankl usa a designação “neuroses noogênicas”<sup>48</sup> para referir-se ao transtorno afetivo decorrente da incapacidade do indivíduo em obter sentido para a vida, sobretudo, perante as situações caóticas e aparentemente sem propósitos as quais é submetido no decorrer de sua existência. Salta aos olhos, conforme indicado acima, o fato de que se trata de conceituação distinta daquela encontrada no aparato teórico da psicanálise clássica acerca da natureza e origem dos quadros

<sup>45</sup> Ainda sobre Frankl: esse médico austríaco viu sua família morrer no campo de concentração, exceto sua irmã. No entanto, conseguiu manter-se lúcido e estruturado do ponto de vista psicológico. O fundador da chamada “terceira escola vienense” firmou-se na convicção de que a capacidade de encontrar um significado, sobretudo, para os acontecimentos extremos da vida, e um sentido de responsabilidade para a existência, resultam na real possibilidade do ser humano de expressar sua liberdade última, a saber, sua capacidade de escolher a própria postura diante dos problemas e vicissitudes que se colocam ao longo da jornada humana. Além disso, o livro, que pode ser classificado como um fragmento autobiográfico, apresenta os conceitos fundamentais da escola logoterápica. A logoterapia pode ser definida como uma abordagem psicoterápica centrada no sentido da existência humana. De acordo com um dos mais importantes pressupostos dessa escola, a busca de sentido na vida de uma pessoa é a principal fonte motivadora no ser humano.

<sup>46</sup> FRANKL, V., **Em busca do sentido**, p. 72.

<sup>47</sup> MAY, R., **O homem à procura de si mesmo**, p. 15.

<sup>48</sup> FRANKL, V., op. cit., 72.

neuróticos. Freud atribui como causa mais comum do vazio existencial a dificuldade do sujeito em lidar com os conflitos interiores provocados pelo embate permanente entre os instintos e as restrições sociais<sup>49</sup>.

Diferentemente do criador da psicanálise, Viktor sustenta que o dissabor na existência, o desencantamento pela vida, o ressecamento na desesperança e a percepção de que não há uma agenda que justifique a jornada pela história levam o sujeito a deparar-se com a vontade de sentido. Segundo sua concepção, quando tal demanda não é suprida, podem instalar-se as neuroses noogênicas. Em seus termos:

Frustração existencial também pode resultar em neuroses. Para esse tipo de neurose a terapia cunhou o termo ‘neuroses noogênicas’, a contrastar com as neuroses na significação habitual da palavra, isto é, as neuroses psicogênicas. Neuroses noogênicas têm sua origem não na dimensão psicológica, mas antes na dimensão "noológica" (do termo grego *noos* que significa ‘mente’) da existência humana<sup>50</sup>.

Logo, esse tipo de afecção surge de questões iminentemente existenciais. Há de se levar em consideração, também, que a frustração existencial e a agonia dela decorrente, em si mesmas, não devem ser consideradas uma patologia da mente, conquanto tragam sofrimento.

Conforme o pensamento de Viktor: “A preocupação ou mesmo o desespero da pessoa sobre se a sua vida vale a pena ser vivida é uma angústia existencial, mas de forma alguma uma doença mental”<sup>51</sup>. Infere-se, portanto, que há um tipo de padecimento que resulta do vácuo existencial. Certa modalidade de sofrimento que desafia o ser humano a cumprir um sentido, e não meramente procurar gratificar cargas instintuais.

A logoterapia vê o ser humano como uma existência livre, responsável e capaz de defrontar-se com os aspectos sombrios da vida. Por esse ângulo, o indivíduo, utilizando-se de sua liberdade, pode obter vitória sobre condições sociológicas, psicológicas e biológicas adversas e limitantes e assim ultrapassar a si mesmo no complexo processo de maturação psicossocial. Ele é bastante assertivo quando afirma:

Todo ser humano tem a liberdade de mudar a qualquer instante. Por isso podemos prever o seu futuro somente dentro de um quadro muito amplo de um

---

<sup>49</sup> Para maior entendimento deste pressuposto psicanalítico, sugere-se a leitura de FREUD, S., **O mal-estar na civilização**, p. 93-104.

<sup>50</sup> FRANKL, **Em busca do sentido**, p. 72.

<sup>51</sup> *Ibidem.*, p. 72

levantamento estatístico relativo a um grupo inteiro [...]. No entanto, uma das principais características da existência humana está na capacidade de se elevar acima dessas condições, de crescer para além delas. O ser humano é capaz de mudar o mundo para melhor se possível, e de mudar a si mesmo para melhor se necessário<sup>52</sup>.

O termo “autotranscedência”<sup>53</sup> (que resume essa última citação) indica a condição básica do ser humano de ultrapassar a si mesmo, com o fito de entregar-se a uma realidade maior, alimentadora do ser e geradora de sentido. Dessa forma, infere-se que o sentido da vida deve ser buscado no palco da vida, no mundo, na teia das relações sócias, e não nos recônditos do eu subjetivo. Trata-se, em suma, do caminho para a humanização. Ou, por outra, nos termos de Viktor: “Quanto mais a pessoa esquecer-se de si mesma - dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa - mais humana será e mais se realizará”<sup>54</sup>.

Parece não haver dúvida de que a antropologia de Frankl oferece intuições que contribuem para o enriquecimento de uma noção mais ampla do fenômeno humano e de suas reais possibilidades de existência.

A frase “a busca do sentido por parte do indivíduo”<sup>55</sup> largamente utilizada em suas obras (bem como diversas outras expressões análogas a essa) compreende um forte assentimento referente ao ser humano. Neste caso, intui-se que a vivência humana está voltada para o atingimento de um alvo, para a obtenção de uma nova percepção, para a realidade de um encontro que deve ser levado a cabo.

A busca de sentido é uma realidade intrínseca do ser humano, que pode, inclusive, permanecer por longos períodos sem manifestar-se, mas que emergirá em determinados cenários, conduzindo-o na direção do aclaramento e identificação das razões pelas quais se deve optar pela vida.

De certa forma, percebe-se nessa escola de pensamento a constatação de que os fatos cruciais da vivência humana funcionam como provocações que tendem a levar o indivíduo, de forma particular e pessoal, a satisfazer sua vontade própria por sentido. No entanto, quando essa necessidade fulcral não é satisfeita, segundo os insights do teórico austríaco, instala-se a experiência do vazio existencial. E, por fim, o mesmo Viktor assevera a necessidade de acrescentar-se a isso, duas grandes perdas sofridas pelo ser humano, causadoras e, ao mesmo tempo,

---

<sup>52</sup> FRANKL, *Em busca do sentido*, p. 87.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 76.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 76

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 91.

fortalecedoras desse desconforto interior, a saber: o desaparecimento de alguns instintos primitivos reguladores do comportamento animal, e o esfacelamento das tradições que funcionavam como quadro de referência e apoio para o comportamento. O resultado dessas perdas é uma vida cuja marca distintiva é o fastio. Ou por outra, um profundo “estado de tédio”<sup>56</sup>.

### 2.1.3. Pobreza

Ao longo da história, podem se perceber incontáveis problemas afligindo os seres humanos, tais como, a desagregação familiar, a exclusão social e as afecções de toda ordem, além de outros já citados no âmbito desta pesquisa. A pobreza<sup>57</sup> insere-se neste contexto. Penha discorre sobre a presença da pobreza e suas consequências na esfera da história humana:

Miséria, exclusão e pobreza não são características privativas do modelo capitalista nem do mundo contemporâneo. ‘Os pobres, sempre os tereis convosco’, lê-se no relato bíblico (JO 12,8), na fala atribuída a Jesus Cristo, que retomava um princípio anteriormente ditado pela lei judaica (DT 15, 11a). Desde tempos imemoriais, a humanidade naturalizou a existência dos banidos e miseráveis, os que, desprovidos e/ou incapazes, constituem-se como um grupo à parte que, na melhor das hipóteses, demanda assistência externa, ou, na pior delas, configura-se como risco aos demais, pessoas que, em função de tantas carências, tornam-se perigosas, violentas<sup>58</sup>.

Parece não haver um sentido único do termo pobreza. O vocábulo possui significado dinâmico, podendo ser compreendido numa perspectiva tripla, a saber, social, histórica e cultural. Logo, não há uma definição de pobreza que permita abarcar todas as suas dimensões e campo de influência. No decurso dos anos, tal conceito vem aumentando em complexidade e abrangência. Termos como: privação, vulnerabilidade, subdesenvolvimento humano, entre outros, têm sido usados na tentativa de classificação desse fenômeno.

<sup>56</sup> FRANKL, **Em busca do sentido**, p. 74.

<sup>57</sup> Cabe dizer que o objetivo de se destacar esse traço social não consiste em definir o horizonte do enfrentamento da pobreza. Nem, tampouco, analisar exaustivamente essa temática. Trata-se aqui, tão somente, de evidenciar o impacto desse fator constitutivo de nosso tempo sobre os atores do aconselhamento pastoral.

<sup>58</sup> PENHA, R.F., **Representações midiáticas da pobreza**: o programa *Esquenta!* E o reposicionamento do discurso sobre os pobres na televisão Brasileira. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de comunicação e biblioteconomia (FACOMB) da Universidade Federal de Goiás (UFG) para a obtenção do título de mestre em comunicação. Goiânia, 2012, p. 8.



As expressões: pobreza estrutural, que faz referência aos que nascem em estado de pobreza; e pobreza conjuntural, que atinge os indivíduos em razão de acidentes ou crises; são mais duas tentativas de descrição do problema. Contudo, um primeiro elemento comum das definições é a identificação da privação de elementos necessários para a vida humana no âmbito social.

Os múltiplos significados do termo pobreza têm sido objeto de estudo e reflexão por parte de profissionais e pesquisadores de diversas áreas. A pobreza, por óbvio, diz respeito às situações em que o indivíduo não consegue padrões mínimos de vida condizente com os referenciais estabelecidos em cada contexto histórico. Uma linha de pobreza pretende ser o parâmetro que permite – a uma sociedade específica –, considerar como pobres aqueles que se encontram abaixo desse valor. Um segundo elemento, também muito comum das definições de pobreza, é descrevê-la como uma realidade de exclusão. Tal definição amplia esse tema. Nas palavras de Wanderley:

Pode-se dizer que o conceito de pobreza passou por uma evolução importante nos últimos vinte anos expressando vários processos sociais e políticos, entre eles o avanço da democracia liberal representativa em quase todo mundo [...]. Nesse sentido, o conceito de pobreza associa-se ao de exclusão, vinculando-se às desigualdades existentes e especialmente, à privação do poder de ação e representação<sup>59</sup>.

A citação acima expõe a natureza excludente da pobreza. Não há, portanto, como negar o caráter desagregador, opressor, impiedoso, desumanizante e profundamente aviltante da pobreza. Trata-se de uma realidade, conforme afirmado anteriormente, de exclusão<sup>60</sup>. Em Sposati:

Vemos a exclusão social como privação de aspecto também coletivo, enquanto negação da cidadania: a exclusão social inclui, além da insuficiência de renda, a discriminação social, a segregação espacial, a não equidade e a negação dos direitos sociais. Situações de exclusão seriam caracterizadas pela carência de serviços públicos essenciais, impossibilidade de reivindicação dos direitos sociais,

---

<sup>59</sup> WANDERLEY, M. B., e WANDERLEY, L. E., **O social e a pobreza: visões e caminhos.** in *Religião e cultura*, p. 104.

<sup>60</sup> Cabe mencionar que Jesus sempre se opôs ao fenômeno da exclusão social. No contexto da Palestina, no tempo de Cristo, nosso Senhor recebeu os pobres e os doentes, aqueles, por conseguinte, que viviam em situação de vulnerabilidade social. Ao ser questionado pelos emissários de João batista sobre sua messianidade (Mt 11.26), Jesus apontou para os frutos de seu ministério, colocando em evidência que “aos pobres estava sendo pregado o evangelho”. ( Mt. 11.5). Jesus não somente abre o Reino aos pobres, mas diz que deles é o Reino. O relato de Lucas, em que Jesus lê, na sinagoga, a profecia de Isaías e a comenta: (Lc 4,16-21), iniciando assim o seu ministério público, reforça a ideia do zelo de Cristo pelos despossuídos.

falta de participação política, viver em situações de violência ou sob precária condições de vida<sup>61</sup>.

Nota-se que para o autor, a pobreza incide sobre a cidadania e não se limita ao não atendimento das necessidades essenciais para a sobrevivência física. Trata-se da pobreza na condição de realidade multidimensional, que atravessa outras áreas da experiência humana. Sendo assim, que não se esgota nas restrições econômicas.

A pobreza<sup>62</sup> representa uma das faces mais cruéis dessa era de desigualdades. Há um elemento de classificação negativa da pobreza que resulta na depreciação daqueles que se encontram em estado de vulnerabilidade social.

Neste ponto, é inevitável que a relação com a totalidade do ser humano assuma proporções relevantes. Isto é, o problema da pobreza repercute nas diversas dimensões constitutivas do indivíduo e influi negativamente no seu bem-estar.

A pobreza<sup>63</sup> está presente e se incorpora no processo de desenvolvimento psicológico daquele que vive nessa situação, refletindo sobre as diversas dimensões da vivência humana, sobretudo, repercutindo no senso de valoração. Há uma relação indissociável entre pobreza e dignidade da pessoa humana.

Dessa forma, abre-se o campo da compreensão das implicações da pobreza para a integralidade da vida, incluindo-se, além de seus aspectos materiais, seus

<sup>61</sup> SPOSATI, A., **Exclusão social abaixo da linha do Equador**. São Paulo, PUC, Seminário sobre exclusão social, abril de 1998. Disponível em [ww.dpi.inpe.br/geopro/exclusão/marcos.html](http://ww.dpi.inpe.br/geopro/exclusão/marcos.html) acessado em 15 de junho de 2016.

<sup>62</sup> Estima-se que, no Brasil, enquanto os 20% mais pobres detenham apenas 2,5% da renda, os 20% mais ricos fiquem com 60% da renda do país. Conquanto tenha havido uma melhora nos últimos anos, a distribuição de renda brasileira ainda encontra-se entre as mais perversas do mundo. Disponível em <http://www.infonet.com.br/edmirpelli/ler.asp?id=66470>. Acesso em: 6 de junho de 2016.

<sup>63</sup> Segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa de Economia Aplicada), há aproximadamente 53 milhões de brasileiros vivendo na pobreza. Existem cerca de 20 milhões de indigentes. O Banco mundial projeta que o número global de pessoas em situação de pobreza extrema está na casa dos 700 milhões. Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151009\\_redução\\_pobreza\\_banco\\_mundial\\_ac\\_igb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151009_redução_pobreza_banco_mundial_ac_igb).

Acesso em: 6 junho .2016. Além disso, cerca de 16,2 de brasileiros são extremamente pobres, o equivalente a 8/5% da população. A estimativa é do Instituto de brasileiro de geografia e estatística (IBGE). Dos 16, 2 milhões em extrema pobreza, 4,8 milhões não possuem nenhuma renda. Disponível em: <http://www.spnoticias.com.br/?p=2409>. Acesso em 9 de junho de 2016. Segundo o ministério do desenvolvimento social e combate à fome, considera-se extremamente pobre qualquer pessoa que vive em domicílio com renda inferior a R\$ 70,00 mensais. Insuficiente para a sobrevivência. Esses dados são desconcertantes e refletem o modelo de desenvolvimento em voga no país. Disponível em: [http://www.brasilsemisera.gov.br/wp-content/themes/bsm2nd/perfil\\_extrema\\_pobreza.pdf](http://www.brasilsemisera.gov.br/wp-content/themes/bsm2nd/perfil_extrema_pobreza.pdf). Acesso em 9 de junho. Não há dúvidas de que a pobreza é um dos grandes males que assolam a experiência humana e, por conseguinte, uma forma enfática de interpelação do trabalho dos conselheiros e conselheiras pastorais.

efeitos sociais e psicológicos. A estrutura social influi na forma de constituição do psiquismo humano.

Pode-se dizer que as formas de reconhecimento impostas ao indivíduo, mediante as relações sociais, afetam o processo de formação identitária. Bourdieu salienta que as dimensões simbólicas da realidade social se configuram como estruturas que influem sobre os agentes sociais<sup>64</sup>.

Em uma sociedade marcada pela preponderância da pobreza, verifica-se sua influência no processo de individuação. Neste prisma, concebe-se o contexto social como um dos fatores decisivos na consolidação psíquica do sujeito. Na atualidade, mormente no contexto brasileiro, a condição de pobreza pode produzir personalidades servis, fatalistas e desesperançadas<sup>65</sup>. Verônica Ximenes, doutora em psicologia, ressalta a força desse estado de escassez sobre a experiência humana e também chama a atenção para sua dimensão simbólica:

A privação nessas dimensões pode implicar uma diminuição das possibilidades de existência de pessoas em contexto de pobreza. No entanto, é necessário expandir a concepção do fenômeno para aspectos ainda mais abrangentes e psicossociais. Pois se deve entender a pobreza também em uma ordem opressiva simbólica<sup>66</sup>.

Em linhas gerais, o que se pode depreender do que está dito acima é, dentre outras percepções, o fato de que o estado de pobreza é um fator de desestabilização da experiência humana, dado que afeta todas as esferas da individualidade. O seu caráter simbólico incide sobre a estruturação do autorreconhecimento, bem como na construção da percepção da realidade.

Resta evidente que uma abordagem mais ampla do conceito pobreza indica a necessidade de uma investigação mais abrangente das novas realidades associadas ao assunto. Dentre as quais, a que ressalta que a pobreza é geralmente constituída tendo como ponto de partida práticas simbólicas de estigmatização do indivíduo pobre, engendradas no âmbito da subjetividade, por consequência, com enorme poder de arruinar a realidade interior daquele em situação de pobreza. Por

---

<sup>64</sup> BOURDIEU, P., Efeitos de Lugar. In: Bourdieu, Pierre (Org). **A miséria do mundo**, p, 494.

<sup>65</sup> Para uma melhor compreensão dos efeitos da escassez monetária na formação do sujeito social, sugere-se a leitura de GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Saúde comunitária: pensar e fazer**. São Paulo: Editora HUCITEC. 2008.

<sup>66</sup> MORAIS, V., MOURA, J., LIMA, S. (2015). **Pobreza e suas relações com a psicologia comunitária na 5ª Conferência Internacional de Psicologia Comunitária**. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 5(2), p. 159. Disponível em: <http://revista.psico.edu.uy/> acesso em: 15 jun. 2016.

certo, neste prisma, a pobreza é compreendida como um fator social que enfraquece as potencialidades humanas e causa sofrimento.

Essa perspectiva parece ser a mais relevante para o estabelecimento eficaz das ações de cuidado junto aos indivíduos nessa situação. Um melhor entendimento desses aspectos relacionados aos efeitos da pobreza no processo de constituição do sujeito e na qualidade das relações travadas no âmbito da sociedade é de grande pertinência para os conselheiros e para as conselheiras, na medida em que, segundo aguçada e eloquente percepção de Scheneider - Harpprechet, “o aconselhamento pastoral lida com processos de mudança da identidade, de posturas, pensamentos, sentimentos, relações interpessoais que se refletem no comportamento das pessoas”<sup>67</sup>.

Em vista disso, torna-se necessária uma compreensão da natureza multidimensional da pobreza, com o propósito de afastar as concepções reducionistas dessa temática, que tendem a obnubilar a habilidade de perceber a real amplitude e impacto desse traço cultural estressor e desagregador sobre o indivíduo. Entendimento este, indispensável para que o exercício do aconselhamento pastoral ofereça sua contribuição específica na luta contra os fatores que aprisionam os seres humanos. Tal colaboração consiste, fundamentalmente, à luz das intuições de Lothar:

Em atentar para as necessidades psico-emotivas, espirituais, físicas e de inter-relacionamento pessoal que resultam de situações cruciais como pobreza, doença e morte ou de crises que assolam pessoas ao longo da vida, tais como a velhice, o relacionamento familiar e outras [...]. O aconselhamento pastoral quer contribuir para que a utopia da libertação estrutural possa ir sendo mediada e experimentada em pequenas doses por pessoas e grupos<sup>68</sup>.

Infere-se, portanto, que o aconselhamento pastoral tem de se pautar e se ater de forma crítica à situação real do indivíduo, objetivando auxiliá-lo na superação das barreiras que bloqueiam a experiência humana. Resta claro que a pobreza (com todas as suas repercussões sobre o ser), constitui-se em uma dessas barreiras

Do ponto de vista teológico, Gustavo Gutiérrez deixa claro que a pobreza é “um estado escandaloso que atenta contra a dignidade humana e, por isso, é

<sup>67</sup>SCHNEIDER, H. C., Aconselhamento pastoral, in: CHRISTOPH S. H.; ZWETSCH, R. E. (org), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 258.

<sup>68</sup>HOCH, L., palestra proferida entre 20 e 24 de junho de 1988, em Dusseldorf/Kaiserswerth, sob o título “ **Seelsorge und Befreiung. Problemanzeige aus lateinamerikanischer Sicht**”. p, 17,18. Tradução: Lothar Carlos Hoch. p, 17,18 Disponível em: [Shttp://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1054/1011](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1054/1011). Acesso em :25 jul. 2016.

contrária a Deus”<sup>69</sup>. O teólogo peruano demonstra que a pobreza corresponde a um conjunto de condições que causam uma situação indigna de vida humana.

Como sintoma da injustiça, a pobreza constitui-se em algo que, flagrantemente, contraria a vontade de Deus. Além disso, distinguindo a pobreza material daquela que pode ser classificada como espiritual, Gutiérrez ressalta a urgente necessidade de nos insurgirmos contra este quadro de desvalorização da condição humana. Conforme sua percepção:

A pobreza material é um estado escandaloso. A pobreza espiritual é uma abertura a Deus, de infância espiritual. Haver precisado estas duas concepções do termo pobreza nos abre caminho e nos permite avançar na direção de uma compreensão do testemunho cristão da pobreza, graças a uma terceira opção: a pobreza como um compromisso de solidariedade e protesto<sup>70</sup>.

A pobreza material é um escândalo porque – enraizada na injustiça, para citar apenas uma de suas bases –, colide contra os valores do evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Não se trata tão somente de uma rejeição meramente emotiva, está para, além disso, dado que, conforme sublinhado, envolve solidariedade e protesto. Por certo, abrange atuar no mundo preservando a causa dos oprimidos como vivência ontológica fundamental da comunidade de fé.

O conselheiro Howard Clinebell, ao refletir acerca do trabalho dos pastores e conselheiros, critica aqueles que “ignoram as formas penetrantes pelas quais o racismo, [...] nacionalismo, militarismo, exploração econômica e opressão política mutilam a integralidade humana em escala em todas as sociedades”<sup>71</sup>. Neste ponto, Clinebell alinha-se com aqueles que lutam por uma prática de aconselhamento sensível aos problemas causados pela injustiça social, pela exploração dos menos favorecidos e pelo estado de pobreza nas sociedades humanas.

No Brasil, o teólogo Lothar Carlos tem desenvolvido reflexões acerca do aconselhamento pastoral na perspectiva encarnacional, cujo objetivo consiste em levar os conselheiros pastorais a pensar criticamente sobre as condições sociais adversas e suas consequências na vida dos aconselhados<sup>72</sup>, objetivando promover

<sup>69</sup> GUTIÉRREZ, G., **Teologia da libertação**: perspectivas, p. 234.

<sup>70</sup> Ibid., p.415-421.

<sup>71</sup> CLINEBELL, H. J., **Aconselhamento Pastoral**, p. 31.

<sup>72</sup> Cf. HOCH, L. C., **Aconselhamento pastoral e libertação**. Estudos teológicos, v. 29, n, 1, p. 7-17, 1989.

ações de aconselhamento comprometidas com a libertação daqueles que se encontram aprisionados pelos grilhões da injustiça e da pobreza.

Essa proposta diz respeito a uma abordagem da realidade econômica e social de nosso tempo com um olhar crítico, num contexto perpassado por uma economia de exclusão e estrangulamento do ser humano. Trata-se de uma prática de aconselhamento culturalmente sensível, consciente das condições socioeconômicas nas quais estão inseridos os atores desse ministério de cuidado. Lothar faz a seguinte afirmação ao refletir sobre o trabalho dos conselheiros e conselheiras pastorais em nosso país:

Um aconselhamento Pastoral que pretende ser libertador, pelo menos em nossos trópicos, precisa levar em consideração a perspectiva da pobreza, as suas causas e uma estratégia de sua superação se ela quiser permanecer sintonizada com o sofrimento maior do nosso povo. Uma atitude pastoral que exercer uma função de estabilização do sistema de injustiça institucionalizada em nosso continente trai o evangelho<sup>73</sup>.

Lothar propõe um aconselhamento pastoral solidário e libertador, sobretudo, naquelas áreas em que a pobreza desregula os indivíduos por dentro. Segundo sua perspectiva, há indícios de que – no âmbito da América latina, marcadamente sob a influência da teologia da libertação, está sendo desenvolvida uma nova percepção de aconselhamento pastoral comprometida com aqueles que vivem em estado de privação, exclusão e vulnerabilidade social. Esse autor compreende que tem surgido um modelo de aconselhamento pastoral mais identificado com as lutas dos menos favorecidos. Diz ele:

Na América Latina, com o surgimento da TDL, está sendo gerada uma nova concepção de Aconselhamento Pastoral. A nível acadêmico ainda não se fala na questão. Por ora ainda falta qualquer referência explícita a nomenclatura do Aconselhamento Pastoral. Todavia, estou convencido que a nível da prática pastoral libertadora, especialmente no interior das Comunidades Eclesiais de Base, está acontecendo muito daquilo que o Aconselhamento Pastoral se propõe a realizar<sup>74</sup>.

Schneider corrobora as intuições de Lothar colocando em relevo a necessidade de uma ação de aconselhamento que esteja para além de, tão somente, oferecer conforto espiritual aos aconselhados em estado de pobreza. Num cenário de escassez e miséria, o aconselhamento é compreendido – por ambos os autores –, como uma prática comprometida com o bem-estar integral daqueles que

<sup>73</sup> HOCH, “*Seelsorge und Befreiung. Problemanzeige aus lateinamerikanischer Sicht*”, p.19. Disponível em: [Shttp://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1054/1011](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1054/1011). Acesso em :25 jul. 2016.

<sup>74</sup> *Ibid.*, acesso em: 26 jul. 2016.

se deseja alcançar. Nesta perspectiva, tal trabalho deve incluir responsabilidade social. Schneider ressalta a integração entre aconselhamento e diaconia. De acordo com suas palavras:

É impossível separar a ajuda psicológica e espiritual da ajuda concreta pela ação social. As necessidades físicas e sociais elementares do ser humano têm prioridade. O aconselhamento pastoral que oferecesse consolação espiritual aos famintos seria uma contradição cínica do evangelho, que ninguém pode desejar. No contexto de pobreza, típico dos países da América Latina, o aconselhamento pastoral precisa ser integrado ao trabalho diaconal da comunidade<sup>75</sup>.

A análise da pobreza como um dos traços constitutivos do *ethos* cultural remete ao fato de que: o Deus das Escrituras inclina-se para acolher a todos os que se encontram em estado de sofrimento e angústia. Todavia, no campo do cuidado do Pai celestial, podemos dizer que Ele é o defensor do pobre. Timothy Keller assegura-nos dessa verdade:

A Bíblia afirma que Deus é o defensor do pobre; nunca afirma que ele é o defensor do rico. E, embora alguns textos peçam que se faça justiça aos endinheirados, os apelos a que se faça justiça ao pobre são em número cem vezes maior [...]. Por quê? Claro que as pessoas ricas também sofrem, mas [...]. É mais fácil, claro, praticar injustiça contra quem não tem condição financeira ou social de se defender. [...]. Resumindo, como de modo geral os oprimidos pelo poder abusivo não têm quase poder nenhum, Deus lhes dá atenção particular e tem um lugar especial para eles em seu coração<sup>76</sup>.

Trata-se de preocuparmo-nos intensamente com os despossuídos como Deus se preocupa. Honramos a Deus quando honramos e somos generosos com as pessoas em desvantagem social. Segundo Keller:

Se nós, os crentes em Cristo, não honramos os clamores e necessidades dos pobres, deixamos de honrar a Deus, não importa o que falemos, pois estamos impedindo o mundo de enxergar a beleza do Senhor. Quando nos dedicamos a servir aos pobres, o mundo percebe. Mesmo quando os cristãos eram minoria no Império Romano, a caridade surpreendente deles para com os pobres gerou um enorme respeito na população. Se quisermos honrar a Deus, temos de defender os pobres e necessitados<sup>77</sup>.

Na esfera da exortação apostólica “*Evangelii Gaudium*”,<sup>78</sup> o Papa Francisco ressalta a importância da inclusão social do pobre, relacionando a missão da igreja ao exercício da fé. Suas palavras são diretas e esclarecedoras:

<sup>75</sup> SCHNEIDER, H. C., in: SCHNEIDER, H., C. ; ZWETSCH, R. E. (org), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 257-258.

<sup>76</sup> KELLER, T., **Justiça generosa**: a graça de Deus e a justiça social, p. 28.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>78</sup> Expressão em latim que significa: A alegria do evangelho. Trata-se aqui da primeira exortação apostólica do pontificado do Papa Francisco.

Deriva de nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade [...] cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade. Isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo”<sup>79</sup>.

O chamado de Jesus era preeminentemente para os pobres. A compaixão fundamental de Jesus era pelos que careciam de ajuda, consolo e piedade. Isto é, aqueles que, de todo o povo, eram os mais sofridos. Os exaustos e sobrecarregados<sup>80</sup>. A Igreja primitiva – dos cristãos dos primeiros dias –, compreendeu o conteúdo dessa verdade, na medida em que obedeceu ao chamado de Jesus referente ao cuidado pelos pobres.

O livro de Atos apresenta-nos o cenário mais abrangente dessa realidade. Vejamos: “todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos à medida que alguém tinha necessidade”<sup>81</sup>. Como resultado dessa eclesialidade solidária, temos o seguinte registro:

Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nenhuma das coisas que possuía: tudo lhes era comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Pois, não existia nenhum necessitado entre eles; porque todos os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam o valor do que vendiam e o depositavam aos pés dos apóstolos. Esse repartia a qualquer um que tivesse necessidade (At. 34-37)<sup>82</sup>.

A Igreja dos discípulos pioneiros acolheu o ensinamento de Jesus acerca do cuidado pelos pobres. A comunidade de fiéis expressava, por meio de ações concretas, o amor de Deus pelos vulneráveis e, ainda, a disposição do Senhor em ver o fim total da pobreza e da necessidade. Cabe ressaltar que, conforme destaca Keller, embora:

A maioria dos exemplos de generosidade no Novo testamento fala da ajuda dispensada aos pobres da igreja, como apoio dado às viúvas (At 6.1-7). [...]. A Bíblia deixa claro que o amor prático dos cristãos, sua justiça generosa, não deve se restringir às pessoas que têm a mesma crença que nós. Gl 6.10 estabelece equilíbrio

<sup>79</sup> FRANCISCO, **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***. A alegria do evangelho. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Brasília: CNBB, 2013, p. 186,187.

<sup>80</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, Matheus 11: 28.

<sup>81</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, Atos 2:42-45.

<sup>82</sup> A preocupação pelo menos favorecidos e a necessidade de organizar-se o ministério de cuidado, levou a igreja a designar líderes que foram incumbidos de distribuir os fundos às viúvas. Mais tarde, nas epístolas paulinas, esses irmãos foram chamados de diáconos (Fl 1.1; 1Tm 3.8-13).



quando Paulo afirma: “Assim, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, principalmente aos da família da fé. Ajudar “a todos” não é opcional”<sup>83</sup>.

A misericórdia do Senhor abarca a todos, por conseguinte, a compaixão do Senhor não está confinada apenas à comunidade dos irmãos. Esse conceito encontra-se magistralmente presente na poderosa parábola do Bom samaritano, (Lc 10.25-37)<sup>84</sup>. Nessa passagem, um perito em lei bíblica levantou-se em público e fez duas perguntas a Jesus: a primeira “Mestre que devo fazer para herdar a vida eterna?” (v.25). E, após um diálogo curto com Cristo, formulou a segunda questão? “Quem é o meu próximo?” (v.29). Em resposta, Jesus conta a história do Bom samaritano. Portanto, daquele homem que – embora, considerado mestiço pelos judeus e desprezado por eles – socorreu um judeu na estrada e salvou-lhe a vida.

“Qualquer carente – não importa sua raça, preferência política, classe social e religião – é nosso semelhante. Nem todas as pessoas são nossos irmãos na fé, mas todas são nossos semelhantes, e temos de amar os nossos semelhantes”<sup>85</sup>, resume Keller. O ensino de Jesus é muito claro: o próximo é qualquer pessoa que precise de cuidado e apoio.

O contexto sócio-político-econômico é causador de grande número de problemas, tais como, o desemprego, a má distribuição de renda, a violência e a pobreza que produzem distúrbios físicos, emocionais e espirituais. Perante essa realidade adversa, cabe ao conselheiro pastoral uma postura crítica de inconformação com os modelos e estruturas promotores de desajustes e afecções.

O aconselhamento pastoral deve relacionar-se criticamente com as imposições sociais que são indignas do sujeito humano. Esses traços constitutivos de nosso tempo revelam algumas das principais características desse tempo, no qual ocorre o trabalho realizado por aqueles que se comprometeram com o exercício do aconselhamento pastoral e, por conseguinte, com a prática do cuidado inter-humano, que segundo Leonardo Boff corresponde a uma das mais essenciais características do ser humano. Em seus termos:

A sociedade contemporânea, chamada sociedade do conhecimento e da comunicação, está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicação e

<sup>83</sup> KELLER, T., **Justiça generosa**, p.75.

<sup>84</sup> Em razão de seu valor paradigmático, a parábola supracitada será utilizada algumas outras vezes ao longo desta pesquisa. Em geral, como contundente argumento contra a redução da prática do aconselhamento a um ministério *intramuros*.

<sup>85</sup> KELLER, T., **Justiça generosa**, p. 83

solidão [...]. O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do toque e do contato humano. Essa anti-realidade afeta a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a compaixão. Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos nos ensinam que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado. O cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o *ethos* fundamental do humano<sup>86</sup>.

Conforme destacado, percorrer o caminho de auxílio ao outro requer profundo conhecimento dos contornos do cenário contemporâneo.

## 2.2.

### Aconselhamento pastoral e seus principais modelos de exclusão e assimilação

O aconselhamento pastoral está enraizado na trajetória do *laos*<sup>87</sup> de Deus. Conforme afirma Hurdling, “o povo de Deus sempre teve o compromisso do amor mútuo e do cuidado tanto pelo próximo quanto pelo inimigo. Esse fardo de compaixão vem marcando pontos há pelos menos dois mil anos”<sup>88</sup>. Schneider, ao discorrer acerca dos aspectos históricos dessa atividade, faz distinção entre sua prática no âmbito veterotestamentário, e seu exercício na esfera neotestamentária. Ao referir-se a isso, ele diz:

O aconselhamento no AT está centrado na luta do ser humano para resgatar a sua relação com Deus. [...]. Agentes do aconselhamento no AT são os sacerdotes (Lv. 12ss; I Sm 1.9ss), os anciãos e juízes que tomam decisões em casos de conflitos (Rt 4); os profetas, que desenvolvem na sua prática a admoestação e a consolação. [...]. Os provérbios e os diálogos de Jó com seus amigos indicam-nos de que maneira a admoestação e consolação eram práticas da sabedoria popular<sup>89</sup>.

Acerca do aconselhamento no Novo testamento (NT), ele afirma que: “observamos a continuação de uma prática que integra cura espiritual e física, aconselhamento, culto, interpretação das leis divinas e sabedoria popular”<sup>90</sup>, e acrescenta de forma veemente que “Os agentes do aconselhamento no NT são todos os crentes”<sup>91</sup>. Sendo assim, nota-se que no Antigo Testamento (AT) o

<sup>86</sup> BOFF, L., **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra, p.11-12.

<sup>87</sup> O grego bíblico utiliza o termo *laos* para se referir à igreja como um povo. Cf. SNYDER, Howard. **Vinho novo em odres velhos**: Vida nova para a igreja, p. 106.

<sup>88</sup> HURDING, R., **A árvore da cura**: Modelos de aconselhamento e de psicoterapia, p. 21-22.

<sup>89</sup> SCHNEIDER, H.C, in: SCHNEIDER, H. C.; ZWETSCH, R. E. (org), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 259-260.

<sup>90</sup> Ibid., p. 260.

<sup>91</sup> Ibid., p. 261.

aconselhamento está associado ao esforço pela reintegração na relação com Deus por meio de um processo de aconselhamento “liturgicamente ritualizado”<sup>92</sup>, realizado por agentes da religiosidade hebraica, que atuavam como representantes de Deus nas várias esferas e expressões da vida comunitária.

No Novo testamento, no entanto, a partir da encarnação do verbo ocorre certo alargamento e aprofundamento desse trabalho de cuidado, decorrente da inclusão de elementos da espiritualidade, tais como, o amor e o perdão. Além disso, a prática do aconselhamento é estendida a todos os partícipes do seguimento de Jesus. Clinebell reflete sobre o longo caminho percorrido pelo aconselhamento pastoral e afirma que o trabalho realizado pelos conselheiros e pelas conselheiras pastorais está conectado com o ministério do Mestre de Nazaré. Segundo suas palavras:

É importante que nós, aconselhadores pastorais, nos vejamos dentro da longa e rica herança da poimênica. Quando se engajam em poimênica e aconselhamento com pessoas atribuladas, os pastores estão andando nas pegadas de uma longa fila de pastores sensíveis e dedicados que se estende, através dos séculos, até um jovem carpinteiro judeu cujas palavras e cujo toque trouxeram cura e crescimento para pessoas atribuladas no primeiro século de nossa era<sup>93</sup>.

Quanto à citação acima, cabe dizer que no campo da teologia faz-se uma distinção entre os termos poimênica e aconselhamento pastoral, dado que, apesar de correlatos, não são sinônimos. Schneider descreve-os dizendo o seguinte:

Definimos a poimênica como o ministério de ajuda da comunidade cristã para os seus membros e para outras pessoas que a procuram na área da saúde através da convivência diária no contexto da igreja, e definimos o aconselhamento pastoral como uma dimensão da poimênica que procura ajudar através de conversação metodologicamente refletida. Ambos se baseiam na fé cristã e na tradição simbólica do Cristianismo<sup>94</sup>.

A expressão aconselhamento pastoral<sup>95</sup> surgiu apenas no contexto americano do século XX<sup>96</sup>, tendo sido usada para denominar o trabalho do pastor

<sup>92</sup> Ibid., p. 260.

<sup>93</sup> CLINEBELL, H., **Aconselhamento Pastoral**, p. 38.

<sup>94</sup> SCHNEIDER, H.C., in: SCHNEIDER, H. C.; ZWETSCH, R. E. (org), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p, 256.

<sup>95</sup> Do ponto de vista etimológico, a expressão “aconselhamento pastoral” é uma tradução do inglês para o português a partir do termo pastoral *counseling*, usado amplamente nos Estados Unidos para identificar os cristãos que atuam como conselheiros espirituais. Cf. SCHNEIDER–HARPPRECHT, C. (Org). **Teologia Prática no contexto da América Latina**, p, 256.

<sup>96</sup> Hurdling, no entanto, ressalva que o aconselhamento pastoral (com suas escolas distintas), desenvolveu-se nos dois lados do Atlântico. Todavia, é nos Estados Unidos que essa temática mais vem sendo estudada, sobretudo, como um aspecto dominante do cuidado pastoral. Cf. HURDING, R., **A árvore da cura**, p. 247.

em auxiliar as pessoas a cuidarem de si mesmas por meio de um maior entendimento dos conflitos que as afligiam. Zaracho esclarece que:

Nos primeiros séculos o aconselhamento pastoral recebia o nome de ‘cura das almas’. Em sua origem, a palavra cura não têm o significado atual, hoje em dia se refere a sarar. Antes, uma pessoa curava a outra quando se dava um trato adequado, quando se interessava por ela. Era primordialmente uma atitude, e a ênfase não estava no resultado, mas, antes de tudo na relação. Curar indicava comumente ‘cuidar’, ‘ter interesse por’, incluía o conceito de saúde entendida como crescimento<sup>97</sup>.

Schneider destaca a origem platônica da expressão cura da alma. Ele Diz:

A tendência de entender a atividade do aconselhamento pastoral a partir da medicina tem suas raízes já na igreja antiga e deve-se à tradição do platonismo, que transparece no conceito de cura da alma, o qual entende como tarefa principal do pastor a salvação da alma imortal através da confissão e absolvição<sup>98</sup>.

Essa terminologia, no entanto, pouco é usada na atualidade para identificar o trabalho dos conselheiros pastorais, em razão de sua concepção reforçar o dualismo antropológico<sup>99</sup>. No final do século XIX, a tradição cristã de acompanhar e apoiar homens e mulheres em situação de aflição começou a ficar exposta às ciências psicológicas. A partir daí, ocorreram inúmeras reações ao avanço das intuições da psicologia sobre o campo do aconselhamento pastoral. Decerto, conforme elucida Hurdling:

O cristianismo ocidental não podia permanecer à margem dos desdobramentos que ameaçavam rivalizar sua posição, de longa data firmada, como principal fonte de consolo e orientação. Exigia-se uma reação – mais cedo ou mais tarde. A ciência psicológica começou a voltar o olhar para a igreja e suas reivindicações<sup>100</sup>.

É sabido que o aconselhamento não é uma exclusividade do cristianismo. Encontra-se também presente no âmbito de várias religiões não cristãs. Quais sejam: o judaísmo, o budismo, o islamismo, entre outras.

Nas palavras de Louro, “Isto é fora da história eclesiástica. É uma prática profundamente humana”<sup>101</sup>.

<sup>97</sup> ZARACHO, Rafael apud ROSA, Alexandre. **Interface psicologia e aconselhamento pastoral: o cuidado nas crises através do aconselhamento pastoral**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da Escola Superior de Teologia (EST) para a obtenção do título de mestre em teologia. São Leopoldo, 2011, p. 21.

<sup>98</sup> SCHNEIDER, H. C., in: SCHNEIDER, H. C.; ZWETSCH, R. E. (org), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 256.

<sup>99</sup> Idem., p. 256.

<sup>100</sup> HURDLING, **A árvore da cura**, p. 246.

<sup>101</sup> LORO, T. J., **Aconselhamento espiritual: um ministério a serviço do povo de Deus**. Revista de cultura teológica. N.82, p.34. Jul/Dez 2013.

O tipo de problema abordado e a qualificação dos conselheiros distinguem o aconselhamento pastoral<sup>102</sup> de outros modelos de aconselhamento.

O aconselhamento psicológico, por exemplo, é praticado por profissionais treinados em abordagens psicoterápicas, que se ocupam, fundamentalmente, do acompanhamento de indivíduos acometidos por distúrbios psíquicos e psicossociais.

A técnica do aconselhamento psicológico relaciona-se à problemática da superação de conflitos e ao processo de autoconhecimento. O aconselhamento pastoral<sup>103</sup>, por sua vez, focaliza questões e problemas que se colocam no percurso da existência à luz, principalmente, de pressupostos e recursos teológicos e espirituais, visando auxiliar o indivíduo a crescer em todas as dimensões relacionais.

Acerca das especificidades relativas aos objetivos do aconselhamento pastoral, Albert Friesen, Teólogo e psicólogo, membro do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras cristãos, um dos defensores brasileiros da relação entre a teologia e os postulados da psicologia, teórico que tem envidado esforços para promover um modelo de aconselhamento mais inclusivo e dialógico, afirma que: “O aconselhamento pastoral deve tratar das tensões interiores e dos diferentes complexos que interferem na qualidade de vida”<sup>104</sup>.

---

<sup>102</sup> Na esfera deste trabalho, a expressão “aconselhamento pastoral” não é entendida como psicologia, psicanálise ou psicologia analítica. Logo, não se trata de uma prática do Campo da psicologia. Não obstante, conforme um dos pressupostos desta pesquisa, teologia e ciências humanas, ou, mais especificamente, aconselhamento pastoral e psicologia interseccionam-se no campo do cuidado humano. Segundo Schipani: “o aconselhamento pastoral é definido e realizado como parte do ministério da igreja e não como ramo da indústria psicoterapêutica ou das profissões da saúde mental”. SCHIPANI, Daniel. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: editora Sinodal, 2004, p.75.

<sup>103</sup> Neste ponto, em que se pretende fazer distinção entre aconselhamento pastoral e aconselhamento psicológico, cabe uma referência à psicologia pastoral, visando delimitar o seu campo de atuação. Baumgartner enquadra tal disciplina no âmbito da teologia prática. Nas suas próprias palavras: [...] A la psicología pastoral le corresponde la función de hacer accesible, para la teología práctica, los resultados de la investigación psicológica del diagnóstico, la profilaxis y la terapia, de manera que puedan ser fecundos para una “práxis de la Iglesia” adecuada al Evangelio y a las preguntas de los seres humanos. Esto significa que la psicología pastoral participa en la función fundamental de la práctica teológica, a saber, “optimizar”, en el sentido del Evangelio, la praxis eclesial que realiza. In Baumgartner, Isidor apud Mazzini, María Marcela: **teoría y praxis de una pastoral salvífica y curativa**. In: *Theologia Javeriana, Bogotá, Colombia, Vl. 65, p.85, Jun.2005*. Disponível em <http://dx.doi.org/10.11144/javeriana.tx65-179.tpps> Acesso em: 19 jul. 2016.

<sup>104</sup> FRISEN, Albert. **Cuidando do ser**: treinamento em aconselhamento pastoral. Curitiba: Editora evangélica e Esperança, 2002, p.26.

Friesen propõe um modelo de aconselhamento de natureza integral, que ocupe do homem como um todo, contemplando, dessa forma, todas as dimensões do ser<sup>105</sup>.

Isto, por certo, requer do conselheiro pastoral uma compreensão ampla e profunda do indivíduo; bem como, disposição inquebrantável para a constante reflexão referente à complexidade do fenômeno humano, com suas nuances, singularidade e potencialidades. Ou, por outra, citando novamente Friesen, “é preciso permanecer em constante aprimoramento no entendimento a respeito do homem, sua estrutura, seu desenvolvimento, sua dinâmica e funcionamento”<sup>106</sup>.

Para Schneider- Harpprecht, o objetivo do aconselhamento pastoral:

É descobrir com as pessoas em diferentes situações da sua vida e, especialmente em conflitos e crises, o significado concreto da liberdade cristã dos pecadores cujo direito de viver e cuja autoaceitação vêm da graça de Deus. O seu objetivo também é ajudá-las para que possam viver a relação com Deus, consigo mesmas e com o próximo de uma maneira consciente e adulta. Isto inclui a capacitação das pessoas para assumirem a sua responsabilidade como cidadãos que se engajam em favor de uma melhora das condições de vida do seu povo numa sociedade livre, democrática e justa<sup>107</sup>.

Vê-se, por conseguinte, que, de acordo com a definição do teólogo luterano (docente da área de teologia prática das Faculdades EST, instituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), o aconselhamento pastoral possui duplo desafio, a saber: auxiliar as pessoas a compreender o sentido da liberdade cristã, tomando-a como um aspecto irrenunciável da realidade humana, cuja fonte é Deus. Bem como, ajudá-las no processo de maturação e no aprofundamento do compromisso com o enfrentamento das mazelas sociais.

Ademais, Schneider-Harpprecht, na sua aproximação da teoria do aconselhamento pastoral, via teologia prática, compreende que existem alguns temas que carecem de aprofundamento<sup>108</sup>.

Essas temáticas podem ser descritas, resumidamente, a partir dos seguintes enunciados:

a) A fundamentação teológica. O cristianismo parte da fé em Deus, o pai amoroso, o Criador, e sustentador da vida, e de sua encarnação em Jesus de

<sup>105</sup> A utilização da expressão “dimensões do ser” não deve ser interpretada, sob nenhuma hipótese, no sentido de reforçar o dualismo antropológico, como será demonstrado nos capítulos subsequentes.

<sup>106</sup> FRISEN, A., **Cuidando do ser**, p.25.

<sup>107</sup> SCHNEIDER, H. C., in: SCHNEIDER, H. C.; ZWETSCH, R. E. (org.), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p, 256.

<sup>108</sup> *Ibid.*, p, 258.

Nazaré. O ser humano é tido como criado à imagem e semelhança de seu criador tendo, portanto, dignidade e valor próprios. Na cruz, Cristo identificou-se com o sofrimento humano;

b) O problema da inculturação. O aconselhamento pastoral insere-se na realidade de seus atores, isto é, lida com as situações concretas da vida;

c) A relação entre aconselhamento pastoral e as ciências humanas. Trata-se da interação e do diálogo interdisciplinar, indispensável (de acordo com essa escola), para a reflexão sobre a atividade do conselheiro pastoral;

d) A questão do método. O aconselhamento pastoral utiliza-se da sabedoria das várias técnicas terapêuticas que fortalecem o trabalho de libertação dos sujeitos, bem como tornam mais eficientes as ações do conselheiro.

Schneider procura demonstrar a necessidade do permanente diálogo com a cultura e com a riqueza das múltiplas abordagens psicoterápicas com o propósito de articular-se uma prática de aconselhamento mais coerente com as demandas do ser e com as realidades desconcertantes e desestabilizadoras de nossos dias.

Nessa perspectiva, o aconselhamento pastoral requer compromisso dialogal. Sobretudo, nos grandes centros urbanos, onde, supõe-se que as relações travadas nas teias sociais são menos intensas e profundas. Ele afirma:

Nas grandes cidades, onde há pouca convivência comunitária por causa das distâncias, existe a possibilidade de instalar centros ecumênicos de aconselhamento em que leigos e profissionais atendam as pessoas. Para atingir a população em favelas e vilas, o serviço de aconselhamento deve estar ligado a instituições como creches ou postos de saúde<sup>109</sup>.

A declaração acima destaca a relevância da prática ecumênica para o ministério de cuidado. Christoph Schneider sublinha ainda o lugar de grande importância ocupado pela interdisciplinaridade na esfera da atividade dos conselheiros pastorais.

Sob este prisma, a mútua cooperação em todos os níveis contribui para que o trabalho do conselheiro seja exitoso. Para esse autor, no âmbito da ajuda inter-humana, “o ideal seria uma integração de diferentes intenções básicas dos diferentes modelos. Importante é o diálogo aberto, a disposição de cooperar pragmaticamente [...] em direção ao objetivo do evangelho”<sup>110</sup>.

<sup>109</sup>SCHNEIDER, H. C., in: SCHNEIDER, H. C.; ZWETSCH, R. E. (org), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 276.

<sup>110</sup> Ibid., p, 277.

Collins, à semelhança de Clinibell, entende que o conselheiro pastoral, “está numa posição vital para influenciar a direção que as soluções para a crise vão tomar”<sup>111</sup>. Cabe dizer que, segundo ele, há três tipos de crise com as quais todas as pessoas se deparam. São elas: as crises de desenvolvimento, experienciadas ao longo da vida, notadamente, nos momentos de transição e que requerem ajustes; as crises acidentais que, sendo menos previsíveis, golpeiam com mais força. Por último, as existenciais (marcadamente cognitivas) que estão associadas ao enfrentamento de verdades perturbadoras, que se colocam ao longo do percurso humano; inequivocadamente relativas ao processo de envelhecimento, ao sofrimento resultante das perdas, à angústia derivada da ausência de sentido na vida, além de inúmeras outras fontes de desespero e ansiedade generalizada. Por fim, de acordo com Douglas Bookman:

Aconselhamento é, por definição e inclinação, um ministério de ajuda. Ele pressupõe um indivíduo que está sendo confrontado por certo grau de confusão, decepção ou desespero e uma segunda pessoa que se empenha para ajudar analisando a situação do aconselhamento, procurando desemaranhar as questões envolvidas, de forma a oferecer conselhos e direções úteis e benéficas<sup>112</sup>.

A esta altura deste trabalho, pode-se dizer que o aconselhamento pastoral<sup>113</sup> consiste na ação da igreja cristã em apoiar e auxiliar, especialmente, aqueles que se encontram em situação de sofrimento, angústia e vulnerabilidade social, sedentes, portanto, de um gesto de solidariedade e cuidado, num contexto repleto de indivíduos fustigados pelas adversidades e golpeados pelos infortúnios.

Além disso, resta evidente que o aconselhamento é um relacionamento interpessoal em que o conselheiro assiste ao indivíduo em sua totalidade ao longo da jornada de ajustamento pessoal e social.

Mormente, naqueles períodos nos quais as crises e as vicissitudes tendem a obstruir o desenvolvimento do sujeito. Portanto, o aconselhamento proporciona um tipo de assistência comprometida com o pleno processo de amadurecimento. Segundo Friesen, “Assistir no sentido de estar presente, de auxiliar, de ajudar, de

<sup>111</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento Cristão**, p. 41.

<sup>112</sup> BOOKMAN, D., As Escrituras e o aconselhamento bíblico. In: MACARTHUR, Jr., John F. Mack. Wayne, (org.), **Introdução ao aconselhamento bíblico**. Um guia básico de princípios e práticas de aconselhamento, p.87.

<sup>113</sup> Como já destacado, o aconselhamento pastoral é marcado por diferentes formas de intervenção que assumem uma diversidade de nomenclaturas. No entanto, em última análise, todas as modalidades de aconselhamento visam auxiliar o indivíduo a fazer com mais esperança o percurso da existência humana.



favorecer”<sup>114</sup>, logo, de demonstrar compaixão ativa, engajada, voltada para o bem estar da comunidade humana.

Observa-se que no enfrentamento das demandas provindas de um cenário repleto de homens e mulheres sofredores, se constata um esforço, por parte de grande número de conselheiros pastorais – agentes eclesiais que falam a partir do *locus* teológico –, no sentido de oferecer respostas para as múltiplas formas de padecimento que afligem os sujeitos humanos.

No entanto, não há consenso entre os conselheiros pastorais acerca da possível conciliação entre cristianismo e ciências humanas, precipuamente as psicológicas na esfera do cuidado humano.

Roger Hurding, por exemplo, apresenta cinco atitudes cristãs perante as contribuições das psicologias seculares<sup>115</sup>. A saber:

a) Exclusão. Total rejeição a qualquer tipo de contribuição da psicologia. Essa resposta é marcada pela ênfase na revelação de Deus por meio de sua palavra. A graça comum e a revelação geral são desconsideradas;

b) Assimilação. Acolhimento em níveis variados das metodologias e abordagens psicoterápicas;

c) Ecletismo. Os conselheiros dessa linha acolhem ideias e métodos de fontes distintas;

d) Compartimentação. Nessa perspectiva, teologia e psicologia são consideradas importantes para o desvelamento do sofrimento humano, bem como ferramentas significativas para a prática do cuidado. No entanto, há uma rígida classificação dessas áreas, que produz um entendimento dualista;

e) Integração. Neste tipo de resposta, ocorre a tentativa de promover a unidade entre teologia e psicologia, além de outras áreas do conhecimento, demonstrando as possibilidades da comunhão entre os saberes no campo do ministério de ajuda.

Um dos pressupostos dessa linha consiste na compreensão de que toda verdade é verdade do Deus criador e sustentador de todas as coisas, seja ela referente aos escritos bíblicos ou associada ao conhecimento científico.

Schneider-Harpprecht esclarece que podem ser encontrados nas igrejas evangélicas quatro tipos de aconselhamento<sup>116</sup>:

<sup>114</sup> FRISEN, A., **Cuidando do ser**, p.19.

<sup>115</sup> Cf. HURDING, R., **A árvore da cura**, p. 305, 314.

a) o fundamentalista (noutético), de Jay Adams, que visa o aconselhamento centrado na Bíblia como única fonte de orientação relativa ao ser humano, e as causas de seu sofrimento. Além de rejeitar toda perspectiva psicológica;

b) o evangelical da psicologia pastoral, integrando a psicologia com a teologia, caracterizando-se por um modelo ‘psicoteológico’;

c) o modelo holístico ou de crescimento de Clinebell, baseado na libertação rumo à integralidade, em uma visão holística da pessoa criada à imagem e semelhança de Deus e, conseqüentemente, através de Cristo alcança uma vida abundante;

d) o modelo contextual, que apresenta um aconselhamento em grupos que se unem para apoiar-se mutuamente em prol de uma causa: pobres, moradores de rua, sem-terra, mulheres.

Algumas dessas reações e modelos<sup>117</sup> desconsideram o valor da interdisciplinaridade e, por consequência, a solidariedade entre os saberes, outros, no entanto, procuram incorporar à prática de aconselhamento pastoral<sup>118</sup> um conjunto de percepções e recursos provenientes das mais diferentes áreas da compreensão humana.

---

<sup>116</sup> Ibid., p. 266.

<sup>117</sup> Conquanto o presente trabalho coloque em relevo duas grandes linhas de aconselhamento pastoral, existem, além dos modelos destacados, inúmeros tipos de aconselhamento que se afirmam cristãos. Hurdning destaca os seguintes: “bíblico, pelo discipulado, de crescimento, noutético, de diálogo, espiritual e pela oração”. Cf. HURDNING, A **árvore da cura**, p. 15. Pelo exposto, verifica-se a amplitude da lista de abordagens e métodos de aconselhamento. No entanto, grosso modo, pode-se dizer que todas estas expressões de cuidado estão inseridas nas duas posições teóricas supracitadas, isto é: ou rejeitam os enunciados das ciências humanas, precipuamente aqueles derivados das psicologias ou acolhem em níveis variados as intuições e metodologias das psicologias e das disciplinas afins.

<sup>118</sup> O termo “aconselhamento pastoral” possui uma dimensão controversa, dado que sugere que o aconselhamento seria uma atividade exclusiva dos ministros ordenados. Todavia, o conceito “povo de Deus” auxilia-nos a evitar uma abordagem reducionista deste assunto. O Concílio Vaticano II desenvolveu uma consistente concepção da teologia do laicato, evidenciando a identidade eclesial de todos os fiéis, incluindo sua missão e vocação. O aconselhamento não deve ser percebido como uma tarefa exclusiva do pastor, padre ou outro líder. O aconselhamento pastoral deve ser visto “em primeiro lugar como expressão da vida comunitária e não como uma tarefa reservada para os pastores e outros especialistas da igreja”. SCHNEIDER-HARPPRECHT, C, In: SCHNEIDER-HARPPRECHT Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**, p. 257. Ler também BARRO, Jorge Henrique. **A pastoral em perspectiva latino-americana**: um ensaio a transformação da realidade. In: KOHL, Manfred Waldemar & BARRO, Antonio Carlos. (Org.) **Ministério pastoral transformador**. Londrina: Descoberta, 2006, p. 33-50. Sob seu prisma, a pastoral é missão como um todo, logo não é exclusivamente uma tarefa do ministro ordenado, mas de todo o povo de Deus.

### 2.2.1. O modelo noutético

Tal modelo de aconselhamento é marcado pelo ponto de vista elevado sobre as Escrituras e pela reação à influência secularizante das abordagens, pressupostos e metodologias das psicoterapias. Esta escola tem na Bíblia sua única referência teórica.

Essa abordagem não atribui nenhum valor a qualquer recurso que não o recurso da Palavra de Deus. Os expoentes do aconselhamento noutético adotam uma posição de exclusão diante do mundo da psicologia<sup>119</sup>. Sendo assim, rechaçam quaisquer contribuições científicas, sobretudo do campo psicoterápico, como apoio auxiliar para a prática do cuidado interpessoal.

O aconselhamento noutético é um representante expressivo dos elementos bloqueadores do diálogo interdisciplinar, na esfera da ajuda inter-humana. Com efeito, o cuidado pastoral orientado por esse modelo defende a total impossibilidade do diálogo entre o aconselhamento pastoral e as ciências psicológicas<sup>120</sup>. Sob essa ótica, a interdisciplinaridade é classificada como uma séria ameaça à integridade da atividade do conselheiro pastoral.

A abordagem noutética percebe a sua relação com a psicologia, com a psiquiatria, e com as demais áreas que atuam na esfera dos problemas psicológicos e emocionais, como uma batalha, um embate em torno da verdadeira prática do aconselhamento pastoral. Qualquer esforço para uma integração da psicologia e da teologia é classificado como uma concessão ao avanço de forças inimigas.

Dessa forma, não há nenhuma tolerância – por parte dos conselheiros que subscrevem os postulados noutéticos – com as tentativas de integração de saberes. Todas as iniciativas nesse sentido são tomadas como comprometedoras da integridade do aconselhamento.

Segundo Hurding, “Em consequência, tais empreitadas são vistas como uma negociação diplomática com o demônio, pois consideram-nas incursões em território inimigo”<sup>121</sup>. Resta claro que as intuições, interpretações e abordagens

---

<sup>119</sup> HURDING, R., *A árvore da cura*, p. 332-333.

<sup>120</sup> HURDING, R., *A árvore da cura*, p. 327.

<sup>121</sup> *Ibid.*, p.329.

dos profissionais da psiquiatria e das escolas de psicologia são tidas como sistematicamente deturpadas pelo erro.

### 2.2.2. Jay Adams

O aconselhamento noutético está primordialmente associado ao trabalho de Jay Adams, doutor em teologia pela Universidade de Missouri, e fundador dos ministérios *National association of Nouthetic Counselors e Christian Counseling*. A partir de sua atuação como pastor presbiteriano na Pensilvânia e Nova Jérsei e, ainda, como professor de aconselhamento no seminário teológico de Westminster, Adams sistematizou sua teoria de aconselhamento. Após ocupar-se da análise das Escrituras Sagradas, concluiu que a Bíblia é a única referência legítima para o trabalho do conselheiro.

A metodologia de Adams inclui abertamente a ação do Espírito Santo associada ao uso das Escrituras. O aconselhamento é considerado uma atividade pertencente à esfera do ministério do Espírito. A habilidade do conselheiro é tida como um carisma. Isto é, um dom concedido pelo Espírito Santo cujo objetivo consiste em equipar o cristão para o exercício deste trabalho. Sob essa ótica, não se pode realizar aconselhamento exitoso à parte da dependência do Espírito Santo. Daí decorre seu questionamento:

Como é que ministros cristãos remetem gente de suas igrejas, sofredora por falta de domínio próprio, a um psiquiatra que nunca pôde descobrir o segredo do domínio próprio em sua vida pessoal? Exteriormente, ele dá a impressão de que é calmo e seguro, amadurecido, paciente e até suave. [...]. Poderá ele ter esse fruto do Espírito sem contar com o Espírito<sup>122</sup>.

Como se vê, Adams evidencia – em diversas declarações, o lugar de preponderância ocupado pelo Espírito Santo no aconselhamento. Para ele, o Consolador é o verdadeiro dirigente em todo aconselhamento noutético eficaz. Acrescenta-se a isso, a sua percepção de que o Espírito Santo trabalha no processo de aconselhamento, dentre outras maneiras, aplicando a verdade das Escrituras ao coração tanto do conselheiro quanto do aconselhando; oferecendo, portanto, direção e orientação a ambos e, particularmente ao aconselhando, real possibilidade de mudanças.

---

<sup>122</sup> Cf. ADAMS, J., *Conselheiro Capaz*, p.38.

Esse autor e seus congêneres entendem que as mudanças que ocorrem no aconselhando são efetuadas pela ação do Espírito Santo mediante a exposição da Palavra de Senhor<sup>123</sup>. Na metodologia de Adams, o Espírito Santo requer que os conselheiros usem a Bíblia, na medida em que o Espírito realiza seu trabalho de aconselhamento através das Escrituras.

Logo, a ausência da Bíblia no aconselhamento pastoral é vista por essa escola como sinônimo da ausência do próprio Espírito. Sem as Escrituras, o aconselhamento perde sua natureza pneumática. Adams afirma essa compreensão:

A realidade do Espírito Santo presente no aconselhamento implica, portanto, na presença do Espírito Santo também. Este relacionamento fundamental deveria ser, só por si, decisivo para qualquer cristão que medita na situação que caracteriza o aconselhamento. Aconselhamento feito sem as escrituras só se pode esperar que será aconselhamento sem o Espírito Santo<sup>124</sup>.

Na perspectiva de Adams, todo paradigma científico deve ser rejeitado, adotando-se apenas o que descreve como instrução autorizada, isto é, noutética. Neste padrão, o problema que deve ser enfrentado é o pecado. Adams se expressa afirmando:

A instrução autorizada requer o emprego de técnicas diretivas, noutéticas. A técnica e toda metodologia devem desenvolver-se do propósito e do conteúdo, e ser-lhes apropriadas. [...]. O aconselhamento procurará inverter aqueles padrões pecaminosos que começaram no Édem. [...]. O aconselhamento noutético advoga que o homem, ao invés de desculpar-se ou por a culpa em outros, assuma a responsabilidade e a culpa que se declare réu convicto, que confesse o pecado, e que procure o perdão em Cristo. [...]. As relações entre Deus e Adão haviam sido estabelecidas com base na Palavra de Deus, foram rompidas pelo desafio por Satanás àquela Palavra e foram restabelecidas pela Palavra de Deus<sup>125</sup>.

Para ele, toda enfermidade ou problema tem sua origem primária no fato do ser humano ser pecador. A partir dessa compreensão, dedicou-se a escrever livros e artigos com o fito de defender e propagar o aconselhamento noutético<sup>126</sup>.

De fato, com a publicação do Livro *Conselheiro Capaz* de, Jay Adams, em 1970, nos Estados Unidos, pontos de vista contrários ao uso da psicologia têm

<sup>123</sup> Ibid., p.35-39.

<sup>124</sup> Cf. ADAMS, J. *Conselheiro Capaz*, p.40.

<sup>125</sup> Ibid., p. 67-68.

<sup>126</sup> Adams descreve seu aconselhamento como noutético. “o adjetivo deriva do verbo grego *noutheteo* e do substantivo correspondente *nouthesia*, palavras que ocorrem principalmente nos escritos de Paulo.” HURDING, A *árvore da cura*, p, 322. Esses termos significam: *noutheteo* (νουθετω - fazer lembrar, repreender, aconselhar, instruir) e, *nouthesia* (νουθεσια - advertência, admoestação).

sido divulgados, levando inúmeros conselheiros a questionar a validade desta disciplina para aconselhamento pastoral.

“Não são poucos os cristãos que veem no aconselhamento pastoral que se utiliza de princípios da psicologia ou de suas técnicas uma superficialização de seus verdadeiros propósitos, ou até um desvio de seus propósitos”, opina Frisen<sup>127</sup>.

De acordo com essa escola, a partir, principalmente, do início do século XX, as psicologias com suas pressuposições equivocadas e ateias dominaram o aconselhamento praticado pelos cristãos e redefiniram os discursos acerca do ser humano e seus problemas. Imbuídos do desejo de libertar o aconselhamento pastoral da influência nociva dos *insights* seculares, Adams e seus seguidores deflagraram uma batalha contra uma abordagem considerada por eles, ímpia, incorreta e disfuncional.

No texto supracitado, Adams insurge-se contra o que considera a proeminência da psicologia e psiquiatria pagãs na esfera do aconselhamento pastoral. Ele diz que, “o que os cristãos, por seu turno, devem fazer é perceber o que existe por detrás desses conceitos e procurar compreender que os seus pressupostos são fundamentalmente anticristãos”<sup>128</sup>.

Neste prisma, os cristãos, em razão de seu comprometimento com os postulados bíblicos, estão autorizados a olhar com desconfiança para as psicologias seculares e suas teorias. Pressupõe-se, portanto, um antagonismo inato entre essas disciplinas. Algo inconciliável.

Adams e seus admiradores sustentam, de forma clara e contundente, que a psicologia não representa um quadro uniforme de conhecimento científico<sup>129</sup>. Além disso, entendem que os recursos psicológicos são falaciosos, dentre outras razões, na medida em que não cumprem o que prometem<sup>130</sup>. Dessa forma, sob esse ponto de vista, fica estabelecido que a psicologia não deve ser classificada como ciência.

Um dos resultados dessa chave de leitura consiste na convicção, por parte de muitos que subscrevem esse ponto de vista, de que o aconselhamento pastoral é

<sup>127</sup> FRIESEN, A., **Cuidando do ser**, p. 28.

<sup>128</sup> ADAMS, J., **Conselheiro Capaz**, p. 17-18.

<sup>129</sup> MACARTHUR, In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org). **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p. 31.

<sup>130</sup> ADAMS, J., op.cit., p. 20-36.

um benefício do qual somente os cristãos poderão desfrutar. Ou seja, os não cristãos não deveriam ser ajudados pelo aconselhamento praticado por aqueles que se inscrevem no seguimento de Jesus.

De acordo com essa perspectiva, os não cristãos estariam impedidos de ser auxiliados pelo trabalho dos conselheiros pastorais<sup>131</sup>. O aconselhamento noutético de Jay Adams é um representante influente dessa compreensão. Segundo suas intuições, o aconselhamento relativo à não cristãos pode ser iniciado, contudo será de natureza evangelística. Caso o postulante ao aconselhamento rejeite acolher a mensagem da salvação em Cristo, o trabalho será interrompido.

Nesse caso, o conselheiro atuará como evangelista, e após ter apresentado fielmente o evangelho, considerará a resistência, por parte do aconselhando em entregar-se a Cristo, como uma barreira intransponível.

Logo, “a primeira prioridade do conselheiro bíblico é determinar se o aconselhado é ou não crente. Aqueles que ainda não são, precisam enxergar sua necessidade, acima de tudo de redenção”, afirma MacArthur<sup>132</sup>. O conselheiro só está autorizado a fazer o pré-aconselhamento<sup>133</sup> de não cristãos, com o propósito de prepará-los para o ato de entrega incondicional a Cristo, que, caso não ocorra, conforme explicitado acima, determinará o fim do relacionamento de cuidado.

Além disso, caso haja dúvidas acerca do aconselhando ter ou não passado por uma experiência de redenção, perguntas deverão ser feitas no sentido de verificar a real situação espiritual do indivíduo<sup>134</sup>. O professor Francisco de Assis Souza dos Santos, doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, opina:

Adams chega ao extremo de afirmar que só poderá haver aconselhamento mediante conversão ao cristianismo e qualquer mudança possível passa necessariamente pela conversão por meio de evangelização. Só assim o necessitado poderá alcançar o tratamento almejado, tendo em vista que quem não reconhece seus pecados jamais obterá cura completa. É surpreendente que os pensamentos de Adams continuem

<sup>131</sup> Cf. ADAMS, apud HURDING, Roger F. **A árvore da cura** : modelos de aconselhamento e de psicoterapia, p. 320.

<sup>132</sup> MACARTHUR, In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org.), **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p.168 -169.

<sup>133</sup> SMITH, R., In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org.), **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p. 177.

<sup>134</sup> MACK, W., In: MACARTHUR, (Org.), **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p, 230.

sendo observados e praticados até hoje, obstaculizando ainda mais o diálogo entre o aconselhamento pastoral e o conhecimento científico<sup>135</sup>.

Roger Hurding, por sua vez, faz a seguinte descrição do posicionamento do deão do Instituto de Estudos pastorais do Seminário de Westminster:

Há quem, como Jay Adams, argumente que o incrédulo não deve ser aconselhado; ele necessita ter o Senhor, e, antes de ser regenerado, não poderá reagir positivamente em meio a seus problemas de forma orientada por Deus. Na verdade, raciocina Adams, o aconselhamento presta um desserviço ao não cristão quando procura resolver seus problemas antes da conversão, pois assim o cliente poderá sentir-se bastante seguro, achando que poderá cuidar de sua vida sem Deus<sup>136</sup>.

Adams é taxativo ao tratar da possibilidade do aconselhamento voltado para os não cristãos. Segundo suas palavras:

Que se pode dizer do aconselhamento dirigido a descrentes? Qualquer aconselhamento que pretenda qualificar-se de cristão, terá certamente que ser evangelístico. O aconselhamento é redentor. O que Deus, em Cristo, fez pelo pecador condiciona o que o conselheiro faz. O aconselhamento deve seguir e refletir a ordem de Deus na redenção; graça, e então, fé; evangelho, e então santificação. [...]. Dado o problema radical da natureza humana, exigem-se medidas radicais. [...]. Falando em termos concretos, o aconselhamento só é verdadeiramente noutético quando o consultante é cristão. Doutro modo, é sempre alguma coisa menos que o aconselhamento noutético<sup>137</sup>.

Em contraposição com a ideia de Adams, segundo a qual, somente os cristãos podem ser objeto de atenção e cuidado por parte do conselheiro pastoral, Hurding sustenta, tendo como base os evangelhos, notadamente o texto do evangelista Lucas 10:25-37, que todos os que precisam de ajuda devem ser acolhidos pelos conselheiros pastorais. Diz ele:

Em resposta à pergunta do especialista em questões legais – “Quem é meu próximo?” – Jesus conta a parábola do bom samaritano, a história do homem que, embora não fizesse parte das fileiras do “povo da aliança”, ainda assim demonstrou o cuidado prático de um ser humano para com outro, atitude que nosso Deus elogia [...]. Vemos nessa historietta que o próximo é toda e qualquer pessoa. Não pode haver exceções, nem para dar, nem para receber amor. [...]. Assim, em nosso aconselhamento [...] também devemos atuar no âmbito mais amplo do amor para com o próximo<sup>138</sup>.

Hurding afirma que todos são alvos do amor e da graça de Deus. Segundo sua análise, esse conceito encontra-se presente na conhecida parábola em apreço. De igual modo, Brustolin, utiliza-se dessa mesma passagem para evidenciar a

<sup>135</sup> SANTOS, F. A. S. S., **Audição equilibrada**; relações entre aconselhamento pastoral e psicanálise. Tese doutoral apresentada à Pontifícia Universidade Católica- PUC. Rio de Janeiro, 2015, p. 44.

<sup>136</sup> HURDING, R., **A árvore da cura**, p. 49.

<sup>137</sup> ADAMS, J., **Conselheiro Capaz**, p. 77-78.

<sup>138</sup> HURDING, R., **A Árvore da cura**, p. 450.



premência de acolher a todos que se encontram em estado de sofrimento. Segundo ele:

A pessoa que sabe cuidar está atenta às necessidades dos outros, faz-se próximo do irmão. É como explica Jesus, quando lhe perguntaram: quem é meu próximo? Ao contar a parábola do bom samaritano, está claramente apresentada a urgência de ir ao encontro de quem precisa. Próximo não é somente aquele que padece ao meu lado, mas aquele do qual me aproximo, porque sua dor me impulsiona a ajudá-lo<sup>139</sup>.

Leonardo Boff, por seu lado, faz importante esclarecimento sobre a democratização da compaixão inter-humana, ao afirmar seu aspecto ontológico:

Que imagem do ser humano projetamos quando o descobrimos como um ser-no-mundo-com – outros sempre se relacionando, construindo seu habitat, ocupando-se com as coisas, preocupando-se com as pessoas, dedicando-se àquilo que lhe representa importância e valor e dispondo-se a sofrer e a alegrar-se com quem se sente unido e ama? A resposta mais adequada será: o ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado<sup>140</sup>.

Logo, do ponto de vista integracionista, o aconselhamento pastoral é um recurso de apoio que deve ser oferecido a todas as pessoas. Posto que não se refira tão somente à prática de dar conselhos ou distribuir orientações, mas à disponibilização de cuidado interpessoal indicadora da natureza compassiva do Deus revelado em Jesus Cristo. Uma verdadeira parceria na missão solidária de Deus em favor do ser humano.

Conforme explica Oliveira, “Aconselhamento não é dar conselhos, é acompanhar, fazer-se parceiro, companheiro de caminhada”<sup>141</sup>. Como se vê, a questão “a quem aconselhar?” consiste em mais um ponto controverso no âmbito do aconselhamento pastoral<sup>142</sup>. Fortemente influenciado pelas percepções de Hobart Mowrer<sup>143</sup>, Adams construiu um sistema de pensamento com conceitos bem difundidos que são rejeitados com veemência. Segundo ele, todas as aflições

<sup>139</sup> Cf. BRUSTOLIN, L. A., **A vida: dom e cuidado: Antropologia teológica e ética do cuidado**. In: Teocomunicação: revista quadrimestral da Faculdade de Teologia da PUC-RS, Porto Alegre, V. 36, n.º. 152, p. 457. Como se observa, Keller (página 25 desta pesquisa), Hurdin e Brustolin usam a parábola do bom samaritano para esclarecer e afirmar o valor da vida de todos os seres humanos, indistintamente.

<sup>140</sup> BOFF, L., **Saber cuidar**, p. 35.

<sup>141</sup> OLIVEIRA, R. M. K., In Kohl, MANFRED W.; BARRO, A. C. (Org.), **Aconselhamento cristão transformador**, 146.

<sup>142</sup> No âmbito de nosso país, pelo que se pode observar, a prática do aconselhamento pastoral está voltada quase que exclusivamente para os membros de comunidades cristãs. O aconselhamento a pessoas de outras tradições religiosas é bastante infrequente, raro. Resulta claro que o aconselhamento inter-religioso não se constitui em uma prática estabelecida no Brasil.

<sup>143</sup> Neobehaviorista, conhecido por suas contribuições para o desenvolvimento da terapia de comportamento e pelas críticas veementes aos postulados da psiquiatria e as proposições freudianas. Hobart Mowrer abandonou o modelo médico de doença mental. Cf. HURDING, R., **A árvore da cura**, p. 318.

emocionais estão no campo da atuação do conselheiro, inclusive as psicopatologias que, sob seu prisma, não contam com status próprio. A neurose<sup>144</sup> psicose<sup>145</sup> são dois destes conceitos. Em outras palavras, neuroses e psicoses são descrições criadas equivocadamente pelas ciências.

Para Adams, o desconforto humano está associado ao pecado ou a uma disfunção física. Segundo sua análise, não há nenhuma outra chave de leitura das disfunções que acometem o indivíduo. Adams considera os problemas, cuja origem não seja orgânica, como hamartogênicos<sup>146</sup>. Isto é, causados pelo pecado. Não há, por conseguinte, desse ponto de vista, perturbações psicológicas que não sejam promovidas pelo pecado diretamente. Ele escreve:

Biblicamente falando, não há base para o reconhecimento da existência de uma disciplina separada e distinta chamada Psiquiatria. Nas Escrituras há somente três fontes de problemas pessoais na vida diária: a atividade de demônios (sobretudo a possessão), o pecado pessoal e as enfermidades físicas. Essas fontes estão inter-relacionadas entre si. Todas as opções podem ser cobertas por esses três fatores, não havendo espaço disponível para um quarto: as enfermidades mentais não orgânicas<sup>147</sup>.

Conforme exposto, esse autor e seus discípulos não consideram bíblico o conceito de saúde mental. Esses teorizadores abordam este assunto como uma questão de integridade espiritual, que deve ser tratada pelos cristãos por métodos espirituais. Eles sustentam a compreensão de que a definição de saúde mental ignora completamente o que a Bíblia ensina. MacArthur, conselheiro noutético, argumenta:

Saúde mental e emocional é a nova moda. Não se trata de um conceito bíblico [...]. O pecado recebe o nome de doença, de modo que as pessoas acham que precisam

<sup>144</sup> Psicoses e neuroses são afecções amplamente estudadas pela medicina, pela psicologia clínica e pela psicanálise. Atribui-se à introdução do termo neurose a William Cullen – médico escocês – que usou essa designação num tratado de medicina no século XVIII. Posteriormente, o estudo deste distúrbio – com suas variantes – desenvolveu-se a partir das pesquisas de Sigmund Freud e seus seguidores. Há, na literatura especializada, inúmeras manifestações de neuroses descritas e devidamente classificadas. Tais como: fóbica, dissociativa, obsessiva, de angústia, apenas para citar algumas. Cf. LA PLANCHE, Jean e PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 296-298.

<sup>145</sup> A psicose, termo proposto em 1845 pelo Barão Ernest von Feuchterslen, é definida como um grupo específico de distúrbios mentais, distintos das neuroses, dos distúrbios psicossomáticos e dos atrasos mentais que possuem uma conotação biológica ou genética. Laplanche e Pontalis esclarecem: “Em clínica psiquiátrica, o conceito de psicose é tomado a maioria das vezes numa extensão extremamente ampla, de maneira a abranger uma gama de doenças mentais, quer sejam manifestamente organogênicas”, Cf. LA PLANCHE, **Vocabulário da Psicanálise**, p. 390.

<sup>146</sup> Hurding elucida ao dizer que: “a posição de Adams é essencialmente de ‘exclusão’, no que diz respeito aos conceitos e à prática da psicologia e das disciplinas afins. Argumentando que a Bíblia só considera dois aspectos de nossa humanidade – a “vida interior” e a física – ele rejeita “a chamada vida psicológica”. HURDING, **A árvore da cura**, p. 327.

<sup>147</sup> ADAMS, J., **Manual do Conselheiro Cristão**, p.22.

de terapia e não de arrependimento [...]. As terapias humanas são abraçadas com avidez pelos espiritualmente fracos, aqueles que são superficiais ou ignorantes no tocante à verdade bíblica<sup>148</sup>.

Assim, os problemas emocionais têm origem fisiológica ou pecaminosa. Em vista disso, é preciso interpelar as pessoas com o objetivo de afastá-las de uma vida que contraria a vontade de Deus. Nessa perspectiva, o que há, realmente, por detrás das patologias cuja origem não seja comprovadamente orgânica, é o pecado que precisa ser confrontado. Confrontação<sup>149</sup> é uma palavra que descreve com fidelidade a ideia central do aconselhamento noutético. Por conseguinte, essa abordagem não admite a ideia de um aconselhamento que não seja diretivo, normativo e disciplinador. Adams critica o aconselhamento não-diretivo de Carl Rogers por considerá-lo antibíblico. Em seus termos:

Atualmente, se ouve até em aconselhamento não orientador. Biblicamente consideradas, tais palavras representam uma contradição de termos. Dentre todos os termos que Carl Rogers poderia ter escolhido, essa combinação é, ao mesmo tempo, a mais estratégica e a mais trágica. [...]. Os conceitos rogerianos sobre o aconselhamento estão em choque com o testemunho unânime dos informes bíblicos concernentes ao aconselhamento. Isso quer dizer que, a fim de pôr em prática o aconselhamento bíblico, o conselheiro humano deve conhecer os bons conselhos oferecidos nas Escrituras, desenvolvendo ainda aquelas aptidões pelas quais poderá confrontar a terceiros diretamente<sup>150</sup>.

Cornelius Van Til<sup>151</sup> também provocou forte influência no pensamento de Adams na compreensão de que a mensagem cristã, que deve fundamentar o aconselhamento, e a psicologia são incompatíveis. Van til rechaça com vigor a

<sup>148</sup> MACARTHUR, In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org.), **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p.15.

<sup>149</sup> Estou ciente de que a confrontação é, diante de certas situações, de grande relevância e indispensável para o processo de aconselhamento. No entanto, há riscos evidentes associados à utilização inadequada deste recurso. Clinebell esclarece: “Métodos de confrontação são, muitas vezes, essenciais em crises nas quais há uma vida ameaçada [...]. Confrontar os aconselhados com a maneira como estão se relacionando em determinada sessão pode restaurar a abertura numa relação de aconselhamento e proporcionar-lhes uma oportunidade de chegar a insights significativos. [...]. Os métodos de confrontação são semelhantes a um medicamento forte. Usados apropriadamente, eles podem ser um potente meio de cura. Entretanto, os perigos do emprego incorreto são aumentados por sua potência”. Cf. CLINEBELL, **Aconselhamento pastoral**, p , 156-157.

<sup>150</sup> ADAMS, J., **O manual do conselheiro cristão**, p. 29.

<sup>151</sup> Ex-professor de apologetica no Seminário Teológico de Westminster. Segundo sua percepção, não há metodologias científicas neutras. Ou são cristãs ou não cristãs. Acerca da psicologia, ressaltou que esta consistia, em última análise, não de uma tentativa neutra ou não religiosa de explicar a natureza humana. Mas sim, de um sistema que se opõe ao entendimento bíblico do homem. Logo, qualquer tentativa de integração com os postulados das psicologias distorce a mensagem cristã. Ele resalta a antítese entre as psicologias e a mensagem bíblica. As intuições de Van til tratam a psicologia como uma pseudociência equivocada em seus pressupostos. Cf. GOMES, D, C., **A metapsicologia Vantiliania: uma incursão preliminar**. Fides reformata XI, N. 1, 2006, p 113-139. São Paulo: Centro presbiteriano de pós-graduação. E ainda, HURDING, **A árvore da cura**, p. 319.

ideia de usar o conhecimento desenvolvido e aprofundado pelas psicologias para melhor compreender o ser humano.

Isto, em sua opinião, seria o acolhimento de concepções não verificáveis e falsas sobre o ser humano e seu comportamento. A metapsicologia valentiana modelou a compreensão de Adams que vê a relação entre as percepções da psicologia e a compreensão cristã como um embate.

Certamente, esses pressupostos rejeitam sumariamente o campo das psicoterapias com suas percepções e saberes. Os psiquiatras e os profissionais das ciências psicológicas são percebidos como usurpadores do lugar dos cristãos e classificados como indivíduos que se acham, segundo Collins, descrevendo o pensamento de Adams, “perigosamente tentando modificar o comportamento das pessoas e seus valores de maneira ímpia”<sup>152</sup>.

Sob tal ótica, a ciência, sobretudo, a psicológica, é vedada aos cristãos. Não há, neste enquadre teórico, como explica Collins, “qualquer possibilidade da psicologia ou ramos afins virem a auxiliar o líder de igreja a aconselhar mais eficazmente”<sup>153</sup>. Por este ângulo, a visão integracionista é reputada como um desvio do caminho aprovado por Deus, uma prática destituída de apoio divino.

O aconselhamento integracionista é descrito pela escola noutética e seus contundentes teóricos como uma abordagem eivada de pressuposições que comprometem a atividade de um aconselhamento objetivamente bíblico ou cristão. A lealdade que os conselheiros de linha integracionista expressam à Bíblia é sistematicamente relativizada por Adams. Esse autor considera superficial a relação dos conselheiros integracionistas com as Escrituras.

### **2.2.3. MacArthur**

John Fullerton MacArthur é um teólogo batista americano, com Doutorado em teologia pelo Talbot Seminário, fortemente identificado com uma linha teológica conservadora, marcadamente calvinista. Conhecido como escritor, seus mais de 400 livros e devocionários estão presentes em diversos países e são bastante apreciados por parcela expressiva das comunidades de fé. Também conhecido como radialista, MacArthur dirige o programa radiofônico intitulado

---

<sup>152</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento Cristão**, p.15.

<sup>153</sup> *Ibid.*, p.15.

Graça para você, que é transmitido para todos os continentes. Desde 1980, ele ocupa o cargo de presidente do colégio Batista de Los Angeles. Uma de suas ênfases ministeriais consiste na pregação expositiva versículo por versículo, com foco no resgate histórico e exegético das passagens das Escrituras. MacArthur é um autor controverso, sua defesa do cessacionismo<sup>154</sup> e do dispensacionalismo<sup>155</sup>, coloca-no no centro de um grande debate acerca da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, bem como na esfera das controvérsias referentes à escatologia cristã.

Como conselheiro cristão, MacArthur compreende que os conceitos integracionistas não podem ser considerados proveitosos ou benéficos, na medida em que (segundo sua percepção), não houve melhorias significativas nessa nova geração de cristãos, que acolheu as intuições provindas do campo das ciências humanas, em particular das escolas psicoterápicas. Ele assevera:

Se as pressuposições que norteiam esse movimento fossem sadias, poderíamos esperar que os cristãos de hoje fossem a geração mais bem ajustada e mentalmente equilibrada que já viveu sobre a face da terra. Afinal, eles desfrutaram várias gerações de perícia psicológica, aplicada por homens e mulheres que alegam ser capazes de amalgamar esse conhecimento com as Escrituras e torná-lo ‘cristão’. Mas, certamente, esse não é o caso. Grupos cada vez maiores de pessoas estão buscando tratamento psicológico. São cristãos que mais do que em qualquer outra época esperam à porta de clínicas e de conselheiros profissionais<sup>156</sup>.

À semelhança de Adams, MacArthur relativiza a lealdade que os conselheiros de linha integracionista expressam à Bíblia. Segundo ele, Collins, Clinibell, Schipani – entre outros –, não atuam até as últimas consequências apoiados nas Escrituras. Dito de outra forma, afirmam valorizar a Bíblia, contudo acolhem inúmeras pressuposições ecléticas que divergem da palavra de Deus. Nesta perspectiva, falham por não entenderem que há diferenças de cosmovisões

<sup>154</sup> O cessacionismo, grosso modo, é a compreensão teológica de que alguns dos dons do Espírito Santo são ordinários e outros, no entanto, extraordinários. Esses dons classificados como extraordinários, segundo os teólogos cessacionistas, foram desaparecendo paulatinamente da vida da Igreja a partir da era apostólica. Esses carismas seriam basicamente os seguintes: discernimento de espíritos, línguas estranhas, interpretação de línguas operação de milagres. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/cessacionismo\\_irons.htm/](http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/cessacionismo_irons.htm/)> Acesso em: 24 jun. 2016.

<sup>155</sup> O dispensacionalismo, em termos singelos, pode ser descrito como um sistema teológico que faz uma interpretação literal das Escrituras, em particular das profecias relacionadas aos últimos dias. Em geral, o dispensacionalismo defende a compreensão pré-milenista da segunda vinda de Cristo e pré-tribulacionista do arrebatamento da Igreja. A distinção entre Israel e a igreja também é uma das características desse sistema doutrinário. Disponível em: <http://www.gotquestions.org/Portugues/dispensacionalismo.html/>> Acesso em; 24 jun. 2016.

<sup>156</sup> MACARTHUR, In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org). **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p. 22.

que contrariam frontalmente as orientações do Senhor. Por consequência, anulam a distinção de aconselhamento cristão. Segundo MacArthur, surgiu, nas últimas décadas, no âmbito das comunidades cristãs:

Um forte e bastante influente movimento que procura substituir o aconselhamento bíblico no corpo da Igreja pela ‘psicologia cristã’ – técnicas e sabedoria adquiridas a partir de terapias seculares [...]. Os que têm liderado esse movimento, via de regra, soam levemente bíblicos. Isto é, eles citam as Escrituras e misturam ideias teológicas aos ensinamentos de Freud, Rogers, Jung, ou qualquer escola de psicologia secular que, porventura, sigam. O movimento em si, entretanto, não está conduzindo a Igreja a uma direção bíblica. [...]. Tem aberto a porta para uma variedade de teorias e terapias extrabíblicas. Na verdade, tem deixado muitos com o entendimento de que a Palavra de Deus é incompleta, insuficiente, obsoleta e incapaz de oferecer ajuda aos mais profundos problemas emocionais e espirituais das pessoas<sup>157</sup>.

Ele salienta que os conselheiros integracionistas equiparam a revelação divina às observações humanas. Portanto, podem ser descritos como profundos simpatizantes dos pensamentos seculares. Não obstante, tentem expressar apreço pelas Escrituras. O que revelaria, conforme expressado acima, a noção (não explicitamente anunciada por parte dos conselheiros integracionistas) da ineficiência das Escrituras na abordagem dos problemas que assolam a alma humana.

Por esse ângulo, o acolhimento das intuições das psicologias conduz a Igreja para fora dos limites da revelação bíblica, abrindo espaço para todo tipo de procedimento falacioso, bem como, para a relativização da importância que deve ser atribuída à Bíblia. Em suma, acolher técnicas e conceitos das terapias significa afastar-se da lealdade devida às Escrituras. De acordo com esse autor, um dos mais fiéis colaboradores de Adams:

Quanto mais a psicologia secular influencia a igreja, tanto mais o povo se afasta de uma perspectiva bíblica com relação a problemas e soluções. O terapeuta, com o seu aconselhamento individual, está substituindo a pregação da Palavra, o principal meio de graça<sup>158</sup>.

Aqui, ocorre um aprofundamento da defesa do total e absoluto distanciamento entre o aconselhamento e as intuições das ciências humanas, marcadamente a psicologia. Logo, de acordo com a compreensão deste teórico, os conceitos da psicologia devem ser rejeitados com urgência e firmeza, dado que:

<sup>157</sup>MACARTHUR. In: MACARTHUR, Jr; MACK, Wayne. (Org.). **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p. 22.

<sup>158</sup> Ibid., p. 37.

Talvez não haja ameaça mais séria à vida da Igreja hoje do que a debandada para abraçar as doutrinas da psicologia. Elas são um emaranhado de ideias que Satanás colocou dentro da igreja; como se fossem verdades de Deus, transformadoras de vida. A maioria dos psicólogos atuais representa o neognosticismo, reivindicando possuir o conhecimento secreto que resolve os reais problemas das pessoas<sup>159</sup>.

MacArthur prossegue:

Vivemos em tempos estranhos. Ironicamente, enquanto o mundo secular tem se tornado crescentemente inimigo da indústria psicoterápica profissional, o povo evangélico freneticamente procura conciliar a psicologia secular com a verdade bíblica. Enquanto o mundo desconfia mais e mais da psicologia, os cristãos aparentam estar a cada dia mais comprometidos com ela. Quem sabe seja justo dizer que muitos na Igreja estão viciados em psicoterapia<sup>160</sup>.

Trata-se da defesa enfática da total incompatibilidade entre o cristianismo e a psicologia. Neste contexto teórico, as pressuposições das psicologias são identificadas como ateístas, pseudocientíficas e amplamente equivocadas quanto à sua compreensão acerca da condição humana. Ele não vê nenhuma utilidade na psicologia para o trato de problemas da alma. Por conseguinte, considera irrelevante o estudo dos postulados psicológicos, por parte dos conselheiros pastorais. Segundo ele, muitos cursos ditos cristãos são, na verdade, uma combinação insustentável de expressões extraídas das Escrituras misturadas com psicologias humanistas<sup>161</sup>, heréticas, contrárias à palavra de Deus.

Tendo como ponto de partida o pressuposto da suficiência da Bíblia<sup>162</sup>, o teólogo americano sustenta que os cristãos não precisam de métodos provenientes dos campos psicoterápicos para realizarem seu ministério de cuidado. Sob essa ótica, verdadeiros conselheiros cristãos haverão de realizar o trabalho de aconselhamento, utilizando apenas os recursos oferecidos pelas Escrituras e pelo Espírito Santo. Sob essa ótica, as tentativas de integração entre as doutrinas psicológicas e as verdades cristãs são consideradas perda de tempo e um desserviço para a causa do cuidado inter-humano<sup>163</sup>. Além disso, MacArthur retrata a ação dos profissionais da área das psicoterapias usando os seguintes termos:

Os psicólogos não apenas vendem supostas curas a preços exorbitantes, mas também inventam doenças para as quais as curas são necessárias. Essa estratégia

<sup>159</sup> Ibid., p. 29.

<sup>160</sup> MACARTHUR. In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org). **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p.15.

<sup>161</sup> Ibid., p. 29.

<sup>162</sup> Ibid., p. 27.

<sup>163</sup> Ibid., p. 29.

comercial tem sido bem-sucedida. Inventam problemas ou dificuldades, insistem neles até que as pessoas criam que estão irremediavelmente afligidas e, então, mercadejam um remédio. Alguns dos supostos problemas de nossa cultura são pateticamente triviais. [...]. O egocentrismo se tornou um triunfo na estratégia comercial dos psicoterapeutas. Fomentando a tendência natural das pessoas rumo à satisfação, a psicologia tem se vendido a um público ávido e impaciente. E a Igreja tem, de forma insensata, absorvido essa ideia<sup>164</sup>.

A psicanálise, por exemplo, é descrita como cínica e anticristã em seus postulados; dotada de ideias que podem ser comparadas com as hipóteses hostis a crença cristã, que, dessa forma, a colocam no mesmo campo de dois outros grandes inimigos da Igreja, a saber, o darwinismo e o marxismo<sup>165</sup>.

MarcArthur não se furta a externar a sua absoluta insatisfação com aqueles, que, segundo seus critérios, demonstram não depender das Escrituras para aconselhar as pessoas, dando como certo que a abordagem integracionista corresponde à relativização do valor da Bíblia, em seus termos:

Não demonstro qualquer tolerância para com aqueles que exaltam a psicologia acima das Escrituras [...]. Não tenho qualquer palavra de encorajamento para as pessoas que desejam misturar psicologia aos recursos divinos, a fim de vender essa mistura como um elixir espiritual. [...]. Deus mesmo não estima muito conselheiros que reivindicam representá-lo, mas que, na realidade, dependem de sabedoria humana<sup>166</sup>.

Neste cenário, as teorias psicológicas são descritas como totalmente destituídas do temor de Deus<sup>167</sup>. Ele chega a dizer, numa clara demonstração do extremado valor que atribui ao aconselhamento noutético, que:

Se os evangélicos não redescobrirem o aconselhamento bíblico e recolocarem a Palavra de Deus em seu lugar de direito como o supremo árbitro e reparador dos pensamentos e intenções do coração [...], perderemos nosso testemunho ao mundo, e a própria Igreja morrerá<sup>168</sup>.

A saúde da comunidade de fé, inclusive, sua sobrevivência estão, de acordo com os enunciados acima, atreladas à valorização e à utilização (por parte dos conselheiros pastorais) do aconselhamento noutético. Sendo assim, MacArthur, além de considerar os esforços integrativos enganosos, também os considera capazes de aniquilar a Congregação dos remidos do bom pastor. Essa é uma abordagem de mútua exclusão, que se utiliza, até mesmo, de argumentos

<sup>164</sup> Ibid., p. 35.

<sup>165</sup> MACARTHUR. In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org). **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p.15-16.

<sup>166</sup> Ibid., p.38-39.

<sup>167</sup> Ibid., p. 27.

<sup>168</sup> Ibid., p. 40.



etimológicos para evidenciar a total oposição entre o aconselhamento pastoral e o repertório das psicologias. Ele assevera:

A palavra psicologia literalmente significa “o estudo da alma”. O verdadeiro estudo da alma não pode ser praticado por não cristãos. Afinal, somente os cristãos possuem os recursos para compreender a natureza da alma humana e como ela pode ser transformada. A disciplina secular da psicologia baseia-se em pressupostos ateístas e fundamentos evolucionistas e está apta a lidar com as pessoas em um nível superficial e temporal. Sigmund Freud, o pai da psicologia moderna, foi um humanista descrente que divisou a psicologia como substituta para a religião<sup>169</sup>.

Vale ressaltar que há entre os conselheiros e teorizadores que seguem a abordagem noutética, pontos de vista diferentes sobre várias questões. Não se trata de um campo unívoco. Todavia, existem alguns conceitos-chave, elaborados por Adams<sup>170</sup>, que identificam o movimento de aconselhamento bíblico. A saber:

a) Seu caráter teocêntrico: o Deus poderoso e soberano está no centro do aconselhamento;

b) A Bíblia é o manual por excelência do aconselhamento. As ciências, em especial as psicológicas, não podem ser consideradas essenciais para o aconselhamento. Cabe ao conselheiro opor-se às tentativas de integração entre o aconselhamento e às técnicas e teorias das ciências. Nessa linha, conclui-se que a Palavra de Deus detém o único sistema teórico por meio do qual os infortúnios da alma humana podem ser corretamente avaliados e solucionados;

c) O pecado é o principal problema com o qual o conselheiro bíblico se depara no aconselhamento. Tanto no cristão (pecado remanescente) quanto no não cristão (pecado reinante) o grande problema a ser enfrentado é o pecado;

d) O evangelho de Jesus é a resposta para o pecado, bem como, o antídoto para suas consequências;

e) O aconselhamento visa promover mudanças que assemelhem o aconselhando a Cristo. Conselheiros bíblicos estão comprometidos com o processo de santificação;

f) As crises e dificuldades pelas quais os indivíduos passam não são aleatórias. Ao contrário, estão debaixo da direção de Deus e não causam pecado.

<sup>169</sup> MACARTHUR, In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org), **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p. 26.

<sup>170</sup> POWLISSON, D, In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org), **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p.79-81.

O pecado procede do coração do homem. Logo, somente o indivíduo deve ser responsabilizado pelos seus atos;

g) O aconselhamento está associado ao ministério pastoral e só deve ser praticado por cristãos comprometidos com as Escrituras. Essas ideias, aqui sumarizadas, dão os contornos teóricos ao movimento de aconselhamento bíblico desenvolvido por Adams. Segundo Powlison:

Esses sete compromissos têm unificado o movimento de aconselhamento bíblico. Eles fornecem um contexto dentro do qual várias diferenças secundárias – de interpretação bíblica, de compromisso teológico, do cenário para o aconselhamento, de personalidade – têm sido capazes de coexistir de forma construtiva, e não destrutiva<sup>171</sup>.

Os conselheiros noutéticos estão unidos em torno desses conceitos que ressaltam, até onde se pode perceber, a impossibilidade de uma relação respeitosa e fecunda com as ciências psicológicas, como estratégia de abordagem das inquietudes e lutas dos seres humanos.

#### 2.2.4. O Modelo integracionista

Diferentemente da posição de total afastamento das ciências humanas, particularmente das escolas de psicologia, adotada pelos teóricos do aconselhamento noutético, outros conselheiros pastorais propõem uma relação mais cordial e solidária com as intuições de outros campos do conhecimento, assim como com outros profissionais especialistas objetivando melhor compreender, acolher e tratar os padecimentos humanos<sup>172</sup>. Seward Hiltner, Tom Oden, Jack Dominian, Henri Nouwen<sup>173</sup>, entre outros, entendem que a sociedade se encontra perplexa diante das aflições e tragédias que a assolam.

Em vista disso, sustentam que o aconselhamento tem como objetivo o crescimento de todos os que buscam apoio e ajuda em tempos de crises, angústias, perdas e lutos. Para tanto, advogam a necessidade de uma prática de

<sup>171</sup> POWLISSON, D., In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org), **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p.81.

<sup>172</sup> CATUOGNO, R., PINNA, C., **Consulenza Pastorale**. Cf. [...] L'ambito d'intervento della consulenza pastorale non è riferito alle cause di origine patologica, per i quali è necessario un intervento di un medico specialista, ma alle difficoltà, emotive e/o comportamentali che il soggetto vive e che sono originate da situazioni esterne. Disponível em: <http://www.soluadeussagloria.org/consulenza.html> Acesso em: 18 jul.2016

<sup>173</sup> Cf. HURDING, R., **A árvore da cura**, p. 354.

aconselhamento pastoral aberta para o recebimento das intuições provindas de outros campos do conhecimento. Alberto Fernando Roldán faz importante observação acerca da natureza incorporativa dessa escola de aconselhamento:

Falar de aconselhamento pastoral é referir-se a um ministério que vai muito mais além de meras técnicas de entrevista ou de um receituário de coisas que se deve realizar. Diz respeito a uma abordagem interdisciplinar na qual também estão presentes a Bíblia e a teologia<sup>174</sup>.

Conforme explicitado, a definição de aconselhamento pastoral, no âmbito da escola integracionista<sup>175</sup>, ressalta uma atuação ampla dos conselheiros e das conselheiras, dado que adiciona aos recursos espirituais clássicos: bíblia, oração, comunhão e sacramentos; novos elementos, tais como, a psicoterapia e a abordagem medicamentosa, que sugerem o fortalecimento desse trabalho de compaixão.

A escola integracionista defende a ideia de que o sofrimento humano requer uma abordagem multidisciplinar. Nenhuma disciplina isolada possui condições de abranger todas as áreas referentes ao sofrimento humano.

Maldonado, por exemplo, defende a compreensão de que a ausência de diálogo com outros saberes consiste em arriscado posicionamento reducionista.

[...] Somente a partir de uma perspectiva integrada podem ser formados conselheiros, consultores e terapeutas cristãos capazes de dialogar com as várias contribuições oferecidas pelas ciências comportamentais, as profissões de ajuda, os esforços públicos e privados comprometidos com o bem-estar das pessoas. Qualquer reducionismo é perigoso. (Tradução nossa)<sup>176</sup>.

O pastor e psicólogo Luís Gonçalo Silvério, por seu turno, infere que os conselheiros pastorais necessitam desenvolver uma compreensão mais ampla dos problemas que atingem os seres humanos e encaminhar as pessoas acometidas por

<sup>174</sup> ROLDÁN, A. F., **Bases Bíblicas e teológicas para um aconselhamento transformador**, In KOHL, M. W. ; BARRO, A. C. (Org.), *Aconselhamento Cristão transformador*, p. 17.

<sup>175</sup> O termo integracionismo é usado para referir-se ao esforço para se definir o relacionamento entre teologia e psicologia e os limites pelos quais ambas as disciplinas podem ou não caminhar juntas. Tal escola é bastante abrangente e também tem sido descrita como interativa. No âmbito do integracionismo, há formas distintas de diálogo com as ciências humanas. Algumas mais acolhedoras, outras mais restritivas. Para melhor compreensão desse modelo, sugere-se a leitura do HURDING, **A árvore da cura**, p. 351-380.

<sup>176</sup> MALDONADO, J. **Teología y cultura**, *El consejo pastoral en el siglo XXI: algunas reflexiones del camino* año 2, vol. 4 (diciembre 2005) Ecuador / Estados Unidos), p 14. “[...] Sólo a partir de una perspectiva integradora se puede formar consejeros, asesores y terapeutas cristianos capaces de dialogar con los diversos aportes que ofrecen las ciencias de la conducta, las profesiones de ayuda, los esfuerzos públicos y privados empeñados en el bienestar de la gente. Cualquier reduccionismo es peligroso”. Disponível em: [http://www.teologiaycultura.com.ar/arch\\_rev/maldonado\\_consejo\\_pastoral.pdf](http://www.teologiaycultura.com.ar/arch_rev/maldonado_consejo_pastoral.pdf). Acesso em 25. Jul.2016

problemas desestruturantes para profissionais especializados, fomentando assim, a comunhão entre as diversas áreas que se ocupam do bem-estar dos indivíduos, bem como desbloqueando canais de ajuda. Segundo ele:

O aconselhamento cristão também fica limitado quando conselheiros tendem a não considerar a existência de quadros doentes de origem psicológica, mental, neurológica ou psicossomáticas, creditando o conflito humano ao pecado ou às influências do Diabo. Certamente que o pecado acarreta consequências às pessoas e por isso elas sofrem. [...]. A psiquiatria e a psicologia têm, através de seus representantes com suas teorias e técnicas, oferecido um tratamento que visa melhorar a qualidade de vida das pessoas enfermas. [...]. Um conselheiro cristão, com sensibilidade e solidariedade e, sobretudo, com honestidade não terá dificuldades em encaminhar a um psiquiatra aquele que sofre de depressão profunda ou de síndrome do pânico<sup>177</sup>.

Esse modelo de aconselhamento propõe o trabalho conjunto de conselheiros e profissionais de outras áreas, tais como, a psicanálise, a psicologia, a psicologia analítica, a logoterapia, a psiquiatria, a teologia, dentre outras, visando o amplo acolhimento das demandas de homens e mulheres sofredores<sup>178</sup>.

À luz das concepções integracionistas, as depressões, fobias, síndromes, transtornos mentais, neuroses e psicoses são afecções que demandam acompanhamento multidisciplinar, sendo assim, não devem ser tratadas tão somente do ponto de vista bíblico. A tendência mais evidente é a de usar, sobretudo, os enunciados das psicologias para realizar um aconselhamento mais amplo em sua abrangência e mais efetivo em sua prática<sup>179</sup>.

O Trabalho conjunto realizado por profissionais de várias áreas torna-se indispensável nessa ação de ajuda. Segundo esse modelo, a integração entre as disciplinas – marcadamente voltadas para o bem-estar do ser humano –, implica benefícios para o aconselhamento pastoral.

A escola integracionista compreende que é possível para o conselheiro pastoral incorporar, em sua atividade, conceitos de outras ciências, assim como componentes técnicos de outras escolas de cuidado sem perder a identidade cristã.

<sup>177</sup> SILVÉRIO, Luis Gonçalo. **Poder pastoral, ética e limites**. In KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antônio Carlos. (Org.). *Aconselhamento Cristão transformador*. Londrina: Descoberta, 2006. p. 102,103.

<sup>178</sup> Em ambas as modalidades de aconselhamento (Noutética e Integracionista), a caminhada existencial é considerada como algo que expõe os indivíduos as perdas, a variadas crises e, por certo, a muitas frustrações. Em vista disso, supõe-se que todos os membros das sociedades humanas, em algum ponto da jornada pela vida, precisarão de apoio e cuidado. Esse é o campo da atividade dos conselheiros pastorais.

<sup>179</sup>Cf. SCHNEIDER-HARPPRECHT, In: SCHNEIDER-HARPPRECHT Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (org). **Teologia Prática no contexto da América Latina**, p. 268.

### 2.2.5. Howard Clinebell

Clinebell é uma das referências mais expressivas no âmbito do aconselhamento integracionista. Tendo como uma de suas fontes de inspiração Carl Rogers<sup>180</sup>. Clinebell idealizou o modelo holístico de libertação e crescimento. Ele estudou no seminário teológico União e na prestigiada Universidade de Colúmbia, após concluir seus programas acadêmicos, trabalhou como pastor efetivo e como pastor-conselheiro, tanto em Nova York como na Califórnia.

Nos últimos anos, tem se dedicado ao magistério teológico como professor de aconselhamento pastoral na Escola de teologia de Cleremont, na Califórnia. Há mais de trinta anos ele atua como conselheiro pastoral. Na condição de escritor, tem influenciado número significativo de conselheiros ao redor do mundo. Um de seus livros mais importante é *Aconselhamento pastoral*<sup>181</sup>, no qual o autor discorre acerca de alguns conceitos de aconselhamento com foco no trabalho de libertação e crescimento. Hurdin supõe que Clinebell tenha sido influenciado por Paul Tillick, que foi um de seus professores de teologia.

Daí, portanto, procederia sua compreensão de Deus como o fundamento do ser, e a humanidade alienada desse ser.

A percepção de Clinebell de que o pecado é apenas um obstáculo, que bloqueia o caminho na direção do crescimento integral, holístico, sofreu críticas por parte de alguns teóricos do aconselhamento pastoral. Sua antropologia é vista como irrealista, distante da verdadeira condição do ser humano.

---

<sup>180</sup> Carl Ranson Rogers (1902-1987), uma das figuras mais proeminentes da psicologia humanista, entendia “que todos os homens e mulheres possuem dentro de si recursos para uma mudança construtiva”. HURDING, R., **A árvore da cura**, 1995, p, 132. Sua visão do ser humano é otimista, conquanto reconheça a presença de conteúdos hostis constitutivos dos indivíduos. Rogers descreve a vida humana como um processo que se desenvolve por meio de novas experiências de introspecção, deflagradas pela obtenção de novas percepções desbloqueadoras do potencial do sujeito. Seu método de aconselhamento não diretivo e, ainda, seu conceito de terapia centrada no cliente, influenciaram fortemente “o movimento de aconselhamento a partir da década de quarenta” HURDING, R., **A árvore da cura**, p.140. De acordo com Szentmártoni, “De fato, existem numerosos elementos coincidentes entre psicologia humanista e a teologia: a ênfase na tendência a um escopo interno; o conceito da aceitação como necessidade fundamental; o valor e a dignidade da pessoa humana; a confiança na vontade livre; a possibilidade de arrepender-se, ou seja, de orientar a própria vida para fins mais elevados”, Szentmártoni, M., **Caminhar juntos: psicologia pastoral**, p. 30. Resta dizer que o entendimento de Rogers acerca do ser humano é tido, por vezes, como controverso em razão de sua perspectiva antropológica ser considerada, por alguns, exacerbadamente otimista.

<sup>181</sup> Cf. CLINEBELL, R., **Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. São Leopoldo: Paulus/Sinodal, 1987.

“Às vezes, Clinebell parece demasiadamente otimista acerca da natureza humana, vendo tanto o pecado individual quanto o coletivo como apenas uma ‘potencialização bloqueada’ ou uma ‘resistência’ ao crescimento”<sup>182</sup>, afirma Hurding; Christoph Schneider, por seu turno, acrescenta:

O otimismo da perspectiva da integralidade holística desperta certo mal-estar. Será que o pecado é apenas uma ‘resistência’ quantitativa ao processo universal de crescimento, como Clinebell afirma? [...]. Parece que a confiança no progresso constante, típica do *‘american way of life’*, assumiu um papel forte na interpretação do cristianismo e da poimênica neste modelo<sup>183</sup>.

Em que pese tal controvérsia envolvendo a compreensão de Clinebell acerca do conceito de pecado, seu modelo de trabalho é francamente favorável ao diálogo entre psicologia e aconselhamento. Hurding descreve a atividade desse conselheiro americano afirmando que:

Clinebell é um integracionista, procurando juntar recursos oriundos das ciências psicossociais e de nossa herança teológica. [...]. O comprometimento de Clinebell com a ideia de crescimento psicológico significa que ele está aberto para aprender com todo o elenco de ideias do movimento humanista do crescimento e também com várias terapias radicais que têm por propósito estabelecer uma ponte entre o amadurecimento pessoal e a mudança social<sup>184</sup>.

Daí fica assinalada a importância da abertura para as novas teorias e noções psicológicas: “Isto é essencial porque a capacidade humana para meter-se em dificuldades é intrincada, complexa e inventiva”, diz Clinebell<sup>185</sup>. Essa linha teórica ressalta o valor do contato com os *insights* e métodos do campo das psicoterapias e áreas afins como elementos que contribuirão para a ampliação da compreensão acerca da complexidade da realidade humana; logo se torna necessário que, nas palavras deste teórico:

Permaneçamos abertos aos insights de teorias psicológicas diversas e mesmo conflitantes. [...]. Uma abertura atenta, por parte das aconseladoras do presente, para novas concepções de personalidade e de terapia facilitará os avanços criativos necessários para liberar potencialidades do aconselhamento<sup>186</sup>.

Conforme já assinalado, Clinebell acentua os aspectos libertadores do aconselhamento. Para ele, tal trabalho alude à uma proposta emancipadora que:

Compreende libertação de, libertação em direção a e libertação para. É libertação em direção à vida em toda a sua plenitude – para solicitude e competência crescentes e para um modo de vida criativo. É libertação para uma vida no Espírito,

<sup>182</sup> HURDING, R., *A árvore da cura*, p. 355.

<sup>183</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, In: SCHNEIDER-HARPPRECHT C.; ZWETSCH, R. E. (org), *Teologia Prática no contexto da América Latina*, p. 270.

<sup>184</sup> HURDING, R., *op.cit.*, p. 353-354.

<sup>185</sup> CLINEBELL, *Aconselhamento Pastoral*, p.19-20.

<sup>186</sup> *Ibid.*, p. 20.

que se expressa em serviço amoroso. É libertação das muitas forças, existentes em indivíduos, relacionamentos, grupos e instituições que limitam, constroem e, às vezes, sufocam o pleno desenvolvimento das possibilidades humanas queridas por Deus<sup>187</sup>.

Esse aconselhamento de desenvolvimento, apoiado no tripé crescimento, libertação e integralidade, propõe uma abordagem que pretende auxiliar o indivíduo a crescer em todas as dimensões constitutivas do ser. Schneider descreve assim o trabalho realizado por esse conselheiro:

A palavra-chave para a poimênica e o aconselhamento pastoral de Howard Clinebell é ‘centralidade no Espírito’. O modelo de Clinebell parte de uma visão holística do ser humano [...]. A libertação das pessoas para terem vida em abundância (João 10.10) era o alvo da vida de Jesus. Por consequência, é ‘o alvo da vida cristã’ desenvolver a personalidade com todas as suas possibilidades num processo de crescimento<sup>188</sup>.

A perspectiva holística de cuidado enxerga no ser humano potencialidades adormecidas ou bloqueadas, que podem (com o devido apoio) ser liberadas oportunizando uma vida mais plena e proveitosa. Clinebell resume esse seu entendimento por meio da seguinte afirmação:

O método holístico de poimênica e aconselhamento vê a nós, seres humanos, como possuidores de uma riqueza de forças, potencialidades e recursos não descobertos e não desenvolvidos. Evidências fornecidas pelas ciências psicológicas sugerem que a maioria de nós não usa mais do que uma pequena porcentagem de nosso potencial de criatividade e inteligência, de nossas capacidades de viver de maneira mais alegre amorosa e útil em termos das necessidades de nossa sociedade<sup>189</sup>.

A contribuição deste autor é no sentido de levar os conselheiros pastorais a lançarem um olhar integral sobre os indivíduos, que contemple os seres humanos em todas as suas dimensões.

Um olhar mais atento às demandas e às reais possibilidades de desfazimento dos fatores bloqueadores da caminhada em direção à vida em toda sua plenitude<sup>190</sup>. A compreensão de Clinebell aponta para uma ampla ação dos conselheiros pastorais, visando alcançar tanto os que estão distantes como os que estão próximos. Por conseguinte, consiste em uma atividade destituída de preconceitos. Em outros termos, todos os que demandam apoio e cuidado estão na esfera de atuação do conselheiro. Numa perspectiva esclarecedora, Clinebell alerta para a abrangência desse trabalho, ao dizer que:

<sup>187</sup> CLINEBELL, R., **Aconselhamento pastoral**, p.29.

<sup>188</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, In: SCHNEIDER-HARPPRECHT C. ; ZWETSCH, R. E. (org), **Teologia Prática no contexto da América Latina**, p. 269.

<sup>189</sup> CLINEBELL, R., op. cit., p. 28.

<sup>190</sup> Ibid., p. 29.

[...] o aconselhamento pastoral é uma forma reparadora de cuidado pastoral, que procura proporcionar cura às pessoas que sofrem de disfunções e quebrantamento introduzidas por crises. Muitas pessoas que procuram a ajuda de um pastor não fazem parte de nenhuma igreja ou de qualquer outra comunidade de assistência. São as pessoas solitárias e abandonadas em nossa sociedade, cuja necessidade de assistência é aguda. Menos óbvias, porém muitas vezes não menos dolorosas, são as necessidades das pessoas ‘perdidas dentro de si mesmas em nossas próprias congregações’. Assim, o ministério de cuidado pastoral e aconselhamento possui uma missão tanto interna quanto externa para com as pessoas, onde quer que estejam em necessidade (Tradução nossa)<sup>191</sup>.

Trata-se do aconselhamento pastoral abrangente, oferecido a todos como uma ação curativa, orientadora, promotora de crescimento que visa levar o indivíduo a libertar-se das muitas forças que sufocam as possibilidades humanas. Libertação para o desenvolvimento integral em todas as seis áreas da vida humana.

Clinebell diferencia as seguintes dimensões da integralidade Humana:

a) o enriquecimento da consciência, que consiste no esclarecimento da mente que, por consequência, promove a utilização de novos recursos cognitivos;

b) a revitalização do corpo, que diz respeito a cuidar do corpo e usá-lo com mais sabedoria;

c) a renovação e o enriquecimento da rede de relacionamentos interpessoais. No sentido de construir relações fomentadoras de transformação e crescimento;

d) a interação e o cuidado com a biodiversidade, que resultará no fortalecimento da consciência ecológica;

e) o progresso na dimensão institucional-social, que significa envia esforços para tornar os indivíduos mais conscientes de suas raízes sociais. Bem como, atuar para potencializar o trabalho conjunto no âmbito das instituições para transformá-las em centros de integralidade;

<sup>191</sup> CLINEBELL, H., **Asesoramiento y cuidado pastoral**, p.49-50. [...] El asesoramiento pastoral es una expresión reparadora del cuidado pastoral, que busca sanar a aquellos que están sufriendo una crisis inducida por la disfunción y el quebrantamiento. Muchos de los que buscan la ayuda de un pastor no son parte de um iglesia ni de ningún outro tipo de comunidade. Son los solos y los alienados em nustra sociedade cuya necesidad de cuidado es aguda. Menos obvias, pero no siempre menos dolorosas, son las necesidades de aquellos que están «perdidos dentro de sí mismos en nuestras congregaciones». Así, el ministerio de cuidado y asesoramiento que ejerce una congregación tiene una misión tanto hacia adentro como hacia afuera en relación con las personas, dondequiera estén en necesidad”. Neste ponto, optou-se pelo texto em espanhol para destacar-se a expressão “cuidado pastoral”, presente nessa tradução, que, a nosso ver, reforça, no âmbito desta pesquisa, a ideia de que cristãos e não cristãos devem ser alcançados pelo cuidado amoroso da comunidade de fé. É digno de nota que a versão em português usa o vocábulo ‘poimênica’ (do grego *poimen*, pastor) como tradução do inglês “*pastoral care*”.



f) o aprimoramento do relacionamento com o Senhor, que perpassa todas as outras áreas. O ponto central para o processo de plena humanização consiste no desenvolvimento da relação com o Espírito amoroso e amável do Senhor, fonte benfazeja de crescimento integral<sup>192</sup>.

Ele também salienta que o aconselhamento pastoral visa auxiliar o indivíduo a lidar com seus problemas considerando-os como fatores de maturação. Ademais, evidencia novas possibilidades de apoio e solidariedade. O objetivo é facilitar o desenvolvimento máximo das múltiplas capacidades humanas ao longo da jornada pela vida. Segundo suas palavras:

O aconselhamento pode permitir-nos descobrir novas dimensões de nossa humanidade. Pode liberar nossos potenciais de autenticidade e vivacidade. Pode ajudar a libertar nossa criatividade aprisionada – a criatividade potencial presente em toda pessoa<sup>193</sup>.

Estas perspectivas revelam um modelo de aconselhamento que se apresenta como oportunidade de crescimento em todas as dimensões do ser. Para Mazzini, essas ações de cuidado consistem em “um processo de cura integral, que compreende o físico, o espiritual, o psíquico, o individual e o social”<sup>194</sup>. A teóloga Argentina reforça a percepção da natureza holística deste ministério.

Clinebell sublinha que não se pode refletir sobre o aconselhamento pastoral sem o devido destaque para o papel potencializador e renovador do desenvolvimento humano envolvido neste trabalho. Segundo sua compreensão : “o aconselhamento ajuda a potencializar-nos para nos tornarmos agentes de renovação numa igreja e numa sociedade que necessitam desesperadamente de renovação”<sup>195</sup>.

Nota-se que o objetivo maior do aconselhamento é libertar os indivíduos dos fatores bloqueadores do processo de crescimento, tais como, o medo, o ressentimento, o rancor entre outros problemas (que podem advir das crises nos relacionamentos familiares – pais, filhos, cônjuges; da perda de entes queridos; do

<sup>192</sup> CLINEBELL, R., **Aconselhamento pastoral**, p. 29-32.

<sup>193</sup> Ibid., p. 14-15.

<sup>194</sup> MAZZINI, M. M., **Teoría y praxis de una pastoral salvífica y curativa**. In: *Theologia Javeriana, Bogotá, Colombia, Vl. 65, p. 93, Jun.2005. Disponível em <http://dx.doi.org/10.11144/javeriana.tx65-179.tpps>> Acesso em: 19 jul. 2016, p. 93. “um proceso de sanación integral, en el que se comprenden lo físico, lo espiritual, lo psíquico, lo individual y social”. (Tradução nossa)*

<sup>195</sup> CLINEBELL, R., op. cit., p. 15.

desemprego, da falta de perspectivas; das incertezas), facilitando ao máximo o progresso do aconselhando em cada fase da vida<sup>196</sup>.

Este tipo de aconselhamento de libertação e desenvolvimento, à luz das intuições de Howard Clinebell, exige, cada vez mais, conhecimento de outras áreas do saber humano, de outras compreensões relativas ao cuidado interpessoal, de outras abordagens psicoterápicas. Por isso, conclui-se que existe uma imperiosa necessidade dos conselheiros e das conselheiras permanecerem num processo constante de aprendizagem e atualização de seus estudos.

### 2.2.6. Gary Collins

Gary Collins é descrito por Maldonado, terapeuta familiar equatoriano, como um conselheiro bíblico defensor do enfoque de integração diante da teologia e da psicologia<sup>197</sup>. O doutor em psicologia clínica e autor de inúmeros livros na área do aconselhamento pastoral, sendo o mais conhecido no Brasil o *Aconselhamento Cristão*, utiliza-se amplamente das intuições provindas das ciências psicológicas. Conhecido como um dos teóricos que mais tem contribuído para o desenvolvimento e sedimentação da abordagem integracionista, visando um modelo de aconselhamento pastoral realizável, Collins esclarece os benefícios para o aconselhamento advindos do campo da psicologia:

Na medicina, no ensino e noutros campos de assistência “centralizados na pessoa”, a humanidade teve permissão para apreender muito a respeito da criação de Deus. Através da ciência e estudo acadêmico [...]. Deus permitiu que os psicólogos desenvolvessem instrumentos de pesquisa para o estudo do comportamento humano e publicações profissionais para apresentarem suas descobertas [...]. A pesquisa psicológica cuidadosa e a análise de dados levaram a um vasto reservatório de conclusões sabidamente úteis aos aconselhados e a quem quer que se disponha a ajudar eficazmente as pessoas<sup>198</sup>.

<sup>196</sup> Ibid., p. 32.

<sup>197</sup> Cf. [...] Pienso que muchos de los autores evangélicos norteamericanos a partir de la segunda mitad del siglo XX que se dedicaron a temas relacionados con el consejo pastoral, como Howard Clinebell, Tim La Haye, Norman Write, Clyde Narramore, Gary Collins, Lawrence Crabb y otros se abrieron paso entre el legado de conceptos asimilados en las escuelas en las que se formaron psicoanalíticas, conductuales o humanistas y los contenidos cristianos, In : MALDONADO , J. **El consejo pastoral en el siglo XXI** : algunas reflexiones del camino. Teología y cultura, ano 2, vol 4, p.6. diciembre 2005. Disponível em: [http://www.teologiaycultura.com.ar/arch\\_rev/maldonado\\_consejo\\_pastoral.pdf](http://www.teologiaycultura.com.ar/arch_rev/maldonado_consejo_pastoral.pdf). Acesso em 18 jul. 2016

<sup>198</sup> COLLINS, G., *Aconselhamento Cristão*, p.16.

Ainda sob o mesmo prisma, Hurding corrobora as intuições do prestigiado psicólogo mediante o comentário que se segue:

Alguns cristãos não têm nenhuma esperança de que possa vir algo bom do movimento de aconselhamento e instam conosco a que voltemos para a Bíblia [...] compreendo esses modos de ver, mas prefiro dizer que, para os que têm discernimento, há muito na terapia secular que é manifestação da graça comum de Deus [...]. Há uma grande carência de pessoas entre nós, com convicções cristãs, que examinem as metodologias disponíveis para que possamos distinguir os sinais do reino. Ao fazê-lo, nosso objetivo é uma integração das abordagens psicológica e teológica que sejam válidas. Tal empresa não deve ser um mero exercício acadêmico, mas um esforço para trazer o amor do Pai, a comunhão do Filho e poder de cura do Espírito a cada aspecto das vidas que buscamos ajudar<sup>199</sup>.

Collins propõe o exame das metodologias e técnicas das psicologias com o intuito de promover uma integração voltada para o atendimento solidário das demandas humanas. Cabe dizer que este conselheiro é, frequentemente, incluído entre os autores do campo evangelical, portanto, entre aqueles que possuem visão integracionista<sup>200</sup>, mas cuja tendência é a de reafirmar em seus escritos a importância dos recursos espirituais.

Schneider destaca que “entre os autores evangelicais existe uma forte tendência a usar a psicologia para realizar um aconselhamento mais efetivo”<sup>201</sup>. Conforme relatado, Collins toma por certo o fato de que a psicologia pode ser de grande ajuda para o aconselhamento. Sendo assim, cita em seus livros inúmeras obras de cientistas sociais. Ele justifica esse ecletismo da seguinte forma:

Toda verdade tem origem em Deus, inclusive a verdade sobre as pessoas por Ele criadas. Deus revelou esta verdade através da Bíblia, a sua palavra escrita à humanidade, mas também permitiu-nos descobrir a verdade mediante a experiência e os métodos de investigação científica. [...]. A verdade deve estar sempre de acordo e ser confrontada com o padrão da verdade bíblica revelada. Limitamos, no

<sup>199</sup> HURDING, R. *A Árvore da Cura*, p. 17.

<sup>200</sup> Por conseguinte, Collins, não obstante seu compromisso público com a construção de um espaço de cooperação entre a teologia e os insights psicológicos, é considerado um integracionista moderado (característica dos teóricos classificados como evangelicais). Em vista disso, sofre críticas tanto de fundamentalistas quanto de autores associados ao ecletismo. Para os conselheiros noutéticos, tais como Adams e Macarthur, ele faz menção do uso dos meios espirituais, contudo não demonstra interesse em aprofundar essa temática. Nesta perspectiva, Collins refere-se a conceitos bíblicos apenas para legitimar a utilização de recursos psicológicos. Os teóricos pertencentes à escola holística, como por exemplo Schneider, o criticam pela utilização que faz do aconselhamento como estratégia evangelística, assim como pela sua suposta psicologização da fé e teologização da psicologia. Maldonado, no entanto, o inclui na lista daqueles que têm contribuído para o avanço da escola integracionista. Para melhor entendimento da controvérsia que envolve o trabalho de Collins sugiro SCHNEIDER–HARPPRECHT, (Org), *Teologia Prática no contexto da América Latina*, p. 226. Ler também SANTOS, *Audição equilibrada; relações entre aconselhamento pastoral e psicanálise*. p. 44. E ainda, MACARTHUR, (Org). *Introdução ao aconselhamento bíblico*, p. 87-121.

<sup>201</sup> SCHNEIDER–HARPPRECHT. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT C.; ZWETSCH, R. E. (org), *Teologia Prática no contexto da América Latina*, p. 267.

entanto, nossa eficácia no aconselhamento quando assumimos que as descobertas da psicologia nada têm a contribuir para a compreensão e soluções dos problemas. Comprometemos nossa integridade quando rejeitamos abertamente a psicologia, mas a seguir introduzimos clandestinamente os seus conceitos em nosso aconselhamento – algumas vezes ingenuamente e sem sequer perceber o que estamos fazendo<sup>202</sup>.

Nota-se a relevância que esse autor atribui ao encontro entre a psicologia e a teologia, especialmente na contribuição para o trabalho dos conselheiros pastorais. Collins sustenta a necessidade da integração entre as ciências visando maior entendimento dos fatores que desnorream e comprometem a maturação tanto espiritual quanto psicológica dos indivíduos<sup>203</sup>.

Neste ponto, verifica-se grande semelhança com as percepções de Paul Tournier<sup>204</sup> relativas à integração entre os saberes. Collins reconhece a influência que o médico suíço, cujas obras veio a conhecer depois de formado, exerceu sobre seu trabalho. No entanto com Tournier, Collins ganhou nova compreensão acerca do potencial do aconselhamento cristão<sup>205</sup>. Não obstante a semelhança com o pensamento integracionista do psiquiatra suíço, há em Collins originalidade, haja vista seu conceito de aconselhamento no discipulado. Segundo ele:

Enquanto permanecermos na terra, porém, não podemos desatender à grande comissão, se é que levamos a Bíblia a sério em nosso aconselhamento. Esta omissão deixaria de lado uma doutrina principal de ensino neo-testamentário. Na realidade, o conceito do discipulado é tão importante na Escritura que é possível considerarmos o aconselhamento cristão como sendo aconselhamento no discipulado<sup>206</sup>.

O aconselhamento no discipulado parte do pressuposto de que o trabalho do conselheiro está associado ao cumprimento do mandato missionário, segundo o qual todo cristão deve proclamar as excelências de Jesus e formar novos discípulos. Nesta perspectiva, Collins explicita: “é um conceito de aconselhamento que reconhece a crucialidade da grande comissão e tem no seu

<sup>202</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento Cristão**, p.16.

<sup>203</sup> Ibid., p.16.

<sup>204</sup> Paul Tournier, psiquiatra suíço, é considerado um dos pioneiros na contribuição para o diálogo entre teologia, psiquiatria e psicologia. Tournier é eclético em suas fontes e comprometido com a visão integracionista do cuidado humano. Desde o início de seu trabalho intelectual, o médico suíço apresentou-se como defensor da integração entre as ciências e as Escrituras. Cf. HURDING, **A árvore da cura**, p. 363-380.

<sup>205</sup> COLLINS, G., op.cit., p. 28.

<sup>206</sup> Ibid., p. 29.

âmago o discipular aos outros’’<sup>207</sup>. Dessa forma, a prática do aconselhamento pastoral é compreendida como uma ferramenta que visa, entre outros objetivos, contribuir para que homens e mulheres sejam conformados à imagem de Cristo e avancem no processo de santificação. Segundo o autor:

Os alvos do aconselhamento são: ajudar as pessoas a funcionarem de modo mais eficaz nas suas vidas diárias; a se libertarem dos conflitos espirituais, psicológicos e interpessoais; a terem paz consigo e a desfrutarem de uma crescente comunhão com Deus; a desenvolverem e manterem com os outros relacionamentos interpessoais serenos; a realizarem o máximo potencial que têm em Cristo; e a estarem ativamente envolvidos em se tornarem discípulos de Jesus Cristo e discipuladores para Ele<sup>208</sup>.

Nesse pensamento em particular, o aconselhamento pastoral transforma-se num *lôcus* de aprendizado cristão, num espaço de interação e cuidado rumo à maturidade espiritual. Os aconselhados assistidos por esse modelo de aconselhamento receberão apoio para tornarem-se discípulos discipuladores; na esteira da tradição cristã de anunciar o evangelho e formar novos indivíduos comprometidos com as urgências e os valores do reino de Deus.

O acompanhamento proposto por Collins, a despeito de seu indisfarçável compromisso com o discipulado bíblico, diferentemente do modelo noutético, inclui (conforme já mencionado), considerações das escolas psicoterápicas.

Ele afirma, por exemplo, deixando clara sua posição, que: “o Deus que fala através da Bíblia também revelou verdades acerca do seu universo por meio da ciência, inclusive a psicologia”<sup>209</sup>.

Por desposar percepção assimilativa de aconselhamento pastoral, Collins entra em controvérsia com Jay Adams. Collins critica tanto a linha fundamentalista quanto a epistemologia adotada pelo autor mais contundente da escola noutética. Diz ele:

Adams aceita a autoridade das Escrituras, mas faz a suposição debatível que Deus revelou tudo quanto precisamos saber acerca do aconselhamento dentro das páginas da Bíblia. A revelação escrita de Deus é mais clara do que aquela que não é escrita [...]. Não se segue, porém, que Deus revela todos as verdades acerca do homem ou acerca do seu universo dentro das páginas da Bíblia<sup>210</sup>.

Para esse teórico não é razoável pressupor que as ciências nada tenham a dizer sobre a experiência humana e as realidades sociais. De acordo com Collins,

<sup>207</sup> Ibid., p. 29.

<sup>208</sup> COLLINS, **Ajudando uns aos outros**, p. 29-30.

<sup>209</sup> Ibid., p. 29.

<sup>210</sup> Ibid., p.174.

Jay Adams demonstra evidente preconceito contra as ciências médicas, a sociologia, a psicologia, a psicanálise, entre outras áreas do conhecimento, passando a impressão de forçar os registros bíblicos para dentro de seu sistema admoestatório<sup>211</sup>.

Ele refuta a ideia de que a Bíblia tenha sido escrita como um manual de aconselhamento. Segundo ele: “Ela tem grande e duradoura importância para o trabalho do conselheiro e as necessidades dos aconselhados, mas não reivindica ser (nem é seu propósito) a única revelação de Deus sobre a ajuda às pessoas”<sup>212</sup>.

Para esclarecer seu ponto de vista, cita o exemplo da depressão<sup>213</sup>; problema amplamente estudado tanto pela psiquiatria quanto pelas psicologias, mas que, segundo entende, “por si mesma, não é um termo clínico discutido na Bíblia”<sup>214</sup>. O autor aproxima-se deste assunto pela ótica do conceito cultural moderno de depressão. Em vista disso, sublinha diversas explicações oferecidas pela psiquiatria e pela psicologia referentes às principais causas dessa forma de psicopatologia. Além do que, propõe uma abordagem multidisciplinar para o atendimento de deprimidos, ele clarifica o ponto:

Os conselheiros que não são médicos podem desejar fazer contato com um psiquiatra ou outro clínico que prescreva medicamentos para alívio temporário de um paciente deprimido. Se o aconselhado apresentar sintomas físicos, a transferência para um médico psicologicamente perspicaz é muito importante. O conselheiro leigo não tem qualificação para decidir se os sintomas físicos de aconselhados são induzidos psicologicamente, nem deve fazer avaliações se a depressão em si tem ou não causas físicas<sup>215</sup>.

<sup>211</sup> Ibid., p.175.

<sup>212</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento Cristão**, p.16.

<sup>213</sup> A depressão é um dos grandes flagelos de nosso tempo. Trata-se de uma doença patológica do humor, uma combinação de angústia e mal-estar. Seus sinais mais comuns são: inércia, apatia e tristeza profunda. Em geral, o quadro depressivo também inclui a desesperança e o pessimismo. A descrição da depressão e seu tratamento, constituem-se em grande desafio para os cuidadores das mais diversas áreas. A depressão tem sido amplamente estudada com o propósito de melhor entendimento de suas causas e possíveis tratamentos. A causa exata da depressão ainda não foi devidamente estabelecida. Contudo, as explicações tidas como mais convincentes são aquelas que apontam para uma disfunção neuroquímica, principalmente relacionada à produção dos hormônios ligados ao humor, tais como, a endorfina e a serotonina. Além disso, há uma forte percepção de que algumas formas de depressão são desencadeadas por elementos estressores, como, por exemplo, a perda de entes queridos. Atualmente, abordagens integradas são utilizadas no enfrentamento desse problema. Para uma melhor compreensão do assunto, sugere-se a leitura de PERES, U. T. **Depressão e Melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. Na mesma linha, recomenda-se a leitura de GOMES, Antônio Maspoli de Araújo., **Um olhar sobre a relação entre depressão e religião numa perspectiva pastoral**. In KARIN, H. K; Wondracek; LOTHAR, C. Hoch; HEIMAN, Thomas. (Org.) *Sombras da alma: Tramas e tempos da depressão*. São Leopoldo: Sinodal- EST. 2012, p.34-52.

<sup>214</sup> COLLINS, G., op. cit., p. 74.

<sup>215</sup> Ibid., p. 81.

No entanto, ressalva que, embora a depressão não se constitua em expressão clínica discutida e aprofundada nas Escrituras, os autores dos Salmos expressam aflições e humores reveladores do quadro depressivo. Ademais, segundo entende, “parece que Jó, Moisés, Jonas, Pedro e toda a nação de Israel experimentaram depressão”<sup>216</sup>.

Tais exemplos indicam a incidência desse problema na vida do povo de Deus, bem como a sua presença nos textos canônicos. Para Collins, os textos bíblicos dão mais ênfase à importância da confiança em Deus no enfrentamento das tristezas e angústias do que ao quadro depressivo em si<sup>217</sup>.

A temática sobre as causas e desdobramentos da depressão constitui-se em ponto de tensão e conflito entre os modelos fundamentalista e integracionista de aconselhamento pastoral. Os conceitos de Adams, por exemplo, relativos às causas das doenças mentais, influem sobre sua compreensão do quadro depressivo.

Conforme verificado, ele concebe o pecado e a culpa como as únicas explicações para o aparecimento das afecções da mente. Todas as demais etiologias são desconsideradas. Nesta percepção, os inúmeros distúrbios interiores que acometem o ser humano são causados pela violação de preceitos divinos, pela rebeldia perante o apelo do evangelho, inclusive, a depressão.

Segue-se daí a compreensão de que a causa primária dessa patologia é a insubmissão a vontade de Deus. O professor Antônio Maspoli, pesquisador do laboratório social de estudos de religião da Universidade de São Paulo, diz o seguinte, ao analisar as intuições desse teórico relacionadas às causas dessa moléstia, “O pensamento de Jay Adams pode ser classificado como uma interpretação primitiva, pré-psicológica e pré-psiquiátrica sobre a doença mental”<sup>218</sup>.

A escola noutética reputa inadmissível a possibilidade de causas bioquímicas e neuropsicológicas para os distúrbios da mente, assim como o reconhecimento da validade dos tratamentos oferecidos pela psiquiatria e pelas psicologias. Maspoli destaca que Jay Adams está na contramão de uma visão holística sobre o combate a depressão. Por conseguinte, alheio e indiferente aos

<sup>216</sup> Ibid., p. 74.

<sup>217</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento Cristão**, p. 74.

<sup>218</sup> GOMES, A. M. A., In: KARIN, H. K.; WONDRAČEK; LOTHAR, C. H.; HEIMAN, T. (Org). **Sombras da alma**, p.45.

benefícios de uma associação entre os recursos da medicina convencional e outras tradições que podem ser considerados em nome do bem-estar das pessoas<sup>219</sup>.

É patente o zelo de Collins em mostrar as possibilidades de integração entre as disciplinas que se situam no campo do cuidado humano. Sua percepção aponta para o enfraquecimento do aconselhamento pastoral quando conselheiros não consideram os recursos teóricos e clínicos advindos tanto da psiquiatria como das psicologias, além de outras áreas de conhecimento.

É digno de nota que Collins, à semelhança de Adams, também valoriza a participação do Espírito Santo no aconselhamento, bem como a utilização de recursos ditos bíblicos. Segundo suas palavras:

No centro de toda ajuda cristã, particular ou pública, acha-se a influência do Espírito Santo. Ele é descrito como um consolador ou ajudador que ensina ‘todas coisas’, nos faz lembrar das palavras de Jesus, convence as pessoas do pecado, e nos guia a toda a verdade. Através da oração, meditação sobre as Escrituras e entrega deliberada a Cristo todos os dias, o conselheiro-professor se coloca à disposição como um instrumento mediante o qual o Espírito Santo pode operar, ajudar [...]. Este deve ser o alvo de todo crente [...], ser usado pelo Espírito Santo para tocar vidas<sup>220</sup>.

Collins, não obstante o valor que atribui à atuação do Espírito Santo e a utilização dos recursos espirituais no âmbito do aconselhamento, diferentemente de Adams, reafirma sua crença na importância de outras disciplinas para o trabalho dos conselheiros pastorais.

Dessa forma, o nome de Gary Collins mantém-se como um dos mais respeitados e destacados na atividade de se produzir uma construção integracionista, que valorize tanto os enunciados das psicologias quanto o saber teológico. Em suma, seu pensamento coloca em relevo o fato de que a prática do aconselhamento pastoral exige do conselheiro, cada vez mais, um conhecimento amplo de outras áreas da compreensão humana.

### **2.2.7. Desafios para o aconselhamento integral**

Como visto, na atualidade, a sociedade tem experimentado mudanças vertiginosas, desconcertantes, inquietantes. Mario de França Miranda faz o seguinte comentário sobre os nossos dias, “vivemos hoje num tempo agitado,

<sup>219</sup> Ibid., p.44.

<sup>220</sup> COLLINS, G., *Aconselhamento Cristão*, p.14-15.



instável, apressado, tenso mesmo”. Para os estudiosos da questão, ele resulta das rápidas e sucessivas transformações socioculturais que a sociedade experimenta<sup>221</sup>.

O crescimento do acúmulo de conhecimento é acompanhado da ampliação dos quadros de adoecimento dos sujeitos humanos. Esses tempos de derretimento dos vínculos sociais e de incertezas que afetam o indivíduo levando-o a tergiversar diante da vida e seus desafios.

Os laços sociais frágeis e a insegurança referente ao futuro resultam em abatimento psíquico e, por conseguinte, fazem murchar<sup>222</sup> a experiência humana. O incremento dessas experiências dismanteladoras do ser lança sombras sobre os campos subjetivo e intersubjetivo, aumentando a sensação de inquietude e desconfiança em relação as fontes tradicionais de proteção e amparo, como afirma Slavutzky:

Na modernidade atual, as pessoas não sabem mais onde se apoiar, em que confiar. Por quê? Porque as instituições perderam sua solidez, estão mais frágeis, com certas éticas muito duvidosas. A educação diminui seu poder, com pais desnorteados e professores desvalorizados. As igrejas passam por dificuldades, a fé se mesclou com as finanças, com o crescimento dos efeitos midiáticos. A política tem sido desprezada pelos eleitores, que andam desanimados. Então há uma sensação de insegurança no futuro, de falta de um projeto social mais amplo. Logo, a pergunta que se escuta: Onde é que podemos nos apoiar? Há momentos em que falta o chão para se apoiar e muitos afundam<sup>223</sup>.

Nesses dias acelerados, nos quais as referências habituais de instrução, ajuda e cuidado são relativizadas e tendem a desaparecer no ar<sup>224</sup>, os indivíduos participam de um momento marcado – na percepção do psicanalista Joel Birman –<sup>225</sup>, pelo narcisismo desmesurado, pela tentativa de evitar a dor, pelas questões relativas às exigências do consumo, pelas profundas mudanças nas relações e pelas desordens sociais e afetivas, que seguem bloqueando o caminho do desenvolvimento pleno da pessoa humana.

O aconselhamento pastoral, entendido como uma ação que, a partir da espiritualidade cristã, propõe-se a solidarizar-se com pessoas em situação de crise

<sup>221</sup> MIRANDA, M. F., **A igreja que somos nós**, p.5.

<sup>222</sup> WONDRAČEK, K. H. K., In: LOTHAR, C. H., HEIMAN, T. (Org), **Sombras da alma**, p.34-52.

<sup>223</sup> SLAVUTZKY, A., In: KARIN, H. K; Wondracek; LOTHAR, C. H.; HEIMAN, T. (Org), **Sombras da alma**, p. 9.

<sup>224</sup> Mais uma vez, siga a perspectiva de Bauman. Cf. BAUMAN, **Vida líquida**, p. 7-23.

<sup>225</sup> BIRMAN, J., **Mal - estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação, p. 15-26.

e sofrimento por meio da troca conversacional, da construção de relacionamentos de cuidado<sup>226</sup> e da mobilização de recursos individuais e adicionais; ocorre em um contexto repleto de inquietações resultantes de questões existenciais e sócio-culturais, características de nosso tempo.

Teorizadores e profissionais desenvolveram escolas de aconselhamento que se baseiam em pressupostos dessemelhantes, usam metodologias distintas, algumas antagônicas entre si, contudo, via de regra, que aspiram contribuir para o desenvolvimento do processo de reorganização do ser, ajudando homens e mulheres a participarem plenamente da vida em sociedade, assim como inserirem-se na jornada rumo ao crescimento integral. Além disso, conforme esclarece Ronaldo Sathler - Rosa pretende-se: “facilitar o restabelecimento de relacionamentos rompidos entre o indivíduo e Deus, pessoas e a natureza, pessoas, grupos e sociedade”<sup>227</sup>.

Os modelos abordados no âmbito desta pesquisa são um exemplo das variações entre essas escolas. O fundamentalista ou noutético, cujo maior expoente é Jay Adams, não reconhece a validade da utilização de recursos provindos de outras ciências, sobretudo, das psicológicas. De acordo com Collins, “este escritor de influência não vê qualquer possibilidade da psicologia ou ramos afins virem a auxiliar o líder da igreja a aconselhar mais eficazmente”<sup>228</sup>. Para Adams, os pressupostos tanto da psiquiatria quanto das psicologias são heréticos<sup>229</sup>. Seus veementes ataques a esses saberes tornam no mínimo curiosa a sua declaração: “Não pretendo desconsiderar a ciência. Ao contrário dou-lhe boa acolhida”<sup>230</sup>.

O aconselhamento pastoral orientado por esse modelo defende que os conselheiros pastorais devem desconsiderar os paradigmas científicos, por conseguinte, é explicitamente contrário a interdisciplinaridade. Por outro lado, há escolas abertas para o intercâmbio entre os saberes, visando acolher as demandas dos que sofrem em razão de desconfortos existenciais, causados por fatores psicológicos ou orgânicos. Dentre as quais, destacam-se a evangelical e a holística que (em níveis diferentes) situam-se no movimento integracionista.

<sup>226</sup> HURDING, R., *Árvore da Cura*, p. 36.

<sup>227</sup> SATHLER-ROSA, *Cuidado pastoral em tempos de insegurança*, p.38.

<sup>228</sup> COLLINS, G., *Aconselhamento Cristão*, p. 15.

<sup>229</sup> ADAMS, J., *O manual do conselheiro cristão*, p. 9-19.

<sup>230</sup> Id., *Conselheiro capaz*, p. 18.

Esses modelos preconizam a utilização de meios psicológicos, sem se desvencilharem, contudo, da espiritualidade cristã e de seus abundantes recursos. Tais como, a oração, as Escrituras, os sacramentos, a comunhão cristã, entre outros. Acerca da oração, Collins entende que, “o apoio maciço em oração pode não somente sustentar uma pessoa no meio de uma crise, mas também é uma demonstração animadora de que as pessoas realmente se importam”<sup>231</sup>. Clinebell, por seu lado, faz uma ampla utilização das intuições e metodologias das ciências humanas e também propõe a utilização de recursos espirituais. Ele ressalta, por exemplo, que:

Oração e meditação são disciplinas devocionais complementares que podem enriquecer-se mutuamente. Ambas constituem maneiras diretas de abrimo-nos ao poder criativo do amor de Deus. [...]. Elas são subsídios importantes para a preparação espiritual da própria pastora para facilitar crescimento espiritual no aconselhamento; podem ser usadas pela aconselhadora em benefício do aconselhando; podem ser ensinadas ao aconselhando para que este as use para curar a si mesmo<sup>232</sup>.

Como se vê, as escolas de assimilação traçam paralelos entre a vida espiritual e psicológica, e advogam a utilização de recursos das ciências humanas no exercício do aconselhamento pastoral, com o fito de enriquecê-lo. Na abordagem fundamentalista, ocorre o exato oposto, forte resistência quanto à utilização dos recursos provenientes das ciências humanas, principalmente as psicológicas. Os contundentes discursos apologéticos de Adams, Macarthur, Sarles, dentre outros, defendem o uso exclusivo de meios considerados bíblicos.

No entanto, sob a perspectiva integracionista, inúmeros teorizadores, tais como Tournier, Hurding, Collins, para citar apenas alguns dos mais conhecidos, defendem em menor ou maior escala, o diálogo interdisciplinar, na esfera do cuidado inter-humano. Trata-se de uma tensão relativa à integração entre saberes, portanto, da relação entre a teologia e as demais áreas das ciências humanas.

Esse estado conflituoso inscreve-se no extenso campo do diálogo – confronto<sup>233</sup> entre teologia e ciências. Por essa razão, no próximo tópico, reflete-

<sup>231</sup> COLLINS, G., **Ajudando uns aos outros**, p. 80.

<sup>232</sup> CLINEBELL, H., **Aconselhamento pastoral**, p. 123.

<sup>233</sup> A expressão “diálogo-confronto” aparece na esfera desta pesquisa, na perspectiva da categoria de inculturação. Logo, alude à busca de um diálogo fecundo entre teologia e ciência. Seguindo, assim, a proposta deste trabalho. O professor Joel Portella Amado lança luz sobre este assunto em: AMADO, J.P., **Entre Deus e Darwin: Contenda ou envolvimento? A respeito dos desafios que o pensamento evolucionista apresenta para a compreensão de Deus e vice-versa**. In GARCIA RUBIO, AMADO, J. P. (Org.), **Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológica-pastorais a um tema desafiador**, p.15-54.

se sobre isto. Ou seja, acerca do aconselhamento pastoral – realizado pelos agentes eclesiais –, em sua relação com o diálogo-confronto entre teologia e ciências humanas, notadamente as psicológicas e sociais. Abordará também o sujeito humano a partir de vários teóricos que contribuíram para uma melhor e mais ampla compreensão da realidade existencial<sup>234</sup>.

---

<sup>234</sup> Ibid.

### 3

## **O aconselhamento pastoral em sua relação com o diálogo - confronto entre teologia e ciência e a realidade humana.**

Este capítulo tratará do aconselhamento pastoral de natureza integral no âmbito do desafio dialogal entre teologia e ciências humanas. Trata-se de uma troca conversacional da qual podem emergir novas perspectivas para a atuação dos conselheiros. Versará também sobre o ser humano, objeto de estudo das disciplinas que se ocupam desse campo do conhecimento, e conceito de grande pertinência para esta prática de entreatajuda; visando contribuir, em termos modestos, para a superação do dualismo antropológico, que enfraquece o tipo de cuidado efetivo proposto pelo presente trabalho.

### **3.1.**

#### **O aconselhamento pastoral perante o desafio da superação do dualismo ciência e teologia**

No enfrentamento das demandas provindas de um cenário repleto de indivíduos sofrentes, constata-se um esforço, por parte de grande número de conselheiros pastorais (agentes eclesiais que falam a partir do *lócus* teológico), no sentido de incorporar à prática de aconselhamento um conjunto de percepções e recursos provenientes das mais diferentes áreas do saber humano. A utilização das obras de cientistas sociais, tanto como de metodologias e pressupostos advindos das psicologias, por parte dos conselheiros e das conselheiras, baseia-se na suposição de que toda verdade tem origem em Deus<sup>235</sup>. Neste sentido, percebe-se uma clara intenção de situar a teologia diante de outras ciências; em outras palavras, perante outros discursos, ressaltando não somente o lugar que lhe é

---

<sup>235</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento cristão**, p.16. A controvérsia envolvendo os conceitos de revelação geral e revelação especial coloca-se como pano de fundo desse debate. Segundo a epistemologia utilizada pelos conselheiros integracionistas, as verdades relativas aos elementos subjetivos constitutivos do ser, assim como aquelas relacionadas ao mundo material, podem ser encontradas tanto na revelação geral, que não são obtidas necessariamente nas páginas da Bíblia, marcadamente provenientes do saber científico, como na revelação especial, isto é, contida nas Escrituras. Nesta ótica, toda verdade é verdade de Deus. Logo, a observação dos fenômenos comportamentais, por exemplo, poderá levar a convicções insofismáveis acerca do ser humano. Tal argumento tem sido usado por aqueles que buscam uma integração entre ciências e teologia. O modelo noutético, ressalta, por sua vez, de modo desproporcional, a revelação especial de Deus (Escrituras) em detrimento da revelação geral, relativizando, portanto, o conceito de que Deus dispõe a todos os seres humanos informações acerca dos mundos material e social, por meios não escriturísticos.

próprio, mas também, e, sobretudo, sua relevância e indispensabilidade quanto à compreensão e o acolhimento solidário do sujeito e suas demandas. É pertinente reiterar que no campo do aconselhamento pastoral, duas posições teóricas destacam-se, a saber:

a) a de exclusão, caracterizada pela não assimilação, e, por conseguinte, pela rejeição da utilização das pressuposições e metodologias das ciências psicológicas<sup>236</sup>. Roger Hurding, analisando o pensamento de Jay Adams, expoente dessa escola, faz um de seus pronunciamentos mais contundentes ao afirmar que: “aqui não existe meio termo. Conselho ‘divino’ e conselho ‘demoníaco’ são colocados em disputa um com o outro”<sup>237</sup>.

Neste ponto, verifica-se um tipo de reducionismo denominado espiritualismo. Nas palavras do professor Ricardo Torri de Araújo: “para o espiritualismo, a psicologia – inclua-se aí a psicanálise – não tem nada a dizer sobre a experiência humana de Deus”<sup>238</sup>.

b) a integracionista, marcada pelo acolhimento, em níveis variados, das intuições e metodologias da psicologia e das disciplinas afins.

Algo evidente diz respeito ao fato de que os conselheiros integracionistas estão sempre “procurando misturar uma teologia bíblica com a compreensão psicológica”, infere Hurding<sup>239</sup>.

Tem-se, assim (conforme explicitado anteriormente), que a primeira posição rejeita de modo veemente a contribuição da psicologia. A segunda, por sua vez, a acolhe em maior ou menor grau.

O debate sobre a compatibilização entre ciência e religião vem de longa data e constitui-se, como se sabe, “campo amplíssimo”<sup>240</sup>. Essa discussão, sem dúvida,

<sup>236</sup> Na esfera das ciências, a psicologia tem seu marco inicial no ano de 1879, com o primeiro laboratório de psicologia, na universidade de Leipzig, na Alemanha, criado por Wilhelm Wundt. Posteriormente, com o surgimento da psicanálise de Freud, os estudos psicológicos começaram a ser conhecidos e reconhecidos pelo mundo científico. Em resposta à psicologia profunda, que atribui imenso valor aos elementos mentais inconscientes, ocorre a criação do behaviorismo, ou seja, a psicologia comportamental, a partir dos experimentos de Pavlov. O humanismo de Maslow e Rogers surge como reação a essas propostas, pois não concorda, grosso modo, em estender pesquisas realizadas com enfermos ou animais (como propunham a psicanálise e o comportamentalismo) à conduta humana. Como se pode perceber, algumas das principais abordagens teóricas do desenvolvimento do ser humano propostas pela psicologia são: a psicanálise, o behaviorismo e a humanista, entre outras. Para o aprofundamento da reflexão sobre o surgimento histórico da psicologia, bem como de suas complexas elaborações teóricas, sugiro HALL, C.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. **Teorias da personalidade**, p 28-39.

<sup>237</sup> HURDING, R., **A Árvore da Cura**, p. 319.

<sup>238</sup> ARAÚJO, R. T., **Experiência mística e psicanálise**, p. 8.

<sup>239</sup> HURDING, R., op. cit., p. 352.

continua viva. As relações entre teologia e ciências naturais continuam marcadas por conflitos. Por certo, esse relacionamento corresponde a um cenário atravessado por inúmeras inquietações. Azevedo explicita que: “A guerra existe, continua e parece longe de terminar. E há guerreiros dos dois lados [...]. A guerra existe porque ciência e religião têm falhado em olhar o outro com respeito”<sup>241</sup>. No entanto, a natureza desafiadora desse diálogo não deve ser vista como elemento de enfraquecimento da busca pela construção de um espaço de interação colaborativa. Segundo Dominique Lambert:

O diálogo ciências – teologia encerra sempre um risco: ficar entre dois fogos: o racionalismo radical e o fideísmo; o concordismo e o discordismo. Esse risco, porém, não deve desanimar quem pretenda respeitar a ciência e a teologia em todas as suas dimensões. De fato, sem que se assuma esse risco que acompanha a constituição lenta e progressiva de um espaço para o diálogo sujeito ao jogo das exigências inconciliáveis na aparência, é quase impossível explicar o motivo da fé em um mundo dominado pela mentalidade tecnocientífica. Se pensarmos realmente – e é o caso do autor – que a teologia tem uma carga de verdade; se cremos que sua mensagem é coisa diferente de um puro mito e de uma questão de gosto, então é preciso correr o risco do diálogo e empreender um longo trabalho de articulação e de mediação em que a razão filosófica não se mostra, em nada, submissa ao rigor que caracteriza o método científico<sup>242</sup>.

A tensão entre ciência e religião, marcadamente o cristianismo<sup>243</sup>, é notória. A compreensão dos teólogos Afonso Maria Ligório Soares e João Décio Passos aponta para o fato de que não se trata de defender a possibilidade de se estabelecer uma relação sem tensões entre teologia e ciência, mas em investigar a necessidade, a relevância e a possibilidade do diálogo e mútuo enriquecimento. Em seus termos:

Não se postula, evidentemente, uma relação harmoniosa entre teologia e ciência; ao contrário, trata-se de um diálogo crítico entre áreas. Se a ciência pode oferecer à teologia elementos sobre a lógica interna de seus objetos, a teologia está apta a contribuir com a reflexão sobre os pressupostos e finalidades inerentes, explícitos ou não, do fazer científico<sup>244</sup>.

No decurso dos anos tem havido atitudes distintas referentes à relação entre essas áreas. A história contabiliza momentos de desconfiança, ruptura,

<sup>240</sup> OLIVEIRA, C. R., **Por uma teologia da criação que supere os fundamentalismos**, In RUBIO, G.; AMADO, J. P.(org.), Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador, p.134.

<sup>241</sup> AZEVEDO, I. B., **Em defesa da fé e da razão**: no princípio, Deus; em defesa da fé e da razão, p. 28.

<sup>242</sup> LAMBERT, D., **Ciências e teologia**: aspectos de um diálogo, p.183.

<sup>243</sup> AZEVEDO, I. B., op. cit., p. 25. No texto, o autor sustenta a ideia de que o cristianismo é a religião que mais tem se debruçado sobre a relação entre religião e ciências.

<sup>244</sup> SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D., Introdução, In SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. (Org.), **Teologia e ciências**: diálogos acadêmicos em busca do saber, p.10.

hostilidade, aproximação, integração e diálogo<sup>245</sup>. Os caminhos são realmente variados e antagônicos. Afonso Soares e Décio Passos esclarecem:

Não se trata tão somente de uma sucessão de fases na história do pensamento, mas também de relações que convivem de maneira concomitante conforme os contextos e os sujeitos. É possível detectar, de fato, paradigmas teológicos e científicos em franca oposição, bem como esforços de diálogo e integração. Os sistemas teológicos vigentes oferecem, na verdade, modos distintos de relacionamento com os resultados da ciência, bem como diferentes leituras da chamada cultura científica<sup>246</sup>.

Na concepção de John Polkinghorne, citado por Mário Antônio Sanches<sup>247</sup>, a relação entre ciência e religião tem sido marcada, principalmente pelas seguintes posições:

a) o conflito: nesse posicionamento cada área está imbuída do desejo de suplantar a outra;

b) a independência: tal compreensão concebe ciência e religião como áreas separadas e completamente independentes uma da outra. Esse entendimento mantém esses campos afastados um do outro;

c) o diálogo: sob essa perspectiva, cada campo tem algo a dizer um para o outro acerca dos fenômenos dos quais se ocupam;

d) a integração: essa posição intenta unificar os discursos da ciência e da religião, marcadamente, da teologia;

e) a consonância: aqui se reconhece a plena autonomia de cada área. No entanto, defende-se que suas afirmações devem ser capazes de integrarem-se num plano mais amplo visando aclarar questões que somente serão desveladas mediante a utilização de uma pluralidade de olhares. Ou por outra, o acolhimento consciente e deliberado de múltiplos saberes;

f) por fim, a assimilação: as posturas assimilativas esforçam-se no sentido de colocarem ciência e religião bem próximas, sem que, todavia, uma disciplina seja absorvida pela outra. Propõe, dessa forma, uma aproximação sem a pretensão de superação de uma pela outra.

Barbour, por sua vez, citado por Azevedo, simplifica um pouco esse cenário relacional descrevendo, basicamente, quatro possíveis posicionamentos na esfera dessa relação<sup>248</sup>, quais sejam:

<sup>245</sup> Ibid., p.11.

<sup>246</sup> Ibid., p.11.

<sup>247</sup> Cf. SANCHES, M. A., **O diálogo entre teologia e ciências naturais**, In: O mundo da saúde, São Paulo, V.31, n.2 p.4, abr/jun. 2007.



a) Ciência e religião em conflito insuperável: defensores de enunciados fundamentalistas de ambos os lados alimentam a compreensão de que religião e ciências são áreas incompatíveis, antagônicas, inconciliáveis. Desse ponto de vista, por um lado, a ciência, por meio do materialismo científico, rechaça a religião. Por outro, o literalismo bíblico defenestra a ciência. A relação solidária, portanto, torna-se inviável em função da tendência belicosa de ambas as partes. Em resumo, uma área rejeita a outra por partirem de pressupostos que se repelem em questões rigorosamente essenciais;

b) Independência entre ciência e religião: nessa perspectiva, ambos os campos são classificados como domínios que não competem entre si. Daí resulta um movimento de compartimentalização hermética, que impede a troca solidária.

c) Ciência e religião em diálogo: nesse caso, a relação baseia-se no respeito mútuo, marcado pelo espírito de cooperação. Cada campo possui suas especificidades e metodologia, que devem ser respeitadas e preservadas. Nesse quadro, como explicitado, o diálogo fundamenta-se no reconhecimento de que cada disciplina possui algo com o que contribuir para a outra;

d) Por fim, Barbour propõe uma integração. Ou seja, um estado de cooperação visando à mútua iluminação, que possibilite, inclusive, a reformulação de conceitos e crenças como fruto desse intercâmbio.

Neste prisma, não há, realmente, incompatibilidades fundamentais entre um campo e outro, e o cenário está aberto para o trabalho solidário, não obstante cada um permaneça em seu âmbito específico de reflexão. Uma das bases desse modelo consiste no pressuposto de que ambas as áreas pretendem, em última instância, aliviar o sofrimento da família humana, quaisquer que sejam as causas do padecimento. Nessa via de reflexão, sem dúvida, fomenta-se o conceito de que a abertura dialogal é fundamental para a construção de uma abordagem mais eficiente das causas humanas.

À luz do que se afirma nesse último item, o conflito rancoroso, inflado pelo preconceito e por tendências obscurantistas, é desnecessário, bem como prejudicial para o enfrentamento dos graves fatores que desfiguram a vivência humana. Por certo, as ciências com seu instrumental têm contribuído para a compreensão do mundo, por assim dizer, material.

---

<sup>248</sup> Cf. BARBOUR, Ian apud AZEVEDO, Israel B., **Em defesa da fé e da razão**, p. 28-31.

Segundo Collins<sup>249</sup>, “A ciência é a única forma confiável para entender o mundo da natureza, e as ferramentas científicas, quando utilizadas de maneira adequada, podem gerar profundos discernimentos na existência material”<sup>250</sup>.

Além disso, seu progresso produziu incontestáveis melhorias na qualidade de vida dos indivíduos. É fato sem controvérsia que a ciência trouxe contribuições para o desenvolvimento humano. O avanço científico, por exemplo, promoveu a evolução tecnológica e com esta o incremento do intercâmbio cultural e o crescimento da expectativa de vida. A comunicação tornou-se mais ágil, abrangente, vigorosa.

O sucesso da ciência em tantas áreas diferentes – e sua irrefutável capacidade de descrever com precisão o que pode ser visto – consolidou sua relação com a sociedade. A cultura contemporânea está cada vez mais organizada a partir daquilo que a ciência tem produzido como compreensão da realidade. Segue-se daí a ilação de Afonso e Décio:

O tempo e o espaço atuais estão cada vez mais estruturados a partir do que as ciências produzem [...] imersos nesse *habitat* racionalizado somos induzidos a crer na capacidade quase ilimitada de as ciências produzirem explicações e soluções para todos os limites que nos ameaçam física e moralmente. Esta crença é feita de realidade e fantasia. É inegável que as ciências tenham trazido enormes benefícios para o ser humano, no esforço de buscar formas mais eficazes e, em última instância, de adiamento da morte. No entanto, nunca se perguntou tanto sobre o futuro do planeta, sobre a origem das coisas e sobre os rumos econômico e político das nações. Os benefícios trazidos pelas ciências são acompanhados de novos problemas e interrogações<sup>251</sup>.

No entanto, conforme está dito acima, seu campo reflexivo e metodologias não abrangem toda vivência humana<sup>252</sup>. Ou por outra, não silenciam as grandes questões que se colocam ao longo da existência. Por certo, existem estudiosos que compreendem o fato de que as descobertas da própria ciência levantam questões que ultrapassam a capacidade do saber científico de apresentar respostas.

<sup>249</sup> Francis Sellers Collins, médico americano, Ph.D. em físico-química, geneticista. Conhecido defensor do evolucionismo – teísta, classificado por ele como ‘BioLogos’ termo que expressa, em linhas gerais, a crença de que Deus é a fonte de toda vida e a vida, por sua vez, reflete a vontade de Deus. Participou como diretor no projeto genoma humano (concluído em 2003). Collins dirige o *National Institutes of Health*, tendo sido nomeado pelo presidente Barack Obama. Disponível em: <http://www.ultimo.com.br/comunidade-conteúdo/por-dentro-do-debate-uma-resenha-do-livro-a-linguagem-de-deus>. Acesso em 29 ago.2017.

<sup>250</sup> FRANCIS, C., **A linguagem de Deus**, p.14.

<sup>251</sup> SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D., In: SOARES, A. M. L; PASSOS, J. D. (Org), **Teologia e Ciências**, p.8.

<sup>252</sup> Cf. AZEVEDO, I. B., **Em defesa da fé e da razão**, p. 35.

Marcelo Gleiser<sup>253</sup>, por exemplo, argumenta que o conhecimento da ciência corresponde a uma parcela ínfima do conjunto da existência, e salienta a necessidade de uma postura mais humildade por parte dos cientistas. Cito um relevante comentário de Edênio Valle sobre uma das teses fundamentais do livro *Criação imperfeita*<sup>254</sup> desse importante cientista brasileiro:

Gleiser, resumidamente, proclama que tudo o que a ciência conhece não passa de uma minúscula fração do que existe de fato. Os aparelhos, recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados não têm como superar essa imperfeição congênita da ciência humana. O que é imperfeito, e assim continuará, é a capacidade de nossa inteligência de ver e interpretar a realidade que nos cerca, revelando e ocultando. Ou seja, na linguagem dos antigos gregos, o *mistério* que nos envolve de todos os lados continuará nos envolvendo<sup>255</sup>.

Infere-se, por conseguinte, que a ciência se encontra perante o desafio de manter-se aberta para acolher as contribuições das disciplinas que refletem acerca dos objetos que estão para além de sua esfera de atuação.

Do outro lado do debate, religiosos fundamentalistas atacam a ciência, classificando-a de perigosa e não confiável. Estes defendem a interpretação literal dos textos sagrados como único caminho para distinguir-se com clareza a realidade<sup>256</sup>. Com efeito, a religião institucionalizada, organizada, de um modo geral, além de não ter conseguido evitar os amplos e evidentes resultados científicos<sup>257</sup>, também refutou algumas de suas teorias por considerá-las inválidas ou simplesmente por tomá-las como contrárias às declarações bíblicas.

Pelo exposto, verifica-se que tanto a religião, de forma ampla, assim como a teologia, de modo específico, precisam abrir-se para os enunciados científicos quando o assunto trazido à baila extrapolar seu campo de reflexão e abrangência

<sup>253</sup> Marcelo Gleiser é um físico (graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), astrônomo, professor e colunista brasileiro, radicado nos Estados Unidos da América. Depois de seus estudos no Brasil, doutorou-se na Universidade de Londres e, posteriormente, tornou-se professor na prestigiada *Dartmouth College*. Gleiser é ganhador de inúmeros prêmios, como, por exemplo, o *Presidential Faculty Fellows Awards*. De origem judaica, tinha o hábito de frequentar a sinagoga na infância, no entanto, na atualidade, declara-se ateu. Não obstante seu ateísmo, sua produção intelectual respeita e promove o diálogo com a religião.

<sup>254</sup> GLEISER, M., **Criação imperfeita**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010. Neste livro, o autor, entre outras interpelações, questiona a ideia de que a natureza é regida pela perfeição. Gleiser parece ter se distanciado dos físicos que buscam pela teoria final e pela harmonia total do universo. Além disso, contesta alguns ateístas fundamentalistas, como Dawkins, salientando que não é função da ciência provar ou não a existência de Deus.

<sup>255</sup> VALLE, J. E. R., In: CRUZ, E. R. (org.), **Teologia e ciências naturais: teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo**, p. 28.

<sup>256</sup> Cf. FRANCIS, **A linguagem de Deus**, p.13.

<sup>257</sup> SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D., In: SOARES, A. M. L; PASSOS, J. D., (Org.). **Teologia e Ciências**, p.7

metodológica. Quanto à esfera teológica, as palavras de Francis Collins contribuem para uma postura de abertura:

Não acredito que o Deus que criou todo o Universo e que tem uma comunhão com seu povo por meio de orações e inspirações espirituais espere que neguemos as verdades óbvias do mundo natural, reveladas a nós pela ciência, a fim de provar nosso amor por ele (grifo nosso)<sup>258</sup>.

Como se pode observar, tanto a teologia quanto as ciências naturais são indispensáveis para o entendimento do funcionamento do mundo físico, bem como para a compreensão da jornada humana com suas alegrias e angústias, encontros e desencontros, acertos e desacertos, luzes e sombras. Tal perspectiva concebe ambas as áreas como parceiras e não como adversárias. Dessa forma, o estado de beligerância entre esses campos resulta nocivo para as legítimas aspirações daqueles que atuam no palco da história visando amparar as pessoas na sua caminhada pela vida; nestes tempos de imensos vazios, desorientações e desconsiderações pelo outro, necessitado, cada vez mais, de cuidado e auxílio.

O caminho que se apresenta como mais promissor para a construção de pontes de diálogo aponta para o reconhecimento humilde tanto da teologia (religião) como das ciências de seus limites intrínsecos. Ademais, convém colocar em relevo o fato de que mesmo a possível colaboração entre esses saberes não se caracteriza como algo suficiente para exaurir as infinitas indagações que acompanham os seres humanos ao longo da jornada pela vida. Recorrendo ainda a Valle, constata-se que:

Soluções definitivas, nem a ciência, nem a religião (ou a teologia) as tem e, muito provavelmente, não as terá, pois são muitos os modos de inteligência válida de que dispõe os seres humanos. Nenhum deles é apodítico e definitivo ou capaz de responder a tudo. Todas as modalidades humanas de conhecimento são cercadas por nuvens, até espessas de não conhecimento. Por fantásticos que sejam os avanços e perspectivas das ciências naturais como a genética, a física ou a bioquímica, por exemplo, parece que quanto mais se conhece menos se sabe sobre pontos absolutamente fundamentais<sup>259</sup>.

A realidade humana é complexa<sup>260</sup>, suas caracterizações desafiam as estruturas de pensamento, demandando, dessa forma, uma análise interdisciplinar acolhedora de esclarecimentos provindos da sociologia, da psicologia, da psicanálise, da ética, da teologia, e da filosofia, para citar apenas algumas disciplinas. De fato,

<sup>258</sup> COLLINS, F. apud AZEVEDO, I. B., **Em defesa da fé e da razão**, p. 43.

<sup>259</sup> VALLE, J. E. R., In: CRUZ, E. R. (org.), **Teologia e ciências naturais**, p. 32.

<sup>260</sup> Cf. RUBIO, G. A., **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**, p.17-18.

o desprezo por uma visão mais ampla das ocorrências humanas culmina em concepções simplistas e precárias, não compatíveis com a irreducibilidade da vida.

A tendência de supervalorização do enfoque de uma área em detrimento de outras produz certa hipertrofia, que desequilibra a relação entre os saberes causando, por consequência, o empobrecimento de uma análise mais efetiva tanto do mundo físico quanto da experiência existencial.

Na perspectiva de um movimento na direção do diálogo, supõe-se uma relação cordial desprovida de arrogância de ambos os lados, objetivando-se a plena promoção da vida. Sanches afirma que:

O mais importante neste diálogo é que ele seja orientado para o bem da sociedade. O objetivo não deve ser a defesa da ciência pela ciência nem da religião pela religião, mas a promoção do bem estar social, partindo de uma concepção que entende como desastrosas e danosas para a sociedade quaisquer uma das seguintes situações: uma ciência que rejeita a religião, ou uma religião que rejeita a ciência<sup>261</sup>.

Cabe dizer que no âmbito do aconselhamento pastoral, o respeito aos diferentes conhecimentos, assim como o esforço para o desenvolvimento de uma ação conjunta que almeje auxiliar o indivíduo de forma integral constituem-se em demandas perenes, na medida em que a complexidade da experiência humana conclama a todos a uma compreensão global e inter-relacionada<sup>262</sup>.

Em outras palavras, a não ignorar as informações provindas das diversas áreas do saber, sob pena de se construir uma percepção reducionista da vida humana e suas múltiplas expressões e dimensões, assim como, por consequência, empobrecer as ações de cuidado.

Nesta mesma linha de pensamento, Marcelo Gleiser evidencia que tanto a ciência quanto a religião fazem parte de um enorme esforço humano na luta contra o tempo. Ambos os campos são importantes, cada um oferecendo, a partir de suas peculiaridades, sua contribuição dentro de sua área de conhecimento e atuação. Segundo suas palavras:

Ambas (ciência e a religião institucionalizada) buscam transcender a dimensão humana através de um ideal abstrato de perfeição; na ciência, o objetivo é obter o conjunto final de leis que descrevem todos os fenômenos naturais (uma missão claramente impossível), enquanto, na religião (institucionalizada), procuramos nos aproximar da perfeição moral de Deus (outra missão claramente impossível). Mesmo que eu esteja argumentando que a ciência e a religião (institucionalizada)

---

<sup>261</sup> SANCHES, M. A., **O diálogo entre teologia e ciências naturais**, In: O mundo da saúde, São Paulo, V.31, n.2 p.179, abr/jun. 2007.

<sup>262</sup> Ibid., p.180, abr/jun. 2007.

têm objetivos em comum, é importante também ter em mente suas diferenças óbvias. A ciência não oferece o consolo emocional que a religião (institucionalizada) oferece a tantos, do mesmo modo que a religião (institucionalizada) não provê uma explicação para os fenômenos naturais. Se você perder, perde um ente amado, não será o conselho profissional de um químico ou um físico que irá consolá-lo, assim como você não deve pedir explicações sobre física nuclear a um padre ou a um rabino (a menos que o padre ou o rabino sejam também cientistas, o que é sempre uma possibilidade)<sup>263</sup>.

Vê-se que, sob esse ponto de vista, que as duas compreensões – mencionadas anteriormente –, com suas abordagens, percepções e metodologias distintas estão imbuídas do desejo de contribuir para enfrentamento das tensões relativas à finitude humana. Gleiser, embora reconheça que a discussão sobre a relação ciência e religião e (ou) teologia esteja longe de encontrar seu desfecho, considera um equívoco pensar dualisticamente a relação entre esses campos.

Nesta ótica, parece não haver dúvida de que o diálogo entre pesquisadores que militam em outros domínios científicos tende a ser enriquecedor. A ciência faz afirmações contundentes sobre inúmeros aspectos do universo, sem demonstrar constrangimento. Dessa forma, não deveria sentir qualquer tipo de receio de relacionar-se com outras disciplinas visando o intercâmbio entre os saberes.

A forma desassombrada e, frequentemente, incisiva que se verifica na emissão de suas percepções e teorias deveria expressar-se também por meio de uma maior abertura para o estabelecimento de conversas respeitadas com outros campos do conhecimento humano. Ademais, como esclarecem Ribeiro e Videira:

Ao longo de sua história, a ciência moderna repetiu, por diversas vezes, que as respostas que propõe são parciais, simplificadas e substituíveis. Para muitos, dentre os quais nos incluímos, essas características das repostas, ou seja, das teorias científicas, significam que estas são representações da natureza. Ao afirmarmos que as teorias científicas são representações, defendemos, entre outras ideias, que a ciência não pode conhecer as essências<sup>264</sup>.

É digno de nota que, mesmo nos nossos dias, a ciência não reúne condições para responder de forma definitiva à questão se suas concepções, enunciados e teorias explicam ou descrevem a natureza<sup>265</sup>. Esta discussão dificilmente será esgotada, vez que, conforme destacado, o vastíssimo, complexo e frutífero debate entre religião e ciência, mas particularmente entre a teologia cristã e as

<sup>263</sup> GLEISER, M. **O fim da terra e do céu**: o apocalipse na ciência e na religião, p.33.

<sup>264</sup> RIBEIRO, M. B.; VIDEIRA, A. P., In: CRUZ, E. R. (org), **Teologia e ciências naturais**, p. 165.

<sup>265</sup> *Ibid.*, p.163.

denominadas ciências naturais, inclui um amplo campo de reflexão acerca das especificidades da teologia, assim como a metodologia e a epistemologia científica que ultrapassam os limites desta modesta pesquisa. Portanto, pretende-se aqui tão somente analisar alguns aspectos do dualismo religião e ciência, ressaltando-se a necessidade do estabelecimento de uma relação respeitosa entre os saberes que contribua para uma ação solidária em favor do ser humano.

### 3.2.

#### Noções sumarizadas de teologia, religião e ciência

Na medida em que a questão ressaltada neste ponto da pesquisa é o conflito existente entre a teologia e/ou a religião e as ciências naturais, justifica-se a exposição de uma breve descrição desses conceitos, com o fito de esclarecê-los. No entanto, a bem da verdade, deve-se dizer que não se trata de tarefa fácil definir tais termos, pois não há consenso entre os teóricos e pesquisadores acerca de uma interpretação cabal e inquestionável dessas temáticas. Por certo, não é a proposta de este trabalho esquadrihar historicamente o processo de desenvolvimento dos termos destacados. Tão somente, pretende-se, em linhas simples, marcar alguns aspectos dessas expressões, objetivando lançar alguma luz sobre seus contornos e significados, sem pretensão de esgotar o assunto.

#### 3.2.1.

##### Teologia

O vocábulo teologia é de origem grega, etimologicamente significa tratado, discurso sobre Deus<sup>266</sup>. De acordo com a compreensão de Clodovis Boff, que tem como ponto de partida de sua definição a fé<sup>267</sup>:

Na teologia se fala de Deus. De fato, 'teologia' significa 'discurso sobre Deus'. [...]. Todas as outras coisas que se debatem na teologia, à exceção de Deus, são sempre compreendidas em Deus. Contudo, não são compreendidas como partes, espécies ou acidentes de Deus, mas enquanto referidas de algum modo a ele<sup>268</sup>.

Na teologia, todos os assuntos são tratados à luz de Deus.

<sup>266</sup> BOFF, C., **Teoria do método teológico**, p. 22.

<sup>267</sup> Devo este encadeamento de ideias ao Doutor Francisco de Assis Souza dos Santos, que generosamente colocou sua pesquisa à minha disposição com o fito de auxiliar-me no desenvolvimento de meu trabalho, pelo que lhe sou imensamente grato. Cf. SANTOS, F., **Audição equilibrada**; relações entre aconselhamento pastoral e psicanálise. Tese doutoral apresentada à Pontifícia Universidade Católica- PUC. Rio de Janeiro, 2015. p.21-24.

<sup>268</sup> BOFF, C., op. cit., p. 23-23.

À semelhança das demais ciências, a teologia também possui objeto de estudo. Isto é, uma realidade da qual se ocupa precipuamente.

Boff esclarece, “o objeto material da teologia é, em primeiro lugar, Deus e depois tudo mais. Portanto, nada há que não seja em princípio teologizável. Na prática, porém, teologiza-se segundo certa medida”<sup>269</sup>. Ele prossegue, com o intuito de evitar interpretações reducionistas, afirmando que:

Na verdade, a teologia não tem por objeto um ‘objeto’ entre outros. Ela ainda não estuda um ‘pedaço’ da realidade total, materialmente distinto de tudo mais. Antes, ela toma como ‘objeto’ aquela dimensão da realidade que diz respeito ao sentido supremo e por isso totalizante de tudo e de cada coisa [...]. Deus é o objeto ‘principal’ da teologia; tudo o mais é objeto ‘consequencial’. De fato, a fé diz respeito em primeiro lugar a Deus, e das demais coisas só por consequência, ou seja, por causa de Deus<sup>270</sup>.

O Deus revelado corresponde ao objeto formal da teologia<sup>271</sup>. Aqui se trata, em suma, da fé e da revelação. Além disso, o termo em apreço também está associado às Escrituras cristãs<sup>272</sup>, à expressão de fé e, por consequência, ao ser humano. Segundo Gesché: “que a teologia não fala somente de Deus, mas também do ser humano, é um fato”<sup>273</sup>.

A teologia com seu campo riquíssimo caracterizado por uma diversidade de teorias e abordagens, como (a teologia de Deus desenvolvida, entre outros, por Karl Barth; a teologia antropológica, associada a Schleiermacher; a teologia transcendental formulada basicamente por Karl Rahner; a teologia da esperança, marcadamente associada a Moltmann; a teologia da libertação, desenvolvida, entre outros, por Gutiérrez e Leonardo Boff, apenas para citar alguns exemplos)<sup>274</sup>, vive sob o questionamento relativo à sua natureza. Em outros termos: se a teologia é ou não uma ciência.

Mais uma vez, Clodovis lança luz sobre essa temática ao afirmar que a teologia é uma “ciência ao seu modo. É um saber ou disciplina que tem uma analogia estrutural com o saber científico em geral. Poderíamos dizer que é um saber de ‘tipo científico’”<sup>275</sup>.

<sup>269</sup> BOFF, C., **Teoria do método teológico**, p. 21.

<sup>270</sup> Ibid., p.43-44

<sup>271</sup> Ibid., p.44.

<sup>272</sup> LACOSTE, J. Y., **Dicionário crítico de teologia**, p. 1707.

<sup>273</sup> GESCHÉ, A., **O ser humano**, p.30. Este aspecto da teologia será abordado mais pormenorizadamente no âmbito desta pesquisa quando da análise do dualismo antropológico.

<sup>274</sup> Cf. Disponível em: <http://www.pucpr.br/congressoteologia/2009/>. Acesso em: 26 set, 2016.

<sup>275</sup> BOFF, C., **Teoria do método teológico**, p.40.



Braaten e Jenson afirmam que a teologia pode ser chamada de ciência<sup>276</sup>:

Que faz afirmações a respeito de Deus concebido como poder unificador, o sentido universal e o destino plenificador de todas as coisas. Sem essa referência a Deus, não pode haver visão de todo. Então, a confiança humana de que a vida e a criação valem a pena é ameaçada por um mundo de fatos sem valores, movimento sem sentido, processo sem propósito, caminhada sem objetivo e futuro sem promessa, além da perspectiva do nada da morte<sup>277</sup>.

A teologia entendida como determinada perspectiva apresenta-se para dialogar com outras abordagens epistemológicas, dando assim sua contribuição para elucidar pontos sobre diversos objetos dos quais se ocupam outros saberes.

No âmbito da relação com as disciplinas acadêmicas, a teologia atuará, de acordo com Décio, como “um olhar que poderá discorrer tanto sobre as questões de fundo referentes à cultura científica e as seus objetos de estudo, quanto aos próprios objetos com suas especificidades e lógicas particulares”<sup>278</sup>.

Trata-se, portanto, de disciplina que visa contribuir oferecendo suas intuições acerca do significado profundo da existência. Em vista disso, pretende cooperar com uma interpretação que, a partir dos enunciados da fé, fomente uma percepção mais ampla dos aspectos da jornada humana, que extrapolam os limites de investigação das demais ciências.

De fato, essa visão renovada da teologia<sup>279</sup>, isto é, que humildemente está em busca do diálogo interdisciplinar (sem, contudo, descaracterizar-se abrindo mão de suas especificidades), encontra-se em harmonia com a proposta de abertura feita pelos conselheiros que defendem uma prática de aconselhamento cuja natureza é integral.

A teologia na condição de instância crítica constitui-se tanto em canal de mediação da fé com outros discursos, como meio que visa impedir a adulteração

<sup>276</sup> Vale dizer que alinho meu pensamento ao de Clodovis Boff acerca da natureza da teologia, isto é, que se trata de um tipo de saber científico. No entanto, não aprofundaremos a reflexão acerca dessa temática, porque foge aos objetivos deste trabalho entrar nessa discussão. O que está em questão é a relação do aconselhamento pastoral na sua conexão com o diálogo confronto entre teologia e ciências humanas, na sua busca pela superação dos dualismos, na sua dimensão de cuidado integral num mundo repleto de pessoas que se encontram em estado de sofrimento. Para uma maior compreensão do pensamento deste autor acerca da natureza da teologia, sugiro a leitura de BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 2 ed. São Paulo: Vozes, 1998. Além disso, considerando a influência de Tomás de Aquino na consolidação dessa percepção acerca deste aspecto da natureza da teologia, sugiro a leitura de JOSAPHAT, Carlos, **A teologia precisa da ciência?** Transcendência, ciência e sabedoria na cultura de ontem e hoje. In SOARES, Afonso Maria Ligório ; PASSOS, João Décio. (Org), **Teologia e Ciência – Diálogos acadêmicos em busca do saber**, São Paulo: Paulinas, 2008, p.153-156.

<sup>277</sup> BRAATEN, C., JENSON, R. W. (Ed) **Dogmática Cristã**, p. 41.

<sup>278</sup> PASSOS, J. D., **Teologia e outros saberes: uma introdução ao pensamento teológico**, p.15.

<sup>279</sup> *Ibid.*, p.28.

ou descaracterização da fé. Isto é próprio da teologia, na verdade, uma de suas marcas distintivas. A função do discurso teológico alude a preservar o dizer deste logos singular cuja reflexão ultrapassa o registro da imanência. Trata-se de uma epistemologia única que tende a contrariar o reducionismo científico.

### 3.2.2. Religião

A percepção ancestral de que há algo oculto por detrás da cortina da realidade capaz de oferecer explicações relativas às grandes questões da existência - como, por exemplo, a morte -, caracteriza as múltiplas culturas, tornando-se todas elas, símbolo e narrativa, e promovendo, dessa forma, o conhecimento religioso, que opera na lógica do símbolo.

Num certo sentido, pode-se dizer que o aparecimento da religião<sup>280</sup> está associado ao esforço humano tanto de compreender os fatores inexplicáveis do mundo invisível quanto de desvelar os enigmas de sua própria alma. Haught salienta essa busca do ser humano pelo esclarecimento dessa dimensão oculta da vida:

Durante o breve período humano da longa história da terra, a maioria das pessoas em muitos lugares sentiu que um incompreensível mistério envolve suas vidas e o mundo natural. Nomearam e domesticaram esse mistério de diferentes maneiras, mas a premunção do mistério impediu que seu mundo se afigurasse adimensional. A suspeita da existência de horizontes infinitos para além do mundo imediato levou xamãs, profetas, místicos e visionários a empreender algumas das mais fascinantes jornadas na história da exploração<sup>281</sup>.

Em todas as culturas homens e mulheres deparam-se com questões que desafiam o intelecto humano e inquietam a alma. Decerto, apesar do avanço das ciências e, por consequência, do acúmulo de conhecimento por parte das inúmeras disciplinas constitutivas da ampla lista de saberes da humanidade, o senso de mistério que acompanha a vida humana não foi suprimido. Haught afirma:

Mesmo depois que os físicos, os geólogos, os biólogos e os astrônomos supostamente desmistificaram o mundo [...] o mistério subsiste [...] nossa existência ainda está presa a ele, mesmo quando tentamos escapar-lhe. A tendência ao mistério é traço fundamental da existência humana, e não apenas alternativo,

<sup>280</sup> Cabe a ressalva de que o termo religião não está sendo usado (neste ponto desta pesquisa), para descrever qualquer tipo de vertente ou organização religiosa. Entre outras razões, porque o interesse da família humana pelas questões metafísicas e transcendentais é anterior a institucionalização das religiões. Trata-se, aqui, portanto, de um tipo de conhecimento constitutivo da consciência humana, não necessariamente atrelado às organizações religiosas.

<sup>281</sup> HAUGHT, J., **Cristianismo e ciência**: para uma teologia da natureza, p. 39-40.

próprio dos retardatários pré-científicos. As pessoas são naturalmente abertas não só ao mundo, mas também à alteridade transcendente<sup>282</sup>.

Corroborando o pensamento de Haught, Gesché destaca que a pergunta pelo sentido continua identificando o ser humano. Diz ele:

Esse enigma que o ser humano é primeiramente para si mesmo, como também o transpassa em sua relação com o mundo, com os outros e com Deus. Enigma, porém, que ao mesmo tempo o constrói, pois lhe abre um campo: o da interrogação que o impede de se fechar, o convida a procurar algumas respostas, mas que jamais serão suficientes porque elas não podem e nem devem sê-lo<sup>283</sup>.

O ser humano ao refletir sobre si mesmo e acerca do mundo usando categorias religiosas está, realmente, procurando compreender-se como pessoa no âmbito do universo do qual faz parte, valendo-se de dados que extrapolam aqueles oferecidos pela ciência. Sob este prisma, resulta claro que tanto a modernidade, bem como o saber científico não conseguiram neutralizar a influência da religião. Sendo assim, esta continua presente na estrutura social, mantendo-se como chave de interpretação da realidade.

Conquanto esteja evidente a presença do fenômeno religioso na esfera da vivência humana, trata-se ainda de uma temática desafiadora, complexa atravessada por infindáveis controvérsias. Não há, nem mesmo, consenso em torno da definição do termo religião. Sabe-se que nos primeiros anos do século XX, o suíço James Leub, ligado a William James e reconhecido como um dos primeiros psicólogos da religião, identificou e reuniu quase cinquenta definições para o termo<sup>284</sup>.

Quanto à origem da utilização do termo, a fonte latina é Cícero, que usou a palavra *religio* para designar culto ou adoração aos deuses. Agostinho, por seu turno, influenciado pela compreensão de Lactâncio, utilizou a expressão *religare* para referir-se ao ato de ligar de volta, essa concepção agostiniana tornou-se majoritária, levando o termo religião a ser interpretado (quase que universalmente), como ligar novamente a alma que se afastou de Deus.

A partir daí todas as demais tentativas de uma descrição consensual deste vocábulo desaguaram em dissensos. A professora Lúcia Pedrosa-Pádua, ao refletir acerca do termo religião, faz alguns esclarecimentos relativos a esse vocábulo,

<sup>282</sup> HAUGHT, J.F. *Cristianismo e ciência*, p.42.

<sup>283</sup> GESCHÉ, A., *O ser humano*, p. 9.

<sup>284</sup> Cf. SANTOS, F.A.S., *Audição equilibrada*, p.15.

bem como reafirma a importância de considerarmos o seu sentido etimológico, ao salientar que:

Em nossa linguagem comum, o termo *religião* suscita a ideia de um corpo doutrinário, um sistema de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas. Essa ideia surge no século XIX, com o aparecimento das *ciências da religião*. A palavra *religião*, então, passa a designar um conjunto determinado de crenças, práticas, símbolos, ritos, espaços, objetos, sujeitos e instituições que constituem determinados fenômenos históricos [...]. Mas é importante que nos reportemos ao sentido etimológico de *religião* para enriquecer sua compreensão. O termo vem do latim *religio*, e sua provável etimologia (*re-ligare*, religação) sugere a ideia de relação do ser humano com uma ordem superior de realidade, representado como Deus, os deuses, o divino ou o sobrenatural. O cristianismo adotou essa expressão latina e a difundiu. [...]. Dessa forma, o termo religião indicaria mais a relação e as atitudes do ser humano religioso, do que um sistema doutrinário<sup>285</sup>.

No âmbito da reforma protestante do século XVI, a ideia de religião, grosso modo, ganha contornos negativos, na medida em que a associam ao paganismo, à magia e à superstição. Na esfera do iluminismo, a religião é vista, nos termos de Adilson Koslowski, como “uma *eidos* platônica”,<sup>286</sup> qual seja, um tipo de ideia universal idealizada. Com efeito, na atualidade, torna-se temerário afirmar-se que existe tão somente uma única interpretação que seja capaz de traduzir de modo conclusivo o significado do termo religião. As inúmeras tentativas de definir de forma explícita e classificatória tal palavra não obtiveram êxito. Em razão, fundamentalmente, da inquestionável complexidade do assunto e suas quase infinitas nuanças. Como expressa a professora Lúcia Pedrosa-Pádua:

Ao longo da história surgiram várias abordagens da religião: filosófica, teológica, histórica, sociológica, antropológica, fenomenológica... Podemos dizer que, hoje em dia, não há possibilidade de construção de uma definição que seja reconhecida por todos os especialistas e por todas as religiões<sup>287</sup>.

Para Freud, cuja opinião se assemelha muito às emitidas por Feureback, a religião é uma ilusão construída, a partir dos desejos da humanidade de amparo<sup>288</sup>.

<sup>285</sup> PEDROSA-PADUA, L., **O humano e o fenômeno religioso**, p. 13.

<sup>286</sup> Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/viewFile/20819/15230.pdf>. Acesso em 30 set.2016. O autor dialoga com vários teóricos, como por exemplo, Klaus Hock, Edward Tylor, Durkheim, e conclui que podemos acolher o conceito de religião, mesmo reconhecendo que se trata, sob sua ótica, entre outras observações, de uma invenção acadêmica tendente a aglutinar determinadas práticas culturais semelhantes sob um mesmo conceito.

<sup>287</sup> PEDROSA-PADUA, L., **O humano e o fenômeno religioso**. p. 13.

<sup>288</sup> Segundo Alister MacGrath e Joana McGrath, Freud e Feureback possuem pressupostos naturalistas na base de suas concepções de religião. Dessa forma, sustentam que, em linhas gerais, deuses não existem, mas muitos seres humanos acreditam em Deus. Cf. McGRATH, A.; McGRATH, J., **O delírio de Dawkins**, p. 67-69. Quanto ao conceito freudiano de religião, sugiro a leitura de Freud, S., **O futuro de uma ilusão**. In: Os pensadores: Vol. Freud. Trad. de D. Marcondes, p. 131-194.

Não menos importante é a compreensão tillichiana que, contrapondo-se à descrição reducionista de Sigmund Freud, chama a atenção para o fato de que a religião não pode ser vista meramente como certo sentimento constitutivo do patrimônio subjetivo, resultante da necessidade de acolhimento, isto é, como fruto da reação ao quadro de desconforto emocional causado pela desejo perene e inconsciente de proteção, cuidado e atenção.

De acordo com Paul Tillich, a religião é uma atitude do espírito em que elementos práticos e teóricos também estão presentes compondo uma realidade complexa<sup>289</sup>. Tillich parece ressaltar o caráter ontológico da religião, descartando a possibilidade de classifica-la simplesmente como resultado da atividade projetiva do sistema de defesa constitutivo do psiquismo.

Do ponto de vista da fenomenologia, a religião deve ser compreendida a partir do campo experiencial e, na perspectiva da teologia, as religiões extrapolam a realidade humana, vez que colocam em relevo o que é absoluto e transcendente, assim como enxergam o ser humano como entes capazes de entrar em diálogo com esse transcendente<sup>290</sup>.

### 3.2.3. Ciência

O termo ciência não corresponde a um ramo homogêneo do conhecimento humano. Ao contrário, trata-se de uma área na qual se encontram variadas metodologias e amplo número de objetos de observação<sup>291</sup>. No entanto, ao abordarmos tal conceito, faz-se necessário sublinhar o seu sentido etimológico, bem como uma de suas várias definições, objetivando uma melhor compreensão da temática.

A palavra ciência deriva do latim *scientia*, que significa saber ou conhecimento<sup>292</sup>; trata-se aqui da acepção vulgar do vocábulo, popular, comum. Na atualidade, o termo abarca uma ampla gama de conhecimentos. De acordo com Reis, ciência “é o conjunto de conhecimentos organizado sobre os mecanismos de causalidade dos fatos observáveis, obtidos através do estudo

---

<sup>289</sup> Cf. GROSS, E., **O conceito de religião em Paul Tillich e a ciência da religião**. Revista eletrônica Correlatio, Juiz de Fora, v. 12, n. 24, Dez, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v12n224p59-76>. Acesso em 6 out. 2016.

<sup>290</sup> Cf. PEDROSA-PADUA, L. **O humano e o fenômeno religioso**, p. 13-14.

<sup>291</sup> HAUGHT, J.F., **Cristianismo e ciência**, p. 3.

<sup>292</sup> Disponível em: <https://www.significados.com.br/ciencia/> Acesso em 1 de out de 2016.

objetivo dos fenômenos empíricos”<sup>293</sup>. Sob a ótica de Tillich, trata-se de “toda verificação cognitiva da realidade que é metodologicamente disciplinada”<sup>294</sup>. Ambos os autores ressaltam o caráter investigativo do conhecimento científico, que se concretiza por meio da utilização de uma abordagem metodológica particular.

A ciência também é caracterizada por uma complexidade que lhe é própria, na medida em que está inserida num contexto cultural e histórico específico. Sendo assim, seus operadores são influenciados pelos contornos do *ethos* em que vivem, bem como realizam suas pesquisas e reflexões sob a força inafastável de sua compreensão de mundo, ou seja, de certa filosofia e seus pressupostos. Acerca dessa conexão, Jurgen Habermas, importante filósofo e sociólogo alemão, citado por Sanches, comenta:

A ciência – ou seja, a ciência modelar que deve servir de padrão para as outras ciências, a física ou a neurofisiologia – não passa de uma ficção elucubrada pelos filósofos. No âmbito de um espectro altamente diferenciado e amplamente difundido, existem entre a filosofia e as ciências particulares relações de parentesco em graus diferentes: algumas são mais ou menos independentes de pensamentos filosóficos, outras mais ou menos abertas a tais arroubos especulativos<sup>295</sup>.

A enorme quantidade de teorias científicas existentes destaca a pertinência do pronunciamento acima. Por outras palavras, revela, entre outros aspectos, a influência das percepções do indivíduo sobre sua relação com o objeto de sua pesquisa. Por consequência, sobre suas ilações e conclusões. Assim, conclui-se que a atividade científica (com suas trajetórias e prioridades), expressa compreensões particulares de mundo<sup>296</sup>.

O discurso científico pretende apresentar percepções confiáveis sobre a realidade. Isto, provavelmente, explica parte do sucesso obtido, sobretudo pelas ciências, por assim dizer, mais populares, (tais como, a cosmologia, a sociobiologia e as tecnologias, de um modo geral), junto a uma grande parcela da sociedade. Outro fator de importância que enaltece o labor científico concedendo-lhe uma posição de grande destaque na esfera do conhecimento, consiste nas informações transmitidas pelas ciências relativas às condições do ecossistema e a

<sup>293</sup> REIS, D. R. **Gestão da inovação tecnológica**, p. 204.

<sup>294</sup> TILLICH, P. apud SANCHES, M. A., **O diálogo entre teologia e ciências naturais**. O mundo da saúde, ano 31, v.31, n.2, abr/jun. São Paulo: São Camilo, 2007, p. 6.

<sup>295</sup> HABERMAS, J. apud SANCHES, M. A., **O diálogo entre teologia e ciências naturais**. O mundo da saúde, ano 31, v.31, n.2, abr/jun. São Paulo: São Camilo, 2007, p. 6.

<sup>296</sup> Cf. LACEY, H., In: CRUZ, E. R. (org), **Teologia e ciências naturais**, p. 127-147.

necessidade premente de sua preservação. Segundo Olga Caro: “definitivamente uma visão científica do mundo deve acompanhar-nos nestes tempos atuais para podermos responder melhor às exigências de seu futuro”<sup>297</sup>. A ciência com sua vasta lista de disciplinas, tais como, a Física, a Psicologia, a Pedagogia, a Astronomia, a Cosmologia, entre outras, está comprometida com o contínuo estudo e entendimento da natureza (mundo físico), investigando o que se pode observar tanto no presente (com as variações cosmológicas e ecológicas) quanto no passado (como as descobertas arqueológicas, por exemplo). Para Haught:

A ciência se volta para o mundo observando e generalizando a partir de uma série de eventos similares que já ocorreram. Cada objeto que cai, por exemplo, delinea a mesma trajetória inalterável de aceleração que a lei newtoniana da gravidade especificou séculos atrás. Cada nova espécie de vida pode ser explicada remontando-se ao modo como o mecanismo invariante da seleção natural eliminou vestígios inauspiciosos do passado. Neste sentido, a ciência não tolera exceções nem surpresas<sup>298</sup>.

As observações destacadas acima indicam que a ciência tende – por força de sua tradição –, a entender as realidades do mundo a partir do que já está constituído como existência. Isto é, para a ciência, toda e qualquer manifestação, em geral, deve ser explicada à luz de padrões estabelecidos. Diz Haught, “mesmo as novas teorias, pelo menos até que novas informações ponham em xeque as antigas, são enquadradas em uma concepção estabelecida das leis da física, caso contrário não são cientificamente inteligíveis”<sup>299</sup>.

Haught, neste ponto, ressalva que os cientistas não estão errados ao agirem assim, ou seja, não há nenhum equívoco em olhar para o passado com o propósito de compreender o presente. Metodologicamente, a ciência tem todo o direito de proceder desta maneira. Todavia, o autor assevera que esse modo de investigação é insuficiente para capturar aquilo que poderia ser descrito como algo realmente novo<sup>300</sup>. Outro elemento a ser ressaltado, diz respeito à diferença decisiva entre ciência e cientificismo. Edênio escreve:

A ciência é em geral entendida como sendo o conjunto de acontecimentos atinentes a um determinado objeto de estudo, observado e analisado mediante critérios bem

<sup>297</sup> CARO, O. C. V., *Del Dios omnipotente a 'la humildade de Dios'*. GARCIA RUBIO, A.; AMADO, J. P. (Org), **Fé cristã e pensamento evolucionista**: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador, p. 130. [...] definitivamente uma visión científica del mundo há de acompañarnos en estos tiempos actuales para poder responder mejor a las exigencias de su devenir. (tradução nossa)

<sup>298</sup> HAUGHT, J. F., **Cristianismo e ciência**, p.30.

<sup>299</sup> *Ibid.*, p.20.

<sup>300</sup> *Ibid.*, p.18-24.

definidos e segundo metodologias próprias. [...]. O cientificismo, como diz o nome, se refere ao conhecimento científico. É sua absolutização<sup>301</sup>.

A ciência pode ser vista como uma forma específica de abordagem dos fenômenos da natureza. O cientificismo é tendente a colocar o saber científico acima de outras formas de conhecimento. Ciência<sup>302</sup> não é o mesmo que cientificismo<sup>303</sup>. Os professores Alfonso Garcia Rubio e Joel Portella mostram que, na jornada rumo ao diálogo entre os saberes, o cientificismo – também classificado como cientismo –, precisa ser superado<sup>304</sup>.

### 3.3.

#### Religião, teologia e ciências: afastamento que demanda reflexão

A expressão “revolução científica”<sup>305</sup> foi largamente usada por pesquisadores de diversas áreas e historiadores com o objetivo de descrever e identificar, conforme assevera Henry, um “período da história europeia em que,

<sup>301</sup> VALLE, J. E. R., In: CRUZ, E. R. (Org.), **Teologia e ciências naturais**, p. 36.

<sup>302</sup> Acerca das classificações da Ciência, podem ser feitas as seguintes observações, entre outras: a) O termo ciência, no singular, refere-se a uma forma de investigação dos fenômenos da natureza; b) No plural, o vocábulo ciências diz respeito a uma grande quantidade de disciplinas constitutivas do quadro do conhecimento humano, que se utiliza de uma variada gama de metodologias e tecnologias; c) Atribui-se a Aristóteles, a primeira classificação sistemática das ciências. Segunda essa percepção, ele teria usado os seguintes critérios: ausência ou presença da ação humana, imutabilidade ou permanência, por fim, da modalidade prática. Tais classificações foram mantidas até o século XVII; d) A partir do século XIX, por influências de teóricos franceses e alemães, que se basearam nos critérios: tipo de objeto estudado, tipo de método empregado e tipo de resultado obtido, resultaram as classificações, que com poucas alterações, subsistem até os nossos dias, a saber: 1) ciências matemáticas 2) ciências naturais 3) ciências humanas ou sociais 4) ciências aplicadas. Cada uma dessas áreas possui subdivisões; d) por fim, vale dizer que muitos teóricos, como, Bacon, Comte, por exemplo, propuseram divisões para as ciências. Disponível em: [http://www.ghc.usp.br/server/Sites-HF/Egont-Schenkel/11\\_imp.htm](http://www.ghc.usp.br/server/Sites-HF/Egont-Schenkel/11_imp.htm). acesso em 3. Out.2016. E Ainda, Disponível em: <http://www.feb.unesp.br/jcandido/metodologia/Apostila/CAP01PG.pdf>. Acesso em 3.out. 2016.

<sup>303</sup> HAUGHT, J.F., loc. cit., p. 21.

<sup>304</sup> GARCIA RUBIO, A.; AMADO, J. P., Introdução, In: GARCIA RUBIO, A.; AMADO, J. P. (Org), **Fé cristã e pensamento evolucionista**, p.18.

<sup>305</sup> A expressão “revolução científica” é atribuída a Alexandre Koyré, que passou a utilizá-la a partir de 1939 para designar um período entre os séculos XVI e XVIII, marcado pelo avanço científico que culminou com os trabalhos de Galileu e Newton, para citar apenas dois dos grandes cientistas nesse espaço de tempo. Sobre estes, pode-se dizer, em termos modestos que: O primeiro, italiano, propôs o estudo racional dos fenômenos da natureza e entrou em controvérsia com a Igreja por conta da defesa do heliocentrismo. O segundo, Inglês, descobriu a lei da gravitação e marcou perenemente o campo de estudos da física. Logo, o termo descreve um período em que as profundas transformações dos fundamentos conceituais e metodológicos dos conhecimentos humanos sobre a realidade material, pavimentaram o caminho para a construção daquilo que hoje descrevemos como ciência moderna. Cf. DA SILVA, Francismary Alves. **Historiografia da revolução científica**: ALEXANDRE Koyré, THOMAS Kuhn E STEVEN SHAPIN- Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção de título de Mestre em história. Minas Gerais, 2010. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=191712](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=191712)>. Acesso em: 26, ago. 2016.



de maneira inquestionável, os fundamentos conceituais, metodológicos e institucionais da ciência moderna foram assentadas pela primeira vez”<sup>306</sup>. O desenvolvimento das ciências escapou do continente europeu alastrando-se por todo ocidente, modelado, predominantemente, pelo positivismo<sup>307</sup>. Desde Auguste Comte, incrementou-se a percepção de que o mundo, com sua desafiadora complexidade, pode ser explicado tão somente usando-se a metodologia das ciências naturais. O teórico francês entendia a história como algo em movimento em direção ao progresso, que alcançaria um estágio no qual a ciência reinaria absoluta, após, deve ser dito, superar os períodos fortemente caracterizados pelo domínio da teologia e da metafísica. Daí resultou o empenho em desenvolver uma ciência positiva, destituída de aspectos subjetivos no âmbito da pesquisa. Isto é, neutra<sup>308</sup>.

Nesta perspectiva, ciência e verdade passam, ou passariam a ser consideradas sinônimas. A reflexão de Comte salienta, portanto, que todo conhecimento que não se submete ao crivo do rigor científico deve ser menosprezado. O professor Israel Belo de Azevedo questiona a ideia de uma abordagem científica neutra, desprovida de influências. Em suas palavras:

Apesar de ser um mito, desmontado tantas vezes, a ideia de um conhecimento objetivo, para além dos condicionantes ou condicionamentos individuais e das determinações sociais, persiste indestruída ‘as ideias jamais são destruídas!’, tornando-se uma ideologia, tomada aqui como um conjunto de valores que dirigem as escolhas de uma pessoa<sup>309</sup>.

Além de Isidore Auguste Comte, que considerava o conhecimento religioso como um resíduo do passado mítico-teológico da humanidade que haveria de ser sobrepujado pelas concepções epistemológicas das ciências modernas; outros nomes expressivos, já destacados, tais como, Freud e Marx também contribuíram

<sup>306</sup> HENRY, John. **A revolução científica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.13.

<sup>307</sup> O positivismo pode ser descrito, de forma abreviada, como uma corrente filosófica e sociológica, que sustenta que o conhecimento só é possível mediante a observação empírica do mundo. Essa escola do pensamento, criada por Augusto Comte, filósofo francês, nascido em 1798, surgiu na França (na segunda metade do século XIX), como contraponto ao racionalismo abstrato do liberalismo. Comte defendeu a utilização do método das ciências naturais como único caminho para a compreensão do mundo e da sociedade, descartando, por exemplo, as explicações acerca do mundo físico e da realidade social formuladas pela teologia. Uma crítica dirigida ao pensamento de Comte salienta a natureza eurocêntrica de sua teleologia. Isto é, uma visão de desenvolvimento muito centrada na Europa, tendente, portanto, a desconsiderar as etapas de crescimento características de outras realidades culturais. Cf. COSTA, J, Cruz, **Augusto Comte e as origens do positivismo**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/34860/37598>> Acesso em: 15 ago 2016.

<sup>308</sup> AZEVEDO, I. B., **Em defesa da fé e da razão**, p. 19.

<sup>309</sup> Ibid.

com suas percepções acerca da religião para colocar sob suspeição o saber religioso. Segundo Valle:

Freud concebia a religião como uma projeção infantil, neurótica e ilusória que reprime os processos que provêm das pulsões inconscientes. [...]. Já no pensamento de Marx, o conhecimento religioso não passava de uma manipulação ideológica de elites interessadas em manter sob sua dominação econômica as demais classes sociais. Muitos filósofos se aliaram a esses três pensadores para lançar suspeitas sobre a não cientificidade das análises históricas e filosóficas de alguma forma benévolas à religiosidade humana e às religiões<sup>310</sup>.

Azevedo, no entanto, proclama que os cientistas devem evitar todo e qualquer tipo de reducionismo, que consiste em compreender que a sua verdade é a única. De igual modo, manifestando coerência, sustenta que os teólogos também precisam renunciar a ideia de que tudo pode ser desvelado mediante a utilização do saber teológico. Ele comenta:

Ao propor que tudo se explica pela fé, o cristianismo cai na armadilha do reducionismo, que seria o reverso do reducionismo científico, segundo o qual tudo se explica pela ciência [...]. Se a biologia não pode se tornar uma teologia, a teologia não pode se tornar uma biologia. Os campos devem continuar independentes, para que haja diálogo e integração<sup>311</sup>.

Como exposto, não obstante as críticas sofridas pelo pensamento positivista, seu avanço empurrou a religião e, por consequência, a compreensão teológica do mundo, para a esfera privada. Bingemer sintetiza:

A religião se torna algo privado, pertencendo exclusivamente ao fórum interno da humana consciência, sem mediações ou instituição. É mais e mais algo para ser vivido dentro da esfera da vida privada, em que cada um crê e acolhe verdades apresentadas a ele ou ela, apreciando e discernindo-as, de acordo com afinidades afetivas ou sentimentos gratificantes advindos da experiência vivida<sup>312</sup>.

A fé, por sua vez, foi colocada num ambiente plural, tornando-se uma opção particular, pessoal. Dito de outro modo, sem influência na vida pública e irrelevante para o labor científico. Decerto, a religião no mundo moderno é classificada como uma área da vida privada, não mais como um dado cultural irradiador de referências de sentido e conduta<sup>313</sup>. Segundo Marcos Azevedo, “A partir desse momento temos [...] sinais claros de uma nova modelagem social, cultural, ética, religiosa”<sup>314</sup>. Deste ponto em diante, constatou-se a perda

<sup>310</sup> VALLE, J. E. R., In: CRUZ, E. R. (org.), **Teologia e ciências naturais**, p. 39.

<sup>311</sup> AZEVEDO, M. **Em defesa da fé e da razão**, p. 41.

<sup>312</sup> BINGEMER, M. C. Secularização e experiência de Deus. In BINGEMER, M. C.; ANDRADE, P. C., (Org.) **Secularização: novos desafios**, p. 113.

<sup>313</sup> AZEVEDO, M., **Ética e Espiritualidade: em busca de uma cidadania integral**, p. 12.

<sup>314</sup> Ibid.

progressiva da hegemonia da religião e, conseqüentemente, da teologia na estrutura da sociedade e da cultura.

O século XX, perdoadada a simplificação excessiva, trouxe uma série de transformações que atingiram de forma contundente as configurações sociais, nas quais a ordem e a destinação constituíam-se em duas de suas principais marcas. As tradições perderam parte expressiva de sua capacidade de moldar comportamentos e influir sobre a visão de mundo.

A mitologia, por exemplo, perdeu sua posição de alimentadora da alma humana. Relativizou-se a importância dos símbolos. Nas palavras de Paul Tournier, psiquiatra cristão de inspiração psicanalítica:

O homem moderno perdeu o sentido dos símbolos, que foram reprimidos em seu inconsciente. Somos obrigados a estudar os sonhos para reencontrá-los. Mas, nem sempre foi assim. Em outras épocas a poesia, a música e a mitologia alimentavam a alma e contribuía para o seu desenvolvimento, tanto quanto as ciências matemáticas. Falavam-lhe na linguagem intuitiva que lhe é própria, e que a ciência não pode falar. [...]. O homem moderno rejeita a mitologia e o símbolo porque vê neles uma explicação do mundo ingênua e superada. A mitologia, porém, não procurava ser uma interpretação do mundo – esta é uma preocupação moderna. Ela evocava realidades que o pensamento lógico nunca poderá expressar, e que dão ao espírito um alimento muito mais rico do que as demonstrações científicas.<sup>315</sup>

Conforme se depreende da passagem acima, as narrativas míticas vêm sofrendo um processo de rejeição por parte de uma cultura cientificista. Entretanto, segundo Boff, os mitos são necessários, entre outras razões, porque desvelam e explicam certos fenômenos que estão para além da abordagem científica. Em suas palavras:

Não é seguro que nós modernos, com nossa inteligência instrumental, com toda nossa tradição de pesquisa empírica, de crítica e de acumulação de saberes sobre praticamente tudo, conheçamos mais o ser humano que os antigos formuladores de mitos. [...]. Os mitos são linguagens para traduzir fenômenos profundos, indescritíveis pela razão analítica. Como falar do enamoramento, do amor, do cuidado essencial, da traição da pessoa amada, das crises da vida, das doenças incuráveis, do nascimento e da morte senão com emoção, contando histórias exemplares? Os conceitos abstratos e frios não conseguem traduzir as cores da realidade<sup>316</sup>.

A fé e os valores dela resultantes foram combatidos e relativizados pelas compreensões provindas do positivismo, percepções segundo as quais a ciência deveria ser o guia único e infalível da humanidade. O conhecimento científico foi

<sup>315</sup> TOURNIER, P., **Mitos e neuroses**, p. 37.

<sup>316</sup> BOFF, L., **Saber cuidar**, p. 37

elevado à condição de paradigma epistemológico inquestionável. Tournier descreve essa mudança de perspectiva nos seguintes termos:

De repente, a humanidade rejeitou aquilo pelo que vinha se orientando até então e decidiu [...] não confiar em nenhuma inspiração metafísica em nenhuma inspiração poética, em nenhuma revelação transcendental. [...]. Deixou que os especialistas nessas áreas batassem em retirada, como se esses problemas não tivessem mais importância em relação ao seu destino, que acredita estar agora sendo regido pela economia, pela ciência e pela política<sup>317</sup>.

Neste cenário, a religião viu-se alijada de sua aspiração de orientar a vida dos sujeitos sociais. Essa solicitação migrou da esfera da religião para o campo científico. Na percepção de Panasiewicz:

Se nas sociedades tradicionais (medievais) a referência era o religioso, ou seja, a religião tinha a pretensão de reger a vida de todas as pessoas, na modernidade, essa pretensão ficará a cargo da ciência. A modernidade representou a lenta saída do eixo teocêntrico, orientado pela igreja cristã, para a construção de um novo eixo, livre da autoridade dessa mesma igreja, centralizado no ser humano e orientado pelos intelectuais, a sociedade moderna não será mais regida pelo comando unívoco da religião<sup>318</sup>.

Este modelo descrito como positivista, em que só é considerado científico aquilo que é verificável, experimentável e reproduzível, atingiu frontalmente o saber teológico e, respectivamente, o nível de sua influência nas esferas social, acadêmica e cultural. A percepção de um mundo numinoso, inspirado pelas realidades transcendentais, ordenado, no qual haveria lugares específicos e destinados para tudo, perdeu espaço com o surgimento da modernidade. Segundo Bingemer:

Com a modernidade, deu-se a passagem para uma situação social na qual a religião já não ocupa o centro do cenário, sendo substituída pela política e pela economia: ela não dita mais os comportamentos, que se regem muito mais pelos novos ditames da psicanálise e pelos meios de comunicação de massas ou pelas novas tecnologias, como a internet. A religião é, por assim dizer, “empurrada” para a periferia, deixando de desempenhar o papel principal e passando a um lugar secundário. [...]. A religião perdeu plausibilidade cultural e liderança para intervir nas sociedades e seus processos<sup>319</sup>.

Vê-se, portanto, conforme ressaltado por diversos teóricos, que a humanidade vem passando por uma transição cultural caracterizada, fundamentalmente, pelo abandono de certas referências tidas como tradicionais.

<sup>317</sup> TOURNIER, P., op. cit., p. 21.

<sup>318</sup> PANASIEWICZ, R. In: BINGEMER, M. C.; ANDRADE, P. C. A. (Org), **Secularização: novos desafios**, p. 113.

<sup>319</sup> BINGEMER, M. C., In: BINGEMER & ANDRADE, (Org). **Secularização: novos desafios**. p. 114,115.

Todavia, conforme propõe Gesché: “a ciência e a sua racionalidade não abarcam toda realidade”<sup>320</sup>.

A racionalidade científica, *per si*, não é suficiente para dar conta de todos os dados da existência. As intuições da sociologia, da psicologia, da filosofia, entre outras, lançam luz sobre a caminhada das sociedades humanas, entretanto, estão distantes da possibilidade de sozinhas, fechadas em si mesmas, desvelarem a totalidade da experiência humana, bem como perscrutarem toda a profundidade do sujeito humano, pois, conforme ensina Gesché, “O *logos* da ciência não é todo *logos*”<sup>321</sup>.

A ciência firmada epistemologicamente em sua capacidade de produzir e aferir resultados tende a não incluir em seu estatuto questões associadas à ética e à transcendência. O teólogo Clodovis Boff ressalta que as ciências se debruçam sobre a análise das causas do mundo, a filosofia com sua essência e a teologia com o seu sentido absoluto<sup>322</sup>.

Dessa forma, intui-se que a ciência não se ocupa das indagações acerca do sentido, seu campo de interesse não abrange as questões que ultrapassam os aspectos objetivos da realidade. Lambert lança luz sobre esse conceito ao fazer a seguinte afirmação:

As ciências não apresentam, em caso algum, as questões de sentido. Ou, para ser mais preciso, reduzem o sentido de um conteúdo científico à rede de relações que elas mantêm com outros conteúdos, conceitos e teorias. Esses conteúdos não remetem, pois, para além dos discursos epistêmicos. O sentido de tal reação humana identifica-se a um feixe de resultados bioquímicos, físicos... Mas é isso o sentido, exatamente? [...]. Se procurarmos o sentido do sorriso, da mão estendida, apenas no nível da bioquímica, da fisiologia, não o encontraremos; teremos decomposto esse sorriso, esse aperto de mão, em elementos descritivos: moléculas, influxos nervosos, movimentos propriamente “insignificantes”, sem significação. Se sob um sorriso, eu não procurar mais do que músculos que se movem, as causas hormonais e neuronais, terei perdido, destruído o que dá sentido ao sorriso.<sup>323</sup>

Para Azevedo: A ciência não sabe como responder a perguntas como: “Por que o universo existe?”; “Qual o sentido da existência?”; “O que acontece após a morte?”.<sup>324</sup> Haught diz que: “a ciência observa o mundo externa e objetivamente.

<sup>320</sup> GESCHÉ, A., **O ser humano**, p.18. Sou devedor a professora Lúcia Pedrosa –Pádua, que me apresentou ao pensamento de Gesché, ao citá-lo em suas aulas.

<sup>321</sup> *Ibid.*, p.39.

<sup>322</sup> BOFF, L., **Teoria do método teológico**, p.358-389.

<sup>323</sup> LAMBERT, D., **Ciências e teologia**, p.103.

<sup>324</sup> AZEVEDO, I. B., **Em defesa da fé e da razão**, p.31.

Nada diz acerca do valor ou do sentido, e perde completamente de vista o mundo subjetivo que cada um de nós experiencia interiormente”<sup>325</sup>.

Nota-se que a humanidade possui, como uma de suas características mais fortes, a necessidade de encontrar respostas para as questões existenciais, o que requer, de acordo com Collins, por parte de cientistas e teólogos, o acolhimento “de todo poder de ambas as perspectivas, a científica e a religiosa, para buscar a compreensão tanto daquilo que vemos como do que não vemos”<sup>326</sup>.

### 3.4. Teologia e Ciências: comunicação e mútuo enriquecimento

Essa análise aponta para a necessidade imperiosa de ressaltar-se, em termos sucintos –, alguns elementos que demonstrem a necessidade e a real possibilidade do diálogo entre teologia e ciência, dado que, conforme observa Haught, “ciência e fé não só são compatíveis, como também a convergência de ambas as perspectivas pode enriquecer a vida de todos nós”<sup>327</sup>.

Como contribuição para o enriquecimento do saber científico, a teologia lembra às ciências humanas os limites de sua investigação e, concomitantemente, oferece compreensões não contempladas por essa área de saber. Trata-se de um *logos* que contribui levando em conta intuições que estão para além dos dados verificáveis e quantificáveis da ciência.

Além disso, o saber teológico poderá fomentar (na esfera das ciências) uma reflexão que vise tratar do sentido humano último. A teologia pode dar a sua contribuição para afastar as ciências de certo reducionismo ao lidar com o fenômeno humano e as desafiadoras complexidades da existência.

Para tanto, segundo Francisco Catão é necessário:

Entender a teologia, como um saber rigorosamente humano, que na maneira de se representar leva em conta não apenas todos os dados comprovados pela experiência e analisados pela razão, inclusive da própria transcendência, mas igualmente os dados inverificáveis, filosófica, científica e historicamente, que nos chegam e até potencializam tudo que nos é possível humanamente conhecer<sup>328</sup>.

Possuidora de luz própria, a teologia tem algo a oferecer aos demais saberes, sobretudo, no enfrentamento das questões últimas da existência humana. Mas,

<sup>325</sup> HAUGHT, J.F., **Cristianismo e Ciência**, p.18.

<sup>326</sup> COLLINS, G., **A linguagem de Deus**, p. 14-15.

<sup>327</sup> HAUGHT, J.F., op. cit., p. 20-21.

<sup>328</sup> CATÃO, F., In SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. (Org), **Teologia e Ciência**, p.294.

para a concretização desta relação dialogal, faz-se necessário, segundo Gesché, “ter a audácia de novos conceitos, no mínimo de conceitos reavaliados, que nos restituam, em nosso tempo e na nossa cultura, o vigor da intuição primeira”<sup>329</sup>. Ou seja, manter a abertura necessária para acolher os conteúdos produzidos pelo progresso científico, aprofundando, por consequência, a relação entre teologia e ciência. A professora Maria Ângela Vilhena, ao abordar o lugar da teologia na universidade, destaca a relevante contribuição do saber teológico para uma compreensão mais ampla da realidade. Segundo ela:

A proposição de pensar teologicamente [...] tem como objetivo o conhecimento, a inteligibilidade do mundo e da existência humana em seu caráter histórico-social focado na dinâmica das relações de alteridade e transcendência na perspectiva da realidade última, a qual muitos chamam Deus. Vale dizer, oferecer ao estudante a oportunidade de conhecer, contatar e descobrir a significância teórico-existencial de uma maneira específica de pensar. O que equivale a entender a realidade a partir de um referencial epistemológico, que sem anular ou diminuir o valor dos demais apresentados por cada um e pelo conjunto dos demais saberes, se distingue das várias epistemes presentes na universidade<sup>330</sup>.

O conhecimento teológico, a partir de seu lugar próprio, evitando tanto o concordismo<sup>331</sup> quanto o discordismo<sup>332</sup>, tem o que dizer a respeito da realidade e, *ipso facto*, do ser humano. As ciências, por sua vez, conforme Gesché esclarece, tendem:

A purificar a fé daquilo que não é ela mesma. Desmascarando aquilo que pode haver aí de projeção na fé (psicologia), apontando os modelos sociais, aos quais a fé corre o risco de se submeter ao exercer funções que não são suas (sociologia), mostrando os fatores culturais não essencialmente ligados à fé (história). E os exemplos podem se multiplicar, as ciências humanas permitem entregar a fé a si mesma, desembaraçada (o melhor possível) de suas impurezas<sup>333</sup>.

<sup>329</sup> GESCHÉ, A., **O Cristo**, p. 12.

<sup>330</sup> ALMEIDA, M. Â. V. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. (Org), **Teologia e Ciência**, p. 316.

<sup>331</sup> Segundo Lambert: “historicamente o concordismo é uma posição exegética que consiste em procurar uma correspondência direta, sem mediação, entre uma passagem das Escrituras e um conhecimento científico. [...] Hoje, o termo concordismo remete a toda posição que ligue “imediatamente”, isto é, sem intermediário, um resultado científico a um dado teológico”. LAMBERT, D., **Ciências e teologia**, p.68-81.

<sup>332</sup> Acerca do discordismo, o doutor em física e filosofia afirma que este posicionamento “toma como hipótese que a ciência e a teologia falam de duas ordens de realidade completamente distintas (ponto de vista ontológico) ou são discursos hermeticamente separados (ponto de vista epistemológico) ou, ainda, não têm vínculo no que diz respeito às escolhas dos seres humanos (ponto de vista ético). Essa posição permite a resolução de conflitos entre as ciências e a teologia, evitando qualquer encontro entre esses dois campos” LAMBERT, D., **Ciências e teologia**, p.68-81.

<sup>333</sup> GESCHÉ, A., **O ser humano**, p. 37.

Gesché – por meio de alguns poucos exemplos, evidencia a preciosa contribuição das ciências para o processo de purificação da fé, por conseguinte, auxiliando a teologia a permanecer no seu campo próprio, fazendo sua função de discurso por meio do qual a voz da fé se faz ouvir. As ciências auxiliam a fé a despojar-se daquilo que a descaracterizaria, daquilo que, inevitavelmente, a afastaria de seu lugar. Segundo sua compreensão:

Aqui se faz necessário sublinhar todas as vantagens do processo da redução – que não deve ser confundido com o reducionismo. É graças à redução realizada pelas ciências humanas que pode parecer despojada daquilo que não é ela, o irredutível da fé e o que a teologia vai poder carregar, estando em seu lugar próprio. Entende-se então [...] que, ao menos *a priori*, a existência dessas disciplinas não entra num jogo de concorrência, de desconfiança ou de exclusão<sup>334</sup>.

O intercâmbio com outras disciplinas constitui-se em uma necessidade da teologia. Este relacionamento com outros saberes enriquece-a, vez que possibilita o adensamento de suas percepções acerca do indivíduo e sua caminhada existencial. De igual modo, a teologia oferece às demais áreas de conhecimento, novos caminhos reflexivos. Essa, por assim dizer, solidariedade intelectual, que se consubstancia no diálogo entre teologia e ciências humanas, é, sem dúvida, mutuamente enriquecedora.

O que se percebe, até onde esta pesquisa pode verificar, é uma maior abertura, nos últimos anos, para o diálogo respeitoso entre teologia e ciências. Trata-se de um período caracterizado por inúmeros esforços globais que visam aproximar esses campos.

Universidades respeitadas, cátedras específicas, congressos, simpósios e revistas especializadas compõem um verdadeiro movimento comprometido com a superação das barreiras que inibem e impedem o diálogo fecundo entre essas importantes áreas do conhecimento humano<sup>335</sup>. No espírito deste novo tempo, a constituição *Gaudium et spes*<sup>336</sup> ressalta a importância das ciências para o enriquecimento do labor teológico. Segundo João Décio passos:

<sup>334</sup> Ibid., p.37-38.

<sup>335</sup> Cf. CRUZ, E. R., **Teologia e ciências naturais**, p. 26.

<sup>336</sup> A constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, *Gaudium et spes*, promulgada pelo papa Paulo VI em dezembro de 1965, no encerramento do concílio Vaticano II, constitui-se um dos mais importantes documentos produzidos pelos padres conciliares. A *Gaudium et spes* apresenta dados significativos acerca da sociedade e suas características mais marcantes, e propõe o diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo. No documento, há várias referências à importância das ciências na construção do progresso humano. Logo, pode-se dizer que o concílio fortaleceu o caminho do diálogo teologia e ciências.



O Concílio Vaticano II representa o principal marco da interdisciplinaridade, assumida como um caminho útil para a elaboração teológica. Embora não utilize precisamente o conceito, a constituição *Gaudium et spes* reconhece o valor das ciências modernas para a busca da verdade e sua contribuição para a investigação teológica<sup>337</sup>.

Não há dúvida de que este Concílio representa uma substancial mudança de paradigma na concepção da relação entre teologia e ciência. Ainda acerca dessa postura de abertura e diálogo, João Décio diz o seguinte:

O caminho que aqui se faz é do diálogo com a autonomia da ciência. Não se afirma nenhuma superioridade de um conhecimento sobre o outro, com decorrentes submissões epistemológicas. Também não se parte de uma crítica dos limites ou dos efeitos das ciências, mas do reconhecimento de sua consistência na condição de paradigma capaz de fornecer conhecimento sobre a realidade. Trata-se, portanto, de afirmar a complementariedade dos conhecimentos, buscando nas especificidades teóricas e metodológicas de cada uma delas os ângulos distintos de uma mesma realidade<sup>338</sup>.

É possível perceber nas palavras deste autor, que o concílio Vaticano II reconhece, afirma e ressalta a autonomia das ciências. Além disso, os padres conciliares apontaram para uma reconciliação entre o saber teológico e o saber científico, demonstrando postura de aproximação e receptividade.

No âmbito do protestantismo, o Congresso de Lausanne, cuja 1ª edição ocorreu em 1974 na cidade suíça que deu nome ao encontro, Lausanne, contribuiu para a atualização das comunidades reformadas. O evento envolveu 2.700 líderes cristãos, representando 150 países – o Brasil, inclusive.

O pacto de Lausanne, documento que resultou das reflexões dos participantes do encontro, evidenciou a preocupação da igreja com a proclamação do Evangelho integral. O conclave debateu amplamente a questão da integralidade do ser humano e sua condição histórica. Os participantes do encontro procuraram afirmar a grande relevância de todas as dimensões da vida humana e ressaltaram o compromisso com a missão integral, como afirma Zabatiero:

Um dos mais calorosos debates da reunião que firmou o Pacto de Lausanne foi o da relação entre a evangelização e o compromisso social. Com muita sabedoria, o conclave então reunido formulou sua compreensão dessa relação de modo tal que veio a se tornar o grande elemento peculiar do evangelicalismo contemporâneo: a integridade da missão da Igreja: todo o Evangelho, em todo o mundo, para o ser humano todo<sup>339</sup>.

<sup>337</sup> PASSOS, J. D., In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. (Org), Teologia e ciência , p.125.

<sup>338</sup> Ibid., p. 127

<sup>339</sup> ZABATIERO, J., **Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja hoje**, p. 21.

Tal acontecimento fomentou o diálogo com outros campos de conhecimento, contribuindo, dessa forma, para o intercâmbio entre os saberes. Entretanto, não obstante tenha havido uma maior aproximação entre esses dois campos, trata-se ainda de uma relação bastante complexa, marcada por fundamentalismos de toda ordem.

A religião, como se sabe, foi a primeira tentativa de interpretação do mundo e dos fenômenos da natureza. Aos poucos, contudo, a ciência ocupou o lugar tradicionalmente preenchido pela teologia.

No campo específico do cuidado inter-humano (o que toca particularmente no âmago dessa pesquisa), cabe frisar que a igreja cristã detinha quase um monopólio no acompanhamento de pessoas em situação de sofrimento.

Esse quadro mudou radicalmente com o surgimento das ciências médicas e das ciências psicológicas. Na esfera das ciências humanas, à semelhança do que se verifica no âmbito específico do aconselhamento pastoral<sup>340</sup>, também identificamos, por parte de alguns cientistas, uma postura preconceituosa.

Rubio esclarece: “Para esses cientistas, só é aceito como verdadeiro aquilo que pode ser comprovado cientificamente”<sup>341</sup>. Em décadas recentes, alguns cientistas, por meio de publicações incisivas, alimentaram essa tensão, afirmando, por exemplo, que Deus não existe e que a ciência (supostamente), comprova tal ideia.

O catedrático Clinton Richard Dawkins<sup>342</sup> é um dos mais destacados escritores desse grupo. Esse autor, aspirando desacreditar as convicções religiosas, denomina-as de bobagens sentimentais, intelectualmente pobres e facilmente descartáveis. No caso cristão, alguns fundamentalistas atacam a ciência. Dentre os quais, o criacionista, Henry Morris, citado por Francis Collins:

<sup>340</sup> Trata-se aqui de uma alusão aos conselheiros noutéticos, que se posicionam contra o diálogo com as ciências.

<sup>341</sup> GARCIA RUBIO, A., In: GARCIA RUBIO, A.; AMADO, J. P. (Org.), **Fé cristã e pensamento evolucionista**, p.18.

<sup>342</sup> Dawkins é um biólogo evolutivo. Nessa mesma instituição, foi o primeiro titular da cátedra de compreensão pública da ciência. Ele tem seu nome associado ao ateísmo militante. É digno de destaque que suas proposições pró-ateísmo estão baseadas, amplamente, nas ciências naturais, com destaque para a biologia, disciplina na qual é versado. No entanto, ao fazer afirmações de cunho filosófico e teológico acerca da existência ou não de Deus, por exemplo, Dawkins extrapola a esfera de reflexão das ciências naturais, a saber; o mundo, material e seu funcionamento. Para melhor compreender o ponto de vista de Dawkins acerca da religião, sugerimos DAWKINS, R., **Deus um delírio**. São Paulo: Companhia das letras, 2007. Como contraponto ao pensamento de Dawkins, sugiro a leitura de McGRATH, Alister; McGRATH, J., **O delírio de Dawkins**. Uma resposta ao fundamentalismo ateu de Richard Dawkins. Mundo Cristão: São Paulo, 2007, p.53.

Essa mentira chamada evolução permeia e domina o pensamento moderno em todos os campos. Sendo assim, portanto, é inevitável que o pensamento evolucionista seja, basicamente, o responsável pelos desenvolvimentos políticos mortalmente sinistros e pelo esfacelamento caótico, moral e social que vem sendo catalisado em todos os lugares. [...]. Se a ciência e a Bíblia entram em desacordo, é óbvio que a ciência interpreta os dados de forma errônea<sup>343</sup>.

Esses pronunciamentos demonstram que em ambos os lados há dogmatismos bloqueando o caminho do diálogo e alimentando o conflito entre teologia e ciências humanas. As concepções refratárias já verificadas, por assim dizer, nos dois lados da linha, são classificadas como fundamentalistas<sup>344</sup>, estas obstruem a relação entre teologia e ciência. No campo de religião cristã, sob a ótica de Cláudio Ribeiro de Oliveira, pode-se afirmar que: o fundamentalismo caracteriza-se:

a) pela compreensão literal dos textos bíblicos, que desconsidera a possibilidade de uma leitura articulada das Escrituras com o contexto e tempo atuais;

b) por uma escatologia milenarista tendente a negar a dinâmica relação da experiência da salvação com a vivência cotidiana e histórica;

c) por uma concepção dogmática, unilateral e intransigente da verdade, que inviabiliza o diálogo entre os múltiplos conhecimentos.

No campo científico, as ideias de caráter mais positivistas, em geral, são propensas a desconsiderar as disciplinas que incorporam elementos subjetivos em seus sistemas e métodos de criação. No entanto, para Gleiser, já citado no âmbito desta pesquisa, a quem Cláudio Ribeiro faz referência em *Por uma teologia da criação que supere os fundamentalismos*, essa inclinação positivista é passível de crítica. Segundo sua análise:

A religião teve (e tem!) Um papel crucial no processo criativo de vários cientistas. Copérnico, o tímido cônego que pôs o Sol novamente no centro do cosmo, era mais um conservador do que um herói das novas ideias heliocêntricas. Kepler, que nos ensinou que os planetas se movem ao redor do Sol em órbitas elípticas, misturava, de forma única, misticismo e ciência. Galileu, o primeiro a apontar o telescópio

<sup>343</sup> MORRIS, H. apud COLLINS, F., **A linguagem de Deus**, p. 13.

<sup>344</sup> No âmbito da reflexão sobre o fundamentalismo que se vincula à relação entre a religião e as ciências, não se pode esquecer que, movido pelo iluminismo, o processo de secularização que se estendeu pela Europa, grosso modo, entre os séculos XVII e XX, causou reações que alimentaram tanto o agnosticismo quanto o ateísmo. A partir daí, o conflito entre teologia/ciência/ igreja/ religião tornou-se um dos traços mais característicos do pensamento ocidental. Como se sabe, o catolicismo e o protestantismo reagiram interrompendo o diálogo com a ciência e fortalecendo o fundamentalismo. Cf. VALLE, João E. R., In: CRUZ, E. R. (org.), **Teologia e ciências naturais**, p. 26.

para as estrelas, era um homem religioso [...]. Einstein escreveu que a devoção à ciência era a única atividade verdadeiramente religiosa nos tempos modernos<sup>345</sup>.

Nota-se que a percepção que o universo científico possui da religião não é unívoca, na medida em que, de um lado, encontram-se cientistas refratários à relação com a teologia e, de outro, no entanto, é possível deparar-se com homens e mulheres das ciências que respeitam o saber teológico e defendem a interação entre esses conhecimentos.

“Se há cientistas pouco interessados em discutir os significados de suas pesquisas, há alguns muito interessados. Se há cientistas pouco interessados em afirmar ou negar o que a religião diz, há alguns muito interessados”<sup>346</sup>, propõe Azeredo.

Ainda sobre essa realidade, Gleiser comenta:

Para muitos cientistas, mas não todos, é importante frisar isso: a conciliação entre uma descrição científica do mundo baseada na obtenção de informação empírica da natureza por meio de experimentos e observações quantitativas – e a aceitação de uma realidade sobrenatural, inescrutável à razão humana, é impossível. Já para alguns, o estudo da ciência serve para comprovar a beleza da criação<sup>347</sup>.

Resulta claro que existem, evidentemente, cientistas abertos à exploração de outros caminhos epistemológicos. Trata-se de pesquisadores que reconhecem a legitimidade e importância de outras tradições de pensamento. No entanto, os autores que rejeitam o fundamentalismo científico não são maioria. Sendo assim, percebe-se a necessidade da manutenção e aprofundamento do diálogo entre teologia e ciências humanas. Isto é, de uma articulação cujo fito seja superar os fundamentalismos que empobrecem ambos os campos. Esta abertura dialogal promove o enriquecimento mútuo e o debate fecundo entre essas duas áreas do saber. Acerca do favorecimento mútuo provindo do diálogo-confronto entre teologia e ciências, Dominique Lambert observa:

Esses conflitos, na medida em que respeitam o direito das pessoas e continuam a ser combates da razão por maior inteligibilidade da fé e do cosmos, não deveriam nos amedrontar. De certo modo, eles são essenciais e não se realizam sem enriquecimento da teologia e sem questões fundamentais que acompanhem o processo interpretativo dos dados e das práticas científicas<sup>348</sup>.

<sup>345</sup> OLIVEIRA, C. R., In: RUBIO, G; AMADO, P. A. (Org.), **Fé cristã e pensamento evolucionista**, p. 136-137.

<sup>346</sup> AZEVEDO, I. B., **Em defesa da fé e da razão**, p.44.

<sup>347</sup> BORGES, M., **Gleiser e o ateísmo militante**. Disponível em; <http://www.criacionismo.com.br/2008/05/marcelo-gleiser-e-o-ateismo-militante.html>. Acesso em 13set. 2016.

<sup>348</sup> LAMBERT, D., **Ciências e teologia**, p.9.

O assunto em apreço aponta para campos imensos, demasiadamente complexos. As relações entre religião e ciência e, mais precisamente entre teologia e ciências humanas, continuam marcadas por perspectivas absolutamente diferentes, que se estendem do conflito aberto ao diálogo, perpassadas por outras tantas abordagens.

Dessa forma, as iniciativas que ambicionam fomentar o diálogo respeitoso entre essas áreas, sobretudo, superar as barreiras que solapam o desenvolvimento de uma maior compreensão das causas humanas, bem como de ações que promovam o bem viver, continuam relevantes e necessárias.

O Concílio Vaticano II e o Congresso de Lausanne, ambos conscientes da missão da igreja a serviço da vida, afirmam a necessidade da interação entre esses saberes, assim como estimulam o diálogo. As exigências do espírito científico auxiliam a teologia, dentre outros modos, no sentido de afastá-la da construção de conceitos supersticiosos<sup>349</sup>, e da produção de discursos desconectados dos reais e significativos avanços da ciência. A teologia, por sua vez, coloca à disposição das ciências, os resultados de suas reflexões relativas à transcendência, à ética e às questões derradeiras da existência<sup>350</sup>. Ou por outra, oferece às ciências elementos da totalidade da realidade e, particularmente, intuições relativas ao sentido da experiência humana<sup>351</sup>.

O saber teológico reflete sobre a natureza e o ser humano, à luz de seus pressupostos, não com o objetivo de opor-se ou sobrepor-se às ciências, mas sim visando contribuir para a exposição de uma visão mais completa e plena das inúmeras dimensões constitutivas da realidade. Acerca dos benefícios desse intercâmbio, Lambert ressalta que:

As ciências, quando são corretamente articuladas com a teologia, são, portanto, chamadas a renovar a expressão desta e a ajudá-la a aprender, cada vez melhor o que constitui o seu centro. A teologia, por sua vez, pode interrogar a ciência, para

<sup>349</sup> GESCHÉ, A., **O ser humano**, p. 37.

<sup>350</sup> Cabe esclarecer que não se trata de compreender a teologia como um tipo de conhecimento que se propõe a explicar aquilo que as ciências não conseguem. Neste sentido, a teologia ocupar-se-ia somente das questões que sobram da esfera do saber científico. Tal quadro é descrito como paralelismo. Trata-se de uma postura que reduz o labor teológico a uma tentativa de responder o que a ciência não responde. Por certo, conquanto, de certa forma, isto esteja implicado na reflexão teológica, conforme verificamos ao longo deste capítulo, restringir a teologia a essa função resulta na negação da possibilidade de que teologia e ciências podem lançar olhares diferentes sobre os mesmos fenômenos, em uma fecunda relação de complementariedade e enriquecimento mútuo. Cf. PASSOS, J. D., **A teologia e os outros saberes: do paralelismo ao diálogo**. In MARIANI, C. B.; ABREU, E. H. (Org), **Diálogo aberto: teologia, saberes e cultura**, p. 19-47.

<sup>351</sup> PASSOS, J. D., In: SOARES, A. M. L.(Org), **Teologia e Ciências**, p. 127

que ela não perca sua autonomia em virtude da sujeição progressiva aos poderes econômicos, políticos e militares<sup>352</sup>.

Por certo, uma das bases desse diálogo desejável consiste na constatação humilde de que tanto o saber científico quanto o teológico são construções humanas, a bem da verdade, riquíssimas, mas que se defrontam de modo inexorável com limites e impossibilidades.

Logo, teologia e ciência caminhando em uma relação de respeito mútuo, de enfrentamento das concepções de ambos os lados genericamente chamadas de fundamentalismos e, sobretudo, comprometidas, na perspectiva de Décio, com a superação da ilusão do domínio do conhecimento absoluto e definitivo<sup>353</sup>, tendem a viabilizar percepções mais amplas e mais profundas tanto do mundo físico quanto da realidade humana. Infere-se, portanto, que ambas, nas palavras de Carlos Josaphat, devem ser saudadas sem preconceitos e com entusiasmo pelas novas gerações de estudantes e estudiosos como “duas irmãs gêmeas, dedicadas pastoras da humanidade”<sup>354</sup>.

### 3.5.

#### **O aconselhamento pastoral, algumas dimensões do humano e a problemática do dualismo antropológico**

No âmago dessa reflexão, ou seja, do diálogo entre teologia e ciências humanas em conexão com o aconselhamento pastoral, encontra-se uma ampla diversidade de pensamentos acerca da natureza do homem e seu lugar no mundo. O ser humano é, conforme já assinalado nas linhas deste trabalho, um dos sujeitos principais do aconselhamento pastoral.

Sendo assim, neste tópico aborda-se a realidade humana na perspectiva da teologia, bem como a partir dos pronunciamentos de teóricos de outras áreas com o fito tanto de promover o diálogo entre os saberes como de evitar uma abordagem reducionista do assunto.

Ademais, pretende-se ainda focalizar o problema do dualismo antropológico; sério obstáculo para o fomento e consolidação de ações integrais de cuidado

<sup>352</sup> LAMBERT, D., *Ciências e teologia*, p. 183.

<sup>353</sup> Cf. PASSOS, J. D., In: MARIANI, C. B.; ABREU, E. H. (Org.), *Diálogo aberto*, p. 35.

<sup>354</sup> JOSAPHAT, C., In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. (Org.), *Teologia e Ciência*, p.173.

### 3.5.1. O aconselhamento pastoral e o ser humano

Pensar acerca dos traços marcantes do ser humano é tarefa desafiadora, que ultrapassa as competências de um pesquisador, conforme afirma Rubio, ao referir-se particularmente ao labor teológico:

Diante da imensa complexidade de dados sobre o ser humano, acumulados pela investigação científica bem como da multiplicidade de abordagens filosóficas sobre o tema, o teólogo pode ficar profundamente desconcertado. Como falar hoje significativamente sobre o ser humano numa perspectiva teológica?<sup>355</sup>

Em vista disso, há de se considerar a natureza tão somente introdutória das reflexões que se seguem. Dito isso, cabe perguntar: quem são esses indivíduos marcadamente tocados pelas questões que acompanham os passos dados pela estrada da vida? Nessa via de reflexão, a professora Lúcia Pedrosa-Pádua indaga:

Quem é esse ser humano que se confronta com as grandes questões da existência; sua origem e seu destino (o ‘de onde’ e o ‘para onde’ do ser humano e do mundo), a superação do sofrimento e da culpa, os padrões do viver e do agir, o sentido da vida e da morte? Quem é esse que, pelas religiões, acolhe uma mensagem e proposta de salvação, uma visão da vida, uma atitude perante a vida e uma norma para o bem-viver?<sup>356</sup>

Essas e tantas outras questões relativas à condição existencial indicam a necessidade de uma abordagem mais ampla, efetiva, profunda e integral das variadas dimensões do ser humano. Em outras palavras, de uma percepção que rejeite a fragmentação do ser, portanto, seu esfacelamento. Diz respeito, acima de tudo, à construção de uma visão do ser humano, numa perspectiva integrada, que seja capaz de superar a visão dualista.

Os conselheiros pastorais possuem uma compreensão acerca do ser humano<sup>357</sup>, que envolve conceitos sobre o valor de cada indivíduo, da destinação das sociedades humanas e, ainda, dos fatores que moldam o ser, entre outros. Sendo assim, é necessário ponderar sobre os elementos que influem na sua concepção e suas repercussões nos modelos de cuidado inter-humano. Destaca-se, portanto, a necessidade de fomentar uma reflexão crítica apta a favorecer uma

<sup>355</sup> GARCIA RUBIO, A., **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz a da fé e da reflexão cristãs, p.9.

<sup>356</sup> PEDROSA-PÁDUA, L., **O ser humano e o fenômeno religioso**, p. 39.

<sup>357</sup> De acordo com Mihály, as principais teorias da personalidade são; as psicodinâmicas, as do comportamento, as humanistas, e as existenciais. Contudo, ressalva que nenhuma delas abarca toda a verdade acerca do ser humano. Ele também adverte sobre a ausência (nessas abordagens), de uma visão relativa à transcendência do ser humano. SZENTMÁRTONI, M., **Caminhar juntos**, p.15-36.

percepção integral do ser humano e de sua destinação teológica. Nas palavras do teólogo batista e professor Alessandro Rocha:

É preciso pensar no que significa a condição humana, pois é nela que existimos e, é nela que somos com-vocados às múltiplas vivências que podem nos constituir seres em processo de humanização. Nossa vocação é à humanidade, somente nesse espaço existencial concreto é que podemos ser [...]. Aceitar tal missão – de ser humano – tem sido ao longo da história o maior desafio posto em frente aos homens e mulheres. Desde o início de nossa condição de seres-no-mundo aceitar a vocação à humanidade é o rito de iniciação principal ao acesso da vida madura. Quem sabe seja exatamente por isso que a tentação mais primitiva seja a tentativa de alienação da própria condição humana<sup>358</sup>.

Como se sabe, a teologia, como antropologia, destaca o ser humano em suas condições de existência. Um de seus objetivos alude à análise da pessoa, da sua singularidade e de seu valor inerente.<sup>359</sup> Moltmann, com relação a este tema, isto é, a necessidade de não se perder de vista o valor do ser humano, nos alerta:

Deus elevou o ser humano e concede-lhe perspectivas de liberdade e amplidão, mas o ser humano fica para trás e se recusa a acolher essa perspectiva. Deus promete uma nova criação de todas as coisas em justiça e paz, mas o ser humano faz e age como se tudo permanecesse como sempre foi. Deus o faz digno de suas promessas, mas o ser humano não confia no que lhe é proposto<sup>360</sup>.

O teólogo alemão chama a nossa atenção para a dignidade dos membros da família humana. Gesché, por sua vez, reforça essa compreensão ao afirmar que:

Há no ser humano, em todo ser humano, um inviolável, “no qual tu não tocarás”, e isso em nome de um absoluto, de um in-finito, que se chama Deus. [...]. Seja ele economicamente inútil, socialmente irrecuperável, psicologicamente fora de toda comunicação, esse ser humano, em nome da transcendência que o criou à sua imagem, tem o direito imprescindível de se fazer respeitar<sup>361</sup>.

A declaração feita pelo teólogo Belga salienta um traço constitutivo do sujeito humano, a saber, o seu valor intrínseco. A opinião da professora Lúcia Pedrosa – Pádua aponta para essa realidade: “O ser humano – habitação de Deus-, leva em si o grito da dignidade de filhos de Deus [...]. Deus está em cada ser humano”<sup>362</sup>.

<sup>358</sup> ROCHA, A., In: LELLIS, N.(Org.), **Espiritualidade para o século XXI – subsídios teológicos para a espiritualidade de todo cristão**, p.103-104.

<sup>359</sup> Temos claro que, nos dias atuais, há uma radicalização da banalização da vida humana. A antropologia teológica, entretanto, contribui para a redescoberta do valor intrínseco do sujeito humano.

<sup>360</sup> MOLTSMANN, J., **Teologia da esperança**: estudo sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã, p. 38.

<sup>361</sup> GESCHÉ, A., **O ser humano**, p.93.

<sup>362</sup> PEDROSA-PÁDUA, L., In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Org.), **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais, p. 139.



Uma vez que o ser humano é o alvo da atividade do aconselhamento pastoral, faz-se necessário compreendê-lo em sua integralidade, singularidade e complexidade. Cuidar das pessoas implica aprofundar a reflexão acerca das questões práticas que envolvem sua diversidade. Comentando acerca da impossibilidade de reduzirmos o ser humano a uma única dimensão, colocando em evidência a irredutibilidade de cada indivíduo, Décio Passos afirma:

O que pode ser definido como naturalmente humano não possui contornos definidos; é abertura para a criação permanente e para a novidade incessante, quando o biologicamente herdado e o socialmente adquirido formam um todo complexo e aberto em busca permanente de acabamento. Se a natureza pode ser reduzida em si mesma a formulas explicativas capazes de expor e dominar suas leis (ciências naturais), o ser humano transcende essa possibilidade e se mostra como incontornável, do ponto de vista das possibilidades de cada pessoa: sempre única e irrepetível [...]. Como inacabamento e construção permanentes, o humano é trânsito e transcendência, o que faz com que toda definição sobre ele careça de exatidão e de completude [...]. O humano [...] socialmente é regra e transgressão. Psicologicamente é necessidade e desejo. Espiritualmente é fato e valor. O porvir define o ser humano tanto quanto o passado, a insatisfação tanto quanto a satisfação, a imaterialidade tanto quanto a materialidade<sup>363</sup>.

As ciências humanas, pode-se citar a filosofia, a sociologia, a psicologia, a psicanálise, entre outras, falam acerca do ser humano, todavia, cada uma a partir de um lugar próprio, dando voz a um discurso distinto. De igual modo, a teologia possui um *logos* particular, que descortina aspectos essenciais da pessoa humana. Como por exemplo, segundo Lúcia Pedrosa-Pádua a sua “abertura à transcendência, fonte da dignidade de todos os seres humanos e fundamento das demais relações: consigo mesmo, com os demais e com a natureza”<sup>364</sup>.

Como se vê, a Teologia ocupa um lugar específico e de grande pertinência entre as reflexões a respeito desta temática. Na perspectiva de Adolphe Gesché:

A teologia, como antropologia, será exatamente o discurso encarregado de expressar o *logos* sobre o ser humano que está incluído no *éthos-fé*. Porque há sobre o ser humano, na fé, um discurso específico e que tem o direito de ser ouvido. Cabe à teologia resgatar esse discurso que as outras ciências do ser humano não tornam compreensível. É aqui, portanto, que se encontrará o lugar próprio da teologia como discurso sobre o ser humano<sup>365</sup>.

Rubio, por seu lado, afirma a contribuição da teologia para uma compressão mais ampla do ser humano:

<sup>363</sup> PASSOS, J. D., In: GRENZER, M.; WASHITA, P. K., **Teologia e Cultura: A fé cristã no mundo atual**, p.24.

<sup>364</sup> PEDROSA-PÁDUA, L., In: AMADO J. P., FERNANDES, L. A. (Org), **Evangelii Gaudium em questão**, p. 139.

<sup>365</sup> GESCHÉ, A., **O ser humano**, p. 40.

Se a teologia deve dizer a sua própria palavra sobre o ser humano, é porque a imensa riqueza de conhecimentos sobre o homem acumulada pelas diversas ciências antropológicas não diz e não pode dizer tudo sobre o ser humano. As ciências humanas respondem sempre parcialmente, como é próprio do método científico. O conhecimento científico sobre o homem não esgota o conhecimento do humano. Existem outras dimensões da realidade humana que possuem também a sua própria inteligibilidade, diferente daquela meramente científica<sup>366</sup>.

Esse desafio dialógico ocupa um lugar central na agenda dos teóricos cristãos que defendem a necessidade de que os conselheiros pastorais considerem as intuições de outras disciplinas, como forma de melhor prepararem-se para o acolhimento das inúmeras demandas daqueles que parecem sucumbir face às complexidades da existência.

Assim, a realização desta pesquisa é motivada pelo desejo de contribuir para o incremento desse diálogo, visando propor caminhos para reunir ferramentas terapêuticas disponíveis no combate das aflições e angústias do nosso tempo. Almeja-se ainda, a identificação de meios para o enfrentamento dos aspectos desestabilizadores dos dias atuais e, “tanto quanto possível, indicar, os valores e metas estáveis numa época em que tão pouca coisa é segura”<sup>367</sup>. Igualmente, o presente trabalho pretende trazer o debate para o encontro no qual se consolide uma *práxis* de aconselhamento pastoral integral, portanto, comprometida com o bem estar total de todos os membros da família humana.

### 3.5.2 O enigma ontológico e a dinâmica da intersignificação

Marcado por inquietações referentes a si, ao outro e ao cosmos, o ser humano é levado a refletir sobre os significados da vida em toda a sua abrangência e interconexões. Num certo sentido, pode-se dizer que o ser humano entende a si mesmo como algo a ser desvelado. Como escreveu Gesché:

O que o ser humano é, de fato, se apresenta como uma espécie de enigma. Ser inexato (e muito melhor que ele não seja “calculado”), como que perdido – ou desvariado? – entre dois infinitos [...] Santo Agostinho já murmurava (ou gritava) para si: ‘*Magna quaestio factus sum mihi*’ ‘ Tornei-me uma grande questão para mim mesmo’[...]. Homem escondido, talvez mais ainda do que seu Deus<sup>368</sup>.

A questão do ser humano como enigma pode ser descrita como de grande pertinência, haja vista o fato de que o homem tem envidado esforços no sentido de

<sup>366</sup> GARCIA RUBIO, A., *Unidade na pluralidade*, p. 83.

<sup>367</sup> MAY, R., *O homem à procura de si mesmo*, p.10.

<sup>368</sup> GESCHÉ, A., *O Ser humano*, p.93.

oferecer repostas às perguntas fundamentais acerca de si mesmo. No entanto, parece não haver compreensões conclusivas, que desvelem por completo os ministérios relativos à experiência existencial.

A relação do sujeito com o campo do autoconhecimento é sempre dual, isto é, marcada tanto pela percepção de certo conhecimento acerca de si quanto pela sensação de que ainda há algo a ser descoberto. A opinião do professor Garcia Rubio aponta para essa realidade:

Será que estamos procurando ainda descobrir plenamente a nossa identidade humana? Poderemos encontrar uma resposta plenamente satisfatória às interrogações sobre nós mesmos e sobre a humanidade? Encontramos respostas, sem dúvida, mas parece que cada resposta dada provoca novas interrogações. [...]. Nunca existe adequação entre a pergunta formulada e a resposta eventualmente obtida. E, assim, somos um mistério para nós mesmos<sup>369</sup>.

Logo, por essa e tantas outras razões, todas as intuições oferecidas pelas múltiplas disciplinas que contribuam para uma melhor compreensão do fenômeno humano (ainda que de modo parcial), devem ser acolhidas com senso de respeito e espírito de gratidão, num movimento de integração entre os saberes, visando melhor compreender tanto a nós mesmos, como aos demais membros das sociedades humanas.

A aceitação do enigma como realidade ontológica deve motivar o indivíduo a manter-se aberto com o fito de tornar-se sujeito e observador de si mesmo. De fato, essa abertura é fundamental para o processo de autoconhecimento e reconhecimento de si, do mundo e das realidades socialmente construídas.

O Ser humano tem necessidade de ocupar-se da reflexão acerca de si mesmo. Nos termos de Gesché: “Sem dúvida, o ser humano é por excelência o ser que procura entender-se. Não lhe é suficiente existir”<sup>370</sup>. A antropologia teológica, por sua vez, vai ao encontro dessa demanda humana, pois se refere à existência humana, dentre outras maneiras, como um convite à reflexão.

Atravessados por incontáveis dúvidas e desassossegos referentes a si mesmo, ao mundo e à finalidade última da vida, o ser humano ocupa-se da reflexão sobre os significados de sua existência. Os membros da família humana estão permanentemente à procura de sua humanidade e do segredo que ela guarda<sup>371</sup>.

<sup>369</sup> GARCIA RUBIO, A., **Unidade na pluralidade**, p. 17.

<sup>370</sup> GESCHÉ, A., **O Ser humano**, p.91.

<sup>371</sup> *Ibid.*, p.13.

Realmente trata-se de uma questão existencial. Neste campo de buscas e inúmeras interrogações, a teologia – notadamente a antropologia teológica –, ousa oferecer sua contribuição. Há uma antropologia teológica<sup>372</sup>, que, na perspectiva da relação com o transcendente, procura auxiliar o indivíduo a conhecer-se mais e melhor. As palavras de Adolphe Gesché sobre este tema são esclarecedoras:

Creio profundamente que o ser humano, ser moral, encontra em si mesmo alguma coisa do fundamento do seu ser, mas também encontra uma parte dele em Deus. Há alicerces que são sustentados pelo alto. De repente, nós o sabemos, eles são frágeis como as escadas de corda. Mas sólidos também, porque há um segredo de força naquilo que é vulnerável<sup>373</sup>.

A teologia é tanto um discurso sobre Deus como uma reflexão acerca do homem. As questões relativas a Deus quanto às que aludem ao ser humano são igualmente teológicas.

Na encarnação do verbo, o diálogo entre Deus e o homem encontra sua culminância. Gesché comenta: Jesus Cristo revela o “Deus que tem algo a dizer ao ser humano e sobre o ser humano”<sup>374</sup>.

Além disso, observando a história humana, percebe-se que há três questões decisivas que se colocam no decurso da jornada existencial, a saber: a realidade da morte, a presença do mal e as fatalidades, especialmente, as incompreensíveis<sup>375</sup>.

A teologia, ao refletir sobre a salvação, enfrenta esses obstáculos que se apresentam na jornada rumo à plena realização humana, resignificando-os. Por conseguinte, diferentemente do que entendem alguns, a reflexão teológica não se esgota no discurso cristão sobre o pecado.

Ao contrário, abarca a análise de inúmeras realidades que causam perplexidade e angústia nas sociedades humanas dando sua inestimável contribuição para a formulação de novas intuições acerca das circunstâncias que envolvem os enredos da vida. Gesché assegura-nos dessa verdade:

A questão da salvação [...] não se reduz ao universo do pecado e da falta [...]. O panorama cristão da salvação, mesmo como simples “salvar de”, é, portanto bem mais amplo do que pareceria, abraça tudo aquilo que se coloca como empecilho à realização do ser humano, e não se limita apenas ao pecado<sup>376</sup>.

---

<sup>372</sup> Ibid., p.6.

<sup>373</sup> Ibid., p.7.

<sup>374</sup> GESCHÉ, A., **O ser humano**, p 31.

<sup>375</sup> Cf. GESCHÉ, A., **A destinação**, p. 27.

<sup>376</sup> Ibid., p. 28.

Na atualidade, constitui-se grande e premente desafio refletir acerca do ser humano na perspectiva da encarnação. Ou por outra, a partir do “verbo que se fez carne e habitou ente nós”<sup>377</sup>. Trata-se de uma tarefa que visa colocar em relevo a dinâmica de intersignificação. Isto é, conhecer a Deus por meio do ser humano e, por outro lado, conhecer o sujeito humano a partir de Cristo. Uma das implicações deste desafio consiste em afastar-se de posições fixistas.

A compreensão que se tem de Deus implica na maneira como se concebe o ser humano. De acordo com a tradição cristã, o ser humano é chamado a viver em relação com Deus, com os outros seres humanos e com a natureza<sup>378</sup>. Sob essa ótica, infere-se que toda automanifestação de Deus traz consigo a possibilidade de desvelamentos do ser humano. Em outras palavras, o descobrimento daquilo que estava oculto, distante da possibilidade de ser conhecido, percebido. Em vista disso, verificamos, na revelação definitiva de Deus em Jesus Cristo, uma enorme riqueza de indicações sobre o sujeito humano.

Essa via de reflexão contribui para o enfrentamento do dualismo cartesiano que, como sabemos, promove a separação entre a fé no Deus salvador e a fé no Deus Criador. Fomentando, portanto, a equivocada justaposição entre o Deus criador e o Deus salvador. No âmbito da revelação fica evidente que o homem e a mulher deveriam crescer, realizando a sua vocação de administradores da criação, celebrando a reciprocidade mútua. Rubio explica-nos bem este princípio:

O homem deve crescer como homem, realizando a sua vocação de imagem de Deus. O fatalismo, a passividade, a alienação, a fuga da responsabilidade em relação ao mundo e a sociedade não encontram justificativa alguma na perspectiva bíblica da criação do homem<sup>379</sup>.

Na esfera do antigo testamento, as narrativas afirmam a autorevelação do Deus criador e salvador, bem como nos dão conta de quem é o ser humano. O mesmo Deus que cria o mundo intervém na história humana com o propósito de manifestar o seu desígnio salvífico; realçando, dessa maneira, a inalterável importância dos seres humanos.

Conforme ressalta Rubio, o Deus das Escrituras revela-se como salvador, propondo ao homem o caminho de saída de “uma situação negativa de não

<sup>377</sup> BÍBLIA SHEDD, João 1:14a.

<sup>378</sup> GARCIA RUBIO, A., **Unidade na pluralidade**, p. 10.

<sup>379</sup> GARCIA RUBIO, A., **Unidade na pluralidade**, p.172.

salvação”<sup>380</sup>. Deus propõe, e o homem, por sua vez, encontra-se diante dessa situação de decisão. Não se trata, por conseguinte, de ação impositiva de Deus. Ao contrário, o ser humano poderá ou não acolher o convite compassivo do Criador. Rubio novamente assegura-nos dessa questão:

O Deus revelado como salvador é o criador da realidade toda, especialmente do homem. [...]. O homem pode responder negativamente à interpelação do Deus criador-salvador tentando eliminar a relação com este [...]. A resposta, positiva ou negativa, é dada pelo homem nas decisões tomadas no hoje da sua existência<sup>381</sup>.

Diante dessas evidências, torna-se claro que cabe ao homem posicionar-se diante dessa ação salvífica, não se omitir diante da interpelação do Deus criador-salvador. Com base no exposto, podemos afirmar que as palavras do professor Rubio se revestem de especial significado: “no homem, a experiência da receptividade é a mais fundamental de todas”<sup>382</sup>.

No âmbito neotestamentário, à semelhança do que encontramos no antigo testamento, o homem pode ser descrito como aquele que se encontra numa situação de não salvação. Outrossim, também é ressaltado o fato de que este não possui, em si mesmo, recursos suficientes para mudar sua situação. Carecendo, em vista disso, de auxílio e apoio.

Todavia, nesse quadro de desespero e angústia, o Deus salvador se faz homem em Jesus de Nazaré e vem em auxílio do homem. Jesus – o verbo encarnado –, não vem para dominar ou escravizar, mas para interpelar e propor. Ele convida o ser humano a aceitar a mensagem amorosa do pai. Trata-se de uma ação terna, generosa e repleta de misericórdia.

Na cruz, Jesus radicaliza sua obediência ao Pai e sua solidariedade para com a família humana. Na condição de alguém pronto para servir, esvaziado, sem, contudo, perder sua condição divina, ele percorre o caminho da obediência até o Calvário. No entanto, ao ressuscitar, seu senhorio sobre todas as coisas é revelado. Como se vê, na esfera do novo testamento, a realidade da não salvação e de sua superação estão sempre associadas ao Deus que se fez homem.

De maneira efetiva, por Cristo, o ser humano pode ser reencaminhado para a retomada de sua relação viva e integral com Deus e consigo mesmo. Por

---

<sup>380</sup> Ibid., p.175.

<sup>381</sup> Ibid., p.175-176.

<sup>382</sup> Ibid., p.176.

consequência, para uma jornada caracterizada pelo acesso ao conhecimento que plenifica, transforma e promove o desenvolvimento total do sujeito humano.

Na perspectiva do Concílio Vaticano II, o desvelamento do humano está indissociavelmente relacionado ao advento messiânico, e nele encontra sua plena realização, de acordo com os padres conciliares:

Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro (20), isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude<sup>383</sup>.

Cristo, ao revelar-se, afirmou a dimensão mais decisiva e profunda do ser humano, a saber, sua plena e benfazeja relação com o Pai celestial. Trata-se de uma graciosa comunhão promotora tanto do descortinamento dos enigmas subjetivos, para usarmos termos emprestados da psicologia profunda, como fortalecedora da jornada rumo à plena humanização, em linguagem mais teológica.

Parece evidente o fato de que Cristo tencionava lembrar aos homens e mulheres (tão frequentemente expostos à situações que relativizam o valor intrínseco da vida, conforme verificado no primeiro capítulo deste trabalho), a dignidade do ser humano chamado a ser filho e filha de Deus, instado cordialmente a participar da comunhão de irmãos e irmãs de Jesus. Neste sentido, cabe a lembrança de que a *Gaudium et spes* concedeu enorme atenção ao ser humano<sup>384</sup>, bem como fez ressoar uma cristologia solidária, agônica, engajada na história humana. Em suma, profundamente bíblica, relevantemente humana<sup>385</sup>.

No íntimo da antropologia teológica encontra-se a convicção do inestimável valor da relação amorosamente franqueada por Deus aos homens mediante a pessoa de Cristo.

Donde procede a compreensão de que uma de suas ambições, por assim dizer, consiste em anunciar os propósitos divinos relativos à vocação integral do

<sup>383</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et spes***: sobre o mundo atual. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acessado em 14 out 2016.

<sup>384</sup> Para mais informações acerca da preocupação antropológica da *Gaudium et spes*, sugiro a leitura de LOPES, G., *Gaudium et spes*: texto e comentário, p. 59-76.

<sup>385</sup> Cf. LOPES, *Gaudium et spes*, p. 15.

ser humano, na perspectiva de buscar respostas para as grandes questões da existência. Segundo Lopes:

O povo de Deus, movido pela fé que ilumina todas as coisas com uma luz nova, procura conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem e, dessa forma orientar o espírito para soluções plenamente humanas. Num intercâmbio vital, uma simbiose divino-humana, vão se buscando e encontrando respostas para as questões que hoje são apresentadas. A aceitação da dignidade da pessoa humana é o ponto de partida irrenunciável<sup>386</sup>.

Como exposto, o ser humano, enquanto mistério, enigma, segredo a ser revelado, encontra respostas referentes a si, à sua destinação, bem como intuições alusivas ao seu valor intrínseco no âmbito da relação com aquele que se fez um de nós.

### 3.6.

#### **Desvelando o humano: contribuições sumarizadas da natureza humana à luz das reflexões freudiana, rogeriana e junguiana**

O diálogo interdisciplinar fornece múltiplos elementos para uma compreensão mais ampla de certos assuntos sobre os quais debruçam-se pesquisadores de diversas áreas afins. A integração de saberes (uma das propostas deste trabalho) contribui para o aprofundamento da percepção acerca dos objetos comuns de estudo e análise, dentre os quais, o ser humano com suas complexidades.

Parece não haver dúvidas de que o modo como os conselheiros e as conselheiras percebem os sujeitos humanos é grandemente responsável pela forma como se conduzirão, enquanto cuidadores, donde se constata a pertinência dessa reflexão. Cabe também dizer que tal percepção incidirá sobre a visão de cada eclesiano acerca de si mesmo.

Em vista disso, apresentaremos – de forma condensada –, algumas concepções acerca do ser humano<sup>387</sup> segundo a psicanálise, cujo pai é Sigmund Freud, de acordo com a psicologia humanista, que encontra em Carl Rogers um de

<sup>386</sup> Ibid., p. 59.

<sup>387</sup> Essa compreensão, norteadora desta pesquisa, relativa ao aconselhamento pastoral, com sua abertura dialogal, possui uma predominância de base antropológica. Sendo assim, uma de suas vocações é realizar o diálogo com as demais especialidades, como o caso da intercessão com intuições freudianas, rogerianas e junguianas. Trata-se, portanto, de explorar as possibilidades de convívio com essas e outras disciplinas no universo das percepções sobre o fenômeno humano e das abordagens psicoterápicas num viés de acolhimento, diálogo e investigação compartilhada.



seus grandes representantes e, finalmente, à luz da psicologia analítica de Jung. Além disso, destacaremos um dos aspectos essenciais da realidade humana: a liberdade.

### 3.6.1 O ser humano na perspectiva freudiana

A complexidade da existência humana com suas diversas tonalidades idiossincráticas, isto é, sua disposição de temperamento para sentir, de um modo particular, a influência de agentes externos, assim como sua vulnerabilidade perante a ação das forças interiores, muitas delas que operam sem o conhecimento do indivíduo, requer do conselheiro pastoral ampla compreensão sobre a dinâmica do inconsciente<sup>388</sup>, bem como entendimento acerca de alguns traços do sujeito humano conforme concebidos pelas intuições freudianas.

Para nós, repercutindo Rubio:

Interessa, sobretudo, a afirmação freudiana de que, no mundo psíquico, tudo está radicado, primariamente, no inconsciente e não no nível da consciência. Vivências, desejos, sensações, conflitos e frustrações são esquecidos desde o início da nossa vida. Experiências não só esquecidas, mas reprimidas tornam-se ‘inconscientes’ e, em determinadas circunstâncias, emitem sinais utilizando símbolos incompreensíveis para o sujeito afetado<sup>389</sup>.

A ignorância quanto à força decisiva do inconsciente sobre o sujeito pode comprometer a atuação do conselheiro pastoral, na medida em que poderá levá-lo, por exemplo, a formular inúmeras interpretações equivocadas das razões pelas quais o indivíduo encontra-se tomado pelo medo e pelo desassossego existencial<sup>390</sup>.

Dito de outro modo, o conselheiro poderá, em razão de seu desconhecimento relativo à ação dinâmica e perene dos conteúdos reprimidos e recalçados sobre o sujeito, enganar-se acerca da etiologia do sofrimento do aconselhando.

<sup>388</sup> Estudar o inconsciente não é o objetivo deste trabalho, dessa forma, não se tenciona apresentar uma vasta explicação acerca dessa importante designação freudiana. Para estudos mais apurados desse aspecto da realidade psicológica do ser humano, sobretudo, em sua relação com o aconselhamento pastoral, sugiro a leitura de HURDING, R. F., *A árvore da cura*, p. 70-90.

<sup>389</sup> GARCIA RUBIO, A., *Evangelização e maturidade afetiva*, p.74-75.

<sup>390</sup> CF. GARCIA RUBIO, A., *Evangelização e maturidade afetiva*, p.75. Na atualidade, divulga-se que certos tipos de depressão, susceptibilidade exagerada, ansiedade generalizada, além de quadros psicossomáticos apontam para a força dos conteúdos afetivos suprimidos sobre a estrutura psicológica dos seres humanos.

Danon<sup>391</sup> reforça o lugar essencial que o inconsciente ocupa na teoria psicanalítica, quando ressalta que a psicanálise “considera o comportamento individual não determinado por fatores externos, mas por fatores internos, principalmente inconscientes”<sup>392</sup>.

O inconsciente compõe o eu subjetivo dos indivíduos e influi fortemente sobre estes. Por conseguinte, não parece razoável desconsiderá-lo no âmbito tanto da reflexão sobre a afetividade humana quanto na esfera do acolhimento do sofrimento que desestabiliza e apequena a existência<sup>393</sup>.

Quanto ao ser humano, a psicanálise o compreende da seguinte forma, segundo parecer de Kline:

O homem tem dois impulsos principais: sexualidade e agressão, juntos com motivos determinados pelo meio ambiente, tais como os conflitos de Édipo e de castração, que exigem expressão. Uma vez que estes operam um sistema de energia fechado, a expressão é vital. Através da mediação do ego em defesas bem e malsucedidas a expressão direta ou indireta, na forma de sintomas neuróticos e atos simbólicos, é conseguida. Este modelo de homem necessita de alto grau de controle na sociedade e saídas institucionalizadas para os impulsos. Sem esses, de acordo com o modelo freudiano, viveríamos de forma arriscada<sup>394</sup>.

Conforme exposto, o ser humano é dotado de uma realidade psicológica complexa, atravessada por um conflito entre forças distintas. Ambas as formas de energia transitam no inconsciente, cujo objetivo consiste em aliviar suas tensões. Em sua segunda tópica, o pai da psicanálise teoriza que o id (instância psicológica totalmente inconsciente), atua para atingir seus objetivos. Melhor dizendo, para dar vazão às suas energias.

O ego, por sua vez, empenha-se por mediar a relação entre as demais instâncias constitutivas do patrimônio interior. Acerca do ego, deve ser dito ainda que este precisa fortalecer-se para cumprir sua função. Quanto ao superego, trata-se, fundamentalmente, de um aliado dos valores e princípios, que tendem a modelar as relações do indivíduo, consigo mesmo, com os demais pares da família humana e com a cultura.

<sup>391</sup> Marcella Danon, escritora, jornalista e psicóloga italiana. Fundou em 2004, o ECOPSICHÉ- Escola de *ecopsicologia*, instituto que combina consciência pessoal e ética ambiental. Ela tem trabalhado como treinadora em organizações nas seguintes áreas: prevenção e gestão de estresse, liderança pessoal, relações ecológicas e educação verde. Disponível em; <http://www.ecopsicologia.it/contatti.html>. Acesso em 13 nov. 2016.

<sup>392</sup> DANNON, M. **Counseling**: L'arte della relazione per promuovere la crescita personale, p. 17. [...] considera il comportamento individuale determinato non da fattori esterni, ma da fattori interni, perlopiù inconsapevoli, (Tradução nossa).

<sup>393</sup> CF. GARCIA RUBIO, A., op. cit., p.74-77.

<sup>394</sup> KLINE, P., **Psicologia e teoria freudiana**, p. 143.

A leitura das percepções de Freud acerca do ser humano indica que o mestre de Viena possuía uma compreensão determinista da configuração psicológica<sup>395</sup>. Outro item significativo do pensamento freudiano relativo ao homem, refere-se à sua hostilidade.

Para Freud, todo indivíduo carrega uma espécie de agressividade inata, que se constitui, segundo sua ótica, numa constante ameaça à sociedade. Em seus termos:

Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. [...]. A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração.”<sup>396</sup>.

Realmente, o criador da psicologia do inconsciente concebia o homem como um ser tanto marcado por forças internas discordantes como por certa inclinação inata à agressividade. Ao que parece, a obra de Freud é marcada por certo ceticismo em relação à família humana. Matos, citado por Bisetto, coloca nos seguintes termos a propalada percepção pessimista de Freud, sobretudo, no que diz respeito às relações sociais:

O ‘pessimismo de Freud’ no que se refere ao ser humano em sua vivência em sociedade pode ser sintetizado tal como em Matos (1993), que expõem as implicações da teoria freudiana nas análises sociais. Em *A civilização e seus descontentes*, Freud apresentou o dilema de toda vida civilizada: em primeiro lugar, a antítese entre a busca individual de autogratisação e a necessidade de princípios gerais de justiça aos quais devem se submeter todos os membros da sociedade. As tendências hostis ou anti-sociais não se originam em um instinto de morte, mas na própria energia da vida<sup>397</sup>.

No entanto, Rubio alerta para o fato de que este aspecto da percepção de Freud acerca do ser humano está em desacordo com a visão cristã. Diz ele:

Certamente, a psicanálise freudiana e a psicologia profunda mostram o quanto é enraizada em todo ser humano a ambiguidade, a realidade da ‘luz’ e do ‘demônio’. Diante dessa realidade, é muito forte a tentação de a pessoa ficar prisioneira do pessimismo antropológico, como aconteceu com Freud. Não é essa a visão da mulher e do homem cristãos. Eles reconhecem e assumem a realidade da ambiguidade, mas apostam na vivência do ‘novo’, do amor e da justiça concretos.

<sup>395</sup> LOPES, E. M., *Os fundamentos da psicanálise*, p.69.

<sup>396</sup> FREUD, S., *O mal Estar na civilização e outros trabalhos*, p. 116-117.

<sup>397</sup> BISETTO, H., *Marx e Freud na leitura de Erich From*: Alguns apontamentos. Cf. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/8118-24031-1-PB.pdf. Acessado em 17:out 2016.

Isso é assim não porque confiem num orgulhoso esforço ascético, mas porque se abrem e aceitam a atuação do amor de Deus em sua vida<sup>398</sup>.

Como se observa, Rubio, por um lado, registra a grande contribuição das intuições da psicologia do inconsciente para o desvelamento do sujeito e sua realidade interior.

Por outro lado, o padre diocesano reafirma a compreensão bíblico-cristã que concebe o ser humano como alguém que pode abrir-se para Deus, para uma nova realidade e, por consequência, seguir adiante na caminhada para o amadurecimento<sup>399</sup>.

Ainda sobre a contribuição da psicanálise para um melhor entendimento da vida com suas intrigantes e desafiadoras facetas psicológicas, Marcondes esclarece: “Freud desenvolveu assim um exame de um lado da natureza humana em grande parte ignorado até então pela filosofia, forçando a revisão da conceituação filosófica do pensamento, da razão, da consciência e da vontade”<sup>400</sup>.

Voltada fundamentalmente para o estudo da influência do inconsciente na vida diária, a psicanálise oferece valiosas contribuições para o entendimento das forças emocionais constitutivas do ser, sobretudo, daquelas que se escondem, por assim dizer, por detrás da cortina do comportamento.

Por certo, embora haja impasses entre o cristianismo e a psicanálise dificilmente superáveis<sup>401</sup>, isto não significa que não possa ocorrer um diálogo visando a formulação de uma compreensão integrada comprometida com a diminuição das aflições das pessoas; vez que, para Sigmund Freud, pelo menos num determinado ponto do desenvolvimento de sua reflexão relativa ao aparato psicológico do ser humano, “A psicanálise em si não é religiosa nem anti-religiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço dos sofredores”<sup>402</sup>.

<sup>398</sup> GARCIA RUBIO, A., **Evangelização e maturidade efetiva**, p. 52.

<sup>399</sup> Ibid., p. 53.

<sup>400</sup> JAPIASSÚ, H., MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**, p. 116-117.

<sup>401</sup> Para uma análise pormenorizada relativa às divergências entre psicanálise e cristianismo, indico tanto o texto de ARAÚJO, R. T., **Deus analisado: os católicos e Freud**, São Paulo: Edições Loyola, 2014. Já mencionado, quanto a tese de SANTOS, F., **Audição equilibrada: relações entre aconselhamento pastoral e psicanálise**. Tese doutoral apresentada à Pontifícia Universidade Católica- PUC. Rio de Janeiro, 2015. p.159-166. Igualmente destacada ao longo desta pesquisa.

<sup>402</sup> PFISTER E FREUD, **Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**, p. 25.

Além desses poucos traços destacados das intuições freudianas, convém dizer que o criador da psicanálise formulou tantas outras teorias<sup>403</sup> acerca desta temática, algumas das quais foram revisadas por ele mesmo, ao longo de muitos anos de pesquisa e atendimento clínico. Freud refletia permanentemente sobre suas próprias formulações relativas ao patrimônio interior dos seres humanos, muitas de suas percepções sobre as questões que nos ocupam foram por ele expressadas por meio de diversas variantes<sup>404</sup>, ao longo de seus muitos anos de pesquisa e produção científica.

Convém registrar que termos como ego, superego, inconsciente, transferência, repressão, dentre outros, cunhados ou tão somente utilizados no âmbito de suas reflexões, estão enraizados no vocabulário da cultura ocidental, e são comumente usados com o fito de descrever variada gama de fenômenos psicológicos.

### 3.6.2. O ser humano na perspectiva rogeriana

A teoria não-diretiva, ou centrada no cliente, desenvolvida por Carl Ransom Rogers, particularmente, na década de 40, repercutiu amplamente não somente em aconselhamento e psicoterapia, mas em vários outros setores da sociedade. O psicólogo americano formou suas convicções baseado em atividade clínica e pesquisas realizadas ao redor do mundo.

A percepção de Rogers concernente ao ser humano distancia-se da teoria de Freud, principalmente, no que diz respeito à sua natureza intrínseca. Diferentemente da concepção psicanalítica, sua antropologia é francamente otimista. Diz ele:

Contrariamente à opinião que vê os mais profundos instintos do homem como sendo destrutivos, observei que, quando o homem é, verdadeiramente, livre para tornar-se o que ele é no mais fundo de seu ser (como no clima seguro da terapia), quando é livre para agir conforme sua natureza, como um ser capaz de perceber as coisas que o cercam, então ele, nitidamente, se encaminha para a globalidade e a integração<sup>405</sup>.

<sup>403</sup> Freud escreveu, por exemplo, a respeito do fenômeno religioso e sua influência na vida dos seres humanos. Para maior aprofundamento deste assunto sugere-se a leitura de ARAÚJO, R. T., *Deus analisado: os católicos e Freud*, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

<sup>404</sup> NASIO, J.D., *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*, p. 15.

<sup>405</sup> GUSMÃO, M. L., *A natureza humana segundo Freud e Rogers*. Disponível em: <http://gruposerbh.com.br/textos/artigos/artigo22.pdf> Acesso em: 20 de out.2016.

Segundo seu entendimento, o homem é plena e totalmente capaz de compreender a si mesmo, bem como de buscar soluções para enfrentar exitosamente os problemas que se interpõe no decurso da jornada rumo a uma vivência mais satisfatória, mais eficiente do ponto de vista da organização psicossocial.

A compreensão de Rogers sobre os seres humanos recebeu grande influência do contexto cultural de sua época, caracterizado pelo otimismo quanto à capacidade do indivíduo de transformar tanto a si mesmo para melhor quanto a sociedade.

Pode-se dizer que o psicólogo americano era um teórico afinado com o momento histórico no qual estava inserido. O pensamento de Rogers expressa convicções de viés humanista.

Neste sentido, é interessante destacar a observação de Roger Hurding: “Podemos enxergar nas crenças de Rogers, de que a sociedade deve libertar o indivíduo e de que todos os homens e mulheres possuem dentro de si os recursos para uma mudança construtiva, uma tônica fortemente humanista”<sup>406</sup>.

Em razão de sua perspectiva sobre a natureza humana ser essencialmente boa, há, segundo sua ótica, um impulso interior que move o indivíduo em direção ao crescimento construtivo<sup>407</sup>.

Dotado, conforme explicitado, de uma grande confiança nas potencialidades humanas, Rogers salienta que o indivíduo é alguém que se atualiza e que se regula interna e permanentemente, por meio de avaliações de suas experiências pretéritas, bem como mediante novas formulações que lhe permitam prosseguir na direção do funcionamento mais pleno possível.

Ele defende tal conceito usando o termo organismo para descrever o ser humano integral, a pessoa inteira. Segundo suas palavras:

Os organismos estão sempre em busca de algo, sempre iniciando algo, sempre “prontos para alguma coisa”. Há uma fonte central de energia no organismo humano. Essa fonte é uma função do sistema como um todo, e não uma parte dele. A maneira mais simples de conceituá-la é como uma tendência à plenitude, à auto-

<sup>406</sup> HURDING, A *árvore da cura*, p. 132.

<sup>407</sup> Ibid., p. 135. Hurding, além de sublinhar a percepção otimista de Rogers relativa ao homem, também ressalta o fato, de que, para o psicólogo americano, o crescimento pessoal está associado ao processo movido e alimentado, basicamente, por novas introspecções que os indivíduos obtêm sobre si mesmos; algo que ocorre após vencerem as emoções reprimidas.

realização, que abrange não só a manutenção, mas também o crescimento do organismo<sup>408</sup>.

No que tange à sua abordagem terapêutica, Rogers a elabora a partir da compreensão de que há uma disposição em cada pessoa para o crescimento.

Tal processo psicoterápico corresponde à ação que visa liberar o potencial de crescimento do cliente. Sendo assim, o trabalho do terapeuta rogeriano (marcado pela utilização da escuta e da postura empática, procedimentos estes que influíram de modo decisivo sobre todas as demais abordagens classificadas como humanistas)<sup>409</sup>, consiste em criar as condições interpessoais necessárias para que o indivíduo se desenvolva. Daí resulta a premissa norteadora dessa escola de que o trabalho psicoterápico tem de facilitar o pleno amadurecimento.

Rogers compreende que o âmago do ser humano é bom, essencialmente voltado para a preservação e para a sociabilidade, isto é, para o desenvolvimento de laços sociais relevantes e bem-sucedidos<sup>410</sup>. Tal visão está baseada tanto na liberdade como na responsabilidade do ser humano<sup>411</sup>. Ambas, notadamente, fundamentais para o pleno desenvolvimento do indivíduo.

Para Rogers, o ser humano libertado de suas defesas, portanto, aberto para as amplas possibilidades oferecidas pelo mundo, de modo geral, e pela sociedade, de modo particular, haverá de reagir positivamente – por meio de ações construtivas e gregárias –, imbuído do desejo de socializar-se.

No entanto, cumpre afirmar que ele procurou esclarecer que, conquanto possuísse uma percepção positiva do homem, sua concepção sobre este não era romântica, no sentido de ser inocente. A saber, desconectada da possibilidade das pessoas agirem, sob certas circunstâncias, de forma inversamente proporcional às teorias formuladas por ele. Em suma, Ele não rejeita a ideia de que há dentro das pessoas sentimentos hostis e violentos. Em seus termos:

Não possuo visão ingênua da natureza humana. Tenho bem consciência de que para se defender e movido por medos intensos, indivíduos podem e, de fato, se

<sup>408</sup> ROGERS, C. R., **Um jeito de ser**, p. 40.

<sup>409</sup>Cf. DANNON, M. **Counseling: L'arte della relazione per promuovere la crescita personale**. Milão: RED, 2014, p.80. [...] Roger indica l'ascolto e l'empatia, che sono alla base di ogni altro approccio di counseling umanistico, ma che in quello ormai cosiddetto rogersiano sono gli unici ingredienti a cui il counselor si affida per accompagnare passo dopo passo il cliente, attraverso il dialogo, a mettere a fuoco le sua verità, le sua capacità, le sue decisioni.

<sup>410</sup> Cf. HURDING, R., **A árvore da cura**, p. 132.

<sup>411</sup> Cf. DANNON, M. **Counseling: L'arte della relazione per promuovere la crescita personale**. Milão: RED, 2014, p.18. [...] Rogers Carl Rogers dalla visione dell'essere umano così ottimistica, basata su libertà e responsabilità.

comportam de modo incrivelmente destrutivo, imaturo, regressivo, anti-social e nocivo”<sup>412</sup>.

Contudo, asseverou de modo muito evidente que esses sentimentos não formam o núcleo mais profundo e essencial da natureza humana<sup>413</sup>. Pelo exposto, resulta evidente que o entendimento de Rogers relativo ao ser humano é fundamentalmente positivo, otimista, generoso. Segundo sua percepção, o indivíduo é tendente à realização e inclinado para tornar-se o que é em verdade, bem como assumir os outros como realmente são. Assumir-se como pessoa é condição indispensável para esse desenvolvimento.

Na perspectiva de seus termos: “Ser o que se é, é mergulhar, inteiramente num processo. A mudança encontra-se facilitada e provavelmente levada ao extremo, quando se assumir ser o que verdadeiramente se é”<sup>414</sup>.

Um dos pontos de sua compreensão é a relação dinâmica que cada um trava consigo mesmo, com o fito de tornar-se plenamente tudo o que pode ser. As contribuições do pensamento de Rogers para o aconselhamento pastoral são inúmeras, tais como, a abordagem centrada no cliente, que requer a total aceitação do indivíduo; a escuta atenta e empática, que fomenta uma relação de confiança e solidariedade; além disso, o destaque dado a liberdade como elemento indispensável para o processo de crescimento integral, estabelece um ponto de evidente interseção entre a psicologia de natureza humanista e a teologia<sup>415</sup>.

No entanto, as limitações dessa abordagem não podem ser ignoradas. Szentmártoni ressalta as seguintes:

A atribuição ao homem da capacidade, praticamente ilimitada, de mudança, a ponto de esquecer que a vida tem limites e que o conhecimento destes está na base da sabedoria; ausência, em seu horizonte, de deveres, negações e inibições ou freios, com a ênfase quase exclusiva nos direitos e nas oportunidades para a mudança; a ausência, além das variações sociais, de uma moral ou de fatores invariáveis nas relações interpessoais<sup>416</sup>.

O Psicólogo jesuíta, no pronunciamento acima, realça o fato de que existem conflitos interiores e problemas no âmbito social, que podem enfraquecer a experiência humana; limitando, portanto, a utilização, por parte do indivíduo, de suas capacidades, habilidades e competências.

<sup>412</sup> ROGERS, C. R.; KINGET, G.M., *Psicoterapia e relações humanas*, p. 27.

<sup>413</sup> Cf. HURDING, R., *A árvore da cura*, p.132.

<sup>414</sup> ROGERS, C. R., *Tornar-se Pessoa*, p. 155.

<sup>415</sup> SZENTMÁRTONI, M., *Caminhar juntos*, p.30.

<sup>416</sup> Ibid.



Logo, sob essa ótica, a busca humana pela plena realização baseada tão somente em elementos individuais, pessoais, intrínsecas, por assim dizer, imanentes pode resultar em frustração e fechamento para a dimensão transcendente da existência<sup>417</sup>.

Como se vê, conquanto haja farta literatura ressaltando a riqueza das abordagens humanistas e suas inestimáveis contribuições para o trabalho dos conselheiros e conselheiras pastorais; Mihaly entende, todavia, que as críticas não devem ser omitidas<sup>418</sup>. Com efeito, tanto as críticas dirigidas ao aparato teórico de Roger quanto aquelas feitas à quaisquer outras escolas de pensamento, revestem-se de importância, na medida em que tais questionamentos abrem novas linhas de reflexão<sup>419</sup>, assim como fomentam o desenvolvimento de novas pesquisas, que se interpenetram e enriquecem-se mutuamente.

### 3.6.3. O ser humano na perspectiva junguiana

Na direção do que há de mais profundo no ser humano, convém destacar a sua transcendência perante os elementos físico-biológicos que o constituem<sup>420</sup>. Em cada pessoa ocorre uma transcendência real. Uma abertura relativa ao infinito. Inúmeros teóricos abordaram este aspecto da realidade existencial<sup>421</sup>.

Tal é o caso, por exemplo, de Jung, psiquiatra suíço, fundador da psicologia analítica. A psicologia junguiana desenvolveu-se a partir de estágios, discussões, introspecção e pesquisas incansáveis. Imbuído do desejo de aprofundar sua

<sup>417</sup> Cf. SZENTMÁRTONI, M., **Caminhar juntos**, p.30,31.

<sup>418</sup> Além das críticas assinaladas, algumas outras dirigidas à obra de Rogers, também são bastante significativas. Qual sejam: a) a ênfase exacerbada no crescimento individual em direção a si mesmo, algo que, supostamente, caracterizaria uma dinâmica solipsista. b) Nessa mesma linha, a exagerada valorização da relação interpessoal, a relação a dois, em detrimento de todos os outros tipos de relação, mais alargados. Neste sentido, não se encontraria na obra de Rogers uma noção sociológica bem desenvolvida. c) Por último, embora haja outras, destaca-se a crítica de que essa abordagem não considera que indivíduos com distúrbios mais severos, logo, desestabilizadores, não possuiriam base emocional suficientemente estável para o desenvolvimento do autoconhecimento. Quanto às duas primeiras críticas, Cf. FONSECA, M. J. M., **Rogers: uma concepção holística do homem**: da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium36/4.pdf>. Acesso em 4 nov. 2016. Acerca da última crítica relativa à abordagem terapêutica rogeriana, cf. MACHADO, Geraldo Magela. **Psicologia humanista**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/psicologia/psicologia-humanista/>. Acesso em 4 nov.2016.

<sup>419</sup>No espírito desta pesquisa, concebe-se que o diálogo entre as várias especialidades tende a qualificar construções compartilhadas em busca de cuidar mais e melhor.

<sup>420</sup> RUBIO, A.G., **Evangelização e maturidade afetiva**, p. 63.

<sup>421</sup> Tais como, Howard Clinebell e Paul Tournier, para citarmos somente dois. Cf. HURDING, R., **A árvore da cura**, p 351-380.

compreensão acerca da realidade subjetiva constitutiva dos sujeitos humanos, Jung deparou-se com estados emocionais conflitivos, conteúdos oníricos e com a ambiguidade do psiquismo, sendo este, simultaneamente consciente e inconsciente. Essa percepção levou-o a utilizar-se da noção de arquétipo e imagens arquetípicas. Na perspectiva junguiana, os arquétipos são formas estruturantes da dimensão psicológica, que correspondem aos fundamentos de experiências recorrentes vividas pela totalidade da humanidade. Jung explicita:

Arquétipo é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas ideias míticas; logo é possível supor que os arquétipos sejam as impressões gravadas pela repetição de reações subjetivas. Ainda ressalta que os arquétipos são determinados apenas quanto à forma e não quanto ao conteúdo, é um elemento vazio e formal em si, isto é uma possibilidade dada *a priori* da sua apresentação<sup>422</sup>.

Jung, profundamente religioso<sup>423</sup>, afirmou a importância de uma compreensão mais ampla acerca do cuidado inter-humano, na qual subjetividade e transcendência estão entrelaçadas de forma indissociável. Numa perspectiva interdisciplinar, ele coloca lado a lado psicologia e teologia como saberes que se ocupam do estudo da alma, logo, das intrincadas configurações psíquicas do ser humano.

Em vista disso, infere-se uma relação entre o aconselhamento pastoral de natureza integral e a psicologia analítica criada por Jung. Trata-se de um diálogo do qual emergem novas perspectivas acerca da atuação do conselheiro pastoral. Isto ocorre, entre outros motivos, na medida em que Jung admite a religiosidade como um dos aspectos fundamentais da existência. Ele defendeu a inseparabilidade da religião<sup>424</sup> da condição humana. Na perspectiva junguiana a religião é algo absoluto.

<sup>422</sup> JUNG, C. G., **Memórias sonhos e reflexões**, p. 352.

<sup>423</sup> É necessário observar que Jung foi criticado por teólogos que o consideravam agnóstico (houve quem o classificasse como ateu). No entanto, “Em uma entrevista na BBC que Jung concedeu um pouco antes de morrer em 1961, seu entrevistador, John Freeman, perguntou-lhe se ele acreditava em Deus. “Não preciso acreditar, eu sei”. Para ele, Deus era uma experiência tremenda e impressionante. BRYANT, C., **Jung e o cristianismo**, p.11. A resposta de Jung evidencia a sua crença na existência de Deus. Ou dito de outra maneira, revela seu saber relativo à realidade de Deus. “O analista suíço dava extremo destaque a uma certeza íntima”, HURDING, **A árvore da cura**, p.391.

<sup>424</sup> Quanto aos termos, religião, religiosidade e fé, que aparecerão inúmeras vezes ao longo deste trabalho, usaremos, via de regra, as percepções de Libânio sobre esses conceitos. A saber: A religião como conjunto de sistemas e ritos. Portanto, como algo da ordem da cultura. A religiosidade como expressão do que há de subjetivo na experiência religiosa. Por fim, a fé compreendida como fator que perpassa todas as dimensões do ser e que se consubstancia no acolhimento voluntário da proposta amorosa de Deus. Cf. PANASIEWICZ, R., In: BINGEMER, M. C.; ANDRADE, P. F. C., **Secularização**, p. 12.

Em muitos de seus livros encontram-se reflexões que colaboram tanto para compreender como para explicitar os aspectos psicológicos associados aos fenômenos religiosos. Jung destaca, em diversas de suas obras<sup>425</sup>, a existência de um comportamento religioso no ser humano, uma busca pelo que pode ser descrito como transcendente.

Carl Gustav Jung procurou compreender a personalidade humana em sua complexidade e singularidade; sua produção intelectual demonstrou grande preocupação com as questões relativas à transcendência. Ele sustentou a relevância da religião como elemento interior e partícipe da realidade psicológica do indivíduo.

Não há dúvida de que a sua psicologia analítica resultou de suas observações de seu mundo subjetivo, de seus pacientes e, ainda, da busca de sentido para a vida, precipuamente, por meio do estudo da compleição psíquica, da mitologia, da intersubjetividade e do fenômeno religioso. Acerca do importante lugar que a transcendência ocupava na reflexão do analista nascido em Kesswil, Brigitte Dorst esclarece:

Jung sustenta uma compreensão da psique como espaço de experiência do numinoso, defendendo novos modos de ver fenômenos e experiências religiosos que até aquele momento não haviam ocorrido na psicologia da religião. Esses fenômenos e experiências se revestem de grande importância para ele<sup>426</sup>.

Decerto, essa abertura demonstrada pelo médico austríaco para a dimensão transcendente do ser humano forjou-se na convivência com seus familiares e na sua aplicação a leitura de textos canônicos. Desde muito cedo, a religião exerceu forte influência sobre Jung. “Nascido em 1875, Carl Jung foi criado dentro da religião. [...]. Ele teve, ao longo de toda a sua vida, um interesse vivo pela religião”<sup>427</sup>.

Acerca de sua história associada ao cristianismo, o analista suíço faz a seguinte declaração: “na família de minha mãe havia seis pastores protestantes. Meu pai e dois de seus irmãos também o eram. Ouvi, portanto, inúmeras

<sup>425</sup> A religião é uma temática central na psicologia Junguiana. Na publicação Obras completas, os textos: Resposta a Jó, Psicologia da religião oriental e ocidental e símbolo da transformação na missa, apenas para citar alguns, abordam diretamente esse assunto. Cf. JUNG, C. G., **Obras completas**. Petrópolis: Vozes, 1ª Edição, 2011.

<sup>426</sup> DORST, B., **Espiritualidade e transcendência**: C.G. Jung, p. 16,17.

<sup>427</sup> BRYANT, C., **Jung e o Cristianismo**, p.11.

conversas religiosas, discussões teológicas e sermões”<sup>428</sup>. Sobre seus estudos da Bíblia, realizados em período de crise, afirma:

Mergulhei, em segredo na Bíblia de meu pai. [...] li no evangelho [...] que, precisamente, os réprobos podiam ser eleitos. O louvor do intendente infiel e a transformação de Pedro, o hesitante, na pedra angular da igreja, causaram-me impressão profunda<sup>429</sup>.

As intuições de Jung sobre a estrutura psicológica do ser humano e sua relação com o cristianismo oferecem inúmeros pontos de contato com a cosmovisão cristã e com a atividade do aconselhamento pastoral. O fato de Jung valorizar as demais ciências consiste em mais uma das razões para considerá-lo uma referência na fomentação do diálogo entre saberes. Segundo Bryant:

O chamado do desconhecido, que levou gerações de exploradores a enfrentar os perigos e dificuldades de oceanos, desertos e florestas [...] a fim de analisar e mapear a superfície da terra, agora está chamando homens e mulheres para uma nova aventura: a exploração do desconhecido mundo interior da alma e das vastas profundezas do inconsciente. Se quisermos tomar parte nessa busca, Jung provavelmente é o guia mais sábio e experiente de que podemos dispor. Ele nos mostrará como cavar e limpar os entulhos que tampam os antigos poços dos quais nossos ancestrais tiravam a água da vida. Não nos pedirá para rejeitar as descobertas da ciência moderna e o poder que ela confere para o bem e para o mal. Em vez disso, nos mostrará como tirar de dentro de nós mesmos a sabedoria e força necessárias para dominar e controlar as forças gigantescas que a tecnologia de base científica colocou à nossa disposição<sup>430</sup>.

Poucos foram os pesquisadores do eu interior que deram tanta importância à religião (como um dos dados essenciais da realidade humana), quanto Jung. O psiquiatra suíço via a religião como elemento decisivo no processo de plena individuação. Nessa jornada de amadurecimento – na qual a religião ocupa lugar de grande importância – o indivíduo passa por inúmeras transformações que haverão de conduzi-lo em direção à sua totalidade. Brigitte Dorst explana:

Para Jung, a individuação significa sempre também o confronto com o sentido e a falta de sentido. [...]. O processo de individuação é um esforço vitalício visando à tomada de consciência e à inteireza psíquica. Nesse sentido, a via de individuação também é *quest*, isto é, uma jornada de busca espiritual<sup>431</sup>.

É digno de registro que Jung observou um quadro de incompletude associado à perda da perspectiva religiosa. Sobre isto, relatou:

Tratei muitas centenas de pacientes, o maior número deles protestantes, um menor número de judeus e não mais que cinco ou seis católicos. Entre todos os meus pacientes que se encontravam na segunda metade da vida [...] não houve nenhum

<sup>428</sup> JUNG, C.G., **Memórias, sonhos e reflexões**, p.49.

<sup>429</sup> Ibid., p. 48.

<sup>430</sup> BRYANT, C., op. cit., p.26-27.

<sup>431</sup> DORST, B., **Espiritualidade e transcendência**, p. 28.

cujo problema não fosse, em última instância, o de encontrar uma perspectiva religiosa na vida. É seguro dizer que todos eles sentiam-se doentes porque haviam perdido o que as religiões vivas de todas as eras dão a seus seguidores, e todos entre eles que foram realmente curados recuperaram sua perspectiva religiosa. Isto, claro, nada tem a ver com um credo ou cultos específicos<sup>432</sup>.

O autor coloca em evidência um tipo de sofrimento que não está associado a causas físicas ou orgânicas, e também não se trata de um mal-estar oriundo de um quadro neurótico. De fato, trata-se de um problema relacionado à falta da vivência religiosa. Isto é, à ausência da valorização da dimensão imaterial da vivência humana e suas consequências sobre o indivíduo.

O criador da psicologia analítica faz um alerta acerca das consequências da perda da transcendência ou do referencial transcendente<sup>433</sup>. Com efeito, Jung considerava a religião uma realidade incontornável do psiquismo.

Por conseguinte, torna-se impossível pesquisar os recônditos do ser sem deparar-se com a dimensão religiosa da existência. Trata-se, portanto, de um traço intrínseco do eu subjetivo, que frequentemente parece perder sua importância para o homem moderno.

Nessa ótica, intui-se que a desvalorização da dimensão religiosa impõe perdas decisivas para os sujeitos humanos. Jung esclarece:

O homem moderno não entende quanto o seu “racionalismo” (que lhe destruiu a capacidade de reagir a ideias e símbolos numinosos) o deixou à mercê do “submundo” psíquico. Libertou-se das “superstições” (ou pelo menos pensa tê-lo feito), mas nesse processo perdeu seus valores espirituais em escala positivamente alarmante. Suas tradições morais e espirituais desintegraram-se e, por isso, paga agora alto preço em termos de desorientação e dissolução universais [...]. Os antropólogos descreveram, muitas vezes, o que acontece com uma sociedade primitiva quando seus valores espirituais sofrem o impacto da civilização moderna. Sua gente perde o sentido da vida, sua organização social se desintegra [...]. Encontramo-nos agora em condições idênticas. Mas na verdade não chegamos nunca a compreender a natureza do que perdemos<sup>434</sup>.

Como se observa, a psicologia junguiana, além de reconhecer o divino na estrutura psicológica dos seres humanos, anima e fomenta (em razão de sua natureza dialógica), a relação fecunda entre os campos de conhecimento que se ocupam da reflexão acerca da experiência humana e seus dramas. Em face do exposto, resulta evidente que Jung - em seus escritos e pronunciamentos -, valorizou a religião e mostrou interesse pelo conhecimento de Deus.

<sup>432</sup> BRYANT, C., **Jung e o Cristianismo**, p.23-24.

<sup>433</sup> BINGEMER, M. C., In: BINGEMER, M. C.; ANDRADE, P. F. C. (Org), **Secularização**, p.118.

<sup>434</sup> JUNG, C.G., **O homem e seus símbolos**, p. 118-119.

No entanto, algumas de suas afirmações sobre essas temáticas, tidas como menos ortodoxas, provocaram críticas veementes de alguns teólogos<sup>435</sup>.

O seu aparente descaso pela crença intelectual assim como a maneira ambígua com a qual lidava com o termo Deus alimentaram o ânimo de seus antagonistas. Na perspectiva de Bryant, Jung, às vezes usava o vocábulo Deus para referir-se ao próprio Deus, outras vezes com o fito de discorrer sobre a compreensão humana de Deus<sup>436</sup>. Este procedimento gerou críticas diversas. Francis Schaeffer, por exemplo, teólogo americano, questiona o fato de Jung sugerir aos seus pacientes (afligidos pelo medo e pela angústia), “que agissem como se Deus existisse”<sup>437</sup>.

Para o pastor presbiteriano e também filósofo, tal ensinamento fere a unidade do ensino bíblico segundo o qual, Deus realmente existe. Logo, não se trata, argumenta Schaeffer, “de uma imagem-pai projetada, pois o sistema cristão começa com a compreensão e declaração de sua existência objetiva”<sup>438</sup>.

Além disso, ainda o acusaram de estar imbuído do desejo de instaurar uma nova crença. Sobre isso, Philippe Julien escreve: “Para alguns, Jung é um guru que quis promover uma nova religião contra as religiões instituídas, consideradas ineficazes”<sup>439</sup>.

Não obstante tais críticas feitas às ilações do terapeuta analítico, Bryant reafirma o valor do pensamento junguiano ao expressar-se dizendo o seguinte:

Acredito que Jung pode ajudar os cristãos a ter um entendimento mais profundo do poder renovador de vida do evangelho e do dinamismo contido nos dogmas antigos [...] Além disso, acredito que Jung possa proporcionar as ideias e linguagem que capacitarão teólogos e ministros religiosos a se dirigirem às condições de seus contemporâneos e tornar o velho evangelho novo e atual<sup>440</sup>.

Para Bryant, as construções teóricas de Jung contribuem tanto para o aprofundamento da percepção do poder renovador da mensagem cristã sobre o indivíduo quanto para a atualização da transmissão dos enunciados do evangelho para as pessoas deste tempo.

<sup>435</sup> BRYANT, B., **Jung e o cristianismo**, p. 11.

<sup>436</sup> Ibid., p. 19.

<sup>437</sup> SCHAEFFER, F. A., **A verdadeira espiritualidade**: uma vida cheia de beleza, admirada pelos de dentro e pelos de fora, p. 174.

<sup>438</sup> Ibid.

<sup>439</sup> JULIEN, P., **A psicanálise e o religioso**: Freud, Jung, Lacan, p. 33.

<sup>440</sup> BRYANT, C., **Jung e o cristianismo**, p. 27.

### 3.7. O ser humano e a liberdade

Nosso objetivo ao tratar sumariamente da liberdade humana baseia-se no entendimento de que essa dimensão fundamental do ser humano evidencia-se (entre outros aspectos), como um dos motores do processo de aconselhamento pastoral. Trata-se aqui do desejo do indivíduo de experimentar efetivamente essa liberdade em toda sua plenitude, afastando-se, por exemplo, dos conteúdos afetivos agônicos, que podem aprisioná-lo dentro de si mesmo, sufocando, por conseguinte, o desenvolvimento das possibilidades humanas<sup>441</sup>.

Por certo, a eclosão desse novo tempo coincide com a passagem da vigência da heteronomia para a autonomia como fator distintivo do cenário contemporâneo. Isto é, de um contexto marcado pela sujeição do indivíduo à vontade de terceiros ou de uma coletividade, para outro, em que o ser humano é descrito como possuidor de plena autonomia, inclusive, para escolher as leis norteadoras de sua conduta.

O indivíduo declara-se narrador exclusivo de sua própria história, livre de qualquer fator estranho ou exógeno, liberto do cárcere da religião e senhor consciente de suas ações. Por óbvio, não há nesta assertiva, a intenção de enfraquecer o fato de “que a liberdade preside o ser das coisas, seu exercício pelo ser humano estará na sua lógica e no seu pleno direito [...]. E também porque, de forma ainda mais profunda, essa liberdade é dom de Deus”<sup>442</sup>.

O que se pretende, de fato, é ressaltar o conceito liberdade<sup>443</sup>, na perspectiva da antropologia teológica, que pode ser entendido, entre outras maneiras, como vocação e anseio. Significa compreender que o ser humano foi criado na liberdade e para a liberdade. Sendo assim, refere-se à posição contrária à tradição grega que atribuía ao ser humano uma liberdade extrínseca. Ou por outra, algo desassociado

<sup>441</sup> Cf. CLINEBELL, H., **Aconselhamento pastoral**, p. 29.

<sup>442</sup> GESCHÉ, A., **O ser humano**, p. 59-60.

<sup>443</sup> Há, na esfera da antropologia teológica, debate sobre a liberdade humana. Termos como escolha pessoal e livre-arbítrio estão associados à intensas controvérsias. Convicções diferentes e opostas entre si, marcam o posicionamento de teólogos e tradições de fé. Haja vista, por exemplo, o embate histórico entre Agostinho e Pelágio acerca desta temática. Além, é claro, da controvérsia referente ao mesmo assunto envolvendo os nomes de Jacob Armínio e João Calvino. Embora se trate de uma temática exaustivamente estudada e analisada ao longo dos anos, o debate continua vivo e produzindo, muitas vezes, mais calor do que luz. Para o aprofundamento dessa reflexão sugiro, ANDREW, A. H., **Criado à imagem de Deus**, p. 251-268; RAHNER, K., **Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de Cristianismo**, p. 50-54; GESCHÉ, A., **O sentido**, p. 15-34; TILLICH, P., **Teologia sistemática**, p. 156.

da situação existencial. A tradição judaica cristã, por sua vez, sustenta que a liberdade é inerente à condição humana, logo intrínseca ao indivíduo.

O ser humano é convidado a pensar sua existência como liberdade. Em outras palavras, como algo que lhe é próprio. É da natureza do ser humano ser livre. Em sua condição de liberdade, a pessoa humana é chamada a construir sua história com entusiasmo e responsabilidade. O ser humano é chamado a construir uma história para si. Ouçamos o professor Alfonso Garcia Rubio:

A pessoa é capaz de escolher determinados valores por si mesma, a partir de si mesma. É chamada a se autodecidir e, em consequência, a optar. Quer dizer, é chamada a ser livre. Ora, decisão e opção implicam assumir a responsabilidade do que foi decidido e da opção feita. Consequência: repugna à dignidade da pessoa todo tipo de manipulação [...]. Sistemas socioeconômicos, ideologias, movimentos, propaganda de vários tipos, sistemas educativos, relacionamentos familiares, etc., à medida que manipulam os seres humanos, contribuem poderosamente para a desumanização do homem, embora se apresentem frequentemente como seus salvadores”<sup>444</sup>.

Daí resulta duas compreensões: em primeiro lugar, o ser humano constrói-se como pessoa nessa caminhada caracterizada pela liberdade. Logo, a liberdade é veículo de construção. Ao exercitá-la, homens e mulheres conformam-se à sua vocação. Por conseguinte, o ser humano deve aceitar-se como ser da liberdade, buscando de forma responsável ultrapassar todos os obstáculos limitantes do desenvolvimento de se ser. Segundo Rahner: “A liberdade e a responsabilidade do homem integram os existenciais da vida criada [...]. Em última análise, ele não faz algo, mas se faz a si mesmo”<sup>445</sup>.

Em segundo lugar, infere-se que todo tipo de atividade que vise cercear ou empobrecer este direito ontológico corresponde a uma violação explícita e inaceitável da dignidade humana. Tampouco deveriam ser admitidas as reduções do termo liberdade.

Karl Rahner sustenta, por exemplo, em linhas gerais, que o termo liberdade deve ser liberto de tudo o que lhe apequena e enclausura. De acordo com esse autor, a liberdade é compreendida como uma experiência de caráter misterioso, na medida em que está indissociavelmente relacionada ao ser humano com Deus. Em seus termos:

Deus é, antes, aquele que ‘raia’ como numa aurora para o homem, antes de tudo nesse absoluto ato de liberdade em que somente a natureza da própria liberdade

<sup>444</sup> RUBIO, A.G., **Unidade na Pluralidade**, p. 308.

<sup>445</sup> RAHNER, K., **Curso fundamental da fé**, p. 118.



chega à sua completa realização. Assim, no sentido teológico liberdade é a que deriva de Deus e é dirigida para Deus. [...] Em outras palavras, Deus tem de ser encontrado não de maneira reflexa, em cada ato de liberdade, mas como seu alicerce e seu termo último<sup>446</sup>.

Sobre o mesmo assunto assim se expressa Gesché:

O ser humano, por sua liberdade, é convidado a entrar em convivência com o desígnio de Deus. A oração “venha o teu reino” pode ser interpretada como a consciência que o ser humano toma de estar associado a um desígnio mais vasto que o seu, para o qual Deus o solicita seu concurso e no qual o ser humano encontra toda a sua medida. Em suma, é no próprio cerne da relação com Deus que o ser humano descobre o que é e qual é a sua grandeza. [...]. Sua liberdade e sua grandeza, ele não encontra apenas em si ou na relação com as coisas (imanência), mas também na relação com Deus (transcendência)[...]. Pode se falar aqui de liberdade de transcendência<sup>447</sup>.

Resta evidente que a observação de que a autonomia<sup>448</sup> do sujeito é um dos traços constitutivos de nosso tempo não representa um questionamento da liberdade do ser humano. Na perspectiva de Gesché, significa “vencer o retraimento temeroso sobre si próprio”<sup>449</sup>. Ou seja, evitar a tendência de tornar-se um sujeito absorto em si mesmo, encastelado dentro de sua realidade privada, solipsista, que de acordo com Rocha, é uma das características da modernidade:

A modernidade pode ser vista, de modo geral, como um modo de ver o mundo baseado no pressuposto de que o sujeito basta a si mesmo [...]. A partir do momento em que se consolida a desconfiança nas convicções ofertadas pela fé religiosa, surge na “filosofia do sujeito” – que tem em Descartes um de seus maiores expoentes –, a concepção de que o ser humano torna-se fundamento de toda realidade. O *cogito* cartesiano funda-se, portanto, na força do sujeito<sup>450</sup>.

Neste quadro, a imanência, por seu lado, sobrepõe-se à transcendência. Com efeito, trata-se de um ambiente tendente ao apagamento da dimensão mistagógica da existência. Seguindo, por isso, a lógica da modernidade segundo a qual, explica Caliman Cleto:

As luzes da razão moderna e o avanço do progresso técnico científico iriam aos poucos apagar as trevas do mundo religioso tradicional, entronizando o homem secular como cidadão livre das amarras da religião. O nosso mundo se

<sup>446</sup> RAHNER, K., **Teologia da liberdade**, p.87.

<sup>447</sup> GESCHÉ, A., **O sentido**, p. 18-19.

<sup>448</sup> Trata-se aqui de fazer uma reflexão crítica do exercício de uma autonomia fechada, autárquica, excludente. Por conseguinte, refratária à abertura ao outro. Para uma melhor compreensão das reais características da autonomia, que resulta da relação com o Deus que nos liberta para a liberdade, sugiro a leitura de RUBIO, A.G., **Evangelização e maturidade afetiva**, p. 28.

<sup>449</sup> GESCHÉ, A., op. cit., p. 59.

<sup>450</sup> ROCHA, A, S. **O cuidado essencial**: ação de cuidar ou modo de ser? Reflexus. v.5, n.6, p. 240. fev. 2011.

transformaria no campo aberto para o empenho histórico do homem, sem injunções sobrenaturais<sup>451</sup>.

Como constatado, os conceitos ser humano e liberdade são indissociáveis. O indivíduo deve exercitar sua liberdade por si mesmo. Essa é a experiência que possibilita o desenvolvimento do homem na direção de sua plena humanização e realização, na direção de desenvolver suas competências e possibilidades. O ser humano, por sua liberdade, dispõe de si mesmo e faz escolhas visando plenificar-se. Essas decisões revelam a natureza inalienável de sua condição existencial, qual seja, ser Livre.

### 3.8. O aconselhamento pastoral e o dualismo antropológico

Nos primeiros séculos da era cristã, os discípulos pioneiros avançaram firmemente em direção ao mundo com o propósito de apresentar as excelências do Senhor. Homens e mulheres baseados na fé, caracterizados por uma obediência destemida, dedicaram-se, conforme ressalta Lima, a “transformar a realidade segundo o sentido que esta realidade tem para Deus”<sup>452</sup>.

A comunidade cristã do primeiro século ocupou-se com desassombro da proclamação do evangelho tomada por um profundo senso de missão, conforme se lê em Atos 4: 31 “com intrepidez anunciavam a palavra do Senhor”<sup>453</sup>.

A partir dessa iniciativa, a Igreja deparou-se com uma realidade fortemente influenciada pela cultura greco-romana. Essa ação *kerigmática* resultou num processo de inculturação, que permitiu a igreja comunicar o evangelho e dialogar com novas expressões culturais. No entanto, também expôs a teologia cristã à influência do pensamento grego<sup>454</sup>, por consequência, ao dualismo antropológico.

A doutrina do dualismo – com seus inúmeros desdobramentos –, tem afetado e influenciado o pensamento cristão ocidental. O professor Wanderley Rosa salienta tanto a abrangência da compreensão dualista como o seu fortalecimento no decurso dos anos, ao dizer que:

<sup>451</sup> CALIMAN, C., **Apresentação**. In: IDEM (Org.). A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 7.

<sup>452</sup> LIMA, M., **O ser do retiro e sua expressão teológica**, p. 8.

<sup>453</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, Atos dos Apóstolos 4:31.

<sup>454</sup> Com efeito, do ponto de vista filosófico, o dualismo surge com Platão, que descrevia o mundo a partir de duas categorias, a saber, o mundo real e o mundo ideal. Essa mentalidade estava fortemente presente no mundo gentílico com o qual os evangelistas pioneiros dialogaram, sobretudo, nos primeiros séculos da era cristã. Cf. Rubio, **Unidade na pluralidade**, p. 97-98.

A visão dualista platônica e neoplatônica introduziu no pensamento teológico cristão uma tendência, que se tornou mais forte com o passar dos séculos, de se renegar aspectos da cultura, frequentemente chamados de ‘as coisas do mundo’, criando, por sua vez, um cristianismo espiritualizado, com dificuldades de lidar com o corpo, com os prazeres, com a sexualidade, com o riso. Eis o nosso paradoxo: o necessário diálogo com a cultura helênica introduziu na teologia cristã o dualismo platônico que, por sua vez, tornou o cristianismo resistente as manifestações culturais sempre que estas não se originaram nele ou eram dotadas de elementos não compatíveis com a visão tradicional da igreja em dada época e local<sup>455</sup>.

Por certo, o influxo desse ponto de vista caracteriza-se pelo destaque de uma dimensão humana em detrimento de outras. O dualismo é uma concepção baseada no pressuposto de que existem realidades opostas entre si, incapazes de uma síntese. O teólogo Alfonso Garcia Rubio<sup>456</sup>, em seu didático e profundo livro *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*, texto ao qual recorreremos de forma frequente, explica essa questão. Diz ele:

Trata-se de uma visão de homem que estabelece forte dicotomia entre espírito e matéria (e, conseqüentemente, entre fé e vida cotidiana, entre fé e política, entre o divino e o humano, entre teoria e práxis etc.), desenvolvendo entre estas realidades uma relação de *oposição-exclusão* com acentuada tendência reducionista<sup>457</sup>.

Sendo assim, constitui-se em grande desafio a tentativa de resgatar a concepção bíblica acerca do ser humano<sup>458</sup>. O professor Alfonso Garcia Rubio defende a compreensão de que o dualismo antropológico é um sério problema que deve ser superado.

Além disso, explicita que, conquanto não se possa definir de forma precisa o início desta visão dualista do ser humano; pode -se afirmar – com propriedade – que essa percepção “numa perspectiva teológica, encontra-se já presente na Índia

<sup>455</sup> ROSA, W., **O dualismo na teologia cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas conseqüências**, p.29.

<sup>456</sup> O padre Alfonso Garcia Rubio, nascido na Espanha, atualmente trabalha como professor emérito na Puc/Rio, instituição na qual atua desde a década de 60. Suas várias obras nas áreas de antropologia teológica, cristologia, evangelização e espiritualidade – entre outras –, fornecem relevantes contribuições para o entendimento da realidade humana e sua integralidade.

<sup>457</sup> RUBIO, A.G., **Unidade na pluralidade**, p. 96.

<sup>458</sup> O objetivo do presente trabalho não consiste em discorrer ampla e profundamente sobre a antropologia teológica, logo, certamente, inúmeros aspectos e conceitos relativos aos pressupostos bíblicos sobre o ser humano não foram contemplados por essa pesquisa, como, por exemplo, o homem como pessoa, como sujeito, como ser de transcendência, como ser de abertura e de relação, para citar apenas alguns. Por essa razão, para maior entendimento da complexidade do ser humano, assim como destes aspectos que o caracterizam, sugiro a leitura de RAHNER, **Curso fundamental da fé**, p. 37-150. Além dos já citados, RUBIO, A.G., **Unidade na pluralidade**, p. 303-379; ROSA, W., **O dualismo na teologia cristã**, p. 161-185. Esses autores, grosso modo, propõem uma antropologia de matriz semítico-bíblica, não baseada, dessa forma, no pensamento helenístico-platônico. Em outras palavras, comprometida com a visão do ser humano como uma unidade fundamental.

e na Pérsia antigas, [...]. Mas é com Platão que esta visão recebe uma vigorosa formulação teórica, no campo propriamente metafísico”<sup>459</sup>.

Ainda merece destaque, como elementos fomentadores do dualismo, o gnosticismo; acentuadamente dualista e de comportamento ascético em relação ao mundo. Tillich ensina: “para os gnósticos o mundo criado é mau; foi criado por um deus mal reconhecido por eles no Deus do Antigo Testamento. Portanto, salvação é libertação deste mundo, a ser alcançada mediante exercícios ascéticos”<sup>460</sup>.

E, em dias mais recentes, cabe citar a presença do dualismo no âmbito da modernidade, incrementado, por exemplo, pelas intuições de Descartes. O filósofo francês contribui para o fortalecimento do dualismo ao afirmar a predominância da razão na esfera da experiência humana. Vejamos a análise de Von Zuben relativa a essa pressuposição de Descartes:

Neste sentido, o ser humano devido à sua autonomia e capacidade de pensar, encontra-se acima e, por isso, separado radicalmente do mundo, da natureza e até mesmo de outros seres humanos. Inicia-se aqui todo o processo que irá desembocar no individualismo moderno e na supremacia pensante de todas as outras dimensões da realidade humana<sup>461</sup>.

A influência do dualismo antropológico continua viva, por conseguinte, segue influenciando sobre as ações de grande número de movimentos espirituais, marcadamente, sobre aqueles que parecem não demonstrar compromisso com os aspectos sociais e políticos da missão cristã<sup>462</sup>. Rubio, intencionando enfrentar as compreensões fragmentadas do indivíduo, discorre acerca da pressuposição bíblica relativa à unidade do ser humano. Em suas palavras:

Não encontramos na Sagrada Escritura uma elaboração sistemática sobre a visão unitária ou dualista do homem. E acrescentemos que as indicações bíblicas a respeito do homem são expressas utilizando instrumentos narrativos e conceituais provenientes de várias culturas. É verdade, contudo, que, globalmente considerada, a Sagrada Escritura pressupõe uma visão unitária do ser humano<sup>463</sup>.

Nota-se, dessa maneira, que a rejeição do dualismo antropológico não se baseia em formulações engenhosas ou em simples modismos, mas sim na mais profunda intencionalidade das Sagradas Letras. A compreensão (por parte da

<sup>459</sup> RUBIO, A.G., op. cit., p. 97.

<sup>460</sup> TILLICH, P., **História do pensamento cristão**, p. 46.

<sup>461</sup> ZUBEN, R.V., **Superando dualismos: confrontos e desafios teológicos para a missão Integral**. In: *Práxis evangélica*, Londrina, n.2 p, 51, Out. 2005.

<sup>462</sup> RUBIO, A.G., **Unidade na pluralidade**, p. 8.

<sup>463</sup> *Ibid.*, p. 319.

igreja), sobre a unidade do ser humano constituía-se numa herança deixada pelo antigo Israel<sup>464</sup>, fortemente alicerçada na sua crença no Deus criador e salvador, fortalecida, sem dúvida, pelo desvelamento do significado mais profundo do ser humano por meio da encarnação do verbo.

A defesa de uma percepção integrada do homem está no espírito dessa tradição eclesial. Ademais, tal entendimento insere-se no caminho da tendência de plena recuperação da orientação bíblico-antropológica.

De modo igualmente relevante, Rubio infere que, sob a ótica do Novo Testamento, ou, por assim dizer, dualismo ético, isto é, o elemento de ambiguidade constitutivo do ser humano, que remete ao paradoxo entre o velho e o novo homem, bem como ao desafio de transição entre um e outro, não deve ser interpretado como pronunciamento favorável ao dualismo antropológico. Ele esclarece:

O Novo testamento reconhece a existência do dualismo no interior de cada ser humano, entre a qualidade do ‘homem velho’ e a realidade do ‘homem novo’, mas não se trata de um dualismo metafísico que aponta para dois elementos constitutivos do ser humano (espírito-matéria), antes está referido a dois modos de existência antiéticos, em cada um dos quais está implicado o ser humano inteiro. [...] Em contraste com a visão helênica de ser humano com sua orientação marcadamente dualista, os cristãos do séc. I, num nível existencial e pré-filosófico, possuíam uma visão unitária de homem<sup>465</sup>.

Não há dúvida de que esta tensão entre o velho e o novo está associada ao processo de humanização integral. O novo homem desenvolve-se na dinâmica de abertura e de acolhimento da gratuidade de Deus. Segundo esses pronunciamentos, resulta claro que a concepção antropológica das Escrituras não fragmenta as dimensões do homem. Ao contrário, expõe a unidade<sup>466</sup> entre as expressões que o identificam.

Trata-se de procurar superar a relação de oposição-exclusão. Logo, não diz respeito a negar a dualidade fundamental presente no homem. Tampouco a apoiar o conceito de perfeito equilíbrio entre as dimensões que o identificam. De modo

<sup>464</sup> Ibid., p. 329.

<sup>465</sup> RUBIO, A.G., **Unidade na pluralidade**, p. 329.

<sup>466</sup> Rubio ressalva que a visão integrada do ser humano não deve ser confundida com monismo antropológico, sistema que reduz o ser humano a uma única dimensão. Tal proposta rejeita a dualidade fundamental do indivíduo. Cf. RUBIO, **Evangelização e maturidade afetiva**, p. 41. Nesta mesma ótica, convém salientar que o emprego do verbo integrar (nesta parte desta pesquisa) não significa, sob qualquer compreensão que se queira usar, a tentativa de promover conceitos monistas.

esclarecedor o professor Alfonso Garcia Rubio discorre acerca do entendimento integrado do ser humano:

Esta visão aceita e valoriza a dualidade básica do ser humano (dimensão espiritual e dimensão corpórea) bem como as outras dimensões fundamentais: racional e afetiva, individual e sociopolítica. Respeita e defende a distinção entre estas dualidades, mas sempre no interior da unidade básica da pessoa. [...]. A visão unitária não defende um equilíbrio perfeito entre as dimensões. Seria pretensão irreal. Dada a realidade histórica – temporal da existência humana<sup>467</sup>.

Neste sentido, pode-se afirmar que cada ser humano é uma unidade pessoal, suas muitas expressões não são partes justapostas, mas dimensões inter-relacionadas que apontam para o sujeito humano na sua totalidade<sup>468</sup>.

O aconselhamento pastoral<sup>469</sup> requer uma compreensão acerca da natureza e finalidade do homem. A compartimentalização do indivíduo e o dualismo enfraquecem o exercício dessa prática solidária, prejudicando o atendimento mais eficaz das demandas da vida humana.

Do ponto de vista da revelação bíblica, o ser humano é compreendido como imagem e semelhança de Deus, na linha do relato genesíaco. Dessa forma, pressupõe-se, por parte dos conselheiros e das conselheiras –, um esforço no sentido de superar a visão dicotômica grega, para quem a alma era boa e a carne má. Igualmente demanda a luta contra a perspectiva cartesiana que alimenta o paralelismo entre corpo e alma. No cerne da antropologia cristã encontra-se o conceito de que o ser humano possui uma semelhança divina<sup>470</sup>. Convém salientar que o homem na sua totalidade é imagem e semelhança de seu criador. Neste sentido, a doutrina da *Imago Dei* reafirma a unidade fundamental do ser humano. A visão da Comissão Teológica internacional, à qual Brustolim faz referência, confirma essa perspectiva:

Dois temas convergem para dar forma à perspectiva bíblica. Em primeiro lugar, é o homem na sua totalidade que é criado à imagem de Deus. Esta perspectiva exclui as interpretações que fazem residir a *Imago Dei* neste ou naquele outro aspecto da

<sup>467</sup> RUBIO, A.G., **Evangelização e maturidade afetiva**, p. 42.

<sup>468</sup> Cf. GARCIA RUBIO, **Evangelização e maturidade afetiva**, p. 45.

<sup>469</sup> Convém ressaltar que além deste termo “aconselhamento pastoral”, que, conforme constatado, surgiu nos Estados Unidos da América a partir, grosso modo, do século XX, outras expressões, tais como: clínica pastoral ou capelania hospitalar, que alude ao trabalho do conselheiro em hospitais, e psicologia pastoral, que interpreta o aconselhamento pastoral numa perspectiva psicológica, têm sido usadas para designar o trabalho de aconselhamento. Cf. SCHNEIDER-HARPPRECHTT, Aconselhamento Pastoral, In: CHRISTOPH SCHNEIDER-HARPPRECHTT, (Org). **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 256.

<sup>470</sup> Cf. BRUSTOLIN, L. A., **A vida: dom e cuidado: Antropologia teológica e ética do cuidado**. In: Teocomunicação: revista quadrimestral da Faculdade de Teologia da PUC-RS, Porto Alegre, V. 36, n.º. 152, p. 448.

natureza humana (por exemplo, na sua virtude ou no seu intelecto), ou em uma de suas qualidades ou funções (por exemplo, a sua natureza sexuada ou o seu domínio sobre a terra)<sup>471</sup>.

Logo, ao contrário do debate entre dicotomia e tricotomia e a caracterização de suas respectivas partes que compõem o ser humano, a antropologia bíblica (reguladora da prática do aconselhamento integral), enfatiza a unidade da composição humana. Isto, por certo, não corresponde à concepção de que não existem aspectos distintos que fazem alusão ao ser humano, mas sim que não há qualquer razão para enfatizar a fragmentação em detrimento da unidade<sup>472</sup>.

O aconselhamento pastoral de natureza integral pressupõe uma visão do homem como um todo. Logo, dualismos como corpo e alma; corpo, alma e espírito<sup>473</sup>; igreja e mundo; sagrado e profano constituem-se em empecilhos à prática efetiva do aconselhamento pastoral, na medida em que bloqueiam o caminho para a assistência integral daqueles que demandam apoio e cuidado. A superação desse entendimento reducionista parece estar associada à análise bíblica, contextual e cultural, tendo como lastro a fidelidade à tradição semítica e a compreensão bíblica de ser humano.

Trata-se aqui de contemplar o homem sem dividi-lo em vários fragmentos – como se alguns de seus aspectos fossem mais relevantes que outros. Diante das considerações feitas, é possível perceber que a compreensão da unidade essencial do ser humano, como foi desenvolvida em termos absolutamente sucintos e modestos nesta parte da pesquisa, possui inúmeras implicações práticas para o aconselhamento pastoral, algumas das quais podem ser descritas, de maneira bem esquemática, da seguinte forma:

a) O entendimento do ser humano como sujeito inteiro constitui-se em importante princípio regulador da atividade de aconselhamento. Logo, deduz-se

<sup>471</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, nº 9, apud BRUSTOLIN, L. A., **A vida** p. 448.

<sup>472</sup> Para uma melhor compreensão da unidade fundamental do ser humano, indico as seguintes obras: WOLFF, H. W., **Antropologia do Antigo testamento**. São Paulo: Editora Hagnos, 2007; HODGE, C., *Teologia sistemática*, p.515.

<sup>473</sup> Quanto aos aspectos exegéticos referentes a esse debate, pode-se dizer que os principais termos hebraicos usados no Antigo Testamento para designar o ser humano, tais como, *nefesh*, *rûah*, *basar*, entre outros, não devem ser entendidos como afirmações que pretendam dividir ou fragmentar o sujeito. No âmbito do Novo Testamento, de igual modo, os termos *psyché*, *sarx*, *pnuema*, para citar apenas alguns, também não são utilizados com o propósito de reforçarem qualquer tipo de separação dualista. Para um estudo aprofundado da riqueza exegética desses vocábulos, bem como da análise da integralidade do indivíduo, sugiro a seguinte obra; RUBIO, Alfonso Garcia, **Elementos da Antropologia teológica**: salvação cristã: salvos de quê e para quê? Petrópolis: Vozes, 2007.

tal trabalho sendo realizado por agentes eclesiais imbuídos do desejo de contribuir efetivamente para o bem-estar integral dos indivíduos. De acordo com as percepções de Anthony Hoekema: “O conselheiro cristão, portanto, deve ver os problemas de seu aconselhando como problemas da pessoa toda [...] tentar restaurá-lo ou restaurá-la ao todo que é a marca de uma vida saudável e piedosa”<sup>474</sup>.

b) Em sua atividade, os conselheiros estão diante de pessoas completas, que, para além de receberem apenas orientações acerca de estratégias factíveis para a superação de inquietações e angústias, demandam atenção para os múltiplos aspectos da experiência humana. Neste sentido, tem-se claro que o aconselhamento pastoral deve voltar-se não somente às mentes daqueles a quem pretende auxiliar, mas também às dimensões afetiva, relacional, religiosa e todos os outros diferentes aspectos da unidade da personalidade. Corresponde à abordagem orientada pela compreensão organísmica<sup>475</sup>, cuja ênfase é na totalidade do ser humano, incluindo condição física, alimentação, patrimônio interior, valores de estilo de vida e ambiente, saúde mental, saúde física e estado espiritual.

c) Finalmente, no campo da formação do conselheiro pastoral é de grande pertinência que os conselheiros e as conselheiras sejam instruídos quanto à existência de problemas que requerem o conhecimento de outros cuidadores e especialistas além de si mesmos<sup>476</sup>.

Parece conveniente lembrar que a ação missionária de Jesus corrobora essa compreensão de uma atividade de cuidado que privilegia o ser humano em sua unidade fundamental. Von Zuben faz a seguinte interpretação dos feitos extraordinários de Cristo, ressaltando a perspectiva integral que norteava seu ministério:

Nos relatos sobre as curas milagrosas, por exemplo, a preocupação de Cristo não se concentra só no restabelecimento da saúde física do enfermo, mas também aponta para a dignidade social, econômica, cultural e religiosa daquele enfermo, excluído

<sup>474</sup> ANDREW, A. H., **Criado à imagem de Deus**, p. 246.

<sup>475</sup> Teoria elaborada pelo neurofisiologista Kurt Goldstein, cuja maior preocupação consistia em formular uma abordagem psicoterápica holística. Em linhas gerais, pode-se dizer que o pensamento sistêmico está na base das intuições de Goldstein, isto é, a compreensão de que o organismo é um sistema, que funciona como uma unidade. Por conseguinte, supõe-se que qualquer estímulo que atinja este organismo em qualquer um de seus subsistemas, necessariamente afetará e promoverá mudanças na unidade total. LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. **Teoria organísmica**. Disponível em: [https://www.igt.psc.br/Artigos/teoria\\_organismica.htm](https://www.igt.psc.br/Artigos/teoria_organismica.htm). Acesso em 3 Dez, 2016. Os conceitos de Goldstein tornaram-se fundamentais para a Gestalt terapia.

<sup>476</sup> Cf. NETO, F. L., **O conselheiro pastoral ajudando a prevenir problemas de saúde mental**. In KOHL, M. W.; BARRO, A. C. (Org), **Aconselhamento Cristão**, p. 67-68.



e rejeitado dentro da cosmovisão daquele tempo. As curas milagrosas eram acompanhadas da dignidade social e forma interpretadas como sinal e presença do Reino de Deus entre nós, na história, nas estruturas e nas condições marcadas pelo pecado e pela morte<sup>477</sup>.

Essas evidências revelam que Cristo possuía uma compreensão integral do homem e de sua situação histórica. Em vista disso, a preocupação com uma ação de aconselhamento que acolha o ser humano em sua inteireza não deveria ser negligenciada por aqueles que aconselham em nome de Cristo e segundo seu modelo.

---

<sup>477</sup>ZUBEN, R.V., **Superando dualismos**, p. 48.

<sup>478</sup>COLLINS, G., **Aconselhamento cristão**, p.10.

## 4

### **O aconselhamento de natureza integral: a comunidade dos batizados expressando o cuidado de Deus**

Neste capítulo conclusivo, tendo feito uma breve descrição de alguns traços constitutivos e indicadores dos dias atuais, refletido acerca de duas escolas do campo do aconselhamento, quais sejam, a noutética e a integracionista com seus aparatos teóricos e metodológicos, assim como procurado analisar a relação entre teologia e ciências na esfera do cuidado inter-humano, destaco a vocação terapêutica da igreja e o ministério de Jesus de Nazaré como fontes inspiradoras e paradigmáticas do aconselhamento pastoral de natureza integral. Por fim, apresento uma sucinta abordagem de duas dimensões que caracterizam este modelo de aconselhamento, quais sejam, a ecumênica e a interdisciplinar, elementos decisivos para o acolhimento mais amplo e eficaz das dores e inquietações humanas.

#### **4.1.**

##### **O cuidado como um dos aspectos essenciais da comunidade cristã**

O aconselhamento pastoral (entendido como uma forma de cuidado, auxílio e de levar esperança aos lugares sombrios da vida, nos termos de Henri Nouwen) está associado à biografia da Igreja e representa um dos aspectos mais expressivos de sua tradição.

Na avaliação de Gary R. Collins, o ministério de ajuda pode ser classificado como parte integrante da missão da comunidade dos discípulos de Jesus. Por conseguinte, como um dos elementos mais centrais e decisivos da espiritualidade cristã. É bom recordar as suas palavras: “o aconselhamento cristão deve estar [...] em conformidade com a grande comissão, na qual Jesus ordenou a seus seguidores que fizessem discípulos de todas as nações”<sup>478</sup>.

A cientista da religião, Daniele Borja Bessa, por seu lado, reforça essa percepção relativa ao cuidado como uma das marcas dos representantes do Senhor, ao afirmar:

Essa prática sempre esteve presente entre o povo de Deus, porque o cuidado mútuo, a preocupação com o pobre, o estrangeiro, aquele que sofre fazem parte das

---

<sup>478</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento cristão**, p.10.

demandas de Deus a Seu povo. No Pentateuco, reiteradas vezes se destaca a necessidade de atentar para o cuidado do órfão, da viúva, do pobre, do desamparado. No Sermão do Monte (Mt 5-7), o Senhor Jesus destaca a relevância do cuidado e da atenção ao próximo como exigências para a vida do Reino de Deus que Ele veio implantar<sup>479</sup>.

Tal trabalho pode ser descrito como uma ação que consiste em apoiar o outro (aconselhando / aconselhanda), a fim de dar-lhe força, entendimento e esperança para o enfrentamento dos problemas inerentes à jornada humana. Além disso, o aconselhamento objetiva promover o crescimento daqueles que demandam auxílio em tempos de inquietudes, angústias, perdas e lutos. Hurding ao definir o aconselhamento, afirma que se trata de “uma atividade com o objetivo de ajudar aos outros em todo e qualquer aspecto da vida dentro de um relacionamento de cuidado”<sup>480</sup>.

Essas declarações alumiam o entendimento que perpassa a presente pesquisa acerca da expressão “aconselhamento pastoral”. Isto é, trata-se de uma atividade de atendimento das demandas humanas, de grande relevância, intrínseca à natureza missional da Igreja. Sendo assim, todos os cristãos estão inseridos nesse movimento que visa promover o Reino do Senhor e, por consequência, seu caráter solidário. Nas palavras do professor Miranda:

A missão da Igreja, poderíamos dizer, a sua razão de ser, está na realização do Reino de Deus, na constituição de uma nova humanidade que constitua a família de Deus, ou na formação de uma nova sociedade marcada pela justiça e pela caridade [...]. Essa missão primeira e fundamental diz respeito a toda a vasta complexidade da vida humana e faz de todos os membros da igreja sujeitos dela [...]. Desse modo, todo cristão é sujeito ativo, não funcionalmente, mas constitutivamente, pelo que é e não por alguma investidura ou delegação posterior, na própria Igreja e na sociedade onde vive”<sup>481</sup>.

Nestes tempos marcados pela falta de cuidado para com o outro e pela ausência de acolhimento, em suma, pela indiferença; é fundamental que a Igreja se conscientize da realidade com a qual é chamada a envolver-se<sup>482</sup>, conforme esclarece Stott: “uma das coisas que a igreja mais necessita hoje é ter uma consciência sensível para o mundo que nos cerca”<sup>483</sup> e que assim, se faça presente

<sup>479</sup> BESSA, D. B., **Aconselhamento Pastoral**: desafio para a igreja local. Via teológica. Vl. 14, p. 63. Dez. 2013.

<sup>480</sup> HURDING, R., **A árvore da cura**, p.35.

<sup>481</sup> MIRANDA, M. F., **A Igreja que somos nós**, p.143.

<sup>482</sup> Essa intuição foi explorada na primeira parte deste trabalho.

<sup>483</sup> STOTT, J., **Ouçã o Espírito, ouçã o mundo**, p. 246.

na vida daqueles que experimentam de modo mais avassalador os rigores da caminhada existencial<sup>484</sup>.

Uma comunidade relevante faz-se presente, sobretudo, nas ocasiões em que o desespero e a desesperança imiscuem-se na jornada humana. Os partícipes do Reino do Senhor concebem a vida, no contexto em que está inserida, com todas as suas possibilidades e fraquezas, como seu campo de atuação.

Estes, por consequência, podem ser classificados como parceiros sociais do Senhor, assim como homens e mulheres que servem ao Pai celestial, servindo o próximo. Salta aos olhos o fato de que a Igreja pode ser descrita como uma comunhão de semeadores do amor universal de Deus. Vejamos a opinião de França:

Essa Igreja [...] não está voltada somente para seus membros, já que constitui a mediação humana dos desígnios salvíficos de Deus para toda a humanidade. [...] A Igreja deve, portanto, pela vida de seus membros, por suas verdades e suas práticas, testemunhar uma sociedade alternativa fundamentada no amor e na justiça. Desse modo o seu sentido, a sua finalidade, o seu existir é estar voltada para a sociedade, servindo-a, humanizando-a<sup>485</sup>.

A essa altura, nota-se uma clara oposição às formulações aristotélicas de Deus, que retratam a divindade como uma força motriz, razão metafísica primeira, contudo inamovível. Para Aristóteles, Deus é um motor imóvel<sup>486</sup>, uma realidade meramente teórica, um ser autocontemplativo, que não atua sobre o mundo, não sofre com ele<sup>487</sup>, indiferente, impessoal, voltado única e exclusivamente para si mesmo, para suas qualidades, dedicado a pensar apenas na própria perfeição. Em síntese, desconectado do mundo imperfeito dos seres humanos. Sob essa ótica,

<sup>484</sup> Parece conveniente lembrar que, lamentavelmente, nos dias atuais, em razão de fatores estressantes e desestabilizadores da experiência humana, muitos indivíduos têm praticado o suicídio. As estatísticas de morte por suicídio no mundo são devastadoras: anualmente, um milhão de pessoas tiram a própria vida. No Brasil, 28 mil se suicidam a cada ano e, para cada morte, há entre 10 e 20 tentativas. Esses dados ressaltam a realidade da desproteção da existência humana em nossos dias. Embora os especialistas destaquem que se trata de um evento que ocorre como culminância de uma série de fatores que se acumulam na história do indivíduo, a depressão continua sendo apontada como elemento predisponente decisivo. Na esfera do aconselhamento pastoral, intui-se que a função do conselheiro seja a de olhar amorosamente para todas as pessoas, sobretudo, para aqueles que demonstram exaustão face às exigências do percurso existencial, e trabalhar com tenacidade e coragem no sentido de encontrar meios que fortaleçam a vontade de viver, de viver a vida com o “devido brilho que Deus lhe dá”. Cf. NETO, R. G., Suicídio: reflexões em torno de um caso limite. In KARIN, H. K. W.; LOTHAR, C. H.; HEIMAN, T. (Org), **Sombras da alma**: Tramas e tempos da depressão, p. 119-127.

<sup>485</sup> MIRANDA, M.F., op. cit., p.11.

<sup>486</sup> Cf. MAURO, P. S., **Aristóteles, a teologia**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/paulosergio/>. Acesso em: 18 jan. 2017.

<sup>487</sup> O teólogo alemão Jurgen Moltmann é um dos teóricos que se opõe à influência aristotélica sobre a teologia ocidental. Ele procura corrigir, por exemplo, o conceito segundo o qual Deus é incapaz de padecer. Cf. MOLTSMANN, J., **Trindade e Reino de Deus**, p. 36-37.

Deus não age no palco da história, não se envolve com os dilemas próprios da vida humana, tão somente mantém-se como causa fundamental e fundante e refestela-se refletindo acerca das próprias excelências.

No entanto, absolutamente distante desta designação, constata-se que – nas Escrituras –, Deus é constantemente qualificado como compassivo<sup>488</sup>, amigo, participativo, pessoal, presente, sempre atento às aflições humanas. Como destaca Alberto Fernando Roldán:

O Deus da Bíblia é Deus solidário. Assim Ele foi com Israel, seu povo, como quando expressa ao vê-lo como vítima de opressão e castigo ‘os israelitas gemiam e clamavam debaixo da escravidão; e o seu clamor subiu até Deus. Ouviu Deus o lamento deles e lembrou-se da aliança que fizera com Abraão, Isaque e Jacó. Deus olhou para os israelitas e viu a situação deles’ (Ex 2.23-25). E logo diz a Moisés: ‘De fato, tenho visto a opressão sobre o meu povo no Egito, tenho escutado o seu clamor, por causa dos seus feitores e sei quanto eles estão sofrendo. Por isso descí para livrá-los das mãos dos egípcios e tirá-los daqui para uma terra boa e vasta, onde mana leite e mel’ (Ex 3.7,8).<sup>489</sup>

O teólogo argentino prossegue em sua argumentação ressaltando a maior expressão das intervenções solidárias de Deus em favor do homem, que se encontra rica e desconcertantemente relatada no percurso entre a manjedoura e o ponto mais alto do monte Gólgota. Diz ele:

O exemplo mais rico da solidariedade de Deus está dado na encarnação em Jesus Cristo. Porque o Deus eterno, Criador dos céus e da terra, dispôs-se a se encarnar no Verbo para colocar-se na dimensão do tempo e do espaço e experimentar nossa debilidade, nossa dor, nosso sofrimento<sup>490</sup>.

A igreja está diante da necessidade premente de dirigir-se à sociedade objetivando auxiliá-la em suas desventuras. No entanto, à medida que as comunidades missionárias procuram manifestar as benevolências de Deus, atuando, conseqüentemente, como representantes daquele que interfere nas tramas sociais em favor da vida em toda sua plenitude, cada vez mais se deparam com as condições desafiadoras das sociedades humanas.

Pelo exposto, observa-se a necessidade inadiável da igreja cristã reafirmar sua vocação de comunidade de cuidado, a fim de exercer sua função de centro de solidariedade e integralidade libertadora, num mundo em que se constata, crescentemente, a decadência da cooperação e do coleguismo.

<sup>488</sup> ROLDÁN, A. F., In KOHL, M. W.; BARRO, A. C. (Org), **Aconselhamento Cristão transformador**, p. 22-25.

<sup>489</sup> Ibid., p. 22.

<sup>490</sup> Ibid.

#### 4.1.2. Eclesialidade terapêutica

A congregação dos discípulos pioneiros autocompreendia-se como uma comunidade cuidadora, portanto, envidou esforços no sentido de fomentar uma cultura de acolhimento integral das necessidades humanas. Essa autopercepção alimentava seu *modus operandi*. Collins ressalta essa verdade; bem como descreve a igreja como uma comunidade terapêutica:

Jesus falou com frequência a indivíduos sobre as suas necessidades pessoais e ele se reunia muitas vezes com pequenos grupos. O principal entre estes era o grupo de discípulos que ele preparou para “tomar seu lugar” depois da sua ascensão ao céu. [...]. Nos anos que se seguiram foi esta igreja de Jesus Cristo que continuou seu ministério de ensino, evangelização, serviço e aconselhamento. Essas atividades não foram vistas como responsabilidade especial de líderes eclesiais do tipo “superstar”; mas sim por crentes comuns trabalhando, compartilhando e cuidando uns dos outros e dos incrédulos fora do corpo de Cristo”. Se lermos o livro de atos e as epístolas, torna-se aparente que a igreja não era apenas uma comunidade de evangelização, ensino, discipulado, mas também uma comunidade terapêutica<sup>491</sup>.

Para Clinebell, certas metáforas usadas pelas Escrituras para descrever a Igreja fortalecem a identidade terapêutica da comunidade cristã:

Quais são as imagens bíblicas da igreja que podem potencializar sua missão de ser um centro de cura, libertação, crescimento e potencialização para o cumprimento de nossa missão para com o mundo? O novo testamento vê a igreja como o povo de Deus (2 Co 6.16) – uma comunidade de cuidado mútuo unida por um pacto com Deus; como o corpo de Cristo (Rm 12.4; 1 Co 10.17) – uma unidade orgânica na qual cada membro, cada parte do corpo vivo, tem seus dons e seu ministério peculiares; e como a comunidade do Espírito Santo (At 10.44-47) – uma comunidade redentora e curativa, através da qual o Espírito vivo pode atuar num mundo grandemente necessitado<sup>492</sup>.

Esse autor concebe a igreja como uma comunhão de indivíduos, por meio da qual o Espírito Santo age na história. Vê-se, por conseguinte, que a comunidade cristã é compreendida como veículo de misericórdia e compaixão. Essas classificações situam a igreja como espaço de cura, restauração e desenvolvimento. Ao viver em sintonia com sua vocação<sup>493</sup>, a comunidade cristã

<sup>491</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento cristão**, p.14.

<sup>492</sup> CLINEBELL, H., **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento, p. 61.

<sup>493</sup> Por certo, uma igreja que ignore sua natureza estará impossibilitada de celebrar encontros oportunistas de experiências relacionais profundas e curativas. Cf. ROSSI, L. H. S., A vocação terapêutica da igreja, In: KOHL, M. W; BARRO, A. C. (Org), **Aconselhamento Cristão transformador**, p. 112-113. Para uma melhor compreensão deste tema, sugiro a leitura de YANCEY, P., **Igreja, por que me importar?** Redescobrir o prazer da vida em comunidade. 2. ed. São Paulo: SEPAL, 2001.

torna-se um importante centro de empoderamento para as batalhas que se colocam no caminho pela vida, como opina Rossi:

A igreja se caracteriza, portanto como uma comunidade ajudadora, que otimiza o potencial de crescimento de seus membros, proporcionando às pessoas libertação de muitas questões que as impedem de crescer. Ao oferecer um ambiente de comunhão, amor, serviço e crescimento, a igreja estará dando passos no sentido de cumprir sua vocação terapêutica. Nossas necessidades mais profundas deveriam ser supridas na igreja, a partir de relacionamentos saudáveis entre seus membros. Encontramos na Palavra de Deus cerca de 27 mandamentos recíprocos (daqueles que incluem a expressão ‘uns aos outros’ no final). Todos eles têm a ver com relacionamentos, alguns para gerar, outros para proteger, outros para restaurar os relacionamentos. Quando vividos no contexto da igreja local, tais mandamentos produzirão libertação e cura para muitos<sup>494</sup>.

Com efeito, a igreja é uma comunidade terapêutica (além de possuir outras importantes características, como por exemplo, a missional) na medida em que é formada por homens e mulheres unidos em torno da fé em Cristo e do propósito de cuidar das pessoas e aliviar suas dores e sofrimento. No entanto, o contexto pós-moderno questiona o sentido de ser da comunhão dos seguidores de Jesus<sup>495</sup>. Diante desse quadro, com o objetivo de atuar no mundo realmente como uma grei ajudadora, a ação da comunidade cristã necessita, na perspectiva de Grenz, assumir-se<sup>496</sup>:

a) pós-individualista, isto é, precisa comprometer-se com a valorização da dimensão relacional e suas implicações para o ministério de cuidado. Cabe dizer que uma das características mais marcantes deste tempo é a afeição pelo individualismo.

A convicção de que o ser humano pode solucionar por si só todos os problemas de difícil resolução estão presentes na cosmovisão pós-moderna. Segundo essa concepção, o mundo pós-moderno não se impressiona com discursos religiosos. O que atrai a sua atenção são pessoas vivenciando o evangelho em relacionamentos interpessoais bem-sucedidos;

b) pós-racionalista, ou seja, precisa abrir espaço para o mistério, que consiste essencialmente no encontro pessoal com Deus por meio de Jesus, e não apenas discorrer sobre uma lista de enunciados teológicos os quais todos devem

<sup>494</sup>Cf. ROSSI, L. H. S., A vocação terapêutica da igreja. In: KOHL, M. W.; BARRO, A. C. (Org), **Aconselhamento Cristão transformador**, p. 121.

<sup>495</sup>Cf. SCHLENDER, I. E., Desafios da pós-modernidade para a formação de comunidades eclesiais terapêutica. HOCH, L. C.; NOÉ, S. V. (Org.), **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**, p. 16.

<sup>496</sup> GRENA, S., **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**, p. 242.

aceitar. Outrossim, o cristianismo impregnado da perspectiva iluminista frequentemente propaga o entendimento da realidade mente e matéria.

c) Por fim, contudo, não menos importante, pós-dualista, qual seja, na perspectiva da antropologia teológica, seu discurso e atitudes devem contemplar o ser humano em sua integralidade, ao invés de compartimentalizar a experiência existencial.

Sidnei Vilmar Noé, ao analisar a expressão comunidade terapêutica<sup>497</sup>, observa que o conceito comunidade implica etimologicamente os termos: comum e unidade; palavras que indicam um sistema de convicções comuns, bem como o compromisso relativo ao exercício de certo tipo de vivência. Dito de outro modo, esses vocábulos apontam para um grupo que comunga essencialmente uma mesma crença e um mesmo ideal. De acordo com esse pesquisador, o termo terapêutico deriva do verbete grego *therapeuo*, que no âmbito dos livros neotestamentários se encontra traduzido como sarar ou curar. No entanto, no grego classificado como profano, *therapeuo* possui o sentido de servir ou estar a serviço. Para esse autor, essa segunda designação é bastante significativa na medida em que a comunidade cristã coloca-se a serviço dos outros<sup>498</sup>. O professor Sidnei Vilmar Noé sumariza algumas de suas intuições referentes à expressão comunidade terapêutica. Dentre as quais citamos as seguintes<sup>499</sup>:

a) A utilização do jogo de palavras “comunidade terapêutica” corresponde a colocar em evidência o que nos une, não obstante as diferenças. Não significa, evidentemente, uniformidade, mas sim aprender a viver na

<sup>497</sup> NOÉ, S. V., Ideias introdutórias ao conceito Comunidade Terapêutica. In: HOCH, L. C.; NOÉ, S. V. (Org), **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**. Rio Grande do Sul: São Leopoldo: Escola superior de teologia - Editora: Sinodal.2003, p. 10. Convém dizer que a expressão “comunidade terapêutica” aqui aplicada à igreja, encontra-se amplamente presente no âmbito da sociedade, particularmente, associada às instituições envolvidas com serviço de atenção a pessoas com problemas decorrentes do uso ou abuso de substâncias psicoativas. Tal nomenclatura tornou-se oficial a partir da Resolução 101 da ANVISA, de 30 de maio de 2001. Quando Houve o reconhecimento do trabalho destas instituições e o estabelecimento de regras e princípios específicos para o seu funcionamento. Em nossa país, essas comunidades estão majoritariamente vinculadas às confissões religiosas, principalmente (católicas e evangélicas). Cf. COSTA, S. F., **As políticas Públicas e as comunidades terapêuticas nos atendimentos à dependência química**. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/29%20as%20pol%20cdcas%20p%20dablicas%20e%20as%20comunidade%20terap%20cauticas-om%20revis%20c3O%20do%20autor.pdf>. Acesso em: 10 fev 2017.

<sup>498</sup> NOÉ, S. V., Ideias introdutórias ao conceito Comunidade terapêutica. In: HOCH, L. C.; NOÉ, S. V. (Org), **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**, p. 10.

<sup>499</sup> Ibid., p. 10-11.



pluralidade. Em outras palavras, uma comunidade ajudadora haverá de superar as barreiras que causam fissuras relacionais, enfraquecedoras de sua capacidade restauradora;

b) Tal expressão sugere a redescoberta dos elementos de cuidado contidos na tradição judaico-cristã. A questão do cuidado, na perspectiva do judaísmo, por exemplo, consiste em ajudar não apenas as pessoas a libertarem-se rapidamente de seu sofrimento, mas também a aprenderem com as lutas e dissabores. Por conseguinte, o sofrimento é concebido como fonte pedagógica;

c) A designação “terapêutica” aplica-se à comunidade na medida em que esta faz uma boa mordomia de seus recursos (dons, talentos, bens). Em outras palavras, exerce a diaconia, o serviço. Esta expressão diaconal da igreja precisa afetar tanto o rol de seus membros quanto alcançar outros indivíduos e outros grupos;

d) A comunidade é terapêutica, quando regulada pela compreensão integral do ser humano e, por consequência, atua na cultura contemporânea no sentido de promover o bem-estar dos indivíduos. Trata-se, conforme aludido em outros pontos desta pesquisa, em compreender o ser humano como um todo. Nessa perspectiva, a pastora e médica cubana, Marianela de la Paz Cot afirma algo semelhante ao posicionamento de Noé:

Uma inter-relação com Deus que ajude a pessoa a descobrir sua natureza interior e libere suas potencialidades. Donde a autoafirmação pessoal e o sentido de identidade cresçam e não sejam anulados. Desta forma, a pessoa experimenta a graça de Dios concretamente por meio desta aceitação e inter-relação com as outras pessoas. Esta tarefa de auxiliar as pessoas para um crescimento integral de suas dimensões emocional, racional espiritual. Essa poderia ser uma das tarefas do aconselhamento pastoral<sup>500</sup>.

Dentre os conselheiros cristãos de diferentes linhas associadas ao aconselhamento pastoral, pode-se perceber que alguns destes demonstram certa semelhança quanto à compreensão deste aspecto da comunidade cristã, ou seja,

---

<sup>500</sup> COT, M. I. P., Espiritualidad em la media edad. IN. HOCK, L. C.; HEIMANN, T. (Org), **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**, p. 187. [...] Una interrelación com Dios que ayude a la persona [...]. Y descubrir su naturaliza interior y libere sus potenciales. Donde la autoafirmación personal y el sentido de identidade crezcan y no sean anulados. De esta forma la persona experimenta l agracia de Dios concretamente por médio de esta aceptación e interrelación com las otras personas. Esta tarea de auxiliar a las persona para um crescimento integral de sus dmensiones emocional, racional y espiritual podría ser una tarea del aconsejamiento Pastoral. (tradução nossa)

seu caráter curativo. Autores que manifestam percepções antagônicas a respeito das metodologias e pressupostos do aconselhamento defendem pontos de vista equivalentes quando a questão gira em torno da vocação terapêutica da igreja. John MacArthur Jr. – um dos mais importantes teóricos do aconselhamento classificado como noutético –, sublinha essa concepção de comunidade terapêutica ao discorrer sobre a importância da relacionalidade como incremento para o pleno desenvolvimento, diz ele:

Igrejas saudáveis produzem relacionamentos que conduzem ao crescimento espiritual e à saúde emocional, por que à medida que os cristãos ministram uns aos outros por meio de seus dons, boa parte do aconselhamento ocorre na interação natural da comunhão [...]. Todo ministério do corpo de Cristo, por conseguinte incorpora características de aconselhamento. Tanto o aconselhamento formal quanto o informal deveriam sempre acontecer na igreja local em todos os níveis de ministério e comunhão<sup>501</sup>.

Quanto a isso, Adams, expoente maior dessa escola de aconselhamento, sustenta a indispensabilidade da atividade do conselheiro estar conectada ao ministério de ajuda da comunidade cristã. Destacando, por conseguinte, a aptidão do rebanho do bom pastor para a solidariedade. Em seus termos:

Um conselheiro que age independentemente da igreja não tem a oportunidade de moldar uma congregação de pessoas para que se torne um corpo harmônico e amoroso, dentro do qual os aconselhados possam ser assimilados e da parte da qual possam receber ajuda significativa<sup>502</sup>.

Ao pensamento desses teóricos une-se Gary Collins, ao afirmar que no livro de atos e nas Epístolas a Igreja não era descrita apenas como uma comunidade proclamadora do evangelho e discipuladora, mas também classificada como comunidade terapêutica<sup>503</sup>.

Howard Clinebell, por seu turno, autor associado à visão integracionista, ao discorrer acerca da relevância do aconselhamento pastoral, bem como da poimênica como preciosos instrumentos por meio dos quais as comunidades de fé mantêm-se relevantes e pertinentes para as diversas e desconcertantes demandas humanas<sup>504</sup>, compara a igreja do Senhor Jesus Cristo com um lugar de

<sup>501</sup> MACARTHUR. In: MACARTHUR, Jr; MACK, W. (Org), **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p. 359.

<sup>502</sup> ADAMS, J., **O manual do conselheiro cristão**, p. 25.

<sup>503</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento cristão**, p.14.

<sup>504</sup> CLINEBELL, H., **Aconselhamento pastoral**, p. 14.

acolhimento resgate<sup>505</sup>, evidenciando, dessa forma, um dos aspectos ontológicos da comunidade de Cristo, ou antes, sua inerente inclinação para ser um espaço de restauração e fortalecimento da vida humana. Vejamos:

O aconselhamento pastoral é um meio essencial pelo qual uma igreja é auxiliada no sentido de ser um posto de salvamento e não um clube, um hospital e um jardim da vida espiritual e não um museu. O aconselhamento pode ajudar a salvar vidas que naufragaram nas tempestades do nosso dia-a-dia, que se despedaçaram nos arrecifes ocultos de ansiedade, culpa, e falta de integridade. Um programa eficaz de aconselhamento [...] pode transformar o clima interpessoal de congregação, fazendo de uma igreja um lugar em que a integralidade é fomentada nas pessoas durante a vida<sup>506</sup>.

A isso se refere Tavares, ao repercutir algumas intuições do Papa Francisco; segundo suas conclusões, a comunidade eclesial precisa ser um lugar seguro, espaço de encontro, de desvelamento do ser, de alteridade, lugar de envolvimento com Cristo e de aprendizado de seus ensinamentos.

Deve ser lugar onde afetos nocivos a subjetividade humana são expostos<sup>507</sup>. Em suma, um *locus* oportunizador de desenvolvimento rumo à humanização integral. Como se observa, parece não haver grande controvérsia quanto ao fato de que a igreja dos primeiros dias se configurava como uma comunidade

---

<sup>505</sup> Neste ponto de sua exposição, Clinebell transcreve a significativa parábola do posto de salvamento de autoria de Theodore Wedel, que descreve o perigo que a igreja corre de tornar-se irrelevante. Essa narrativa alegórica pode ser resumida da seguinte forma: Existia em certa região um litoral de mar tormentoso. Inúmeras embarcações naufragavam ali. Muitas pessoas morriam naquelas águas. Naquele local encontrava-se um pequeno posto de salvamento. Os poucos membros dessa pequena estação de socorro estavam sempre prontos para cumprir sua missão. Em razão do esforço desses indivíduos dedicados a esse trabalho, muitas pessoas foram resgatadas. A partir daí, o local tornou-se conhecido. O posto, outrora simples, sofreu reformas. Tornou-se elegante e agradável. Mas como havia períodos em que o lugar ficava vazio, alguns de seus componentes resolveram transformá-lo em local de festas e celebrações, por óbvio, nos dias em que não havia naufragos. Assim foi feito. Por essa época, um grande navio soçobrou naquele litoral, várias pessoas foram trazidas à estação. Caos total. A presença dos naufragos, molhados, desorientados, feridos –, perturbou o belo e novo clube. Na reunião seguinte do conselho administrativo tomou-se a decisão de, doravante, não utilizar mais aquele lugar como posto de salvamento. Houve uma cisão entre os membros do clube. Os que deixaram o grupo formaram outro núcleo de socorro. Mas, com o passar dos anos, o novo posto passou pelas mesmas mudanças ocorridas no antigo. Logo, surgiu um novo clube. Essa história vem se repetindo até os dias de hoje. Dessa forma, quando se visita aquela região litorânea na atualidade, muitos belos clubes são encontrados. Ah, sim, naufrágios ainda são frequentes naquela costa, mas a maioria das pessoas morre afogada. Cf. CLINEBELL, H., **Aconselhamento pastoral**, p.13-14. Com esta parábola, o autor ainda reflete, entre outros pontos, acerca das necessidades básicas do ser humano pautarem a agenda da comunidade de fé. Para uma compreensão mais abrangente desta perspectiva, sugiro a leitura de FRISEN, A., **Cuidando do ser**, p. 39-40. Esse autor também analisa a parábola de Theodoro Wedel, na perspectiva do aconselhamento pastoral.

<sup>506</sup> CLINEBELL, H., **Aconselhamento pastoral**, p. 14.

<sup>507</sup> Cf. TAVARES, C.Q., **Evangelii Gaudium em Questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**, p. 219.

acolhedora dos caminheiros, refrigério para os sofridos, alívio para os cansados, verdadeiro ombro amigo para os despossuídos.

Havia real preocupação com o bem-estar total das pessoas. Segue-se daí que, na esteira da sua melhor tradição de compaixão e cuidado, as manifestações solidárias da igreja de Cristo não podem ser substituídas pelo desejo desenfreado de obter-se novos adeptos para instituições denominacionais, tampouco, pelo objetivo de amealhar recursos financeiros. Com efeito, uma igreja utilitarista e acumuladora de bens consiste numa evidente traição da vocação teológica do rebanho do Bom pastor. Bento XVI assinala que:

Na colhida generosa e amorosa de toda vida humana, sobretudo daquela fraca e doente, o cristão exprime um aspecto importante do próprio testemunho evangélico, sob o exemplo de Cristo, que inclinou-se sobre os sofrimentos materiais e espirituais do homem para curá-lo.[...]. A missão principal da Igreja é certamente o anúncio do Reino de Deus, 'mas exatamente esse anúncio deve ser um processo de cura', enfaixar as chagas dos corações partidos (Is 61,1), segundo o encargo confiado por Jesus aos seus discípulos. (Luc 9, 1-2; Mt 10,1.5-14; Mc 6, 7-13)<sup>508</sup>.

A comunidade eclesial é chamada a atuar num contexto de grande complexidade, numa época em que tantos recorrem aos ansiolíticos e aos medicamentos controlados em função de não darem conta das provocações da vida. Neste cenário, a igreja cristã trabalha como veículo do amor restaurador de Deus num mundo em que tem crescido a demanda por auxílio e compaixão, que inclui marcadamente a busca por apoio espiritual. Segundo a análise de Lothar:

As pessoas estão encontrando cada vez mais dificuldades em administrar seus problemas: na área econômica, na familiar, na afetiva. Isto tem gerado doença, ansiedade, estresse e, sobretudo, uma sensação de incapacidade de gerenciar suas vidas. Um dos sintomas disso é a crescente busca por profissionais da área da saúde, cresce vertiginosamente a busca por auxílio espiritual, tanto no âmbito das igrejas como fora delas. Aparentemente, as pessoas estão tendo a consciência ou a intuição de que seus problemas não têm a ver apenas com questões circunstanciais, mas têm a ver, igualmente, com a forma como elas se relacionam com o transcendente<sup>509</sup>.

O desafio de gerir as lutas e inquietudes pessoais tem pressionado de forma contundente as pessoas; muitas das quais dão sinais de terem perdido o vigor para

<sup>508</sup> BENTO XVI, **Mensagem pela 20ª Jornada Mundial do Doente** Disponível em: <http://www.acidigital.com/noticias/papa-a-tarefa-essencial-de-igreja-e-curar-os-coracoes-partidos-84580/> acesso em fev 2017.

<sup>509</sup> HOCK, L. C., Apresentação, In. HOCH, L. C.; NOÉ, S. V. (Org), **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**, p. 4.

manterem-se nesse permanente enfrentamento das vicissitudes que engolem a vontade de viver.

#### 4.1.3. Espiritualidade engajada, espiritualidade solidária

A igreja, interpelada pelos dramas humanos, tem procurado, ao longo dos séculos, vivenciar o evangelho em sua integralidade. Os autores bíblicos – por meio de consistentes informações acerca da preocupação dos primeiros discípulos com aqueles que careciam de cuidado e apoio –, colocam em evidência atos de misericórdia da comunidade dos fiéis.

Nesta perspectiva, a ação da congregação dos batizados no mundo não se esgota na reflexão e divulgação de conteúdos doutrinários e artigos de sua confissão de fé, embora todos estes sejam de grande importância para a vida de todos os cristãos. Certamente, cabe a comunidade dos discípulos assumidos de Jesus de Nazaré, conquanto marcada por falhas, debilidades e fraquezas, ser uma opção real de relacionamentos comprometidos com o bem estar integral no contexto de uma sociedade que tem se demonstrado incapaz de fomentar relacionamentos estáveis, relevantes profundos, saudáveis. Citando Rossi mais uma vez:

A atividade da igreja não pode ser reduzida a um mero exercício cognitivo de aprendizagem intelectual, que a impede de desenvolver um programa de alcance integral do ser humano. Para a igreja, entender a sua vocação terapêutica é ter consciência de ser canal da graça curadora de Deus, a qual liberta o indivíduo para uma vida de crescimento e realizações. A igreja de Cristo é, portanto, lugar das muitas manifestações terapêuticas de Deus em relação ao ser humano<sup>510</sup>.

O pronunciamento acima consagra o valor da igreja como comunidade curativa, terapêutica<sup>511</sup>, que precisa estar atenta aos amplos problemas de seu

<sup>510</sup> ROSSI, L.H.S., A vocação terapêutica da igreja. In: KOHL, M.W; BARRO, A.C. (Org.), **Aconselhamento Cristão transformador**, p.122.

<sup>511</sup> A expressão comunidade terapêutica possui uma dimensão controversa. Em termos teológicos, é tida por alguns conselheiros como redundante (essa é uma das teses apresentadas, por exemplo, por Sidnei Vilmar Nôe), vez que toda comunidade pertencente a Cristo tem de ser terapêutica. No entanto, cabe salientar o fato de que essa propalada redundância contribui para o resgate desse aspecto central da igreja, que parece ter se esvanecido no decurso dos anos. Cf. NOÉ, S. V., Ideias introdutórias ao conceito Comunidade Terapêutica. In: HOCH, L. C.; NOÉ, S. V. (Org.), **Comunidade terapêutica**: cuidando do ser através de relações de ajuda, p. 10. Na opinião de Farris, citado por Schlender, tal expressão encerra uma nota reducionista, na medida em que a igreja não é tão somente uma comunidade cuidadora. Cf. FARRIS, apud SCHLENDER, Desafios da pós-modernidade para a formação de Comunidades eclesiais terapêuticas. In. HOCH, L. C.; NOÉ, S. V. (Org.), **Comunidade terapêutica**: cuidando do ser através de relações de ajuda, p. 17.

tempo, com o objetivo de manter-se permanentemente relevante para os que dela se aproximam em busca de palavras e ações de restauração, fortalecimento e esperança.

Trata-se do estabelecimento de uma cultura de companheirismo, consubstanciada por uma atitude de solidariedade. Logo, a espiritualidade cristã leva a comunidade de fé a dar pão ao faminto, a acolher o abandonado, a visitar o enfermo, a encorajar o abatido, a socorrer o oprimido, em resumo, a lutar pela promoção da dignidade humana em todos os campos e perante todas as circunstâncias. Acerca da demanda por este tipo de espiritualidade, Leonardo Boff afirma:

Após séculos de cultura material, buscamos hoje ansiosamente uma espiritualidade simples e sólida, baseada na percepção do ministério do universo e do ser humano, na ética da responsabilidade, da solidariedade e da compaixão, fundada no cuidado, no valor intrínseco de cada coisa, no trabalho bem feito, na competência, na honestidade e na transparência das intenções<sup>512</sup>.

A fé cristã não se resume tão somente à contemplação ou ao ato de subscrever um conjunto de verdades reveladas, mas consiste em comprometer-se com Jesus, sua palavra e ação e caminhar pela vida revelando a misericórdia de Deus. A Igreja é sinal histórico do Reino que está por vir. Assim, tem a função de representá-lo e fazer acontecer essa realidade marcada pela compaixão. Compete a comunidade missional, constituída de sujeitos cooperadores, continuar engajada na luta pelos interesses do Reino do Senhor. Isto, evidentemente, implica dirigir-se ao mundo com firmeza e esperança resoluta para confrontá-lo e transformá-lo, na medida em que a esperança cristã não é sedativa. Sobre essa questão, Moltmann diz o seguinte:

Esperanças e antecipações do futuro não são a luz que ilumina uma realidade já decrépita, mas percepções realistas do horizonte do real-possível, as quais põem tudo em movimento e o conservam em estado de mutabilidade.” [...]. As sentenças da esperança da escatologia cristã devem impor-se à empedernida utopia do realismo, se quiserem manter a fé com vida e transformar a obediência no amor em realidade terrena, corporal e social. Para ela, o mundo está cheio de possibilidades do Deus da esperança. Ela vê a realidade e os seres humanos na mão daquele que, da perspectiva final, fala para o interior da história: “Eis que faço novas todas as coisas”. E nesta palavra de promessa que ela ouviu, recebe a liberdade de renovar a vida presente e transformar a aparência deste mundo<sup>513</sup>.

<sup>512</sup> BOFF, L, **Saber cuidar**. p. 25

<sup>513</sup> MOLTSMANN, J. **Teologia da esperança**: estudo sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã, p. 41.

O teólogo europeu coloca em relevo o fato de que a esperança – nutrida pelas promessas de Deus – não pode se contentar com a “realidade dada”<sup>514</sup>. Isto é, não pode conformar-se com os desmandos e injustiças que empobrecem e desonram a vida; ao contrário, essa expectativa confiante, firmada nas Escrituras, inspira a comunidade dos fiéis a mover-se em direção a sociedade para transformá-la num espaço de justiça e equidade, num território, portanto, onde todos possam viver com dignidade, num espaço, onde todos possam desenvolver todo o potencial de vida que possuem e caminhar em direção à plenitude de todas as suas capacidades.

Não há dúvida: trata-se de uma nova realidade em que todas as formas de aviltamento da dignidade humana, bem como todas as manifestações que fazem a vida secar, serão combatidas com vigor e desassombro. A igreja está diante desta tarefa de fazer acontecer essa experiência ao longo dos anos, nos mais diversos contextos socioculturais.

O professor Garcia Rubio, ao ressaltar as intuições de Moltmann referentes à esperança teológica, aponta para o caráter ativo da vivência da fé. Ele observa:

O futuro esperado pelo cristão (futuro de que trata J. Moltmann) é novo, e por isso imprevisível; um futuro que o homem deve esperar e que em nada diminui a obrigatoriedade de enfrentar os conflitos próprios do momento histórico atual. A promessa não rouba ao homem a sua criatividade, pois não se trata de uma norma categorial que interfere no presente<sup>515</sup>.

Resta claro que não há no cristianismo – que emerge das páginas das Escrituras – espaço para a indiferença. Os princípios reguladores da vida cristã, tais como, solidariedade, compaixão e misericórdia, apenas para citar alguns, desafiam a igreja a superar as barreiras internas e externas a fim de engajar-se efetivamente no trabalho de devolver esperanças, movida continuamente pela coragem e não pelo medo; acolhendo a todos, com cuidado especial aos mais abatidos e sem alento, numa dinâmica de abertura e socorro sem preconceitos.

Acerca da inestimável compreensão de que a profissão de fé da comunidade cristã deve transformar-se em prática libertadora, Ricardo Barbosa afirma:

Se olharmos para as obras de Ireneu e Orígenes, do segundo e do terceiro séculos; Agostinho e os irmãos da Capadócia, do século IV; Benedito e Gregório, do sexto, Simeão, o novo teólogo do Décimo; Bernado de Clairveaux e Ricardo de São Victor, do século XII, Boaventura, do Décimo-terceiro; Walter Hilton, do século XIV; e muitos outros, veremos que, para eles, conhecimento e amor, doutrina e

<sup>514</sup> Ibid., p. 37.

<sup>515</sup> GARCIA RUBIO, A. **Teologia da libertação: política ou profetismo?**, p. 94.

devoção, teologia e oração eram a mesma coisa. Sua teologia era, de certa forma, o relato da própria existência<sup>516</sup>.

Na lista daqueles que promovem esse grande movimento que visa contribuir para o engajamento da igreja na luta contra os fatores e as realidades que apequenam a vida, encontra-se o Papa Francisco, que, por exemplo, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, como em outros pronunciamentos, conclama a igreja a deixar sua zona de conforto a fim de encontrar-se com as sociedades humanas em suas lutas e aflições. Segundo seu ensinamento:

O ideal cristão convidará sempre a superar a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual. Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. [...]. Entretanto, o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros<sup>517</sup>.

A preocupação do Pontífice está em perfeita harmonia com as proposições do evangelho de Jesus. Salta aos olhos sua preocupação com o cuidado de tudo o que envolve os sujeitos humanos.

A ação proclamadora proposta estabelece como parâmetro o acolhimento de modo amplo e desprovido de preconceitos das necessidades da comunidade humana. Reafirmar a relevância dessa exortação encoraja a Igreja a cumprir o seu chamado de anunciar aos homens e mulheres de todos os tempos o evangelho de Cristo, fonte de esperança inesgotável e de alegria constante para cada momento da história. A comunidade de fé – fortalecida pelo contanto com as Escrituras e animada pelo Espírito Santo – dispõe de todas as condições para tomar a iniciativa de portar-se como verdadeira representante do amor e do cuidado de Deus<sup>518</sup>. Nas palavras de Tavares:

Entendemos que o Papa Francisco anuncia um renovado tempo de evangelização, marcado pela “saída” ao encontro do outro; pela necessária escuta do outro; pelo toque afetuoso que revela o comprometimento; pelo olhar que faz o outro acreditar que está sendo amado. Conscientes desse privilégio de portar o mistério da Igreja

<sup>516</sup> BARBOSA, R., *O Desafio Bíblico da Espiritualidade Cristã*, In BOMILCAR, N. (Org.), O Melhor da espiritualidade Brasileira, p. 17.

<sup>517</sup> FRANCISCO, *Exortação apostólica evangelii Gaudium*. Disponível em: <http://santuariodefatima.org.br/wp-content/uploads/2013/11/A-alegria-do-Evangelho1.pdf>. Acesso em 10 de fev 2017.

<sup>518</sup> TAVARES, C. Q., *Evangelii Gaudium em Questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, p. 214.



de Cristo, de “portar” e de “ser” ao mesmo tempo uma Igreja encarnada num espaço concreto, anunciadora de Jesus Cristo na alegria e com bom propósito, e que na humildade apresenta seu rosto<sup>519</sup>.

O povo de Deus é constituído de homens e mulheres que se entendem como canais das ações amorosas e libertadoras de Deus, de pessoas que transformam profissão de fé em *práxis*, em graça, em uma tradução do amor transformador do Senhor no âmbito da cena contemporânea, vez que, conforme diz Rubio: “É na história que o homem encontra Deus, é na história que se vive o amor ao próximo”<sup>520</sup>.

A comunidade daqueles que foram graciosa e amorosamente chamados para constituírem a igreja de Cristo deve ser portadora das boas novas para os despossuídos, de saúde para os acometidos pelas enfermidades, de liberdade para os cativos e oprimidos, visão para os cegos e tudo aquilo que corresponda à manifestar o ano agradável do Senhor<sup>521</sup>. Logo, a *eclésia*<sup>522</sup> cumpre sua missão ao assumir o mistério da encarnação como sua própria forma de ser no mundo.

#### 4.1.4. Recursos terapêuticos das comunidades cristãs

A privatização da verdade, o egocentrismo, além de outras características já destacadas, são apenas alguns traços desse novo tempo que tanto consomem o indivíduo quanto conclamam a comunidade cristã a refletir sobre suas estratégias

<sup>519</sup> Ibid.

<sup>520</sup> RUBIO, A. G., **Teologia da Libertação: Política ou profetismo?**; p. 205.

<sup>521</sup> Cf. SARACCO, N., apud ROCHA, A. R., **Contribuições da teologia de missão integral à igreja evangélica**. IN: *Práxis evangélica*, Faculdade Teológica Sul Americana. Londrina (PR)- v. 1, n. 1, p 127, 2007.

<sup>522</sup> A palavra mais comum no Novo Testamento para Igreja é *ἐκκλησία* [ekklesía] procedente do grego clássico e que expressa o sentido de congregação, os convocados para uma assembleia. Tal assembleia reunia tão somente os cidadãos que gozavam de plenos direitos. O termo *ekklesia* não tinha uso religioso. No entanto, foi adotado pela Septuaginta (tradução em língua grega da Bíblia hebraica), para traduzir o termo *Kahal*, que, associado à palavra – *edah* – significa: a assembleia religiosa dos filhos de Israel. Aplicado à comunidade cristã, passou a referir-se, em linhas gerais, ao ajuntamento dos crentes em Cristo. Dessa forma, consolidou-se a utilização do termo para denominar a comunidade que se reúne em torno do senhorio de Deus na pessoa de Jesus Cristo ressurreto. Cf. MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 432. Neste ponto, esta pesquisa focaliza o caráter curativo desta comunidade formada por homens e mulheres que foram bondosamente convocados para participarem da comunhão do povo de Deus, por meio da obra completada de Cristo. Logo, trata-se de um povo chamado, não por acaso, mas com uma missão, a saber, de ser representante de Jesus, logo, nação prolongadora de sua presença transformadora e restauradora no meio da história até o momento de sua consumação. Cf. KUHN, Fernando, *A igreja: servidora do projeto de Jesus: repensar a eclesiologia hoje*. São Paulo: editora Ave-Maria, 2012, p. 16.

de interação com o espaço sociocultural e acerca da utilização dos meios dos quais dispõe para aliviar o sofrimento humano. A igreja é instada a relacionar-se amorosa e compassivamente com pessoas que revelam inúmeras dificuldades e desordens<sup>523</sup> de natureza pessoal, familiar e, especialmente homens e mulheres que carecem de interações humanas caracterizadas por compreensão e solidariedade.

Por óbvio, seres humanos precisam de relações inter-humanas. Por meio de interações comprometidas com o bem-estar mútuo, tensões podem ser diminuídas, sofrimentos podem ser mitigados, cargas pessoais podem ser repartidas, conflitos ganham ressignificação, estados emocionais perturbadores tornam-se menos resistentes ao avanço na direção de um futuro mais promissor e mais humano. Daí a importância da digressão de Rubio:

As comunidades eclesiais deveriam ser capazes de criar um clima propício para tornar possível o apoio necessário para que cada um possa desenvolver um pouco melhor a autoconfiança, a independência, a capacidade de relacionar-se com os outros e com Deus de maneira mais criativa e adulta. Como pode ser libertador um ambiente comunitário eclesial onde se respira um clima sadio de estima e de reconhecimento mútuo, de respeito sincero à alteridade do outro<sup>524</sup>.

Uriel Heckert<sup>525</sup>, por seu turno, chama a atenção para o fato de que, além da prática do aconselhamento pastoral, existem inúmeras outras maneiras da igreja exercer sua função de comunidade cuidadora. Para ele, certos comportamentos e ações – por parte dos eclesianos –, ressaltam a presença cuidadora e curativa da

---

<sup>523</sup>De um modo geral, o cristianismo tradicionalmente atribui à queda do ser humano (sua desobediência e conseqüente quebra da comunhão com Deus), o processo de desestruturação da humanidade. Sob esse prisma, entende-se que antes da ocorrência do pecado, o homem gozava de saúde plena, integral. Contudo, após esse evento, as pessoas encontram-se em estado de separação de si mesmas, dos demais sujeitos humanos, e de Deus. Esse estado de desconexão produz indivíduos enfermos, do ponto de vista do sentido e propósito da vida. No entanto, a defesa do conceito de que a enfermidade possui uma relação de causa e efeito com o pecado, portanto, com a queda; via de regra, faz-se acompanhar pela convicção de que essa situação caracterizada pelo desequilíbrio e pela desordem existencial pode ser restaurada à medida que a comunidade cristã atua na cena contemporânea comprometida com o plano redentor de Deus, cujo objetivo inalienável consiste em trazer o ser humano ao seu estado original de integridade plena. Cf. HECKERT, U. “A busca da integridade”, In: **Saúde pastoral e comunitária**, LISBOA, A. H. (Org). São Paulo, CPPC, 2ed, 1985, p. 12-16. E ainda, ROSSI, Luiz Henrique solano, A vocação terapêutica da igreja. In : KOHL, Manfred, W; BARRO, Antônio Carlos. (Org). **Aconselhamento Cristão transformador**, p. 116-119.

<sup>524</sup> RUBIO, A. G., **Evangelização e maturidade afetiva**, p. 224.

<sup>525</sup> Uriel Heckert, médico psiquiatra, é mestre em filosofia e doutor em psiquiatria. É membro do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos.

igreja na sociedade, quais sejam<sup>526</sup>: indivíduos que colaboram para minorar o sofrimento de outros, que ouvem queixas, apressam-se a socorrer vizinhos, visitam periodicamente hospitalizados e acautelados pelo estado sem chamar a atenção para si mesmos, seguindo, dessa forma, o exemplo do samaritano compassivo; as equipes cristãs que se organizam para socorrer necessitados, distribuir alimentos e remédios, colocando-se ao lado de homens e mulheres acometidos pelo sofrimento ou entristecidos pela solidão; as igrejas modestas que habitam as periferias, auxiliando os aflitos, mobilizando recursos, construindo espaços de valorização da vida, enfrentado diuturnamente o desafio de manterem-se fiéis ao ensino do mestre de Nazaré; as comunidades mais estruturadas, que se reúnem em grandes cidades, que se empenham em superar tendências solipsistas e intolerantes, formando grupos solidários, juntos nas situações mais antagônicas da vida.

Os exemplos acima retratam de modo contundente que o Deus vivo e generoso, revelado plenamente em Jesus de Nazaré, não ignora a dor humana. Ele é Deus vulnerável, no sentido de que está exposto à dor e ao sofrimento e que, em vista disso, solidariza-se com a dor dos seres humanos. Essa é uma verdade bíblico-teológica fundamental para a prática do aconselhamento pastoral de natureza integral. Por certo, as ações compassivas do corpo de Cristo expressam tal preocupação do Pai celestial pelas inquietudes e afecções que acometem as pessoas.

Se, por um lado, a vocação terapêutica da comunidade de fé consiste em um de seus aspectos ontológicos mais decisivos e relevantes, no âmbito de uma sociedade repleta de indivíduos demandantes de cuidado e apoio; por outro lado, certos teólogos e conselheiros, tais como, Solano Rossi<sup>527</sup> e Schlender<sup>528</sup> nos lembram que, de um modo geral, não são poucas as comunidades que demonstram ter se afastado dessa autocompreensão, na medida em que abandonaram a prática

<sup>526</sup>Cf. HECKERT, Uriel. **Igreja: Comunidades terapêuticas** Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/341/igrejas-comunidades-terapeuticas>. Acesso em 01 fev. 2017.

<sup>527</sup> Cf. ROSSI, L. H. S., A vocação terapêutica da igreja. In: KOHL, M. W; BARRO, A. C. (Org), **Aconselhamento Cristão transformador**, p. 111-113.

<sup>528</sup> Cf. SCHLENDER, I. E., Desafios da pós-modernidade para a formação de comunidades eclesiais terapêuticas. In; HOCH, L. C.; NOÉ, S. V. (Org.), **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**, p. 16-19.

de desenvolver projetos visando a construção de relacionamentos de ajuda. Schlender denuncia:

A forma como a maioria das denominações cristãs atualmente está organizada não contribui para a formação de comunidades terapêuticas. Suas estruturas não funcionais atrapalham a convivência dos membros, algo fundamental para que possa ocorrer o que Lutero chamava de *mutuum colloquium et consolati fratrum* (o diálogo mútuo e a consolação dos irmãos). O homem pós-moderno precisa de espaços mais informais de convivência, onde se sinta acolhido e amado<sup>529</sup>.

Muitos indivíduos necessitados, inclusive, têm se deslocado das comunidades cristãs para os *settings* dos psicólogos e psicanalistas, algo que pode estar associado ao afastamento das igrejas do exercício de sua função terapêutica, bem como a percepção, por parte de algumas comunidades, de que o consolo pode ser postergado, configurando-se apenas como uma expectativa futura. Ricardo Zandrino, citado por Rossi, destaca algumas qualidades que precisam ser desenvolvidas pela igreja a fim de vencer os entraves que enfraquecem sua natureza cuidadora. A saber: Aceitação. Elemento essencial para o processo de personalização de qualquer ser humano. Corresponde à base do indivíduo. Essa postura acolhedora, inclusiva e desprovida de preconceitos, por parte da igreja, fundamenta-se no fato de que todos aqueles que a constituem foram aceitos-ampla e graciosamente por meio dos méritos de Jesus.

A lógica é contagiante: uma comunidade de pessoas acolhidas por Deus precisa evidenciar sua gratidão ao Senhor e honrar sua própria história, por meio do acolhimento incondicional daqueles que a procuram em busca de apoio;

- a) Confissão. Trata-se de compreender a força dessa prática contra as amarras que bloqueiam o florescimento da vida. Tais como, o sentimento de culpa, a autocomiseração e a perda de autoestima, para citar apenas alguns. Tomando, como exemplo, alguns acontecimentos associados à vida de Davi, o ovelheiro de Israel, percebe-se a força das ações que contrariam a vontade do Senhor sobre a vivência do indivíduo;
- b) Perdão. O ato de perdoar traz saúde para o coração (tanto para quem o recebe quanto para quem o pratica), e oportuniza profundo sentimento de libertação e retomada da radiância existencial. Uma comunidade

---

<sup>529</sup> Ibid., p.22.

terapêutica compromete-se de modo inquebrantável com exercício do perdão, tornando-se, dessa forma, um lugar de restauração integral e recomeços<sup>530</sup>;

- c) Oração intercessória. Colocar os indivíduos à mercê da graça de Deus pela oração evidencia o real interesse da igreja pelos que sofrem. Em adição a isso, infere-se que essa prática aproxima os discípulos de Cristo daqueles que se encontram aturdidos em razão das incertezas que habitam o coração;
- d) Contato físico. Trata-se do toque do acolhimento, da solidariedade, do cuidado inter-humano. Alude à ação de aproximar-se, envolver-se, escutar o clamor, manifestar compaixão, colocar-se à disposição do outro em sua condição de aflição e vulnerabilidade;
- e) Louvor. O ato de louvar a Deus pelos seus feitos curativos, misericordiosos e restauradores, traz saúde a quem quer que seja, na medida em que essa prática está desassociada do medo e da tristeza. Em outras palavras, os afetos que, tradicionalmente, acompanham os momentos de louvor e adoração de uma comunidade cristã, tendem a contribuir para o fortalecimento do indivíduo face às crises pelas quais atravessam no decurso dos anos. Convém lembrar que o louvar a Deus faz-se presente na vida dos crentes em Cristo até mesmo em noites sombrias;
- f) Outras ações de ajuda. Por meio do auxílio mútuo nas mais variadas tarefas, da reciprocidade e do real interesse pelo bem-estar uns dos outros, os crentes em Cristo acolhem as demandas humanas e reafirmam a esperança. Por consequência, produzem saúde.

---

<sup>530</sup>Vale ressaltar que o perdão consiste em uma das grandes exigências cristãs da fraternidade; marca inconfundível daqueles que vivem em novidade de vida. Logo, intui-se seu cultivo por todos aqueles que pertencem ao seguimento de Cristo, que atuam em favorecimento da vida, e vida abundante, frutífera, viva. Os benefícios de sua prática são amplos, profundos e terapêuticos, abarcando tanto o indivíduo de modo particular como a sociedade como um todo. O exercício do perdão traz leveza para o eu interior, dado que funciona como um antídoto contra os afetos que consomem a força psíquica. Além disso, oportuniza a construção de uma cultura de valorização da misericórdia e da paz relacional. Resulta claro, portanto, a razoabilidade daquilo que Deus requer de seu povo. Certamente, aquilo que o Senhor solicita de seus filhos e filhas é aceitável, admissível, proveitoso, em suma: conduz a humanidade no caminho do Reino, no caminho da paz. Para um estudo mais aprofundado do perdão, na perspectiva do cristianismo, sugiro a obra de LOPES, H. D., **Perdão a cura das emoções**. São Paulo: Hagnos, 2015.

Karl Barth engrossa a fileira da importância de certos princípios e práticas, que revelam o compromisso com a manifestação das qualidades de Deus e, certamente, contribuem para a formação de comunidades terapêuticas. Tais como: plantar a terra como Deus plantou o Jardim do Éden. Isto é, semeando, cultivando; promovendo, portanto, o florescimento da terra. A ideia subjacente diz respeito a carregar sementes nas mãos, jamais pedras; vestir a nudez como Deus vestiu Adão. Trata-se de contribuir para a manutenção da dignidade humana em todas as circunstâncias; visitar o doente como Deus visitou Abraão.

Ou seja, jamais ignorar o sofrimento humano, assim como procurar levar conforto ao coração abatido; confortar o triste como Deus confortou Isaque. Solidarizando-se com os que sofrem; enterrar o morto como Deus enterrou Moisés. Colocando-se ao lado das pessoas até o fim de seus dias. Em outros termos, fazer essa jornada de companheirismo e cuidado<sup>531</sup>. Schlender, ao citar o teólogo luterano Ely Pietro, aponta para uma mudança significativa que vem ocorrendo no âmbito das igrejas cristãs quanto ao ministério de apoio e cuidado ofertados por essas comunidades. Segundo as percepções desse pastor luterano, no passado, as ações de amparo perpetradas pelas comunidades eclesiais eram mais sacerdotais, litúrgicas e corporativas. Na atualidade, entretanto, tornaram-se mais individualistas e fortemente influenciadas por terapias de autoajuda<sup>532</sup>.

Além disso, esse conselheiro julga que a igreja deve investir nos ritos religiosos para superar as barreiras que prejudicam a sua função terapêutica. Ele sublinha as seguintes ações: a santa ceia; fonte de comunhão e fortalecimento dos vínculos humanos, a unção dos enfermos; prática curativa amplamente utilizada nos primeiros anos do cristianismo e o sepultamento; momento no qual uma comunidade terapêutica deve atuar, tendo consciência de que sua presença, como representante da solidariedade divina, traz conforto e consolo para os enlutados<sup>533</sup>.

Nesta perspectiva, a igreja, ao agir assim, apropria-se total e plenamente da abrangente proposta de redenção integral do Deus revelado em Jesus Cristo<sup>534</sup>.

<sup>531</sup> CF. BARTH, K., **Chamado ao discipulado**, p.14.

<sup>532</sup> Cf. SCHLENDER, I. E, Desafios da pós-modernidade para a formação de comunidades eclesiais terapêuticas. In. HOCH, L. C.; NOÉ, S. V. (Org.), **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**, p. 19.

<sup>533</sup> Ibid, p. 20-22.

<sup>534</sup> Cabe sempre a ressalva – fortalecedora do viés interdisciplinar desta pesquisa – de que os recursos oferecidos pelas igrejas cristãs não excluem a busca pelo apoio de especialistas de instituições de saúde tanto médicas quanto psicológicas.

Vê-se, portanto, que cada comunidade cristã, como portadora da mensagem transformadora e libertadora do evangelho, precisa assumir seu amplo papel como agente desta terapia radical e integral<sup>535</sup>. Acerca dessa ação eclesial, Uriel destaca os benefícios para a comunidade cristã quando esta compromete-se com o cumprimento de sua missão de compaixão. Diz ele:

As comunidades cristãs só têm a ganhar quando se abrem em acolhimento ao doente, ao necessitado e ao diferente. Os desafios trazidos nos levam ao exercício dos diversos dons, à busca por recursos ainda latentes, à promoção de mudanças que beneficiam a todos. Afinal, as situações de aparente desgraça são, na verdade, oportunidades para a intervenção da graça de Deus. Ele pode nos usar para tal, fazendo-nos participantes das manifestações de sua misericórdia<sup>536</sup>.

O aconselhamento pastoral insere-se nessa tradição de cuidado e apoio da comunidade cristã, e corresponde a uma das manifestações mais ricas e contundentes da missão cristã num mundo necessitado. O conselheiro pastoral comporta-se como um companheiro de jornada. Conselheiro e aconselhando caminham lado a lado, “tornam-se parceiros na obra de cuidado, apoio, libertação e cura do Espírito enquanto caminham junto a outros”, ressalta Schipani<sup>537</sup>. Em face ao exposto, de um modo geral, pode-se dizer que a *eclessia* torna-se espaço de saúde integral à medida que acolhe os indivíduos em suas inquietudes e angústias, promove relações de apoio mútuo e fomenta o encorajamento, particularmente, em momentos decisivos de dor nos quais a esperança declina.

## 4.2

### Jesus, o modelo para o aconselhamento pastoral integral

Os discípulos de Cristo e a igreja – como sujeito coletivo – foram chamados para dar continuidade ao trabalho do Senhor. A comunidade eclesial é sinal da presença benevolente, acolhedora e apaixonada de Deus pelos seres humanos<sup>538</sup>. Supõe-se uma consciência moldada pela palavra, conforme está dito em João 17: 18 “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo”<sup>539</sup>, e animada por uma eclesiologia de orientação cristológica. Conforme evidenciado

<sup>535</sup>Cf. HECKERT, U., **Igreja: Comunidades terapêuticas** Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/341/igrejas-comunidades-terapeuticas>. Acesso em 1 fev. 2017.

<sup>536</sup> Ibid.

<sup>537</sup> SCHIPANI, D., **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**, p. 102.

<sup>538</sup> MIRANDA, M. F., **A igreja que somos nós**, p. 18.

<sup>539</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, Evangelho de João 17:18.

ao longo desta pesquisa, um dos aspectos centrais da atuação das comunidades dos fiéis no mundo consiste no exercício de um modelo de aconselhamento pastoral comprometido com a integralidade do ser humano, isto é, com o acolhimento global do indivíduo, em suas lutas interiores, que tendem a desregular a existência.

Nesta perspectiva, cabe lembrar que, nas Escrituras, Jesus é descrito como “maravilhoso conselheiro”<sup>540</sup>, como registrado em Isaías 9:6. Ele fez inúmeras abordagens de aconselhamento, tais como: diretiva e não diretiva.

O discurso e a prática de Jesus – marcados pelo acolhimento incondicional das dores e angústias da família humana – se constituem num critério decisivo para a atuação da comunidade eclesial. Ele pode ser encontrado nas páginas dos evangelhos, acolhendo a dor de homens e mulheres feridos, marginalizados, angustiados e solitários.

Basear-se na ação de Cristo e de seus primeiros discípulos, significa edificar a vida da comunidade de fé sobre bases seguras, sintonizadas com as intenções do Senhor, e saudáveis, do ponto de vista de suas atividades, dado que, conforme explicita Schneider, “a descrição da prática de Jesus e da Igreja primitiva serve para descobrir critérios pastorais para a atual ação da igreja”<sup>541</sup>.

Neste ponto, alguns teorizadores – que apresentam percepções divergentes acerca de outros aspectos da atividade do aconselhamento pastoral –, concordam quanto à percepção de que Jesus é a referência mais importante e decisiva para o trabalho dos conselheiros e das conselheiras pastorais. Jay Adams, por exemplo, ressalta a necessidade de refletir-se sobre a atividade do aconselhamento a partir do exemplo de Cristo. Ele coloca desta forma:

Quanto a um quadro bíblico sobre o trabalho do aconselhamento, é mister estudar a obra de Jesus Cristo. Gostaria de sugerir que Ele é particularmente destacado, no Evangelho de João, como ‘conselheiro’, e que encontros como aqueles registrados

<sup>540</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, Isaías 9:6. Jesus é aquele acerca de quem Isaías profetizou, ou seja, aquele que viria e realizaria sinais que funcionariam como sermões dramatizados, que haveriam de demonstrar de forma cabal a realidade de que o Deus revelado em Cristo não ignora as necessidades dos necessitados, dessa forma, jamais detém o seu cuidado. Roger Hurding sustenta que “maravilhoso conselheiro” é o primeiro dos quatro títulos recebido pelo filho prometido, na passagem em apreço. Para esse autor, tal ocorrência revela a importância do ministério de Cristo como conselheiro, assim como sua infinta capacidade de transmitir conselhos profundos, sábios e proveitosos. Cf. RURDING, **A árvore da cura**, p. 440.

<sup>541</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHTT, C., Aspectos históricos e concepções contemporâneas da teologia prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHTT, C. (org.), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 52.



em João 2, 3, 4, 9, etc. são exemplos específicos da obra de aconselhamento efetuada por Cristo [...]. Ele foi o Conselheiro dos homens em geral, e, em um sentido ainda mais íntimo, foi o Conselheiro de seus discípulos<sup>542</sup>.

Ao longo de três anos e meio, em cumprimento as vaticinações de Isaías, Jesus orientou, instruiu e encorajou a seus discípulos, sendo realmente seu conselheiro. Acrescente-se a isso, a constatação de que, durante o seu ministério, o Senhor dedicou-se também a aconselhar pessoas que não compunham o quadro de seus seguidores<sup>543</sup>. Collins, à semelhança de Adams<sup>544</sup>, chama a atenção para o Cristo conselheiro, modelo maior do aconselhamento, bem como destaca a rica metodologia usada por Jesus na sua *práxis* de aconselhamento. Para ele, o aconselhamento apoia-se naturalmente sobre o exemplo de Cristo. Em suas palavras:

Jesus é certamente o melhor exemplo que possuímos de um ‘maravilhoso conselheiro’, cuja personalidade, conhecimento e habilidade capacitaram-no eficazmente para assistir às pessoas que precisavam de ajuda. Quando tentamos analisar o aconselhamento de Jesus, existe sempre a tendência, inconsciente ou deliberada, de encarar o ministério de Cristo de modo a reforçar nossas próprias opiniões sobre como as pessoas são ajudadas. [...]. Jesus fez uso de várias técnicas de aconselhamento, dependendo da situação, da natureza do aconselhado e do problema específico<sup>545</sup>.

No centro do aconselhamento pastoral integral acha-se o exemplo modelador de Jesus Cristo. O Senhor usou um amplo repertório de abordagens de acolhimento e cuidado objetivando auxiliar as pessoas necessitadas. Mack também aponta Jesus Cristo como o maior e mais eficiente conselheiro de todos os tempos. Diz ele: “uma das chaves para o sucesso de Jesus como conselheiro era sua intensa compaixão pelas pessoas, evidenciada em todos os relatos do evangelho, quanto à vida e ministério d’Ele”<sup>546</sup>.

Para esse autor, Jesus jamais tratava os indivíduos de forma fria e burocrática. Ao contrário, acolhia os que o procuravam (desejosos de obter apoio para o enfrentamento das crises e das questões que avassalam o vigor da vida),

<sup>542</sup> ADAMS, J., **O manual do conselheiro cristão**, p. 19.

<sup>543</sup> Ibid.

<sup>544</sup> A opção inicial por esses dois autores deveu-se ao fato destes serem antagonistas em outros pontos relativos à arte do aconselhamento. Todavia, ambos concordam com a supremacia de Cristo como modelo maior para a prática deste ministério de ajuda. Em que pese tal constatação, vale a pena registrar que continuam ocorrendo divergências, aparentemente, inconciliáveis entre eles.

<sup>545</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento Cristão**, p. 12-13.

<sup>546</sup> MACK, A. W., In: MACARTHUR, Jr; MACK, A. W. (Org.), **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p. 206.

com ternura e profunda compaixão. O senhor Jesus revelava o espírito compassivo que todo conselheiro necessita. Por essa razão, dentre tantas outras, Cristo coloca-se como padrão do aconselhamento pastoral. Mark oferece inúmeros exemplos com o propósito de enfatizar a ideia de que a compaixão se constituía numa das forças motrizes da ação ministerial de Jesus. Vejamos:

Quando Jesus reparou em um homem que tinha a mão ressequida na sinagoga, ele ficou indignado e condoído pela falta de sensibilidade dos fariseus para com aquele homem. Jesus demonstrou compaixão por ele, curando-o de sua doença. Um jovem rico veio até Jesus à busca de vida eterna, mas saiu sem a mesma porque amava demais suas riquezas para abrir mão delas. Marcos 10: 21 diz que Jesus: ‘fitando-o, o amou’. Até quando Jesus teve de dizer as pessoas o que elas não queriam ouvir, ele o fez com compaixão. Certo dia estava caminhando com seus discípulos quando um enterro passou perto deles (Lucas 7.11-15). O único filho de uma viúva havia morrido, e Cristo parou para consolá-la: ‘vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e lhe disse: ‘não chores’. Então, ele ressuscitou o menino<sup>547</sup>.

Clinebell ratifica o pensamento dos autores citados acima (relativo ao fato de que a ação dos aconselhadores pastorais deverá inspirar-se na vida de Cristo), ao discorrer sobre o comportamento terno e receptivo do nosso salvador. Ele afirma:

Jesus era uma pessoa notavelmente liberta, íntegra, que possuía uma característica contracultural em seu tratamento inclusivo e igualitário das mulheres e de outras pessoas (samaritanos e coletores de impostos, p. ex.) consideradas inferiores em sua sociedade. Cabe a nós, que fazemos aconselhamento pastoral, seguir seu exemplo<sup>548</sup>.

Com base em tudo que se disse, não há dúvida que Jesus é o homem da compaixão, da graça, do cuidado, do apoio solidário e da reinclusão social<sup>549</sup>. As ações desconcertantes de Cristo promoviam experiências libertadoras, emancipando os indivíduos das clausuras psicossociais e oferecendo-lhes uma nova e lúcida visão de mundo<sup>550</sup>.

<sup>547</sup> MACK, A. W., In: MACARTHUR, Jr; MACK, A.W. (Org.), **Introdução ao aconselhamento bíblico**, p. 206. Esse autor destaca ainda as lágrimas derramadas por Jesus diante do afastamento de Jerusalém da vontade de Deus e perante a tristeza de Marta e Maria avassaladas pela morte de Lázaro. MARCK tenta evidenciar que Jesus se preocupava com as pessoas, e elas sabiam disso.

<sup>548</sup> CLINEBELL, H., **Aconselhamento e cuidado pastoral**, p. 60-61.

<sup>549</sup> Cf. MAZZAROLO, I., **A misericórdia exige proximidade e aproximação: uma leitura da superação do puro e impuro em Lc, 11-17; 10, 29-37; 15, 11-32**. In. FERNANDES, L. A. (Org.), **Traços da misericórdia de Deus segundo Lucas** p. 78.

<sup>550</sup> Cf. BOOTZ, E. R., **O efeito restaurador da espiritualidade e da mística cristã**. IN. HOCK, L. C.; HEIMANN, T. (Org.), **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**, p. 24.

Ao concentrarem-se em Cristo, os conselheiros deparam-se com alguém sábio, sensível, atento e solidário ao sofrimento humano. Na medida em que o aconselhamento pastoral é, essencialmente, motivado pela compaixão inter-humana, a ação do conselheiro eclesiano não poderá deixar de levar em consideração: a aceitação sem preconceitos daqueles que buscam apoio na luta contra os elementos que abatem o ânimo humano; o oferecimento de encorajamento e companheirismo; e a exortação, isto é, certo esforço no sentido de instruir amorosamente o aconselhando a rever, por exemplo, práticas autodestrutivas<sup>551</sup>. Luiz Henrique Solano Rossi amplia e aprofunda os enunciados acima focalizando a prática de Jesus. Segundo esse autor, certas especificidades do ministério de nosso Senhor oferecem uma referência de abordagem comprometida com a saúde integral do indivíduo.

Algumas dessas particularidades são<sup>552</sup>:

- a) Olhar empático: muitos são os exemplos bíblicos que demonstram o real interesse de Jesus pelos que viviam em estado de sofrimento e angústia<sup>553</sup>. Ele mantinha-se sensível à necessidade alheia. O Senhor conectava-se emocionalmente com os abatidos e despossuídos;
  - b) Atitude solícita: Jesus encontrava-se sempre de prontidão para ofertar auxílio e socorro tanto para indivíduos quanto para grupos<sup>554</sup>. Ele era prestativo e não negligenciava a sua missão de semear vida abundante entre todos;
  - c) Atitude de aceitação: O mestre de Nazaré tratou a todos os que o cercaram com respeito, sem discriminações nem postura de condenação. Convém esclarecer que a ideia de aceitação não significa estar sempre de acordo com a conduta daqueles que necessitam de apoio e compaixão, mas, sim, albergá-los em suas crises e sofrimento;
  - d) Atitude de perdão: Jesus revelou por meio de seus discursos e ações a natureza perdoadora de Deus, o caráter de um Deus que é a nosso favor.
- O estilo terapêutico de Jesus, a sua compaixão, o seu cuidado e o seu

<sup>551</sup> Cf. SILVÉRIO, L. G., Poder pastoral ética e limites, In: KOHL, M., W; BARRO, A. C. (Org.), **Aconselhamento Cristão transformador**, p. 93-94.

<sup>552</sup> Cf. ROSSI, L. H. S., A vocação terapêutica da igreja. In : KOHL, M. W; BARRO, A. C. (Org), **Aconselhamento Cristão transformador**, p.126,127.

<sup>553</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, Evangelho de Mateus 8: 1-4; 9: 1-8; 14: 22-33. Evangelho de Marcos 2: 1-12; 3: 1-6; 4: 35-41. Evangelho de Lucas 4: 31- 37; 5: 12-16; 7: 11-17. Evangelho de João 2:1-12; 4: 1-30; 5: 1-9, entre tantos outros feitos de Cristo.

<sup>554</sup> *Ibid.*, Evangelho de Marcos 5: 25-34. Evangelho de João 3: 1-15.

modo de tratar as pessoas eram caracterizados pelo exercício do perdão. O poderoso exemplo da mulher flagrada em adultério e perdoada por Jesus, revela-nos o caráter de um Deus sem pedras nas mãos<sup>555</sup>.

- e) Amor incondicional e perseverante: Jesus amou-nos até a morte. Sua morte produziu vida<sup>556</sup>.

O apóstolo Pedro resumiu de forma precisa o que foi a vida de Jesus, ao afirmar que nosso Senhor “Andou por toda a parte fazendo o bem” (At. 10:38). Tais palavras expressam as lembranças que povoavam a mente do apóstolo referentes à pessoa de Cristo<sup>557</sup>, bem como realçam a vida desprovida de egoísmo celebrada pelo Senhor. Pedro está dando testemunho sobre o estilo de vida de Jesus, e também revelando o poderoso impacto desses fatos sobre sua vida e ministério, conforme observa Castilho, ao esclarecer a razão pela qual Pedro descreve Jesus como benfeitor:

Aquele homem viu com seus próprios olhos e ouviu com seus próprios ouvidos a alegria dos enfermos curados por Jesus, a alegria dos pecadores acolhidos e perdoados pelo mesmo Jesus e o entusiasmo das pessoas que comeram até se saciar quando se encontraram sozinhas no desamparo dos pobres desta terra, Jesus passou fazendo o ‘bem’ porque os que se aproximaram dele se sentiram ‘bem’. [...]. Por isso, e não por outra razão, Pedro disse que ‘passou por toda parte como benfeitor’. Não passou dizendo que fazia o bem, mas fazendo-o. Nem mais nem menos que isso<sup>558</sup>.

O *modus faciendi* característico da ação de Cristo indica o caminho para o processo de aconselhamento e de cuidado do outro. Outrossim, funciona como inspiração para aqueles que almejam aprimorar a sua prática do cuidado integral, que anseiam fomentar uma cultura de valorização da vida humana, sob a força inestimável da compaixão e da misericórdia marcas distintivas do ministério de Jesus<sup>559</sup>.

No âmbito dos evangelhos, Jesus é descrito como alguém que desenvolveu uma missão de amplitude integral<sup>560</sup>. Sua conduta e seus atos propiciaram eventos amplamente restauradores, que abarcaram a vida total daqueles que a ele

<sup>555</sup> Ibid., Evangelho de João 8: 1-12.

<sup>556</sup> Ibid., Evangelho de João 12: 24.

<sup>557</sup> CASTILHO, J. M., A ética de Cristo, p 47.

<sup>558</sup> Ibid., p 54.

<sup>559</sup> Cf. HOCH, L. C., Apresentação, In. HOCK, L. C.; HEIMANN, T. (Org), **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**, p.8.

<sup>560</sup> Cf. FRISEN, A., **Cuidando do ser**, p. 41-42.

confiaram suas dores e sua esperança. Jesus anunciava o evangelho, ensinava os valores do Reino de Deus, contudo, também curava, consolava e oferecia orientações para aqueles que demandavam instruções para realizar uma abordagem mais sábia da vida. O trabalho de Jesus caracterizou-se pela promoção da sanidade dos seres humanos em todas as dimensões, pois gerava cura e salvação ao mesmo tempo, restaurando indivíduos em sua integralidade. Ugeux fortalece essa percepção ao dizer:

A meditação dos evangelhos nos mostra a profunda compaixão de Cristo pelas pessoas frágeis com as quais se encontrava, portanto, por todos nós. Também nos dá uma grande esperança, especialmente quando se considera o número de milagres de cura e exorcismos que as Escrituras relatam. Se Jesus cura e liberta é precisamente para revelar com que tipo de amor o Pai nos ama, bem como para nos mostrar que a boa notícia é relativa à pessoa em todas as suas dimensões<sup>561</sup>.

Conforme constatado, no Novo Testamento, há sinais inequívocos de que Jesus dá a devida importância à pessoa em sua totalidade. A preocupação de nosso Senhor com o ser humano inteiro é bem ilustrada pela passagem que descreve a restauração de Bartimeu.

Vejamos tal relato como se acha escrito em Marcos 10: 46-52<sup>562</sup>.

<sup>46</sup> E depois, foram para Jericó. E, saindo ele de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto do caminho, mendigando.

<sup>47</sup> E, ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a clamar, e a dizer: Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim.

<sup>48</sup> E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! Tem misericórdia de mim.

<sup>49</sup> E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, que ele te chama.

<sup>50</sup> E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se, e foi ter com Jesus.

<sup>51</sup> E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista.

<sup>52</sup> E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.

<sup>561</sup> Cf. URGEUX, B., **Così fragili, così umani**: attraversare le debolezze per uscirne più forti. Milano: Paoline, 2015, p.100. “La meditazione dei Vangeli ci mostra la profonda compassione di Cristo per le persone fragili che incontrava, e dunque per noi. Ci dà pure una grande speranza, soprattutto quando si considera il numero di miracoli di guarigione e di esorcismi che le Scritture riferiscono. Se Gesù guarisce e libera, è proprio per rivelarci di quale amore il Padre ci ama e per mostrarci che la buona Novella concerne la persona in tutte le sue dimensioni”. (tradução nossa)

<sup>562</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, Marcos, 10: 46-52.

Nessa pequena, contudo, significativa passagem, Jesus – ao deter-se para acolher o clamor do filho de Timeu –, colocou em relevo pelo menos duas importantes características de sua ação messiânica. Em primeiro lugar, o entrelaçamento entre a linguagem de salvação e a linguagem de cura, frequente na esfera de seu ministério<sup>563</sup>. Em segundo lugar, o seu real interesse de restaurar o indivíduo em sua integralidade. Como se observa no texto supracitado, Cristo agiu em favor da plena e total restauração de Bartimeu.

É pertinente nesse ponto o pensamento de Hendriksen, segundo o qual “o perdão de Deus não fica sozinho. É sempre o perdão e mais alguma coisa”<sup>564</sup>. Essa análise do teólogo holandês expõe a natureza ampla e abrangente das ações curativas de Jesus. Na mesma proporção, descreve o propósito da vinda de Cristo, qual seja: promover vida em toda plenitude<sup>565</sup>.

O Senhor por meio de suas ações cheias de compaixão, poderosamente numinosas – no sentido de serem do alto, de Deus –, evidenciou sua preocupação com o ser humano inteiro, total, integral. Cabe salientar que Jesus viveu num contexto específico, morou em lugares definidos, desenvolveu-se dentro de uma cultura com contornos próprios. Entretanto, não se pode confiná-lo como sentido último da existência e salvador apenas numa região.

Uma das particularidades da pessoa de Jesus alude ao fato de que sua influência é universal. Some-se a isso, a constatação de que o mestre solidário teve o altruísmo como uma de suas marcas mais evidentes. Ele viveu para os outros. Viveu para servir<sup>566</sup>. Suas palavras e realizações universalizaram, por assim dizer, o interesse do pai celestial pelos membros das sociedades humanas. Jesus aproximou-se de todos, precipuamente, daqueles que demandavam mais atenção e apoio em razão de viverem em estado de vulnerabilidade tanto social quanto emocional.

<sup>563</sup> Cf. CLINIBELL, H., **Aconselhamento pastoral**, p. 57-58. Para esse autor, a cura das afecções que acometem o indivíduo, bem como a restauração da plena relação entre Deus e o ser humano são marcas fortemente presentes no ministério de Cristo. Segundo sua compreensão, a salvação, sob a ótica do Novo Testamento, pode ser compreendida como uma espécie de cura final.

<sup>564</sup> HENDRIKSEN, W., **Comentário do Novo Testamento**: Marcos, p.105.

<sup>565</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, João, 10:10.

<sup>566</sup> É importante observar que nos evangelhos Jesus também é apresentado como aquele que veio, “não para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos” (Mc 10.45). Por meio dessa compreensão, o fundamento cristológico do aconselhamento pastoral indica algo permanente, identitário, da ordem do que é próprio, ontológico. Uma dimensão inalienável do serviço da igreja.

A partir destas perspectivas, que colocam Jesus como o fundamento e modelo paradigmático do aconselhamento pastoral, consolida-se a esperança no auxílio de homens e mulheres em suas lutas e aflições. Por certo, a ampla ação de Cristo acolhendo gama variadíssima de indivíduos acometidos pelos mais diferentes processos de desestruturação da experiência existencial, aponta para o seu interesse de restaurar integralmente os seres humanos. O pastor e psicanalista Pfister, citado por Nóe, ressalta essa forma peculiar de Jesus de acolher as mais variadas demandas humanas:

Todos os cansados e sobrecarregados, todos os pobres de espírito, todos os que sofrem, aqueles sem paz, castigados, os alienados dos dons amorosos de Deus, possuídos por espíritos malignos e desviados dos caminhos de Deus pareciam aos seus olhos qual ovelhas sem pastor, de cuja lamentação ele se compadeceu<sup>567</sup>.

Cristo é o conselheiro que orienta sem ser coercitivo, que socorre sem distinções, que oferece a si mesmo como instrumento de acolhimento e valorização do ser. Jesus fomentou uma cultura de afirmação do valor de cada indivíduo, independentemente de sua condição social, cultural ou econômica. O ministério de Cristo corresponde a uma convocação para que os conselheiros e as conselheiras pastorais assumam uma prática de aconselhamento encarnacional, isto é, humilde, congruente, profundamente reveladora do interesse do Senhor pela integralidade da pessoa humana.

O aconselhamento pastoral de natureza integral está centrado em Jesus e em seu ministério como paradigmas para a ação dos batizados na esfera do cuidado inter-humano. Hurding sustenta que é no contato com o ministério de Jesus (na qualidade de maravilhoso conselheiro), que nossas pressuposições, metodologias e objetivos – relacionados ao aconselhamento –, elevam-se acima das teorizações rígidas e mecânicas, sendo revitalizadas por seu Espírito de conselho<sup>568</sup>. Além disso, esse teórico entende que as tentativas dos conselheiros pastorais de levar orientações, compaixão, apoio incondicional e fortalecimento aos outros, só serão bem-sucedidas mediante o compromisso inquebrantável desses representantes do Reino de Deus com uma vida por meio da qual manifeste-se a vida do próprio

---

<sup>567</sup> Cf. NOÉ, S. V., Escola Superior de teologia. Faculdade de teologia. **Introdução à clínica pastoral**. Disponível em: <http://www.adevic.com.br/imagens/downloads/26112009211421b.pdf>. Acesso em: 22 mar 2017.

<sup>568</sup> Cf, HURDING, R. F., **A árvore da cura**, p. 440.

Cristo<sup>569</sup>. Como se vê, o aconselhamento pastoral consiste em uma ação eminentemente cristocêntrica. Dito de outra maneira, realizada a partir do modelo ministerial de Cristo e reveladora de seu caráter compassivo.

#### 4.2.1.

#### **A natureza agápica do aconselhamento pastoral integral**

O Senhor estava voltado para todas as áreas e dimensões da realidade humana; atuando com o fito de concretizar o amor do Pai celestial no palco da história, nosso Senhor engajou-se plenamente na promoção da vida e da dignidade humana. Zuben assevera:

Nos relatos sobre as curas milagrosas, por exemplo, a preocupação de Cristo não se concentra só no restabelecimento da saúde física do enfermo, mas também aponta para a dignidade social, econômica, cultural e religiosa daquele enfermo, excluído e rejeitado dentro da cosmovisão daquele tempo. As curas milagrosas eram acompanhadas da dignidade social e foram interpretadas como sinal da presença do Reino de Deus entre nós<sup>570</sup>.

O Cristianismo, portanto, afirma o valor intrínseco dos seres humanos. As doutrinas cristãs da criação e da salvação, entre outras, ressaltam a dignidade dos sujeitos humanos. John Stott salienta que a compreensão da realidade humana mediante o estudo dessas doutrinas é essencial em nossos dias. Diz ele:

Como cristãos, nós acreditamos no valor intrínseco dos seres humanos, em virtude de nossas doutrinas da criação e da redenção. [...]. Deus nos criou homem e mulher segundo a sua própria imagem e nos fez mordomos responsáveis para cuidar da terra e das suas criaturas. Ele nos dotou de faculdades racionais, morais, sociais, criativas e espirituais. Os seres humanos são semelhantes a Deus. [...]. O ensinamento cristão sobre a dignidade e o valor do ser humano é de suma importância hoje, não só por amor à nossa própria autoimagem, mas ainda mais para o bem-estar da sociedade<sup>571</sup>.

À semelhança de Cristo que veio para servir, demonstrando o amor acolhedor do Pai, a igreja compreende-se como comunidade compassiva e solidária, como serva do cuidado de Deus<sup>572</sup>. A cristologia como balizamento ético da comunidade de fé, pressupõe e revela uma prática de solidariedade e busca pelo bem comum.

<sup>569</sup> Ibid., p. 459.

<sup>570</sup> ZUBEN, R, V, **Superando dualismos**; confrontos e desafios teológicos para a missão integral. Práxis teológica. N. 8, p.48. Out. 2005.

<sup>571</sup> STOTT, J., **Ouçá o Espírito, ouçá o mundo**. p. 257.

<sup>572</sup> BESSA, D, B., **Aconselhamento Pastoral**; desafio para a igreja local, p. 71.



A meta dessa cristologia é o acolhimento dos indivíduos em suas lutas e desassossegos. Refere-se, dessa forma, a um princípio norteador, modelador de movimentos históricos concretos, pessoais e coletivos, que visem a promoção de uma cultura de valorização da pessoa humana, que se configure na prática de ações de cuidado interpessoal. Este cuidado fundamenta-se, evidentemente, no amor de Deus plenamente expressado em Cristo e revela a relação inquebrantável entre o Deus tripessoal e a comunidade cristã, consubstanciada na vivência solidária.

O amor do Pai para com o filho se totaliza na comunicação do Espírito e o amor de Jesus para com os cristãos se resume também na efusão do mesmo Espírito sobre a comunidade que crê (Jo 1, 32-33; 7,39). Eis o laço estreito e forte entre a trindade e a comunidade religiosa e cristã na qual a vida trinitária circula e se visualiza no relacionamento fraterno e solidário entre as pessoas<sup>573</sup>.

A prática do cuidado interpessoal não pode ser desvinculada do amor, conforme identificamos na vida de Jesus. De fato, o exercício desta virtude teologal constitui-se em uma demanda incontornável da cristologia pautada pelas Escrituras. Trata-se de colocar-se sob a influência do amor *agápico*<sup>574</sup>, o tipo de amor que tornou possível a encarnação do verbo divino, “é o amor que faz com que Jesus Cristo, existindo na condição divina, esvazie-se a si próprio, assumindo a condição humana de homem servidor”<sup>575</sup>. O aconselhamento oferecido pela igreja concentra-se no serviço baseado no amor, que atua no interior dos indivíduos possibilitando a aventura do amor humano<sup>576</sup>.

O amor mostra-se no serviço aos membros da igreja de modo específico, e aos partícipes das comunidades humanas de forma geral. Este é o amor *agápico*, que não minimiza a importância do amor *philia*, mas que o ultrapassa na medida em que transforma o respeito à alteridade em serviço amoroso em relação a todos, especialmente os inimigos<sup>577</sup>. Uma compreensão clara das ações de Jesus para os conselheiros que exercem essa função de auxiliar os indivíduos em suas lutas é de

<sup>573</sup> LIMA, M., **O ser do retiro e sua expressão teológica**, p. 25.

<sup>574</sup> A palavra grega *Ágape*, em latim *Caritas*, implica respeito, gratidão e doação. Termo consagrado no âmbito cristão para designar o amor de Deus. Daí deriva a expressão amor *agápico*, isto é, gratuito, veraz, pleno, revelador da natureza essencial de Deus. Para maior entendimento do significado do amor *agápico* e suas implicações, é recomendável a leitura do texto de RUBIO, A. G., **Evangelização e maturidade afetiva**, p. 155-173. O autor faz uma apresentação bastante elucidativa acerca das distinções entre os conteúdos do amor *eros*, *philia* e *ágape*.

<sup>575</sup> RUBIO, A. G., **Evangelização e maturidade afetiva**, p. 157.

<sup>576</sup> *Ibid.*, p. 158.

<sup>577</sup> *Ibid.*

fundamental importância na medida em que o mestre de Nazaré comunica um Deus presente, que não está num lugar distante, inacessível, impenetrável<sup>578</sup>.

Jesus revelou a tentativa da religião de submeter o ser humano aos seus caprichos; colocou em evidência a manipulação dos mistérios de Deus pela religião institucionalizada. Jesus não anuncia um Deus que sufoca os seres humanos com sua presença. Deus não deseja que as pessoas se sintam intimidadas, mas sim amadas e acolhidas. A professora Marivani esclarece essa questão, ao dizer que:

O pai amoroso que espera o retorno do filho errante e corre para abraçá-lo quando finalmente aparece. Deus é o pastor que deixa noventa e nove ovelhas para sair em busca daquela que se desgarrou. [...]. Deus é aquele que demonstra atenção especial pelos pobres, famintos e sofredores, que reverte a ordem normal das coisas, fazendo do último o primeiro, e do primeiro, o último<sup>579</sup>.

A prática do aconselhamento pastoral – que procura restaurar e fortalecer o ser humano integralmente, sem preconceitos, sem adições de encargos que devem ser admitidos para que os indivíduos alcancem o favor do Senhor –, consubstancia essa realidade de misericórdia e compaixão presente nas palavras e atos de Deus.

O Deus cristão revela-se visceralmente enamorado pelos seres humanos, seu amor é robusto e fidelíssimo e, concomitantemente, capaz de ternura infinda e dulcíssima, Pai e Mãe de ricas misericórdias. Este é o Deus descrito pelas páginas da Bíblia<sup>580</sup>. O aconselhamento praticado pelos eclesianos necessita de uma cristologia que lhes forneça instruções seguras (alicerçadas na vivência de fé do nosso Senhor), reguladoras dessa inestimável ação de cuidado inter-humano<sup>581</sup>.

<sup>578</sup> Cf. PEREIRA, M. O. A., **Que Deus?** Reflexão teológico-pastoral acerca da fé adulta no Deus de Jesus em contraposição à fé no Deus da onipotência infantil, conforme Domínguez Morano. Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro para obtenção do título de mestre em teologia, p. 65.

<sup>579</sup> Cf. PEREIRA, M. O. A., **Que Deus?** Reflexão teológico-pastoral acerca da fé adulta no Deus de Jesus em contraposição à fé no Deus da onipotência infantil, conforme Domínguez Morano, op. cit., p. 79.

<sup>580</sup> FORTE, B., **Viver com Amor:** sobre a fé e a experiência de Deus, p. 27.

<sup>581</sup> A ausência de uma cristologia associada à prática do aconselhamento pastoral tende a desfigurar essa ação de cuidado na medida em que abre espaço para a implementação de discursos e metodologias não compatíveis com a práxis de Jesus. A concepção, já mencionada no âmbito desta pesquisa (cap. 1, item 1.2.2), de que apenas os seguidores de Jesus devem ser beneficiados pelo aconselhamento está flagrantemente em desacordo com o modelo de ministério de Cristo. Haja vista, o grande número de homens e mulheres que – aparentemente – segundo registros escriturísticos, não se tornaram seus discípulos, embora tenham se beneficiado tanto de sua sabedoria quanto de seus atos de compaixão. Cf. **Bíblia Shedd**, Mateus, 8: 5-13; 9: 19-22; 15: 21-28; Marcos, 10: 17-22; Lucas, 8:49-56; 17:11-19. João, 3: 1-15; 8:1-11, apenas para citar alguns incidentes.

Nesse singelo olhar lançado sobre o modelo ministerial de Jesus, resulta claro que a vida de Cristo é descortinadora do Pai celestial, paizinho, Deus amor<sup>582</sup>, Deus que se manifesta agapicamente por meio de atos de solidariedade e compaixão.

O Deus da fé bíblica nada tem de frieza e indiferença, Jesus a Ele se dirige chamando-o de Pai, o termo usado por Cristo é *abbá*, expressão terna utilizada pelas crianças para dirigirem-se aos pais, da qual também os adultos se valiam para demonstrar afetuosa confiança<sup>583</sup>. Forte sustenta que Jesus foi o primeiro a usar esse tratamento na relação com Deus<sup>584</sup>.

A experiência do ágape caracterizava, particularmente, a comunidade dos primeiros discípulos<sup>585</sup>. Por certo, ao desenvolver o amor agápico, a vida de cada um é voltada para a vida do outro. Por conseguinte, perante uma sociedade atravessada pela absolutização do paradigma do interesse próprio, a congregação dos batizados destaca-se pelo compromisso com um estilo de vida enraizado na vivência altruísta de Cristo.

O agir agápico aumenta consideravelmente a qualidade das relações interpessoais, promove a valorização da vida, assim como é tendente a revigorar o tecido social. Os episódios de generosidade, fraternidade, bondade, em suma, gratuidade, possuem um enorme potencial de sedimentar os vínculos sociais e harmonizar o convívio dos sujeitos humanos<sup>586</sup>.

Karl Barth, o eminente teólogo protestante suíço nascido em Basileia, ao apontar para o caminho pelo qual devem trilhar os seguidores de Jesus, inclui necessariamente o esforço amoroso que visa transformar inimigos em amigos. Diz ele:

Se só amamos os que nos amam, os publicanos e pecadores podem fazer o mesmo. Se demonstramos humanidade somente aos irmãos, o bárbaro faz o mesmo (Mateus 5.46-47). Que proveito há nisto? [...]. O que é imposto aos discípulos é que eles devem amar seus inimigos (Mateus 5. 44). Ao fazer isso destrói-se todo o relacionamento amigo-inimigo, pois quando amamos nosso inimigo, ele deixa de ser nosso inimigo<sup>587</sup>.

<sup>582</sup> Cf. PEREIRA, M. O. A., loc. cit, p.71.

<sup>583</sup> Cf. FORTE, B., loc. cit, p. 28.

<sup>584</sup> Ibid., p. 28,29.

<sup>585</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, Atos 4:32-35.

<sup>586</sup> Cf. CALLEBAUT, B., Disponível em: **A gratuidade e a reciprocidade do agir agápico, o seu relacionamento com a dádiva.** file:///C:/Users/User/Downloads/8856-16413-1-PB%20(2).pdf. Acesso em 4 abr. 2017.

<sup>587</sup> BARTH, K, **Chamado ao discipulado**, p. 59.

José - Román Flecha Andrés, por seu turno, chama a atenção para a centralidade do amor na ação missional de Jesus e seus seguidores. Segundo ele:

O amor é a chave da vida e da mensagem de Jesus e seus discípulos. [...]. Consequentemente, se ser cristão é pensar e viver segundo o ideal de pessoa humana traçado por Jesus, sua forma de viver e ensinar o amor é para os cristãos de todos os tempos uma lição fundamental: é uma visão veraz e definitiva do encontro interpessoal<sup>588</sup>.

Realmente, o modo de Jesus relacionar-se com as pessoas de sua época, mostra o quanto se importava com todos os indivíduos indistintamente. Jesus demonstrava espírito de abertura e compreensão. Para Collins:

Jesus também ensinou sobre o casamento, interação entre pais e filhos, obediência, relação entre raças, e liberdade tanto para homens como para mulheres. [...] quando Jesus tratava com essas pessoas ele frequentemente ouvia suas perguntas e as aceitava antes de estimulá-las a pensar ou agir de modo diferente<sup>589</sup>.

Por tudo isso, pode-se dizer que são agudos os desafios perante a comunidade dos irmãos em sua jornada ministerial. Resta evidente que a igreja avança no exercício de seu ministério quando manifesta o caráter solidário de Deus e, assim, reflete a sua natureza amorosa e compassiva. Nas palavras do professor Fernandes:

O grande serviço que a igreja realiza pela missão é tornar presente, visível e operante o amor gratuito de Deus pelo ser humano [...]. A compreensão da história da salvação mostra como Deus veio ao encontro de todas as necessidades da sua sublime criatura. O equilíbrio entre o temporal e o espiritual no exercício da missão é o desafio que permite à igreja sempre rever como persegue seus objetivos na evangelização como continuação da missão de Cristo. A sua caridade é o paradigma, pela qual a igreja reconhece o prolongamento do mistério da encarnação, doação absoluta de Deus a sua criatura<sup>590</sup>.

Em outros termos, o serviço da igreja consiste em dar visibilidade ao amor de Deus pelos seres humanos. Isto é, demonstrar que o Deus revelado em Jesus Cristo, o Deus que se fez um de nós, acolhe-nos em sua graça, assiste-nos em nosso sofrimento, encontra-nos em nossa angústia.

Os eclesianos, imbuídos do desejo de fazerem-se participante da manifestação da misericórdia de Deus, dirigem-se às sociedades humanas com o fito de concretizar (na vivência relacional), o interesse amoroso do Senhor. Vê-se, dessa forma, que o aconselhamento é um aspecto necessário e vital da tarefa da

<sup>588</sup> FLECHA, A., **Vida cristã, vida teologal**: para uma moralidade da virtude, p. 142-143.

<sup>589</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento Cristão**, p.13.

<sup>590</sup> FERNANDES, L. A., Missão e missiologia a partir da *Evangelii Gaudium*. In AMADO, J. P.; FERNANDES, L.A. (Org.), **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais, p. 277-308.

Igreja em sua missão de revelar o amor de Deus aos homens. Além de constitui-se em uma das marcas distintivas do povo de Deus, na medida em que o apoio ao pobre, aos despossuídos e socialmente vulneráveis sempre compuseram o conjunto de solicitações de Deus ao seu povo<sup>591</sup>.

Com efeito, na esfera da ação missional de Cristo, gentios, enfermos e angustiados ocuparam um lugar de proeminência. Se, por um lado, Jesus interpelava as autoridades, por outro, instilava fé naqueles que padeciam sob a indiferença da religião institucionalizada e os infortúnios da vida.

O mestre de Nazaré evidenciava o amor do Pai nas relações que travava com aqueles que se encontravam escravizados pela desesperança e inquietos diante das dificuldades, numa abertura decisiva e amorosa ao outro e suas circunstâncias. Tal amor, “vigoroso que junta solicitude com confrontação, é essencial em toda poimênica e em todo aconselhamento pastoral. [...]. O modo como Jesus se relacionava com pessoas era uma corporificação dessa fórmula”<sup>592</sup>, anuncia Clinebell.

Amar, na perspectiva encarnacional, significa participar dessa ação. O aconselhamento pastoral pode ser um canal para receber a dádiva do amor restaurador e transformador de Deus<sup>593</sup>. Quando os conselheiros e conselheiras estendem as mãos em direção aos que entraram em aflição e sofrimento, alguém que nunca antes teve conhecimento desse amor, poderá recobrar o entusiasmo pela vida e encher-se de esperança.

Por certo, o amor descrito pelas páginas das Escrituras manifesta-se de múltiplas e ricas formas; revela-se como boa vontade, solidariedade viva e atos de compreensão e misericórdia<sup>594</sup>. Além disso, ações de abnegação lhe são comuns, haja vista, a compreensão de Cristo a acerca de si mesmo<sup>595</sup>, “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos”<sup>596</sup>.

Isto, por certo, sublinhará o compromisso da comunidade cristã com sua mensagem. Afinal, conforme adverte Stott, “as palavras só deixam de ser abstratas

<sup>591</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, Êxodo 22:21-24. Deuteronômio 10:19; 14: 28-29; 24:17-21; 26; 12-13. Tiago 1: 27.

<sup>592</sup> CLINEBELL, H., **Aconselhamento Pastoral**, p. 53.

<sup>593</sup> *Ibid.*, p. 62.

<sup>594</sup> TOZER, A, W, **Mais perto de Deus**: os atributos de Deus e seu significados na vida cristã, p. 117.

<sup>595</sup> *Ibid.*

<sup>596</sup> Cf **Bíblia Shedd**, João 15: 13.

quando se concretizam em atos de amor [...]. Palavras sem ação não tem credibilidade”<sup>597</sup>.

Destaca-se aqui o fato de que o aconselhamento pastoral está inserido no conjunto de recursos usados pela Igreja para concretizar, na cena contemporânea, o amor do Senhor pelos membros da família humana, meios estes produtores de vida em abundância.

O Senhor Jesus salientou que o primeiro mandamento é amar a Deus incondicionalmente<sup>598</sup>, em seguida, ressaltou que o segundo, semelhante a este, consiste em amar ao próximo como amamos a nós mesmos. O mestre querido baseou-se no amor para resumir a lei. O Apóstolo Paulo salienta essa mesma verdade<sup>599</sup>.

Esse movimento da teoria para a vida cotidiana, da compreensão para a prática efetiva do cuidado amplo e amoroso, a fim de expressar o amor de Deus no âmbito das relações interpessoais, constitui-se num dos grandes desafios tanto dos conselheiros cristãos, quanto de todos os demais membros das comunidades humanas criados à imagem e semelhança de Deus<sup>600</sup>.

Trata-se de uma fascinante e urgente agenda para a vida. Conforme ficou esclarecido, Jesus e os discípulos dos primeiros dias trabalharam num contexto de profundo desenraizamento social e cultural de grandes contingentes populacionais; numa sociedade multicultural e multireligiosa, caracterizada pela insegurança, pela injustiça e ainda pela violência.

Neste cenário, Cristo e a comunidade do primeiro século depararam-se permanentemente com situações concretas de sofrimento individual e coletivo das pessoas envolvidas por uma realidade social repleta de deformações. Tais marcas desagregadoras e destruidoras da vida foram enfrentadas por Jesus e pela maioria dos partícipes da comunidade cristã pioneira.

Cabe notar o compromisso do seguimento de Jesus com a transformação da realidade, isto é, do mundo real, sem evitações ou subterfúgios. É, portanto, no dinamismo da vida real que os conselheiros pastorais, à semelhança do mestre de Nazaré, desempenham a missão de serem agentes do Reino de Deus procurando

<sup>597</sup> STOTT, J., **Ouçá o Espírito, ouçá o mundo** p. 386.

<sup>598</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, Mateus 22:34-40.

<sup>599</sup> Ibid., Gálatas 5: 13-14.

<sup>600</sup> Cf. FERNANDES, L. A., **Apresentação**, In: FERNANDES, L. A. (org). *Traços da misericórdia de Deus segundo Lucas*. Santo André (SP): Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016, p. 7.

levar soluções para os conflitos, cura para a alma, apoio e consolação para os abatidos.

Em resumo, oferecer algo do amor de Deus a homens e mulheres necessitados, num mundo repleto de traços capazes de consumir a alegria e o vigor da vida. Nas palavras desafiadoras do professor Agostini, “tendo a caridade como o paradigma, pelo qual a Igreja reconhece o prolongamento do mistério da encarnação, doação absoluta de Deus à sua criatura”<sup>601</sup>.

#### 4.2.2. Ética do cuidado

A ética pode ser tomada como um ramo da filosofia que se ocupa da análise daquilo que é moralmente bom ou mau, certo ou errado. A ética estuda a moral e investiga as ações e feitos dos membros de uma sociedade<sup>602</sup>.

A problemática da ética, dessa forma, em sentido abrangente, diz respeito à determinação do que é permitido ou proibido, segundo o conjunto de normas ou valores acolhidos historicamente por uma sociedade ou povo<sup>603</sup>. Tal compreensão é importante na medida em que o indivíduo precisará agir em sintonia com tais preceitos a fim de sua conduta ser classificada como ética.

O ser humano é livre para agir de diversas maneiras e formas, no entanto, seu agir deve ser ético<sup>604</sup>. Por essa razão, a ética, grosso modo, pode ser descrita como sendo a ciência do comportamento moral. Ana Cláudia Puggina e Maria Júlia Paes observam que, do ponto de vista etimológico, a palavra ética vem do

<sup>601</sup> FERNANDES, L. A., Missão e missiologia a partir da *Evangelii Gaudium*. In AMADO, J. P.; FERNANDEZ, L.A. (Org.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais, p.297.

<sup>602</sup> MARCONDES, D., *Textos básicos de ética*: de Platão a Foucault, p. 9. Danilo Marcondes é professor há mais de 30 anos do Departamento de filosofia da PUC- Rio. Além disso, é escritor e professor associado do Departamento de Filosofia da UFF. Para esse ilustre professor, o profundo sentimento de crise que experimentamos em nossos dias, provavelmente, esteja atrelado à perda de referência de determinados valores e normas, que passaram por um processo de relativização; além de outros fatores. MARCONDES, D., *Textos Básicos ética*, p. 9-14.

<sup>603</sup> Ibid, p. 9. Esse autor propõe as seguintes dimensões para aquilo que se entende por ética na atualidade, a saber: a) o seu sentido básico ou descritivo, que se aproxima da acepção originária do termo *ethos*. Ou seja, a ética como designação de hábitos e práticas específicas de um povo ou sociedade. Nessa perspectiva, todas as comunidades humanas possuem elementos norteadores da conduta. b) a ética em seu sentido prescritivo ou normativo. Algo como um sistema próprio de valores que tanto estabelecem quanto justificam princípios e comportamentos. Trata-se das normas que ordenam as decisões e responsabilidades. c) a dimensão reflexiva da ética, que corresponde ao seu sentido filosófico, portanto, relativo às teorias ou noções filosóficas da ética, que pretende investigar criticamente a natureza e os fundamentos que dão lastro as ações classificadas como éticas. Cf. MARCONDES, D., *Textos básicos da ética*, p. 10.

<sup>604</sup> Ibid. , p. 9.

grego *ethos* que significa modo de ser ou caráter<sup>605</sup>, e salientam que o estudo de problemas éticos está presente na reflexão de Demócrito, Protágoras, Sócrates, entre outros. Essas pesquisadoras da Universidade de São Paulo ressaltam ainda que é com Aristóteles que a ética assume o caráter de disciplina filosófica sistematizada<sup>606</sup>.

Em nossos dias, a ética é uma das áreas que maior interesse desperta nas pessoas, particularmente, pelo fato de estar associada às expectativas cotidianas. Existem, inclusive, inúmeras profissões que possuem códigos de ética, num claro e insuspeito esforço de estruturar um conjunto de orientações para seus profissionais<sup>607</sup>.

A ética, com suas diversas nuances, vem ganhando grande destaque na sociedade. De acordo com Castillo, a ética tem sido percebida (na atualidade), como uma temática que sobrepuja, inclusive, a importância da dogmática<sup>608</sup>. Para ele, são inúmeras as questões que dizem respeito, de alguma maneira, ao campo da ética. O sacerdote espanhol mencionado acima destaca algumas delas:

Caridade midiática, ações humanitárias, proteção ao meio ambiente, moralização dos negócios, da política e dos meios de comunicação, debates sobre aborto, sobre o assédio sexual, correspondência amorosa e códigos de linguagem ‘politicamente correta’, cruzada contra a droga e luta antitabagista<sup>609</sup>.

E ainda, Marcondes comenta:

<sup>605</sup> PUGGINA, A. C.; PAES, M. J., **Ética no cuidado e nas relações humanas: premissa para um cuidar mais humano**. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=769580>. Acesso em 4 abr. 2017. O teólogo Marcos Azevedo contribui para uma melhor compreensão desse termo ao esclarecer que a palavra ética provém de uma raiz grega, cuja representação verbal é *èiotha*, tendo como significado original habitação ou estábulo. Em vista disso, *èthos* (ética) possui o significado de estabilidade ou estábulo. Quanto à sua relação com os animais, o termo consistiria no oferecimento de proteção para estes, aplicada ao ser humano, a ética existe para oferecer lhe tanto segurança quanto estabilidade. Cf. AZEVEDO, **Ética e espiritualidade**, p. 21-22. Marcondes, por seu turno, chama a atenção para o fato de que o termo grego *ethos*, foi traduzido pelos romanos para o termo latino *mos, moris* (que preserva o significado de *ethos*), dos quais vem *moralis*, do qual originou-se a palavra moral em português. Cf. MARCONDES, D., **Textos básicos de ética**, p. 9.

<sup>606</sup> Cf. PUGGINA, A. C.; PAES, M. J., **Ética no cuidado e nas relações humanas: premissa para um cuidar mais humano**. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=769580>. Acesso em abr. 2017 em 4 abr. 2017.

<sup>607</sup> Cf. MARCONDES, D., **Textos básicos de ética**, p. 9.

<sup>608</sup> Cf. CASTILLO, J. M., **A ética de Cristo**, p.10. Trata-se aqui da parte da teologia que aborda, de modo sistemático, o conjunto de doutrinas definidas como dogmas pela igreja. Não é infrequente que os termos dogmática e teologia sejam usados como sinônimos. No entanto, o primeiro é relativamente novo, remonta ao século XVII, o segundo, por sua vez, bem mais antigo, pode ser encontrado, por exemplo, em Platão, concebido meramente como um discurso genérico sobre a divindade. Cf. Disponível em: <http://www.veritatis.com.br/categoria/teologia/teologia-dogmatica/>. Acesso em: 15 de abr, 2017.

<sup>609</sup> *Ibid.*, p. 9.



O interesse pela ética tem se desenvolvido bastante nas últimas décadas também a partir de novas questões surgidas recentemente, sobretudo, em dois campos: A bioética e a ecologia [...]. A bioética é uma disciplina nova que trata de problemas relacionados à vida humana, principalmente a descobertas recentes na medicina, biologia e engenharia genética. [...]. A ecologia tem suscitado igualmente uma revisão de nossos parâmetros habituais de relação com o meio ambiente, envolvendo uma série de questões éticas<sup>610</sup>.

Como se depreende dos pronunciamentos acima, a área de abrangência da ética é bastante vasta e atravessada por complexidades e controvérsias. Não se pretende, certamente, refletir aqui sobre todos esses fatores, mas sim indicar a importância de tal conceito para os dias atuais, e as implicações da ética de Cristo como elemento regulador das reflexões e atividades da comunidade de fé, bem como suas consequências para o trabalho de revelar o cuidado de Deus pelos seres humanos.

Com efeito, as questões relativas ao cuidado interpessoal têm sido objeto de estudo e reflexão de inúmeras profissões atreladas ao cuidado, tais como, a medicina, psicologia, teologia, psicanálise, enfermagem, entre outras. Oliveira intui que a vivência religiosa, marcadamente associada ao ministério de apoio, propicia que cristãos de um modo geral, e pastores e pastoras de forma particular, sejam considerados cuidadores por excelência.

Na relação com a sociedade, os cristãos são muitas vezes procurados por pessoas em dificuldade, em busca, portanto, de direção e ajuda<sup>611</sup>. Para essa autora, disto resulta uma ampla rede de apoio e solidariedade, que transforma o aconselhamento pastoral em um importante sistema de prevenção e atuação de saúde mental<sup>612</sup>.

A ética se funda psicologicamente na capacidade do ser humano transcender a situação concreta do desejo orientado a si próprio, a fim de importar-se com os outros, com as coisas e com a comunidade e tomar decisões voltadas ao bem-estar das pessoas e dos grupos, dos quais a sua própria satisfação depende intimamente.

A observação de que a igreja deve procurar comportar-se tendo como modelo paradigmático a relação de Cristo com seus pares sociais remete à questão ética, implicada, sem nenhuma dúvida, no ministério do mestre de Nazaré.

<sup>610</sup> MARCONDES, D., op. cit., p. 12.

<sup>611</sup>Cf. OLIVEIRA, R. M. K., **Cuidando de quem cuida**: proposta de poimênica aos pastores no contexto das igrejas evangélicas brasileiras- dissertação apresentada à Escola Superior de teologia/ Instituto ecumênico de pós-graduação para a obtenção do título de mestre em teologia, p. 12.

<sup>612</sup> Ibid.

A dimensão ética do cuidado<sup>613</sup> ativa, por assim dizer, uma postura de compaixão, de solidariedade, de apoio, no sentido de promover o bem; no caso do aconselhamento pastoral, assim como em outras iniciativas de ajuda interpessoal, propõe uma ação que visa o bem-estar do indivíduo, levando-se sempre em conta sua dignidade como pessoa e sua integridade moral. Em vista disso, o exercício da ética do cuidado implica diligência, atenção, altruísmo, solicitude.

Tal expressão de zelo pelas pessoas, que se funda nas ações de Cristo, não se resume a atos episódicos, sazonais, meramente circunstâncias. Trata-se de um modo de ser que se revela na vida cotidiana por meio do compromisso permanente com o incremento da vida humana em sua integralidade.

Heidegger<sup>614</sup>, citado por Boff, corrobora com essas intuições, ao afirmar: “do ponto de vista existencial, o cuidado se acha *a priori*, antes de toda atitude e situação de fato”<sup>615</sup>. O importante filósofo reconhece o cuidado como elemento estruturador do ser, assim como expressão de uma ética reveladora da realidade humana.

Sob esta ótica, pode-se dizer que a ética do cuidado evoca o conceito de uma realidade ontológica, que tem a ver com a identidade profunda e essencial, com a natureza do ser humano. O cuidado vincula-se ao ser humano. Ou, em termos mais apropriados, sem o cuidado desfigura-se o humano.

Puggina e Paes da Silva ampliam e agudizam essa percepção, ao afirmarem, à luz das intuições heideggerianas, “sem cuidado não há o humano; o cuidado é anterior ao espírito e ao corpo”<sup>616</sup>.

Realmente, sem cuidado a existência fenece. A ausência de cuidado alimenta o abandono, o descuido, o descaso. O descuido compromete a vitalidade humana, empobrecendo as relações interpessoais. Na perspectiva cristã, a ética do cuidado pressupõe uma atitude de reverência para cuidar da vida e de sua

<sup>613</sup> Cf. ZOBOLI, E. L. C.; PEGARARO, P. B. B. **Bioética e cuidado: o desafio espiritual**. Disponível: [http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo\\_saude/53/09\\_bioetica\\_e\\_cuidado.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/53/09_bioetica_e_cuidado.pdf). Acesso em 24 Jun 2017.

<sup>614</sup> Martin Heidegger, o filósofo alemão da corrente existencialista, nascido em 1889 e falecido em 1976, um dos pensadores mais importantes e fundamentais do século XX, é descrito por Leonardo Boff como o filósofo do cuidado. Cf. BOFF, L., *Saber cuidar*, p. 89.

<sup>615</sup> HEIDEGGER, M. apud BOFF, L., *Saber cuidar*, p. 34.

<sup>616</sup> PUGGINA, A. C.; PAES, M. J., **Ética no cuidado e nas relações humanas: premissa para um cuidar mais humano**. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1329325/mod\\_resource/content/1/etica%20no%20cuidado%20%281%29.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1329325/mod_resource/content/1/etica%20no%20cuidado%20%281%29.pdf). Acesso em abr. 2017.

fragilidade<sup>617</sup>. No âmbito específico do aconselhamento pastoral, corresponde a demonstrar compaixão e solicitude por todos os que demandam apoio, tendo como fonte de inspiração e modelo o mestre de Nazaré.

Trabalhar para um mundo mais justo, solidário, e marcado pela compaixão inter-humana exigirá, de todos os participantes do seguimento de Jesus, a superação do egoísmo e do individualismo. Trata-se, dessa forma, do exercício da dimensão ética do chamado emitido por Cristo. Com muita propriedade, a professora Lúcia Pedrosa-Pádua, ao refletir acerca dos lugares de Deus ou de transcendência, destaca a ética como um desses espaços. Ela diz:

No evangelho, Jesus mostra que, no amor ao desconhecido, Deus mesmo está presente. A atenção ao que sofre e ao que necessita é atenção ao próprio Deus, e neste espaço ético se joga o nosso destino final [...]. O espaço ético exige abertura e valorização da diversidade [...]. Exige um ir além de si mesmo<sup>618</sup>.

Decerto, este é o espaço da abertura e alteridade, da descoberta e reconhecimento do outro. O espaço ético é uma percepção objetiva de que Deus age por meio de mãos humanas. É algo da ordem de uma ação em prol do bem-estar das sociedades humanas. Alude, dessa forma, à uma maneira de ser no mundo.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que a ação da comunidade cristã ganha autenticidade, relevância e pertinência quando está completamente comprometida com a promoção da vida e, por consequência, com um comportamento revelador do verdadeiro caráter do Deus apresentado pelas Escrituras. O professor Moraes, ao refletir acerca da transmissão das boas novas, coloca em relevo a dimensão ética da ação cristã na cena contemporânea:

A evangelização deve conseguir harmonizar a explicação da doutrina ou os conteúdos da fé cristã, com a preocupação na tradução em comportamentos éticos que brotam da paixão/ atração pela pessoa do Senhor Jesus Cristo. Sem esta

<sup>617</sup> Cf. BOFF, L., **Saber cuidar**, p.19. Segundo Leonardo Boff, tudo o que existe precisa receber cuidado para que não se extinga. Sendo assim, as plantas, os animais, os seres humanos e o planeta como um todo, demandam cuidado para não fenecerem. Com efeito, estamos totalmente de acordo com essa percepção. O fato de não desenvolvermos aqui o conceito dessa ação holística de cuidado consiste no foco desta pesquisa, qual seja, o aconselhamento pastoral como uma expressão de cuidado inter-humano. Por certo, abordar o cuidado à luz dos preciosos *insights* de Boff, requereria não um, mais diversos estudos profundos e volumosos.

<sup>618</sup> PEDROSA-PÁDUA, L. Espaços de Deus: pistas teológicas para a busca e o encontro de Deus na sociedade plural. In: RIBEIRO, O. P., A e DE MORI, G. (Org.). **Deus na sociedade plural: Fé, símbolos, narrativas**. p.21-46.

harmonia, parece-nos que a autêntica evangelização não pode acontecer, pois a totalidade da pessoa humana não estará contemplada<sup>619</sup>.

A ética fundamentada na práxis de Jesus ultrapassa a percepção de que a realização da missão evangélica reduz-se à comunicação dos enunciados da fé, sem que ocorra um real e tenaz empenho pela promoção humana. De modo geral, pode-se dizer que o grande trabalho da Igreja consiste em presentificar o amor operante e gratuito de Deus pelo ser humano. Fernandez comenta:

A compreensão da história da salvação mostra como Deus veio ao encontro de todas as necessidades da sua sublime criatura. O equilíbrio entre o temporal e o espiritual no exercício da missão é o desafio que permite à Igreja sempre rever como persegue os seus objetivos na evangelização como continuação da missão de Jesus Cristo<sup>620</sup>.

Logo, trata-se de, entre outros aspectos, da importância de combatermos – no âmbito da transmissão da boa nova do redentor –, bem como na esfera do aconselhamento pastoral, toda forma de dualismo que tende a empobrecer a presença da comunidade cristã na sociedade, portanto, diminuir sua influência na construção de um mundo mais justo, solidário, fraterno e acolhedor. Desconsiderar essa realidade implicará o afastamento da comunidade da fé da real situação do mundo para o qual deve se dirigir com respeito e atitude de humildade.

De fato, a ética, na perspectiva cristã, consiste em esvaziar-se, doar-se e caminhar em direção ao próximo<sup>621</sup>, sobretudo em direção aos que se encontram em situação de vulnerabilidade existencial.

Não temos dúvida: a ética aponta para uma nova forma de atuar na história, remete, ainda, à solidariedade e à compaixão. Isto faz do ser humano um ser de alteridade. Um sujeito capaz de encontrar-se consigo mesmo ao encontrar-se com seus semelhantes. Agindo assim, a comunidade missional, ministrando ao mundo

<sup>619</sup> MORAES, A.O., Anúncio do evangelho na atualidade: uma introdução à *evangelii gaudium* In AMADO, J. P.; FERNANDEZ, L.A.(Org), **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.p.33-48.

<sup>620</sup> FERNANDES, L. A., Missão e missiologia a partir da *Evangelii Gaudium*. In AMADO, J. P.; FERNANDEZ, L.A.(Org). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais, p. 297.

<sup>621</sup> Como destaca o professor José Otácio Oliveira Guedes, não se pode reduzir a vida cristã ao exercício de um sistema de virtudes e afastamento dos vícios. Segundo ele, a vivência cristã é uma experiência de obediência a fé, que se concretiza em escolhas e decisões alinhadas com o evangelho. Essa compreensão ajuda no combate ao “eticismo sem bondade”.Cf. GUEDES, J. O. O., A novidade do Cristianismo na *Evangelii Gaudium* . In AMADO, J. P.; FERNANDEZ, L.A.(Org). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais, p. 165.

na perspectiva *kenótica*<sup>622</sup> obterá êxito em atuar no mundo como fonte de socorro e esperança, porquanto demonstrará que o verdadeiro poder de Deus se revela em amor por todos os membros da família humana. Por conseguinte, colocará em evidência as excelências do Deus que não nos consome, mas sim, nos plenifica e estimula para seguirmos em frente rumo à nossa destinação teologal. A observação da teóloga Lúcia Pedrosa-Pádua, a seguir, ressalta, vivamente, essa realidade:

No cristianismo, a finalidade última da pessoa humana é Deus. Então, isso estaria em desacordo com a autofinalidade intrínseca à pessoa? Aqui é necessário explicitar que, no cristianismo, a noção de Deus é a do Deus – Ágape - Amor, revelado por Jesus Cristo, fundamento do ser pessoal da pessoa, e que, longe de instrumentalizá-la, a impulsiona a se autorrealizar conforme a sua realidade pessoal<sup>623</sup>.

Neste contexto, os discípulos de Jesus são convidados a fazer um exame rigoroso de seus cometimentos para saber se, de fato, estão manifestando os sinais da presença de Deus na história. Todos são desafiados a participar da caminhada em direção ao outro, percebendo nesse novo período um tempo de oportunidades.

Nas palavras de Moraes, “devemos compreender esse momento, acolhê-lo e configurar ativamente o nosso futuro [...] devemos conceber, acolher e plasmar a hora presente como *Kairós*, como um tempo que nos foi dado por Deus”<sup>624</sup>. O Senso de oportunidade, portanto, é um dos elementos que devem estimular o trabalho dos batizados no mundo. Os desafios que os conselheiros pastorais encontram na missão de solidarizarem-se com as pessoas não são obstáculos intransponíveis, mas tão somente ocasiões que lhes permitirão progredir e amadurecer no trabalho de promover o bem, demonstrando, dessa forma, o amor

<sup>622</sup> Ainda que não se pretenda aqui, certamente, analisar este importante aspecto da doutrina cristã, qual seja, o auto-esvaziamento de Cristo em sua encarnação, pode-se considerar as seguintes informações: o termo *Kenótica* como variação do termo grego *Κένωση*, que significa basicamente esvaziamento. No âmbito do Novo Testamento, tem sua significação teológica associada ao fato de Jesus Cristo ter assumido forma humana, tornando-se servo, sem, contudo, abrir mão de sua condição divina. Nas palavras de Rubio, ao discorrer sobre a encarnação do verbo divino bem como seu esvaziamento, “sem perda de sua transcendência, este Deus, segundo o Novo Testamento, torna-se tão próximo que se faz nosso irmão em Jesus Cristo. Encarna-se realmente, sem abandonar, no entanto, a condição divina. [...]. Jesus Cristo, existindo na condição divina (*uparchôn*: participio presente indicando a posseção perdurável desta condição), ‘aniquilou-se’ (*ekenosen*: aoristo, indicando uma ação passada), despojando-se não certamente da condição divina, mas da glória correspondente”. RUBIO, A.G., **Unidade na pluralidade**, p. 18,19.

<sup>623</sup> PEDROSA-PAULA, L., **O ser humano e o fenômeno religioso**. p. 47.

<sup>624</sup> MORAES, A.O. O anúncio do evangelho na atualidade: uma introdução à *evangelii gaudium*. In AMADO, J. P.; FERNANDEZ, L.A.(Org). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. p.33-48.

concreto, operante e inalterável de Deus pelo ser humano, bem como a natureza da ética que regula a atuação dos batizados no mundo.

### 4.3.

#### Dimensões do aconselhamento pastoral de natureza integral

Na perspectiva do aconselhamento de natureza integral, a combinação de diferentes saberes, tais como, a teologia, filosofia, psicanálise, entre outros, representa grande contribuição para o enfrentamento dos fatores que solapam o vigor da vida. Mais do que nunca, as palavras de Cristo precisam reverberar e ser ouvidas por todos que se inserem em seu seguimento, mormente, pelos conselheiros e conselheiras pastorais: “os são não precisam de médico, mas sim os doentes”<sup>625</sup>.

O chamado cristão implica solidarizar-se com aqueles que padecem em razão de problemas que causam desorientação, às vezes, desespero. Tal quadro demanda ações ecumênicas e interdisciplinares potencializadoras de respostas mais eficazes para as causas humanas. Porém, os desafios ligados tanto a comunhão cristã como a integração entre os saberes são muitos. Quanto à tarefa de promover a unidade entre os cristãos, Brakemeier diz:

A cristandade possui uma só Bíblia, professa sua fé nos termos do credo apostólico, celebra culto ao mesmo Deus. O fundamento cristão é igual em todos os lugares e tempos. Quem o abandona deixa de ser cristão. Não obstante, existem divisões. A cristandade apresenta-se fragmentada em grande número de denominações<sup>626</sup>.

Sobre a questão interdisciplinar, Hock salienta que, em que pese as divergências, o conselheiro pastoral – comprometido com o apoio integral, prefere, “a diversidade de cores e tons contrastantes à monotonia de um só saber”<sup>627</sup>. Malgrado as divergências entre os cristãos e as tensões entre os saberes, cabe ao conselheiro contribuir para o diálogo tanto entre as diversas escolas cristãs de espiritualidade como entre as inúmeras áreas do conhecimento, em benefício do ser humano.

<sup>625</sup> Cf. **Bíblia Shedd**, João, 9:12.

<sup>626</sup> GOTTFRIED, B., Por que ser cristão? **Dez boas razões para**: Crer em Jesus Cristo, crer na ressurreição, viver em comunidade, ler a Bíblia, amar o próximo, p. 63.

<sup>627</sup> KARIN, H. K; Wondracek; LOTHAR, C. H.; HEIMAN, T., Apresentação. In KARIN, H. K; Wondracek; LOTHAR, C. Hoch; HEIMAN, T. (Org), **Sombras da alma**: Tramas e tempos da depressão, p. 6.

### 4.3.1. Dimensão ecumênica

A comunicação ampla e eficaz do amor de Deus por meio da solicitude consiste em função inalterável de todos os cristãos. Daí infere-se o esforço solidário entre os cuidadores das mais diversas tradições de fé no engajamento da promoção e incremento da vida em toda sua plenitude. A natureza desta abordagem de aconselhamento é, precipuamente, dialogal. Dessa forma, justifica-se sua permanente abertura visando agregar experiências provindas de outras comunidades cristãs. Nesse sentido, a designação ecumênica<sup>628</sup> identifica bem o caráter dessa modalidade de aconselhamento.

Os esforços ecumênicos (voltados para a expansão do reinado de Deus), também se articulam em torno das necessidades da humanidade suas crises e sofrimento. A construção dessa unidade, promotora do bem comum, requer, antes de tudo e, sobretudo, vida fraterna, solidariedade com homens e mulheres sofredores, e o compromisso com a construção de uma sociedade mais equânime e solícita, marcas distintivas da presença do reino de Deus entre nós<sup>629</sup>.

Sendo assim, cabe ao conselheiro e a conselheira pastorais, cientes da enriquecedora relação com as diversas formas pelas quais as comunidades cristãs cumprem a função de acolher o ser humano em suas angústias e perplexidades, manterem-se abertos para o diálogo ecumênico.

Por conseguinte, para a troca de vivências e abordagens otimizadoras da dimensão terapêutica da igreja de Cristo. Com efeito, a diversidade da igreja cristã é notória, suas expressões são multifacetadas. Em que pese os desafios daí

<sup>628</sup> Certamente, não se trata aqui de focalizar de modo extenso a ampla, desafiadora e controversa problemática do ecumenismo; mas, tão somente, chamar a atenção para a sua importância no âmbito da solicitude cristã, particularmente, para o aconselhamento pastoral de natureza integral. Cabe ressaltar que o termo em voga está sendo usado num sentido estrito, referindo-se ao movimento de aproximação entre cristãos de diferentes confissões ou denominações. Num sentido mais amplo, tal expressão corresponde à aproximação e diálogo entre pessoas de diferentes credos e religiões. Ambas as dimensões são relevantes. Todavia, reflete-se aqui a partir da primeira. Isto é, do empenho diligente na direção de restaurar a unidade entre os cristãos. Cf. KLOPPENBURG, B. "Introdução Geral aos Documentos do Concílio". **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 5-36. E, ainda, VERCRUYSSSE, J. **Introdução à teologia ecumênica**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 47-91.

<sup>629</sup> Conforme verificado, significa seguir o exemplo de Cristo, que na sua prática, demonstrou a realidade de um Deus que ama e manifesta esse amor interferindo na história em favor da humanidade. De fato, Cristo representa de modo exemplar a presença de Deus no meio de um povo marcado pela opressão, pelo sofrimento; presença bondosa e amorosa capaz de alimentar sonhos e restaurar vidas.

advindos<sup>630</sup>, tal variedade pode também ser percebida como uma enorme fonte de recursos para o incremento do trabalho dos conselheiros.

Trata-se do desafio da troca conversacional entre os cristãos das mais variadas escolas de espiritualidade, tendo como fito o enriquecimento mútuo e ações integradas de ajuda e solidariedade inter-humana. Logo, não obstante a perspectiva ecumênica seja, sem dúvida, uma questão atravessada por interrogações, controvérsias, avanços e retrocessos, sua importância é evidente.

A professora Maria Teresa de Freitas Cardoso a define como algo que “está entre as preocupações e as aspirações de nosso tempo”<sup>631</sup>. Importa neste diálogo que ele seja orientado para o bem-estar dos indivíduos, tendo como ponto de partida a concepção que entende como enfraquecedoras da atividade do aconselhamento pastoral, por conseguinte, do exercício do cuidado, quaisquer ações que possam obnubilar a valorização da diversidade, a relação respeitosa entre as variadas identidades eclesiais e a abertura à complementariedade.

Tal espiritualidade, aberta ao diálogo, ao encontro ecumênico, ao acolhimento do outro com suas percepções, referências e *expertise*, requer de todos os conselheiros espírito fraterno, coragem<sup>632</sup>, e uma profunda convicção do enriquecimento trazido pela troca sincera entre os seguidores de Cristo, que estão empenhados na diminuição do sofrimento humano.

A diversidade das comunidades cristãs pode ser vista como nutridora do aconselhamento pastoral.

Em outros termos, a relação com outros irmãos, de outras comunidades eclesiais, pode contribuir a fim de equipar os conselheiros pastorais para a prática desse mistério de apoio aos sobrecarregados. Nesta perspectiva, cada conselheiro pastoral é desafiado a tornar-se, nas palavras de Howard Clinebell “participante e

<sup>630</sup> Cf. MIRANDA, M. F., **A igreja que somos nós**, p.5-12. Nesse texto, o renomado professor faz uma excelente análise das dificuldades que tendem a descaracterizar a igreja cristã. Por certo, neste livro – como em tantos outros de sua autoria, sua reflexão extrapola os limites de sua tradição eclesial. Em suas páginas, encontram-se ensinamentos que auxiliam todos os seguidores de Jesus, independentemente de sua origem denominacional, a viver a fé cristã nesses dias atribulados e confusos.

<sup>631</sup> CARDOSO, M. T. F., **Evangelii Gaudium** em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais, p.251.

<sup>632</sup> Cf. FRISEN, A., **Cuidando do ser**, p. 86. Segundo Frisen, coragem é uma das necessidades essenciais do conselheiro pastoral. Esse autor faz referência à coragem do conselheiro, sobretudo, ao lidar com a dor de seus aconselhados.



contribuinte”<sup>633</sup>, jamais um mero observador nesse movimento em prol do bem-viver da humanidade atribulada.

Nessa linha de reflexão, pode-se dizer que se trata de relacionamentos intereclesiais em que há o compromisso mútuo de fomentar o crescimento da outra parte em direção ao cumprimento mais eficaz do projeto de integralidade que Deus tem para todos os seres humanos.

Ao dialogarem, conselheiros e conselheiras pastorais das mais variadas tradições de fé aprendem, ajustam metodologias renovam percepções e técnicas; isto é, atualizam-se. O desenvolvimento da compreensão das nuances do sofrimento humano e suas abordagens, por meio da troca conversacional engendrada no âmbito do movimento ecumênico, é enriquecedora, pertinente e oportuna para aqueles que buscam aperfeiçoar sua prática do cuidado pastoral integral, na perspectiva do amor, da comunhão entre os saberes, entre os cristãos e da compaixão característica do ministério de Cristo.

O diálogo rompe com a ideia de cuidadores eclesiais aprisionados por conceitos fixistas, incapazes, dessa forma, de ampliar e robustecer o repertório de respostas de enfrentamento frente às situações que interpelam e sobrecarregam os sujeitos humanos. A dinâmica ecumênica, dialogal, relacional, respeitosa, marcada pela abertura, insere-se no projeto numinoso, cujo objetivo é “participar da aventura humana, conviver em sociedade e construir o futuro”<sup>634</sup>, propõe França.

À medida que acolhem elementos de compaixão de outras realidades eclesiais, os conselheiros captam recursos para o desenvolvimento de seu trabalho. Nessa linha de raciocínio, Schneider-Harpprecht intui que nos grandes centros urbanos, nos quais as relações interpessoais tendem a ser menos intensas, quando comparadas com aquelas vivenciadas em contextos rurais e cidades interioranas menores, particularmente em razão da realidade e dinâmica próprias das grandes e agitadas metrópoles, a proposta de ações ecumênicas solidárias

<sup>633</sup> CLINIBELL, H., **Aconselhamento pastoral**, p. 16- 40. Para esse autor, é necessário que os conselheiros entendam-se como partícipes de uma extensão tradição de cuidado e acompanhamento de indivíduos abatidos. Segundo ele, os nomes que compõe essa história de compromisso com o ideário do Reino de Deus, de amor ao próximo compaixão e solicitude provêm de diversas tradições cristãs e reforçam a ideia de que as mais variadas correntes do cristianismo podem oferecer efetivamente inspiração e recursos para o trabalho dos conselheiros pastorais. João Crisóstomo, Ambrósio de Milão, Martinho Lutero, Richard Baxter, Elizabeth Blackwell, Dorothu Day são apenas alguns dos nomes citados por Clinebell.

<sup>634</sup> MIRANDA, M.F., **A igreja numa sociedade fragmentada**, p. 17.

perpetradas por irmãos e irmãs em Cristo de diferentes confissões e denominações comprometidos com o aconselhamento pastoral, pode ser vista como algo tanto apropriado como necessário.

Em suas palavras: “Nas grandes cidades, onde há pouca convivência comunitária por causa das distâncias, existe a possibilidade de instalar centros ecumênicos de aconselhamento”<sup>635</sup>. Para ele, esses locais funcionariam como pontos de atendimento, apoio e cuidado inter-humano. Tais unidades reuniriam cristãos de várias confissões de fé, que atuariam como uma unidade de assistência interconfessional.

É possível encontrar na atualidade ações interconfessionais solidárias bem-sucedidas em hospitais, prisões, quartéis, centros de assistência, universidades, entre outros locais. O trabalho de capelania, por exemplo, não é um projeto utópico, mas uma realidade. Hortal aponta como expressão dessa ação pastoral ecumênica os centros de acolhida e aconselhamento, como “as casas de portas abertas”<sup>636</sup>, comuns na Alemanha.

No Brasil, conforme demonstra esse mesmo autor, existe o SICA (Serviço Interconfessional de Aconselhamento), sediado em Porto Alegre, organizado mediante esforço intereclesial; as igrejas Episcopais, Católica, Metodista, Luterana e Evangélica de confissão Luterana compõe esse trabalho ecumênico<sup>637</sup>. Segundo seus estatutos, esse centro de cuidado interconfessional possui as seguintes finalidades, aqui resumidas<sup>638</sup>:

- a) Proporcionar orientação e encaminhamento, nos variados campos: social, psicológico, religioso, familiar, entre outros, sem qualquer tipo de discriminação religiosa;
- b) Revelar o espírito ecumênico dos seguidores de Cristo, mediante ações fraternas de cooperação entre as igrejas;
- c) Atuar junto aos responsáveis e sobre estruturas, visando debelar ou minimizar as causas dos problemas que acometem as pessoas.

<sup>635</sup> Cf. SCHNEIDER-HARPPRECHTT, Aconselhamento Pastoral. In: CHRISTOPH SCHNEIDER-HARPPRECHTT, (Org). **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 276.

<sup>636</sup> HORTAL, J. S. J., **E haverá um só rebanho**: História, doutrina e prática católica do ecumenismo, p. 241.

<sup>637</sup> HORTAL, J. S. J., **E haverá um só rebanho**, 1996, p. 241.

<sup>638</sup> Ibid.

Pode-se perceber, à luz dessas ações de cuidado, que o aconselhamento pastoral se insere nesse esforço interconfessional e intereclesial, portanto, de viés ecumênico que objetiva dar testemunho do espírito de Cristo e, por consequência, acolher aqueles que demandam compaixão e auxílio.

Parece ter ficado claro que o aconselhamento pastoral tem como palco o mundo, com sua fascinante complexidade, e como seus agentes o povo de Deus como um todo, independentemente das inúmeras e diferentes confissões distintas dos contextos denominacionais e eclesiais. Conforme dito anteriormente, no âmbito do Novo Testamento os agentes do aconselhamento são todos os cristãos. Logo, deduz-se que o intercâmbio resultante desse ecumenismo solidário consiste em uma grande contribuição para viabilizar uma atuação mais eficaz da Igreja de Jesus no cenário atual.

Pelo exposto, infere-se a imperiosa necessidade dos conselheiros pastorais avançarem no caminho da unidade da restauração entre os cristãos, regulada, entre outros princípios, pela compaixão inter-humana reveladora da presença do reinado de Deus entre nós. Em nossos dias “urge um espírito de entreatura, com consciência dos próprios limites. Cada instância deverá dar a sua contribuição para a melhoria da vida de todos”<sup>639</sup>, afirma Guedes.

Os conselheiros que estão, de fato, dispostos a chamar para si mesmos a responsabilidade de continuar comunicando o amor do pai celestial por todos os seres humanos, visando promover a caminhada em direção à vida plena, individualmente e comunitariamente, deparam-se com a tarefa e a responsabilidade de estabelecer relações fraternas, de irmãos e irmãs, nas quais, o que importa é a vivência em amor, que resulta em ações de cuidado e apoio fortalecedoras do vigor da família humana.

Observa-se a pertinência da compreensão e assimilação do espírito que deve modelar os conselheiros pastorais no trabalho que realizam. Tal postura pode ser descrita como certa tomada de consciência ou disposição mental que coloca esses agentes da graça, despenseiros do reino, em sintonia com o agir de Jesus. Trata-se aqui de acolher as orientações de Cristo para o desenvolvimento de uma nova realidade relacional. Pereira esclarece:

---

<sup>639</sup> GUEDES, O. O., O administrador injusto em Lc 16,1-8ª: misericordioso para receber misericórdia, In. FERNANDES, L. A. (Org.), **Traços da misericórdia de Deus segundo Lucas**, p. 125.

Devemos, nas pegadas de Jesus Cristo, ter como referência a nova ordem de relações proposta por Ele. No caminho de Jesus Cristo, não há mais lugar para relações submetidas ao fascínio do poder, nem para relações que perpetuem as ilusões do inconsciente. [...]. Jesus reuniu os dispersos, reconciliou os considerados excluídos, e indica-nos o caminho da alteridade, da filiação amorosa e livre. Logo, das relações fraternas amorosas<sup>640</sup>.

Como se vê, o exemplo do mestre amado deve ser considerado um estímulo para a construção de laços afetivos entre todos os seus seguidores, bem como entre todos os demais membros da família humana. Em Jesus, universalizam-se as fronteiras do amor, da compaixão e da misericórdia de Deus, tornando-se a base de referência para a atuação de seus seguidores em quaisquer partes do mundo<sup>641</sup> para todos os seres humanos.

Tendo Cristo como referência, torna-se evidente a necessidade dos cuidadores cristãos empenharem-se na desconstrução das barreiras que bloqueiam a emergência de um novo tempo caracterizado pelas relações fraternas e pelo cuidado mútuo. Assim, extrai-se do pronunciamento acima, embora outras intuições dele emanem, a compreensão de que a *práxis* de Jesus favorece a tarefa ecumênica. No modelo ministerial de Cristo, encontram-se claros movimentos comprometidos com a unidade entre os cristãos. Some-se a isso, o vigor da oração sacerdotal, prece em que nosso Senhor revela explicitamente o desejo de que os filhos de Deus vivam em unidade. Francesco Suárez compreende que a oração do Senhor ocupa lugar de proeminência no âmbito das preces bíblicas<sup>642</sup>.

A natureza da prece é corporativa, comunitária, que revela o desejo de Jesus pela *ecumene*, por uma Igreja unida revelando o caminho da unidade na pluralidade<sup>643</sup>. Por certo, as separações, desavenças e contendas entre os seguidores de Jesus prestam um desserviço para a causa do mestre de Nazaré, bem como para a ação solidária dos batizados no mundo. Gottfried ressalta que os litígios entre os membros do povo de Deus comprometem a credibilidade da

<sup>640</sup> PEREIRA, M. O. A., **Que Deus?** Reflexão teológico-pastoral acerca da fé adulta no Deus de Jesus em contraposição à fé no Deus da onipotência infantil, conforme Domínguez Morano. Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro para obtenção do título de mestre em teologia, Rio de Janeiro, 2004, p. 115.

<sup>641</sup> FERNANDES, L. A., A base veterotestamentária da imitação de Deus em Lc 6,36-38, In: FERNANDES, L. A. (Org), **Traços da misericórdia de Deus segundo Lucas**. Santo André- SP: Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016, p. 34.

<sup>642</sup> SUÁREZ, F., **Breve spiegazione dela peggiera del Signore**. [...] La preghiera del Signore occupa il primo posto tra le preghiere [...] per dignità ed importanza. Disponível em <http://www.ignaziana.org/biblio-suarez.pdf>. Acesso em: 23 mai 2017.

<sup>643</sup> BRAKEMEIER, G., **Por que ser cristão?**, p. 63. Não se trata aqui de defender a uniformidade, algo que flagrantemente não está em sintonia com o espírito do evangelho, como destaca o autor.

igreja<sup>644</sup>. Na oração supracitada, Deus é chamado de Pai, não de juiz<sup>645</sup>. Jesus ensina a todos os seus discípulos a chamar Deus de Pai. Tal qualificativo de intimidade além de ser uma expressão de fé, serve ainda como descrição do Deus em quem se crê<sup>646</sup>.

Weissheimer esclarece que ao orarem a prece do Pai-Nosso todos os cristãos unem-se num único pronunciamento revelador da unidade firmada na obra redentora de Cristo. É uma oração em uníssono, embora feita em lugares diferentes, em momentos distintos e por pessoas que possuem características singulares<sup>647</sup>. Ao pensamento de Weissheimer acrescenta-se à análise de Suárez de que a expressão Pai-Nosso revela que todos os cristãos são irmãos<sup>648</sup>.

A Bíblia também é descrita como fundamento do movimento ecumênico; fonte alimentadora dos esforços pela unidade da Igreja. A Bíblia, conquanto não desconheça elementos confessionais diversos, possui uma natureza pré-denominacional<sup>649</sup>. Por conseguinte, em sua totalidade, as Escrituras não se permitem ser encampadas por uma só denominação cristã ou por uma única tradição de fé<sup>650</sup>. A Bíblia não autoriza a sacramentalização de um ritual em detrimento de outros e valoriza as múltiplas e ricas manifestações de fé. Neste sentido, pode ser classificada como um livro católico<sup>651</sup>, defende Brakemeier. Além disso, considera este autor que, “a Bíblia apregoa a diversidade reconciliada, a pluralidade solidária, imprimindo-lhe o espírito de diaconia”<sup>652</sup>.

Cardoso, por seu lado, pressupõe, e com razão, que há na esfera da teologia paulina contributo para o incremento do ecumenismo, sobretudo, a partir do modo

<sup>644</sup> Ibid.

<sup>645</sup> WEISSHEIMER, V. C., **Quando a Vida dói**: confiança nos momentos de angústia, p.51.

<sup>646</sup> Cf. ALLEN, C. I. **Fórmulas seguras para se conseguir e manter a saúde mental e espiritual**, p. 91-93.

<sup>647</sup> WEISSHEIMER, V. C., op. cit., p.68.

<sup>648</sup> SUÁREZ, F., **Breve spiegazione dela peggiera del Signore**. [...] infatti, mentre diciamo Padre nostro, ci professiamo tutti fratelli, come lo stesso Cristo hainsegnato in un altro passo, quando ha detto: Tutti voi siete fratelli, e non chiamate nessuno padre sulla terra: uno è infatti il Padre vostro che è nei cieli. Disponível em <http://www.ignaziana.org/biblio-suarez.pdf>. Acesso em: 23 mai 2017.

<sup>649</sup> Cf. BRAKEMEIER, G., **A autoridade da Bíblia**: controvérsias, significado e fundamento, p. 80. Para esse autor, no centro da unidade essencial dos cristãos, encontra-se a pessoa de Jesus. É Cristo quem unifica as partes do corpo, não obstante haja muitas comunidades de fé, das mais diversas tradições e confissões. Esse prestigiado teólogo luterano cita o texto de Efésios 4:5 para embasar parte de sua argumentação acerca deste assunto, “Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e pai de todos”.

<sup>650</sup> Ibid., p. 82.

<sup>651</sup> Ibid., p. 81.

<sup>652</sup> Ibid., p. 83.

pelo qual o apóstolo Paulo se relacionava com o judaísmo, com o helenismo e do tratamento dado por ele a fé cristã em sua relação com as comunidades de fé<sup>653</sup>.

O conselheiro pastoral – atuando nesse viés de ecumenicidade –, demonstra sua compreensão acerca da importância de sublinhar a realidade da Igreja como uma família comum imbuída do desejo de cuidar de toda família humana. Evidencia-se, assim, a ação da família cristã, unida em torno do mestre de Nazaré, dedicando-se ao apoio e auxílio dos que sofrem, por meio de diversas ferramentas de cuidado, entre as quais, o aconselhamento de natureza integral.

#### **4.3.2. Dimensão interdisciplinar**

O aconselhamento pastoral (interpelado pelos traços desafiadores, mutantes, e complexos destes dias; assim como pelas inquietudes que assolam a subjetividade contemporânea), depara-se com a necessidade de entrar em diálogo com as mais diversas produções do conhecimento humano, numa atitude interdisciplinar, dialogal, enriquecedora das ações de cuidado. A abordagem interdisciplinar corresponde à tentativa de alargamento dos horizontes, assim como um tipo de enfrentamento de certa lógica isolacionista, resultante do positivismo moderno.

A interdisciplinaridade convida a uma atitude de abertura ao novo; sugerindo a retomada, sob novos olhares, dos temas e técnicas fundamentais relacionados ao aconselhamento pastoral. Como, por exemplo, o desenvolvimento de formas mais eficientes de lidar com o sofrimento humano, de auxiliar a humanidade no enfrentamento dos fatores que fustigam a subjetividade dos indivíduos<sup>654</sup>.

O termo interdisciplinar ocupa lugar de expressão no âmbito das ciências humanas de um modo geral e na esfera da teologia de forma particular. Ivani esclarece que o movimento interdisciplinar surgiu na Europa, em meados da década de 60, especialmente na França e Itália, eclodindo na época em que movimentos estudantis lutavam por um novo estatuto de Universidade e de

<sup>653</sup> Cf. CARDOSO, M. T. F., **Paulo e o Ecumenismo**. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18307/18307.PDFXXvmi=>. Acesso em 12 Out.2017.

<sup>654</sup> HOCK, C. L., **Psicologia a serviço da libertação: possibilidades e limites da psicologia na pastoral de aconselhamento**. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1254](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1254). Acesso: jul 2017.

escola<sup>655</sup>. Botelho, por seu turno, ressalta os problemas causados pelo paradigma disciplinar. Diz ele:

O progresso do desenvolvimento científico e tecnológico baseado no novo modelo compartimentou o conhecimento. Isso significa a diversificação das disciplinas isoladas e a incapacidade de pensar o todo. Tal fragmentação do conhecimento segue para além de um primeiro aspecto aparentemente benéfico e perfeito, escondendo outro lado nesse mesmo processo: que os supersaberes não possuem contato com o todo e por isso são incapazes de pensar as soluções realmente exigidas para as transformações de um mundo em crise<sup>656</sup>.

O esforço empreendido pelos movimentos estudantis advertia sobre propostas educacionais que limitavam a capacidade reflexiva dos alunos, desaguando na patologia do saber, nos termos de Japiassú<sup>657</sup>.

Além de questionar a transformação das disciplinas científicas em “um tipo de linguagem hermética de *experts*, fechadas em si mesmas, incapazes de dialogar com o mundo ao seu redor”, explicita Botelho<sup>658</sup>. Mais do que um simples

<sup>655</sup> FAZENDA, I. C. A., **Interdisciplinaridade**: História, teoria e pesquisa, p. 18-22.

<sup>656</sup> BOTELHO, A., **Teologia na complexidade**. Elementos para o fazer teológico transdisciplinar. In: TEPEDINO, A. M.; ROCHA, A. R. (Org.), *A teia do conhecimento: fé, ciência e transdisciplinaridade*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 164-166. Quanto aos termos encontrados no âmbito desta temática: Botelho explica: a disciplinaridade é uma visão da ciência em que as disciplinas estão voltadas para um segmento cada vez menor da realidade, tornando-se incapazes de integrarem-se com outras áreas; a multidisciplinaridade é uma evolução da disciplinaridade e consiste na reunião de várias disciplinas em busca do bem comum; a interdisciplinaridade resulta do avanço desse processo, caracterizando-se pela transferência de métodos, a mesma marca da pluridisciplinaridade, a transdisciplinaridade, por sua vez, como indica o prefixo “trans”, refere-se à atitude de ir além do próprio campo, abrindo-se para o que lhe é contrário e diferente. A transdisciplinaridade é considerada uma etapa superior a interdisciplinaridade, posição defendida por Botelho, contudo, criticada por Furtado, que concebe a interdisciplinaridade como uma perspectiva mais avançada, quando se considera o critério de real entrosamento entre os saberes. Para ele, a transdisciplinaridade evoca a incômoda ideia de transcendência radical, sugerindo assim um movimento de extrapolação, colocando tal perspectiva muito além do que seria aceitável. Cf. FURTADO, J.P. **Equipes de referência**: arranjo institucional para potencializar a colaboração entre disciplinas e profissões. *Interface – Comunic, Saúde, educ*, v. 11, n. 22, p. 239-245, mai/ago, 2007. Outro paradigma importante na esfera da relação entre os saberes é o de complexidade, cujo maior expoente é o pensador Edgar M. Cf. MORIN, E., **Ciência com consciência**, p. 330. Ainda, MORIN, E., **O problema epistemológico da complexidade**. Além de nos alinharmos com a observação de Furtado, também optamos pela utilização do termo interdisciplinaridade em razão da frequente utilização desta palavra pelos conselheiros pastorais. Cf. SCHNEIDER-HARPPRECHTT, *Aconselhamento Pastoral*. In: SCHNEIDER-HARPPRECHTT, C. (Org.), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 276, ainda: KARIN, H. K.; Wondracek; LOTHAR, C. H.; HEIMAN, T., Apresentação. In KARIN, H. K.; Wondracek; LOTHAR, C. Hoch; HEIMAN, T. (Org.), **Sombras da alma**: Tramas e tempos da depressão. São Leopoldo: Sinodal- EST, 2012, p. 5-6.

<sup>657</sup> JAPIASSÚ, H., apud FAZENDA, I. C. A., **Interdisciplinaridade**: História, teoria e pesquisa, p. 19.

<sup>658</sup> BOTELHO, A., In: TEPEDINO, A. M.; ROCHA, A. R. (Org.), *A teia do conhecimento: fé, ciência e transdisciplinaridade*, p. 167.

modismo<sup>659</sup>, o movimento interdisciplinar é descrito pela professora Ivani Catarina Arantes Fazenda<sup>660</sup> a partir de três momentos ou subdivisões<sup>661</sup>.

Quais sejam:

- a) Na década de 1970, procurava-se uma explicação terminológica, um caminho de conceituação. Havia um esforço no sentido de obter-se uma definição da interdisciplinaridade. Pode se dizer, grosso modo, que se pretendia – nessa época –, promover a elucidação e estruturação dos conceitos básicos dessa temática.
- b) Na década de 1980, a percepção de que os pressupostos de uma epistemologia conservadora não seriam suficientes para tratar das diversas implicações teóricas da interdisciplinaridade, promoveu a busca por um método para a pesquisa interdisciplinar. Ademais, nessa época, partiu-se para o enfrentamento de algumas dicotomias detectadas ao longo dos primeiros anos de estruturação dessa abordagem, tais como: teoria/prática, real/simbólico, entre outras.
- c) Na década de 1990, intensificou-se o trabalho rumo à construção de uma epistemologia para a interdisciplinaridade. Isto é, partiu-se para o enfrentamento (sobretudo, no contexto brasileiro), de certa falta de orientação generalizada visando aclarar posicionamentos e, buscando, paralelamente, um projeto antropológico.

No amago do aconselhamento pastoral, segundo Scheneider-Harpprecht, não se encontra uma metodologia de orientação unilateral. Diferentemente disso, no cerne de sua formação e desenvolvimento, destacam-se uma série de compreensões e enunciados provindos dos mais variados campos do

<sup>659</sup> Cf. FAZENDA, I.C.A., op. cit., p. 23-24.

<sup>660</sup> Ivani Fazenda começou a trabalhar com as questões da interdisciplinaridade desde o início dos anos 1970. Tendo sua produção acadêmica bastante vinculada à pesquisa educacional, tem procurado, extrapolando os limites dessa área, contribuir para a formulação de um saber mais integrado e livre. Um dos aspectos de seu importante trabalho consiste na apresentação da evolução histórico-crítica do conceito de interdisciplinaridade.

<sup>661</sup> FAZENDA, I. C. A., op. cit., p. 13-35. A abordagem ampla e profunda da temática interdisciplinar ultrapassa de longe a finalidade dessas páginas. Intenciona-se aqui, tão somente, de forma singela, demonstrar a necessidade do acolhimento de uma perspectiva interdisciplinar por parte daqueles que estão comprometidos com o aconselhamento denominado integral. Para uma maior compreensão desse assunto, sugerimos a leitura na íntegra do texto supracitado, bem como do livro: Indicamos ainda: JAPISSÚ, H., **Interdisciplinaridade e patologia do saber**, p.76-136. Texto prefaciado por George Gusdorf, pioneiro na sistematização dessa temática. Ler também MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.



conhecimento psicológico, como por exemplo, a logoterapia, a psicanálise, a psicologia analítica, para citar somente algumas escolas.

Na perspectiva deste autor, a integração de diferentes saberes consiste numa necessidade prática do aconselhamento pastoral, na medida em que as inquietudes que solapam o vigor da vida demandam esforços conjuntos das diversas áreas de conhecimento e enfrentamento dos dramas humanos<sup>662</sup>. Acrescenta-se a isso, o fato de que nenhuma ciência domina todas as informações sobre os fatores causais do sofrimento humano.

Sendo assim, a ausência de solidariedade entre os saberes tende a comprometer a abrangência e a eficácia do aconselhamento pastoral em sua condição de cuidado inter-humano. Cabe explicitar que tanto Schneider, como Garcia Rubio ressaltam que o caminho para uma relação cordial e enriquecedora entre os vários saberes passa pela superação dos literalismos e pela resistência contra as tentações de extrapolação<sup>663</sup>.

Rubio, por exemplo, pressupõe que as intrincadas e complexas situações da realidade, que repercutem fortemente sobre os indivíduos, requerem de cada saber específico abertura para o incremento de uma relação dialógica entre as várias áreas do conhecimento<sup>664</sup>, resultando, por consequência, na produção e expansão de uma dinâmica interdisciplinar fecunda e mutuamente enriquecedora.

Além disso, chamam a atenção para o respeito devido às fronteiras no âmbito da articulação entre ciência e fé.

Diz Schneider, “Importantes são o diálogo aberto, a disposição de cooperar pragmaticamente, a postura crítica mútua, a capacidade de definir teoricamente limites, exigências e mediações de um lado e outro”<sup>665</sup>.

Quanto aos limites fronteiros salientados acima, estes resguardam a identidade das várias disciplinas, impedindo, por exemplo, conflitos entre elas, além de, evitar que ocorram descaracterizações no exercício das funções específicas. Collins corrobora com essa percepção ao fazer a seguinte afirmação: “Ser eclético não é juntar ideias ao acaso, irrefletidamente, mas sim examinar as

<sup>662</sup> CF. SCHNEIDER-HARPPRECHTT, C., Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHTT, C. (Org), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 277.

<sup>663</sup> RUBIO, A. G.; Joel P. A.(Org), **Fé cristã e pensamento evolucionista: atualizações teológico-pastorais a um tema desafiador**, p. 24.

<sup>664</sup> Ibid.

<sup>665</sup>Cf. SCHNEIDER-HARPPRECHTT, C., Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHTT, C.(Org), **Teologia prática no contexto da América Latina**, p. 277.

várias teorias de maneira consciente e reflexiva, adotando o que nos parecer mais adequado, de modo a construir nosso próprio estilo de aconselhamento”<sup>666</sup>.

Os conselheiros pastorais encontram-se perante o duplo desafio de aprofundar seus conhecimentos em seu próprio campo de pesquisa e trabalho e de familiarizarem-se com novas intuições provindas de outros cenários reflexivos, a fim de entrarem num diálogo mais promissor com entendimentos distintos.

Trata-se de acompanhar o movimento de um marco epistemológico reducionista, no qual a ciência configurava-se como disciplinaridade, para uma práxis científica sistêmica, oportunizadora e fomentadora da comunhão entre os conhecimentos humanos.

Com efeito, a emergência de um ambiente propício à interdisciplinaridade deve-se, de um modo geral, a compreensão crescente de que as múltiplas e nuances da experiência humana e dos fatores constitutivos da sociedade atual podem ser tratadas de modo mais amplo, consistente e eficaz por meio de uma abordagem que ultrapasse os limites da disciplinaridade.

Por certo, a realidade complexa do viver humano e dos graves problemas que afetam a estabilidade dos indivíduos, que buscam auxílio no aconselhamento pastoral, coloca cada conselheiro diante da tarefa de realizar intervenções cada vez mais difíceis no contexto do trabalho que realizam.

Tal função demanda uma compreensão mais ampla dos fatores sociais, psicológicos, psiquiátricos, entre outros, capazes de produzir sofrimento. Essa realidade coloca em pauta a necessidade da articulação e integração entre as áreas do conhecimento humano.

Infere-se, portanto, que a interface entre, por exemplo, o social e o biológico situa-se no campo da interdisciplinaridade. Sendo assim, pode-se dizer que os problemas que afetam a saúde integral dos indivíduos “não são disciplinares”<sup>667</sup>, como explicam as doutoras Eliane Matos e Denise Pires. Efetivamente, no cerne da mentalidade interdisciplinar situa-se o desejo de avançar para além dos caminhos conhecidos e dos conhecimentos consolidados. Igualmente, percebe-se também a inclinação para o enriquecimento das percepções que tendem a regular a ação dos conselheiros e das conselheiras pastorais.

---

<sup>666</sup> COLLINS, G., **Aconselhamento cristão**, p. 54.

<sup>667</sup> MATOS, E.; PIRES, D. E., **Práticas de cuidado na perspectiva interdisciplinar: um futuro promissor**. disponível em : [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072009000200018&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072009000200018&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 14 jul. 2017.

Nessa mesma linha de raciocínio, Lothar Carlos Hock ressalta – ao refletir acerca da relação entre aconselhamento e outros saberes –, que o reconhecimento dos méritos de uma disciplina não significa o desprezo pelas qualidades das outras. Segundo sua percepção, cada área de conhecimento está em condição de contribuir com suas intuições, abordagens e metodologias específicas numa atitude de diálogo e cooperação<sup>668</sup>. Lothar também sugere que conselheiros sábios não pretendem elevar o aconselhamento pastoral como único caminho para o enfrentamento dos problemas que perturbam e afligem as pessoas.

Para ele, a percepção dos limites do aconselhamento pastoral e das demais disciplinas que se ocupam da experiência humana, assim como do combate aos fatores que podem a pequená-la, deveria enfraquecer as barreiras que impedem o avanço no trabalho comum para promover o desfazimento dos fatores que solapam o vigor da vida<sup>669</sup>.

Dessa forma, posicionamentos arrogantes, autossuficientes e, por consequência, excludentes, debilitam o esforço conjunto de curar males<sup>670</sup>. Essa perspectiva, certamente, conforme aludido no âmbito desta reflexão, não significa deixar de reconhecer que existem diferenças entre essas áreas<sup>671</sup>.

Mas sim, que “elas podem se completar e enriquecer”<sup>672</sup>, conforme sublinha Rubio. Conforme explicitado, o fundamentalismo científico e o fundamentalismo bíblico representam posições que prestam, realmente, um desfavor tanto para o desenvolvimento da ciência como para um maior esclarecimento das intuições religiosas, em função da intolerância presente em ambos.

Convém destacar que o caminho para a interdisciplinaridade, que demanda o exercício do diálogo respeitoso e aberto, alimentando pelo desejo de mútuo

<sup>668</sup>HOCK, C. L., **Psicologia a serviço da libertação**: possibilidades e limites da psicologia na pastoral de aconselhamento. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1254](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1254), Acesso: jul 2017.

<sup>669</sup> Ibid.

<sup>670</sup> Ibid.

<sup>671</sup> Temos presente que a teologia não deve ceder à tentação de render-se às absolutizações das outras ciências. Tampouco, abster-se de aproveitar seus resultados para melhor situar o discurso que lhe é próprio. Como se observa, alinhamos nosso pensamento à compreensão do teólogo Clodovis Boff acerca dessa temática. Cf. BOFF, C., **Teologia e Prática**: teologia do político e suas mediações, p. 115.

<sup>672</sup> RUBIO, A. G.; Joel P. A. (Org.), **Fé cristã e pensamento evolucionista**: atualizações teológico-pastorais a um tema desafiador, p. 24.

crescimento, requer um profundo exercício de humildade. Segundo compreensão de Ivani, “fundamento maior e primeiro da interdisciplinaridade”<sup>673</sup>.

O conselheiro pastoral (consciente desta realidade) encontra-se diante do desafio inadiável de envidar esforços no sentido de não se tornar refém de um único campo de saber. Tal paradigma propõe uma postura capaz de oferecer ao conselheiro a possibilidade de perceber a relação de sua área de reflexão e atuação com as demais, sem, evidentemente, diminuir o valor da sua especialização. Todavia, abrindo-se a contribuição de outras percepções e metodologias, numa parceria cooperativa.

Resulta claro que o objetivo desse esforço – da superação das barreiras que separam os saberes alocados nas mais diferentes disciplinas – consiste em potencializar a qualidade no atendimento e no cuidado da família humana, por meio da busca das convergências entre áreas do conhecimento, na medida em que é no ponto de confluência, e não na justaposição que a interdisciplinaridade é captada, tornando-se assim uma influência concreta sobre a práxis do cuidado.

Com efeito, esse desafio também está associado à interação do conselheiro com a própria teologia (disciplina que identifica seu *locus* clássico), na medida em que o aconselhamento pastoral de natureza integral abre-se para diferentes escolas teológicas, com seus variados modelos de aconselhamento. Tais como, teológico-bíblico; teológico-bíblico-psicológico; pluralidade de perspectivas teológicas-filosóficas; assim como concepções ecumênicas; anti-ecumênicas, confessionais e inter-confessionais de aconselhamento. Some-se a isso a interação do aconselhamento pastoral com as disciplinas específicas do campo teológico, particularmente com aquelas da teologia prática<sup>674</sup>.

Bem a propósito, Wondracek reflete sobre o processo de capacitação de conselheiros pastorais que integrem saberes teológicos e científicos. Segundo seu

<sup>673</sup>FAZENDA, I. C. A., **Interdisciplinaridade**, p. 15. Por certo, a ausência de um espírito humilde, destituído, portanto, de sentimentos de autoritarismo e arrogância, bloqueia o avanço do diálogo. Neste ponto, cabe ressaltar a contribuição de alguns teólogos (representantes desta atitude de abertura), para o desenvolvimento de uma teologia marcada por uma metodologia mais dialogal, tais como, Alfonso Garcia Rubio, Ana Maria Tepedino, Antônio Maspoli, Alessandro Rodrigues Rocha, João Libânio, Leonardo Boff, Maria Clara Bingemer, Mario França Miranda. Certamente há diversos outros que poderíamos destacar, contudo não haveria espaço suficiente aqui para isso. Logo, optamos por identificar alguns dos que foram citados ao longo desta pesquisa, aos quais somos gratos, bem como a todos os outros, pelas intuições desta tese.

<sup>674</sup> Cf. KRAUSE, R., **O aconselhamento pastoral por meio do telefone**: uma possibilidade para a igreja no contexto urbano. Dissertação de mestrado. Dissertação apresentada ao Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia para obtenção do grau de Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia São Leopoldo/Rio Grande do Sul, Brasil Janeiro de 2006, p. 31.

entendimento, no âmbito da relação dialogal entre práticas consagradas de preparação de cuidadores há perspectivas animadoras para o aperfeiçoamento das habilidades dos conselheiros para um auxílio que integre saúde e salvação<sup>675</sup>.

A professora da Escola Superior de teologia prossegue sua abordagem do tema ressaltando que a docência em aconselhamento pastoral deve escapar da armadilha da unilateralidade sob pena de oferecer uma formação aquém das necessidades da sociedade contemporânea.

Wondracek sustenta que as múltiplas teorias privilegiam aspectos diferentes dos problemas dos indivíduos, contribuindo assim para uma formação mais ampla e eficaz do conselheiro. Por isso, afirma: “As ciências humanas e a teologia precisam dialogar sobre a condição humana, para que as duas dimensões sejam contempladas no trabalho com a pessoa que sofre”<sup>676</sup>.

Trata-se de formar conselheiros atentos aos vários aspectos constitutivos do indivíduo. Sob essa ótica, a formação interdisciplinar corresponde a dar voz às variadas disciplinas que se ocupam do estudo das dinâmicas da existência e intencionam oferecer recursos para a diminuição do sofrimento em todas as suas diversas expressões.

Nessa linha de reflexão, a catedrática de São Leopoldo descreve, por exemplo, a psicanálise como aliada do conselheiro<sup>677</sup> em razão de revelar a força das vivências infantis sobre a constituição do sujeito subjetivo e, por consequência, sobre os cometimentos ditos conscientes, e cita o exemplo de Oskar Pfister (pastor e psicanalista Suíço, amigo de Freud,) como teólogo que se valeu tanto de enunciados teológicos quanto das intuições da psicologia profunda, particularmente, de suas noções acerca do inconsciente para auxiliar os indivíduos a superar as barreiras de angústia que impedem as pessoas viver o amor conforme descrito pelas páginas das Escrituras Sagradas<sup>678</sup>.

Daí a percepção de que beber de outras fontes de conhecimento contribui para o trabalho curativo. Com efeito, os conselheiros pastorais cientes da importância do trabalho que realizam e das complexas e intrincadas situações que

<sup>675</sup> Cf. WONDRAČEK, K. H., **Entre saúde e salvação**: proposta interdisciplinar de formação em aconselhamento pastoral. In. Revista Batista pioneira. V. 3, n.1, p. 141-143, junho/2014.

<sup>676</sup> Ibid., p. 144, junho/2014.

<sup>677</sup> Cf. WONDRAČEK, K. H., **Entre saúde e salvação**: proposta interdisciplinar de formação em aconselhamento pastoral. In. Revista Batista pioneira. V. 3, n.1, p. 143, junho/2014.

<sup>678</sup> Ibid.

podem desestabilizar o indivíduo (bloqueando a jornada rumo à plena humanização, bem como apequenando a experiência existencial), envidarão esforços no sentido de equiparem-se para o exercício mais eficaz de sua função, objetivando o cuidado integral da vida e a construção de um futuro mais radiante e promissor para todos os membros da família humana, indistintamente.

## 5 Conclusão

O ser humano, ao longo do caminho da vida, depara-se com múltipla gama de situações, envolvendo alegrias e tristezas, acertos e desacertos, luzes e sombras. Momentos de dificuldades e crises compõem o percurso pelo mundo. No quadro atual, o individualismo exacerbado, com traços narcisistas, e as céleres transformações pelas quais passa nossa sociedade afetam a todos. Ademais, as aflições associadas ao processo de hominização trazem exaustão e declínio na percepção dos sinais de esperança.

A consequência, em escala crescente, é a desorganização interna dos sujeitos humanos e a emergência das mais variadas formas de sofrimento e inquietações. Os inúmeros casos de síndrome do pânico, depressões, fadiga crônica, fobia social, Síndrome de Burnout, entre tantos outros, demonstram que as demandas e exigências dos dias que correm estão sobrecarregando as pessoas.

Diante dessa realidade, a tradição do povo de Deus e a vida de Cristo conclamam a igreja a praticar o cuidado inter-humano. O aconselhamento pastoral ocorre precisamente neste contexto, no solo da experiência diária, e em sintonia com a biografia do *Laos* do Senhor. Este trabalho é tanto uma responsabilidade urgente quanto um privilégio sublime.

O amplo campo do aconselhamento pastoral com suas inúmeras escolas, metodologias diversas, produção intelectual, cursos de formação, conferências, simpósios e outras modalidades de eventos sobre o tema, colocam em relevo o fato de que a Igreja percebe a relevância desta atividade para o exercício de seu chamado.

O aconselhamento pastoral como desdobramento ou manifestação da ação da comunidade cristã no palco da vida, focalizando pessoas e grupos, promovendo saúde e esperança em situações de dor, perplexidade e angústia, consiste numa das mais ricas expressões da natureza auxiliadora da comunidade dos batizados.

Por certo, como a pesquisa esclareceu, o aconselhamento pastoral de natureza integral não possui apenas uma faceta intraeclesial. Dessa forma, conselheiros e conselheiras atuarão, por assim dizer, tanto dentro quanto fora da comunhão cristã explicitando o amor de Deus por todos os seres humanos, não

somente por aqueles que pertencem a uma comunidade de fé. Na perspectiva da *Missio dei*, pode-se dizer que deixar pessoas sofrentes e despossuídas (quaisquer que sejam) à margem da vida constitui-se numa evidente negação da fé professada pelos cristãos.

Mas, a eficácia desse relevante e amplo trabalho está claramente associada ao preparo daqueles que militam nessa área e a construção de um modelo de aconselhamento pastoral de natureza integral. Assim, o desenvolvimento dos conselheiros e conselheiras pastorais rumo à construção de abordagem mais abrangente e efetiva dos dramas humanos é de fundamental importância para o êxito da Igreja neste campo de sua missão. A pesquisa mostrou que esse movimento implica avançar para além dos modelos de aconselhamento majoritariamente utilizados pela Igreja na atualidade, que, conquanto importantes, revelam deficiências, como por exemplo, no campo dialógico.

Trabalhar com o fito de contribuir para a promoção de uma vida radiante, plena e com sentido é um dos grandes desafios dos conselheiros pastorais. Trata-se de atuar num cenário histórico de enorme complexidade a partir da percepção teológica de que Deus quer a salvação (a restauração, o resgate) de todos os seres humanos e do ser humano todo, em sua inteireza.

No exercício dessa atividade, conselheiros e conselheiras devem envidar esforços para superar o dualismo antropológico. Certamente, como explicitado no âmbito desta tese, esse posicionamento não corresponde à ideia de que não existem dimensões específicas constitutivas do ser, mas sim que nem a tradição semítica nem o conteúdo bíblico-teológico oferecem subsídios para o acolhimento de uma compreensão fragmentada do ser humano.

As ações graciosas e amorosas de Deus objetivam o bem-estar integral do indivíduo. O incremento desta visão de aconselhamento pastoral, comprometida com a integralidade do ser e com a totalidade da vida, baseia-se na ação do próprio Cristo, sempre dedicado ao cuidado das pessoas, ouvindo, confortando, transformado e fortalecendo. Em outros termos, sempre pronto para auxiliar as pessoas a experimentarem a Graça do Pai celestial, cuja manifestação resulta na restauração total do ser humano.

Este trabalho evidenciou que tal ação demanda a convocação de vários saberes para ajudar a compreender e apoiar. Coragem e humildade são



indispensáveis para o reconhecimento de que uma única disciplina não possui todas as respostas para os dramas humanos.

Além de tomar contato com as Escrituras, a fim de conhecê-las e utilizá-las no aconselhamento, os conselheiros e conselheiras habilitam-se para a prática do cuidado inter-humano por meio do diálogo com outras fontes de conhecimento e sabedoria indispensáveis para um melhor acolhimento das pessoas e famílias que procuram apoio tanto espiritual quanto emocional em meio aos problemas cotidianos, aflições e crises existenciais.

O campo reflexivo do aconselhamento pastoral de natureza integral enraíza-se na teologia e amplia-se por meio da relação respeitosa e de mútuo enriquecimento com outras intuições e metodologias. Neste sentido, o aconselhamento pastoral também pode ser descrito como um movimento de encontro e diálogo com novas descobertas, perspectivas e horizontes abertos e descortinados por outras disciplinas e esferas de investigação do ser humano e do cotidiano da experiência existencial.

Isto não significa rejeitar o fato de que existem diferenças entre as várias áreas de conhecimento. Mas, que pode haver entre elas mútua cooperação na luta contra os problemas que assolam a humanidade.

Por um lado, a relação com as ciências do humano oferece à teologia *insights* relativos às complexas e desafiadoras dimensões do ser e sua realidade social, que enriquecem suas percepções, e, por consequência, fortalecem a ação dos agentes pastorais.

Por outro lado, a teologia relaciona-se com tais saberes propondo uma reflexão acerca do conceito da vida, a dignidade intrínseca ao ser humano, a existência como oportunidade de partilha, o exercício de solicitude e modos de lidar com esses tempos de consumismo e individualismo na perspectiva do evangelho. Não há dúvida: o resultado desse diálogo é o crescimento de todos.

Outro viés de fortalecimento e manifestação do aconselhamento de natureza integral consiste na convivência com eclesianos e eclesianas representantes das variadas vivências cristãs, prática que sugere enorme enriquecimento recíproco. Essa dinâmica, ao mesmo tempo em que promove crescimento, convoca ao diálogo e ao entendimento. Trata-se de compreender a diversidade como possibilidade de desenvolvimento e de aceitar o fato de que uma única tradição

eclesial não possui todos os recursos necessários para acolher o sofrimento das pessoas.

Dessa forma, é essencial unir forças, abrir-se para o diálogo franco, respeitoso, visando o enriquecimento mútuo. Como se vê, o aconselhamento pastoral de natureza integral consiste numa ampla rede de solicitude e compaixão, graciosamente oferecida a todas as camadas da população.

Essa ação de ajuda é motivada pelo amor, regulada pela prática de Cristo e enriquecida por meio da troca constante, franca e respeitosa com outros irmãos e outros saberes.

É um modelo de aconselhamento aberto, dialógico engajado no relacionamento com outras áreas do conhecimento e de viés ecumênico, que visa oferecer resposta de cuidado mais eficiente para as inquietações e os padecimentos dos indivíduos.

O diálogo procura evitar o isolamento que caracteriza certo modelo de independência empobrecedor das iniciativas de apoio. Por consequência, rompe com a ideia de uma disciplina voltada para si mesma, autossuficiente. Tal abertura revela fidelidade ao ser humano, ao evangelho, a vida, e a compreensão de que tanto o diálogo com outras disciplinas quanto a comunhão com outras comunidades de fé não descaracterizam o trabalho dos conselheiros e conselheiras, bem ao contrário, o fortalecem.

A análise desta temática enseja outras reflexões acerca da natureza do aconselhamento pastoral bem como de seus benefícios para os seres humanos ao longo de todas as fases da vida. A estrada continua aberta para novas pesquisas, leituras, percepções, considerações e desenvolvimento que contribuam para o fortalecimento da presença terapêutica da comunidade dos batizados no mundo da vida.

Muitos outros temas referentes ao aconselhamento pastoral aparecem como campo para novas análises que ainda precisam ser acolhidas. Tais como; a interconfessionalidade como fator de fortalecimento do cuidado inter-humano, os modelos de formação de conselheiros e conselheiras, o aconselhamento sistêmico, o aconselhamento pastoral com foco na meia idade e velhice, o cuidado voltado para os que cuidam, entre outros.

Ao término desse longo e prazeroso trabalho, cientes de que é necessário seguir adiante com coragem, senso de gratidão e esperança, acreditamos ter

oferecido pequena e modesta contribuição para o desenvolvimento de um modelo mais amplo e eficaz de aconselhamento pastoral, que inspire novas pesquisas, reflexões e descobertas que, por sua vez, oportunizem o florescimento integral da vida.

## 6

### Referências bibliográficas

ADAMS, J. **Conselheiro capaz**. São Paulo: Editora Fiel, 1987.

\_\_\_\_\_. **Manual do conselheiro capaz**. São Paulo: Editora Fiel, 1986.

\_\_\_\_\_. **More than redemption of chistian: a theology of Chistian couseling**. Michigan: Zondevan, 1986.

ALLEN, C. **Fórmulas seguras para se conseguir e manter a saúde mental e espiritual**. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1981.

ANDREW, A. H. **Criado à imagem de Deus**. São Paulo: Cultura cristã, 1999.

ARAÚJO, R. T. **Deus analisado: os católicos e Freud**, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_, **Experiência mística e psicanálise**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

AZEVEDO, I. B. **Em defesa da fé e da razão: no princípio, Deus; em defesa da fé e da razão**. Rio de Janeiro; MK Editora, 2007.

AZEVEDO, M. **Ética e Espiritualidade: em busca de uma cidadania integral**. São Paulo: Fonte editorial, 2001.

BARRO, A. C. (Org). **Ministério pastoral transformador**. Londrina: Descoberta, 2006.

BARTH, K. **Chamado ao discipulado**. São Paulo: Fonte Editorial. 2006.

BAUDRILLARD, J. **As estratégias fatais**. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **O mal- estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Tempos Líquidos**: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENTO XVI, **Mensagem pela 20ª Jornada Mundial do Doente**. Disponível: <http://www.acidigital.com/noticias/papa-a-tarefa-essencial-de-igreja-e-curar-os-coracoes-partidos-84580/>. Acesso em: fev 2017.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: As aventuras da modernidade. São Paulo: Cia das letras, 1986.

BESSA, D, B. **Aconselhamento pastoral**: desafio para a igreja local. Via teológica.v.14, n.28, p.62. dez. 2013. Paraná: Editora da Faculdade Batista do Paraná.

BÍBLIA, Shedd. **Bíblia Sagrada**. Versão revista e corrigida. São Paulo: Vida Nova,

BINGEMER, M. C.; ANDRADE, P.F.C. (Org). **Secularização**: novos desafios. Rio de Janeiro: Puc - Rio, 2012.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BISETTO, H. **Marx e Freud na leitura de Erich From**: Alguns apontamentos. Cf. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/8118-24031-1-PB.pdf. Acessado em: 17 out. 2016.

BOFF, C. **Teoria do método teológico**; (versão didática). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Teoria do método teológico**. São Paulo: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Teologia e Prática**: teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Editora vozes, 1978.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOMILCAR, N. (Org.). **O Melhor da espiritualidade Brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

BORGES, M. **Gleiser e o ateísmo militante**. Disponível em; <http://www.criacionismo.com.br/2008/05/marcelo-gleiser-e-o-ateismo-militante.html>. Acesso em 13 set.2016.

BOURDIEU, P. (Org). A Miséria do Mundo. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRAATEN, C.; JENSON, R. W. (Ed) **Dogmática Cristã**. 2.ed. v. 1. São Leopoldo: IEPG; Sinodal, 2002.

BRAKEMEIER, G., Por que ser cristão? **Dez boas razões para**: Crer em Jesus Cristo, crer na ressurreição, viver em comunidade, ler a Bíblia, amar o próximo. Editora Sinodal: São Leopoldo, 2004.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **A vida**: dom e cuidado: Antropologia teológica e ética do cuidado. In: Teocomunicação: revista quadrimestral da Faculdade de Teologia da PUC-RS, Porto Alegre, V. 36, nº. 152, p. 448.

BRYANT, C. **Jung e o Cristianismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

CALLEBAUT, Bernhard. Disponível em: **A gratuidade e a reciprocidade do seu relacionamento com a dádiva**. file:///C:/Users/User/Downloads/8856-16413-1-PB%20(2).pdf. Acesso em: 4 abr. 2017.

CARO, Olga Consuelo Vélez. ‘*Del Dios omnipotente a ‘la humildade de Dios’*’. In RUBIO, A, F. AMADO, J, P. (Org), **Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador; aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador**. São Paulo: Paulinas, 2012.

CASTILLO, José M., **A ética de Cristo**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

CATUOGNO, Rino; Pinna, Carmela. **Consulenza Pastorale**. Disponível em: <http://www.soluadeussagloria.org/consulenza.html> Acesso em: 18 jul. 2016.

CALIMAN, Cleto. Apresentação In IDEM (Org). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CARDOSO, Maria Teresa de Freitas. **Evangelii Gaudium** em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: paulinas; Rio de Janeiro: editora PUC-Rio. 2014.

CATÃO, F. A Teologia na universidade: perspectivas teológicas, In SOARES, Afonso Maria Ligório; PASSOS, João Décio. (Org), **Teologia e Ciência – Diálogos acadêmicos em busca do saber**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. São Leopoldo: Paulus/Sinodal.

\_\_\_\_\_. **Asesoramiento y cuidado pastoral**. Editora desafio: Michigan, USA.1995

COLLINS, Gary. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

CONCÍLIO VATICANO II– Constituição Pastoral *Gaudium et spes*: sobre a igreja a no mundo atual. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)> Acesso em: 1 jul. 2017.

COT, Marianela de la Paz. Espiritualidad em la media edad. IN. HOCK, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas. (Org). **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**. São Leopoldo/EST: Sinodal, 2008.

COSTA, J, Cruz, **Augusto Comte e as origens do positivismo**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/34860/37598>> Acesso em: 15 ago.2016.

CRABB LARRY. **Conexão: o poder restaurador dos relacionamentos humanos. O plano de Deus visando a cura emocional**. São Paulo; Mundo Cristão, 1999.

CRABB, Lawrence J. **Princípios Básicos de Aconselhamento Bíblico**. Trad. Elizabeth Stawell Charles Gomes. Brasília: Refúgio, 1994.

CRUZ, Eduardo R. da. *Introdução*. In CRUZ, Eduardo R. da (org) **Teologia e ciências naturais**: teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo. São Paulo: Paulinas : 2011.

DANNON, M. **Counseling: L'arte della relazione per promuovere la crescita personale**. Milão: RED, 2014

DA SILVA, Francismary Alves. **Historiografia da revolução científica** :ALEXANDRE Koyré, THOMAS Kuhn e STEVEN Shapin- Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção de título de Mestre em história. Minas Gerais, 2010. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=191712](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=191712)>. Acesso em : 26, ago. 2016.

DORST, B. **Espiritualidade e transcendência**: C.G. Jung. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

FAZENDA, Ivani C. Arantes, **Interdisciplinaridade**: História, teoria e pesquisa. Campinas: Papyrus, 2012.

FERNANDES, L. A., Missão e missiologia a partir da *Evangelii Gaudium*. In AMADO, J. P.; FERNANDES, L.A.(Org) **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

FIORINZA, Francis P. e METZ, Johann B. O homem como união de corpo e alma. In: FEINER, Johannes e LOHRER, Magnus. *Mysterium Salutis*: compêndio de dogmática histórica-sálvifica. Volume II/3. Petrópolis:Vozes, 1972, p. 27.

FLECHA, A., **Vida cristã, vida teologal**: para uma moralidade da virtude, São Paulo: Loyola, 2007.

FONSECA, Maria de Jesus Martins da. **Rogers: uma concepção holística do homem**: da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium36/4.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2016.

FORTE, Bruno. **Viver com Amor**: sobre a fé e a experiência de Deus. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2016.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium**. A alegria do evangelho. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Brasília: CNBB, 2013.

\_\_\_\_\_.**Exortação apostólica evangelii Gaudium**. Disponível em: <http://santuariodefatima.org.br/wp-content/uploads/2013/11/A-alegria-do-Evangelho1.pdf>. Acesso em 10 de fev 2017.

FRANCIS, Collins. **A linguagem de Deus**. São Paulo: Editora Gente, 2007.

FRANKL, Viktor E, **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sinodal, 1987.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na Civilização**. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas*. Vol. XXI. (Original publicado em 1930). Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão**. In: Os pensadores: Vol. Freud. Trad. de D. Marcondes et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 131-194.

FRISEN, A. **Cuidando do ser**: treinamento em aconselhamento pastoral. Curitiba: Editora evangélica e Esperança, 2002.

FURTADO, J.P. **Equipes de referência**: arranjo institucional para potencializar a colaboração entre disciplinas e profissões. *Interface – Comunic, Saúde, educ*, v. 11, n. 22, p. 239-245, mai/ago, 2007.

GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. São Paulo: Paulinas, 2003.

GIDDENS, Antony. **Consequências da Modernidade**. Trad. Raul Fixer. São Paulo: Unesp, 1991.

GLEISER, Marcelo. **Criação imperfeita**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

\_\_\_\_\_. **O fim da terra e do céu**; o apocalipse na ciência e na religião. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

GOMES, Antônio Maspoli de Araújo., *Um olhar sobre a relação entre depressão e religião numa perspectiva pastoral*. In KARIN, H. K; Wondracek; LOTHAR, C. Hoch; HEIMAN, Thomas. (Org) **Sombras da alma**: Tramas e tempos da depressão. São Leopoldo : Sinodal- EST. 2012.

GOMES, D.C., **A metapsicologia Vantilianiana**: uma incursão preliminar. *Fides reformata XI*, N. 1, 2006. São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós- graduação.

GRENA, Stanley. **Pós-modernismo**: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. São Paulo: vida nova, 1997.

GROSS, Eduardo. **O conceito de religião em Paul Tillich e a ciência da religião**. *Revista eletrônica Correlatio, Juiz de Fora v.12, n.24, Dez, 2013*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v12n224p59-76>. Acesso em: 6 out. 2016.

GUEDES, José Otácio Oliveira. A novidade do Cristianismo na *Evangelii Gaudium*. In AMADO, J. P.; FERNANDEZ, L.A. (Org). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas, Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2014.



\_\_\_\_\_. O administrador injusto em Lc 16,1-8<sup>a</sup>: misericordioso para receber misericórdia. In. FERNANDES, Leonardo Agostini (Org). **Traços da misericórdia de Deus segundo Lucas**. Santo André- SP: Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

GUSMÃO, Maria Lima de. **A natureza humana segundo Freud e Rogers**. Disponível em: <http://gruposerbh.com.br/textos/artigos/artigo22.pdf>. Acesso em: 20 de out.2016.

GUTIÉRREZ, Gustavo, **Teologia da libertação**: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1983.

HABERMAS, Jurgem. **O Discurso filosófico da Modernidade**. Trad. Ana Maria Bernardo. et al. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

HAUGHT, J. F. **Cristianismo e ciência**: para uma teologia da natureza. São Paulo; Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Deus após Darwin**. Uma teologia evolucionista. Rio de Janeiro, José Olimpo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica da teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cristianismo e evolucionismo em 101 perguntas e respostas**. Lisboa, Gradená, 2001.

HECKERT, U. “A busca da integridade”, In: **Saúde pastoral e comunitária**, LISBOA, A. H. (Org). São Paulo, CPPC, 2ed, 1985.

\_\_\_\_\_. **Igreja, comunidades terapêuticas**. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/341/igrejas-comunidades-terapeuticas>. Acesso em: fev. 2017.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Marcos**. São Paulo: Cultura cristã, 2014.

HENRY, John. **A revolução científica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HOCH, L. C. **Aconselhamento pastoral e libertação**. Estudos teológicos, v. 29, n 1, p. 7-17, 1989.

\_\_\_\_\_; HEIMANN, T. (Org). **Aconselhamento pastoral e espiritualidade**. São Leopoldo/EST: Sinodal, 2008.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In. In. HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar. (Org). **Comunidade terapêutica**: cuidando do ser através de relações de ajuda. Rio Grande do Sul: São Leopoldo: Escola superior de teologia- Editora: Sinodal. 2003.

\_\_\_\_\_. Palestra proferida entre 20 e 24 de junho de 1988, em Dusseldorf/Kaiserswerth no “ *seminário internacional sobre Poimênica e Teologia Pastoral*”, sob o título “ **Seelsorge und Befreiung. Problemanzeige aus lateinamerikanischer Sicht**”. p, 17,18. Disponível em: [Shttp://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/1054/1011](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/1054/1011). Acesso em :25 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Psicologia a serviço da libertação**: possibilidades e limites da psicologia na pastoral de aconselhamento. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1254](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1254). Acesso: jul 2017

HORTAL, Jesús, S, J. **E haverá um só rebanho**: História, doutrina e prática católica do ecumenismo. Edições Loyola, São Paulo, 1996.

HURDING, R, F, **A árvore da cura**: modelos de Aconselhamento e de psicoterapia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

JAPIASSÚ, H., MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4ed. atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2006,

JOSAPHAT, Carlos, A teologia precisa da ciência? Transcendência, ciência e sabedoria na cultura de ontem e hoje. In SOARES, Afonso Maria Ligório; PASSOS, João Décio. (Org), **Teologia e Ciência** – Diálogos acadêmicos em busca do saber, São Paulo: Paulinas, 2008.

JULIEN, P. **A Psicanálise e o Religioso**- Freud, Jung, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JUNG, Carl. Gustav. **Memórias sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

KARIN, H. K; Wondracek; LOTHAR, C. Hoch; HEIMAN, Thomas. Apresentação. In KARIN, H. K; Wondracek; LOTHAR, C. Hoch; HEIMAN, Thomas. (Org) **Sombras da alma**: Tramas e tempos da depressão. São Leopoldo: Sinodal- EST, 2012.

KELLER, Timothy. **Justiça generosa**: a graça de Deus e a justiça social. São Paulo: Editora Vida Nova, 2013.

KLIN, P. **Psicologia e Teoria freudiana**, Ed: Imago, Rio De Janeiro, 1988.

KLOPPENBURG, B. “Introdução Geral aos Documentos do Concílio”. **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1995.

KRAUSE, Renilda. **O aconselhamento pastoral por meio do telefone**: uma possibilidade para a igreja no contexto urbano. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia para obtenção do grau de Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia São Leopoldo/RS, Brasil Janeiro de 2006.

KUHN, Fernando, **A igreja: servidora do projeto de Jesus: repensar a eclesiologia hoje.** São Paulo: editora Ave-Maria, 2012.

KUZMA, C. **A sociedade que somos e que nos desafia enquanto igreja:** algumas questões, p.1, (texto distribuído em sala de aula).

LACEY, Hugh. *A interação da atividade científica, visões de mundo e perspectivas de valores;* In: CRUZ, Eduardo R. da (org) **Teologia e ciências naturais:** teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo. São Paulo: Paulinas : 2011.

LACOSTE, Jean Yves. **Dicionário crítico de teologia.** São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004.

LAMBERT, Dominique. **Ciências e teologia:** aspectos de um diálogo. São Paulo. Edições Loyola. 2002.

LA PLANCHE, Jean e Pontalis. **Vocabulário da Psicanálise.** 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEONARDO Agostini (Org). **Traços da misericórdia de Deus segundo Lucas.** Santo André- SP: Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

LIBÂNIO, J., Apresentação. In: *Teologia prática no contexto da América Latina,* SCHNEIDER–HARPPRECHT, Christoph. (Org). **Teologia Prática no contexto da América Latina.** São Leopoldo: Sinodal, 2005.

LIMA, M., **O ser do retiro e sua expressão teológica.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. **Teoria organísmica.** Disponível em: [https://www.igt.psc.br/Artigos/teoria\\_organismica.htm](https://www.igt.psc.br/Artigos/teoria_organismica.htm). Acesso em: 3 dez., 2016. Os conceitos de Goldstein tornaram-se fundamentais para a Gestalt terapia.

LOPES, Geraldo. *Gaudium et spes:* texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011.

LOPES, Hernandes dias. **Perdão a cura das emoções.** São Paulo: Hagnos, 2015.  
LORO, T, J., **Aconselhamento espiritual** : um ministério a serviço do povo de Deus. Revista de cultura teológica. N.82, p.34. Jul/Dez 2013.

LÚCIO, Ganz Clemente. **Avanço tecnológico trouxe benefícios e prejuízos ao trabalhador.** Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia2010-05-01/avanço-tecnologico-troxe-beneficios-e-prejuizos-ao-trabalhador>. Acesso em: 30 abr.2016.

MACARTHUR Jr, J.; MACK, W.A. (Org). **Introdução ao aconselhamento bíblico.** São Paulo: Hagnos, 2014.

MACHADO, G. M. **Psicologia humanista**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/psicologia/psicologia-humanista/>. Acesso em 4 nov.2016.

MALDONADO, Jorge. **Teología y cultura, El consejo pastoral en el siglo XXI: algunas reflexiones**. (diciembre 2005)Ecuador/EstadosUnidos). Disponível em: [http://www.teologiaycultura.com.ar/arch\\_rev/maldonado\\_consejo\\_pastoral.pdf](http://www.teologiaycultura.com.ar/arch_rev/maldonado_consejo_pastoral.pdf). Acesso em 18 jul. 2016

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de ética: de Platão a Foucault**. Rio: Zahar, 2007.

MÁRIO, Antônio. **O diálogo entre teologia e ciências naturais**. O mundo da saúde, ano 31, v.31, n.2, abr/jun. São Paulo: São Camilo, 2007.

MATOS, Eliane; PIRES, Denise Elvira, Pires de. **Práticas de cuidado na perspectiva interdisciplinar: um futuro promissor**. Cf. disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-abstract&tlng=pt>. Acesso em 14 jul. 2017.

MAURO, Paulo Sérgio. **Aristóteles, a teologia**. Disponível em; <http://www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/paulosergio/>. Acesso em: 18 jan. 2017.

MAZZINI, María Marcela., *teoría y praxis de una pastoral salvífica y curativa*. In : Theologia Javeriana, Bogotá, Colombia, VI. 65, p. 93, Jun.2005. Disponível em <http://dx.doi.org/10.11144/javeriana.tx65-179.tpps>> Acesso em: 19 jul. 2016.

MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

McGRATH, Alister; McGRATH, Joanna, **O delírio de Dawkins**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983,

MIRANDA, M.F., **A igreja que somos nós**. São Paulo: Paulinas, 2013.

MOLTMANN, J., **Teologia da esperança: estudo sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_, **Trindade e Reino de Deus**. Salamanca: Sígueme, 1983

MORAES, A.O.O anúncio do evangelho na atualidade: uma introdução à *evangelii gaudium* In AMADO, J. P.; FERNANDEZ, L.A. (Org). **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas, Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2014.

MORAIS, V., MOURA, J., LIMA, S. (2015). **Pobreza e suas relações com a psicologia comunitária na 5ª Conferência Internacional de Psicologia**

**Comunitária.** *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 5(2), p. 159. Disponível em: <http://www//revista.psico.edu.uy/acesso> em : 15 jun, 2016.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma e reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência.** Rio de JANEIRO: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **O problema epistemológico da complexidade.** Portugal: Publicações: Europa- América, Biblioteca Universitária, 2022.

MORRIS, Henry; COLLINS, Francis. **A linguagem de Deus.** *São Paulo:* Editora gente, 2007.

MURTEIRA, Mário. **O que é globalização?** Portugal: Editora Quimera, 2003.

NETO, Francisco Lotufo. In KOHL, Manfred, W; BARRO, Antônio Carlos. (Org). **Aconselhamento Cristão transformador.** Londrina: Descoberta, 2006.

NETO, Rodolfo Gaede. Suicídio : reflexões em torno de um caso limite. In KARIN, H. K; Wondracek; LOTHAR, C. Hoch; HEIMAN, Thomas. (Org) **Sombras da alma:** Tramas e tempos da depressão. São Leopoldo : Sinodal- EST, 2012, p. 119-127.

NOÉ, Sidnei Vilmar. Ideias introdutórias ao conceito Comunidade Terapêutica. In. HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar. (Org). **Comunidade terapêutica:** cuidando do ser através de relações de ajuda. Rio Grande do Sul: São Leopoldo: Escola superior de teologia- Editora: Sinodal. 2003.

\_\_\_\_\_. **Introdução à clínica pastoral.** Disponível em: <http://www.adevic.com.br/imagens/downloads/26112009211421b.pdf>. Acesso em : 22 mar 2017

NOUWEN, Henri. **Transforma meu pranto em dança.** Rio de Janeiro; Textus, 2002.

OLIVEIRA Alberto de, **O mundo dos filósofos.** Disponível em; <https://pt.slideshare.net/albertodeoliveira7/o-mundo-dos-filsofos>. 8 jan. 2017.

OLIVEIRA, Cláudio Ribeiro. Por uma teologia da criação que supere os fundamentalismos. In RUBIO, Garcia Rubio; AMADO, Joel Portela. (Org) **Fé cristã e pensamento evolucionista:** aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, Roseli M, Kühnrich, Transformação na dor: lidando com perdas e lutos em família. In Kohl, MANFRED WALDEMAR; BARRO, ANTONIO CARLOS. (Org) **Aconselhamento cristão transformador:** Londrina; Editora descoberta, 2006, p. 146.

\_\_\_\_\_. **Cuidando de quem cuida:** proposta de poimênica aos pastores no conexto das igrejas evangélicas brasileiras- dissertação apresentada à Escola Superior de teologia/ Instituto ecumênico de pós-graduação para obtenção do título de mestre em teologia. . São Leopoldo, São Paulo, 2004.

PANASIEWICZ, R., Secularização: o fim da religião? BINGEMER, Maria Clara., Secularização e experiência de Deus. In BINGEMER, Maria Clara; ANDRADE, Paulo Carneiro de Andrade, (ORG) **Secularização: novos desafios**, Rio de Janeiro; Puc-Rio, 2012, p. 113.

PASSOS, J.D. **Teologia e outros saberes:** uma introdução ao pensamento teológico. São Paulo: Paulinas, 2010.

PEDROSA-PÁDUA, L. Espaços de Deus: pistas teológicas para a busca e o encontro de Deus na sociedade plural. In: RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro. A e DE MORI, Geraldo (Org). **Deus na sociedade plural:** Fé, símbolos, narrativas. São Paulo: Paulinas, 2013, pp.21-46.

\_\_\_\_\_. **O humano e o fenômeno religioso.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio, 2010.

\_\_\_\_\_. **O ser humano, centro da evangelli gaudium**, In AMADO Joel Portela, FERNANDES, Leonardo Agostini.(Org), *Evangelli Gaudium em questão:* aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas, Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2014.

PENHA, Rodrigues, Francislanda. **Representações midiáticas da pobreza:** o programa *Esquentá!* e o reposicionamento do discurso sobre os pobres na tv Brasileira. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de comunicação e biblioteconomia (FACOMB) da Universidade Federal de Goiás (UFG) para a obtenção do título de mestre em comunicação. Goiania, 2012, p. 8.

PEREIRA, Marivani de Oliveira de Aquino. **Que Deus?** Reflexão teológico-pastoral acerca da fé adulta no Deus de Jesus em contraposição à fé no Deus da onipotência infantil, conforme Domínguez Morano. Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro para obtenção do título de mestre em teologia, Rio de Janeiro, 2004.

PFISTER E FREUD, **Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939):** um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Tradução de Karin Hellen Kepler Wondracek e Ditmar Junge. Viçosa: Ultimato, 1998

POWLISSEON, D., *O aconselhamento bíblico no século 20.* In MACARTHUR, JR.; MACK, WAYNE. (Org) **Introdução ao aconselhamento bíblico:** São Paulo: Hagnos, 2014.

PUGGINA, Ana Cláudia; PAES, Maria Júlia, **Ética no cuidado e nas relações humanas: premissa para um cuidar mais humano.** Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1329325/mod\\_resource/content/1/etica%20no%20cuidado%20%281%29.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1329325/mod_resource/content/1/etica%20no%20cuidado%20%281%29.pdf). Acesso em abr. 2017

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de Cristianismo. São Paulo; Paulus, 1989.

RIBEIRO, Marcelo Byrro; VIDEIRA, Augusto Passos. Cosmologia, uma ciência especial? Algumas considerações sobre as relações entre cosmologia moderna, filosofia e teologia. In CRUZ, Eduardo R. da (org) **Teologia e ciências naturais**: teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo. São Paulo: Paulinas: 2011.

ROCHA, Abdruschin Schaeffer. **Hermenêutica do cuidado pastoral**: lendo textos e pessoas num mundo paradoxal. São Leopoldo; Sinodal / EST, 2012.

ROCHA, A., Humanos e, por isso, espirituais. A humanização como caminho da espiritualidade, In LELLIS, N. (Org), **Espiritualidade para o século XXI** – subsídios teológicos para a espiritualidade de todo cristão. São Paulo: Fonte editorial, 2012.

ROCHA, A, S., **O cuidado essencial**: ação de cuidar ou modo de ser? Reflexus. v.5, n.6, p. 240. fev. 2011.

ROGERS, C, R, **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.

\_\_\_\_\_, (1977) – **Tornar-se Pessoa**, 4.<sup>a</sup> edição, trad. M. J. Carmo Ferreira, Moraes Editores, Lisboa,

\_\_\_\_\_, KINGET, G.M. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros.1977, 2<sup>o</sup> ed. Vol.1.11.p. 27.

ROLDÁN, Alberto, Fernando. *Bases Bíblicas e teológicas para um aconselhamento transformador*. In KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antônio Carlos. (Org) **Aconselhamento Cristão transformador**. Londrina: Descoberta, 2006.

ROSA, Wanderley. **O dualismo na teologia cristã**: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências. São Paulo: Fonte editorial, 2014.

ROSELI, Margareta Kuhnrich de Oliveira. Cuidando do ser na família: reflexões. In HOCH, Lothar Carlos; Noé, Sidnei Vilmar (Org). **Comunidade Terapêutica**: cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo: EST, Editora Sinodal, 2003.

ROSA, Alexandre. **Interface psicologia e aconselhamento pastoral**: o cuidado nas crises através da psicologia... Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da Escola Superior de Teologia (EST) Para a obtenção do título de mestre em teologia. São Leopoldo, 2011, p.21.

ROSSI, Luiz Henrique solano, A vocação terapêutica da igreja. In: KOHL, Manfred, W; BARRO, Antônio Carlos. (Org). **Aconselhamento Cristão transformador**. Londrina: Descoberta, 2006.

RUBIO, A. G. **Teologia da libertação: política ou profetismo?** São Paulo: Edições Loyola, 1983.

\_\_\_\_\_. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs.** São Paulo: Paulus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Evangelização e maturidade afetiva.** São Paulo: Paulinas, 2006

SANTOS, Francisco Assis Souza dos. **Audição equilibrada: relações entre psicanálise e aconselhamento pastoral.** Tese doutoral apresentada à Pontifícia Universidade Católica- PUC. Rio de Janeiro, 2015.

\_\_\_\_\_; AMADO, J. P. (Org.). **Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológica-pastorais a um tema desafiador.** São Paulo: Paulinas, 2012

SANCHES, M. A. **O diálogo entre teologia e ciências naturais.** In: O mundo da saúde, São Paulo, V.31, n.2 p 4, abr/jun. 2007.

SARACCO, Norberto, apud ROCHA, Alessandro Rodrigues. **Contribuições da teologia de missão integral à igreja evangélica.** IN: Práxis evangélica, Faculdade Teológica Sul Americana. Londrina (PR)- v. 1, n. 1, p 127, 2007.

SATHLER- ROSA, Ronaldo. **Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica contemporânea.** São Paulo: Aste, 2004.

SCHAEFFER, Francis, A, **A verdadeira espiritualidade: uma vida cheia de beleza, admirada pelos de dentro e pelos de fora.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

SCHLENDER, Itamar Eloi. Desafios da pós-modernidade para a formação de comunidades eclesiais terapêutica. HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar. (Org). **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda.** São Leopoldo-RS. EST/Sinodal, 2003 .

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. (Org). **Teologia Prática no contexto da América Latina.** São Leopoldo: Sinodal, 2005, p, 257,258.

SCHIPANI, D. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral.** São Leopoldo: editora Sinodal, 2004.

SILVÉRIO, Luis Gonçalo. **Poder pastoral, ética e limites.** In KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antônio Carlos. (Org) **Aconselhamento Cristão transformador.** Londrina: Descoberta, 2006.

SLAVUTZKY, Abrão. O desamparo dos depressivos. In KARIN, H. K; Wondracek; LOTHAR, C. Hoch; HEIMAN, Thomas. (Org) **Sombras da alma: Tramas e tempos da depressão.** São Leopoldo: Sinodal- EST. 2012.



SMITH, R., **Disciplina Espiritual e o conselheiro bíblico**. In MACARTHUR, JR.; MACK, WAYNE. (Org) Introdução ao aconselhamento bíblico: São Paulo: Hagnos, 2014.

SOUZA, Ricardo Barbosa de. **O desafio bíblico da espiritualidade cristã**. In Nelson Bomilcar. (Org). O melhor da espiritualidade brasileira. São Paulo: Editora Mundo Cristão. 2005.

SPOSATI, A. **Exclusão social abaixo da linha do Equador**. São Paulo, PUC, Seminário sobre exclusão social, abril de 1998. Disponível em [www.dpi.inpe.br/geopro/exclusão/marcos.html](http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusão/marcos.html) acessado em 15 de jun de 2016.

Cf. SUÁREZ, Francesco. **Breve spiegazione dela peggiera del Signore**. Disponível em <http://www.ignaziana.org/biblio-suarez.pdf>. Acesso em: 23 mai 2017.

STOTT, J., **Ouçá o Espírito, ouçá o mundo: como ser um cristão contemporâneo**. São Paulo: ABU, 1997.

\_\_\_\_\_, **A missão Cristã no mundo moderno**. Viçosa, MG, Ultimato, 2010.

\_\_\_\_\_, **O discípulo Radical**. Viçosa, MG, Ultimato, 2011.

SOARES, A. M. L; PASSOS, J. D.(Org). **Teologia e Ciências: diálogos acadêmicos em busca do saber**. São Paulo: Paulinas: 2008.

SZENTMÁRTONI, M. **Caminhar juntos, Psicologia pastoral**. São Paulo; Edições Loyola, 2006.

TAVARES, C .Q. **Evangelii Gaudium em Questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora PUC-Rio e Paulinas, 2014.

TEPEDINO, A. M.; ROCHA, A. R. (Org). **A teia do conhecimento: fé, ciência e transdisciplinaridade**. São Paulo: Paulinas, 2008.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. São Paulo: Aste, 1998.

\_\_\_\_\_, **Teologia sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 1987

TOURNIER, Paul. **Mitos e neuroses: desarmonia da vida moderna**. São Paulo: ABU Editora, 2002.

TOZER, A, W, **Mais perto de Deus: os atributos de Deus e seus significados na vida cristã**. São Paulo: editora mundo cristão, 1993.

URGEUX, Bernard, **Così fragili, così umani** : attraverssare le debolezze per uscirne più forti. Milano: Paoline, 2015.

VALLE, Edênio R. *Religião como forma de conhecimento: mito e razão; o* In CRUZ, Eduardo R. da (org) **Teologia e ciências naturais: teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo.** São Paulo: Paulinas : 2011.

VERCRUYSSE, J. **Introdução à teologia ecumênica.** São Paulo: Loyola, 1998.

VON ZUBEN, Reginaldo. **Superando dualismos: confrontos e desafios teológicos para a missão Integral.** In: *Práxis evangélica*, Londrina, n.2 p, 51, Out. 2005.

WANDERLEY, Mariângela B, e WANDERLEY, Luiz E. **O social e a pobreza: visões e caminhos.** In *Religião e cultura.* 12, VI. 2007.

WEISSHEIMER, Vera Cristina. **Quando a Vida dói: confiança nos momentos de angústia.** Sinodal: São Leopoldo, 2013.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo testamento.* São Paulo: Editora Hagnos, 2007; HODGE, Charles. **Teologia sistemática.** São Paulo:Hagnos, 2001

WONDRACEK, Karin Hellen, **Entre saúde e salvação: proposta interdisciplinar de formação em aconselhamento pastoral.** In. *Revista Batista pioneira.* V. 3, n.1, p. 144, junho/2014.

\_\_\_\_\_. *Jornada de um afeto em busca de seus fios.* In KARIN, H. K; Wondracek; LOTHAR, C. Hoch; HEIMAN, Thomas. ( Org) **Sombras da alma: Tramas e tempos da depressão.** São Leopoldo: Sinodal- EST. 2012.

YANCEY, Philip; BRAND, Paul. **A imagem e semelhança de Deus: uma analogia entre o corpo humano e o corpo de Cristo.** São Paulo: Editora vida, 2007.

\_\_\_\_\_, **Igreja, por que me importar?** Redescobrir o prazer da vida em comunidade. 2. ed. São Paulo: SEPAL, 2001.

ZACHARIAS, Ravi. **Pode o homem viver sem Deus?** Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

ZABATIERO, J. **Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja hoje.** In. *Missão integral transformadora.* Londrina: Descoberta, 2005.

ZARACHO, Rafael. **Cosejeria pastoral.** Bueno Aires: Lumen, 2007.

ZIMERMAN, David E. **Manual de Técnica Psicanalítica – uma revisão.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ZOBOLI, Elma lourdes campos; PEGARARO, Priscila Brandão Bacci. **Bioética e cuidado: o desafio espiritual.** Disponível em: [http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo\\_saude/53/09\\_bioetica\\_e\\_cuidado.pdf](http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/53/09_bioetica_e_cuidado.pdf). Acesso em: 24 Jun. 2017.

ZUBEN, R, V. **Superando dualismos**; confrontos e desafios teológicos para a missão integral. *Práxis teológica*. N. 8, p.48. Out. 2005.